

APOSTILA ELABORADA POR
JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ

“EDUCAÇÃO MEDIÚNICA – CURSO TEÓRICO E PRÁTICO” – PRIMEIRO ANO

PRIMEIRA PARTE - (Página 02)

“REUNIÕES PREPARATÓRIAS – DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO”

LIVROS:

- 01 - EMMANUEL - SEARA DOS MÉDIUNS
- 02 - BEZERRA, CHICO E VOCÊ
- 03 - ANDRÉ LUIZ - RESPOSTAS DA VIDA
- 04 - EMMANUEL – LEIS DE AMOR
- 05 - EMMANUEL – O CONSOLADOR
- 06 - O LIVRO DOS MÉDIUNS – ALLAN KARDEC

SEGUNDA PARTE - (Página 58)

“EDUCAÇÃO MEDIÚNICA – CURSO TEÓRICO E PRÁTICO” – PRIMEIRO ANO

LIVROS:

- 01 - O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – ALLAN KARDEC
- 02 - SEARA DOS MÉDIUNS – EMMANUEL
- 03- A CAMINHO DA LUZ – EMMANUEL
- 04 – PENSAMENTO E VIDA – EMMANUEL
- 05 - O ESPÍRITO E O TEMPO – J. HERCULANO PIRES
- 06 - MEDIUNIDADE (VIDA E COMUNICAÇÃO) – J. HERCULANO PIRES
- 07 - OBSESSÃO. O PASSE. A DOUTRINAÇÃO – J. HERCULANO PIRES
- 08 - O TESOURO DOS ESPÍRITAS – MIGUEL VIVES
- 09 - PARAPSIKOLOGIA HOJE E AMANHÃ – J. HERCULANO PIRES
- 10 - INSTRUÇÕES PRÁTICAS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS - ALLAN KARDEC
- 11 - O LIVRO DOS MÉDIUNS – ALLAN KARDEC
- 12 - ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE - FEB (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA) - PROGRAMA I.pdf
- 13 - ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE – FEB (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA) - PROGRAMA II.pdf
- 14 – VISÃO ESPÍRITA DA BÍBLIA – J. HERCULANO PIRES

PRIMEIRA PARTE

**“REUNIÕES PREPARATÓRIAS –
DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO”**

REUNIÕES PREPARATÓRIAS

1ª REUNIÃO - 18 MAIO DE 2.016

01

EMMANUEL - SEARA DOS MÉDIUNS – 1

Num século de Espiritismo. Reunião pública de 4/1/60 Questão nº 1

Num século inteiro de atividades, temos visto a Ciência procurando apaixonadamente as realidades do Espírito.

Provas indiscutíveis não lhe foram regateadas.

E tantas foram elas que Richet conseguiu articular, com êxito, as bases clássicas da Metapsíquica, usando recursos tão demonstrativos e convincentes quanto aqueles empregados na exposição de qualquer problema de patologia ou botânica.

Sábios distintos, entre os quais Wallace e Zöllner, Crookes e Lombroso, Myers e Lodge, mobilizando médiuns notáveis, efetuaram experiências de valor incontestado.

Entretanto, se nos vinte lustros passados (1 século) a mediunidade serviu para atender aos misteres brilhantes da observação científica, projetando inquirições do homem para a Esfera Espiritual, é justo satisfaça agora às necessidades morais da Terra, carreando avisos da Esfera Espiritual para o homem.

Se o primeiro século de Doutrina Espírita viu realizações admiráveis, desde os cálculos profundos da física nuclear aos rudimentos da astronáutica, surpreendeu, igualmente, calamidades terríveis, como sejam: as guerras de conquista e rapinagem, nas quais os campos de prisioneiros foram teatro para os mais hediondos espetáculos de barbárie e degradação, em nome do direito; a técnica na destruição de cidades em massa; as inquisições políticas, à feição das antigas inquisições religiosas, amordaçando a liberdade de consciência; a proliferação das indústrias do aborto, às vezes com o amparo de autoridades respeitáveis; a onda crescente dos suicídios; o delírio dos entorpecentes; o abuso da hipnose; o lenocínio transformado em costume elegante da vida moderna; o aumento dos chamados crimes perfeitos, com manifesta perversão da inteligência, e a percentagem assustadora das moléstias mentais com alicerces na obsessão.

Desse modo, não nos basta apenas um “espiritismo científico” que despenda indefinida quota de tempo averiguando a sobrevivência do ser, além do sepulcro.

Embora a elevação de propósitos dos pesquisadores eminentes, que tateiam os domínios da alma, não podemos esquecer a edificação do sentimento.

É assim que, repetindo as lições do Cristo para o mundo atormentado, não nos achamos simplesmente diante de um “espiritismo social”, mas em pleno movimento de recuperação da dignidade humana, porquanto, em verdade, perante o materialismo irresponsável, a sombrear universidades e gabinetes, administrações e conselhos, laboratórios e templos, cenáculos e multidões, o Evangelho de Jesus, para esclarecimento do povo, tem regime de urgência.

*

02

BEZERRA, CHICO E VOCÊ ESQUECER E VALORIZAR

... esqueçamos tudo o que possa representar motivo à perturbação e valorizemos a serenidade e o proveito.

De mensagem recebida em 15.08.1961.

DISCIPLINA

... a obra prossegue, com o Amparo Divino.

Nem desânimo, nem pressa.

Equilíbrio.

... um servidor, na máquina do trabalho que lhe compete, pode esperar a ordem do Senhor e tantas são as nossas responsabilidades que é aconselhável não pedir e nem rejeitar as providências que aguardamos, para que as nossas atividades se façam mais amplas na seara espiritual. De mensagem recebida em 21.09.1963.

PROGRAMA

... ainda não se viu na Terra bem verdadeiro sem obstáculos. Confiemos.

De mensagem recebida em 21.06.1963.

CAMINHANDO

... a experiência na Terra, em muitas ocasiões, pode ser comparada à viagem de um homem, através de selva incomensurável. É preciso compreender a necessidade de vigilância para que os perigos se não convertem em desastres e para que a expectativa não se transforme em angústia. Acendamos a lâmpada viva da prece e caminhemos adiante à procura do Cristo e a serviço d'Ele, nosso Divino Mestre, ao pé dos semelhantes.

... esqueçamos a agressividade do solo inculto e a sombra do matagal para nos lembrarmos constantemente de que é preciso varar os obstáculos ao encontro do Mestre, o Sol Claro de nossas almas. De mensagem recebida em 26.04.1958.

SOMOS COMPANHEIROS

... às vezes, nós outros, os companheiros desencarnados, em solicitando serenidade e confiança aos nossos amigos, em lutas e dificuldades na Terra, assemelhamo-nos, ou melhor, podemos parecer bombeiros tranquilos exortando à paciência os irmãos que sofrem na tensão alta de incêndio, mas não é bem assim. Somos companheiros da mesma construção, colegas da mesma causa. De mensagem recebida em 13.03.1964.

NO INTERCÂMBIO

... agradeçamos, antes de tudo, a bênção do intercâmbio entre nós outros e o ensinamento evangélico que nos é administrado pela Doutrina Espírita sob nova luz. Indubitavelmente, trazeis convosco as lides e dificuldades, as indagações e lutas que vos falam de perto a cada um. Aspirais a colher soluções às provas que vos visitam e muitos, naturalmente, aguardais uma palavra individual do Mais Além, que vos acode o espírito em mais alto nível de entendimento, Ainda assim, somos nós os companheiros humildes do limiar quem vos encontra no pórtico da comunicação entre os dois planos de vida, não apenas saudando-vos a fé e a bondade, mas igualmente para dizer-vos que, por enquanto, somos problemas que se unem na mesma expectativa a superar as sombras que ainda nos assaltam os caminhos.

... perseveremos na tarefa de estudar, clareando a estrada que se nos desdobra à frente e de servir-nos uns aos outros para aquisição da luz que nos propomos fixar em nós.

Muitos são os amigos espirituais presentes às nossas orações e por nós – através de nossa palavra singela – vos desejam paz e alegria, segurança e êxito na execução dos compromissos que assumimos. Embora o nosso anseio de responder-vos individualmente, no intercâmbio, somos forçados, muitas vezes, pelas circunstâncias a restringir-nos à prece em comum - em cujo clima – surpreenderemos sempre as

sugestões do Mais Alto, acendendo novas flamas de amor que nos orientam para diante. ... aguardemos o melhor, trabalhando e amando. De mensagem recebida em 14.08.1971.

*

03

ANDRÉ LUIZ - RESPOSTAS DA VIDA

1. Este dia

Este dia é o seu melhor tempo, o instante de agora. Se você guarda inclinação para a tristeza, este é o ensejo de meditar na alegria da vida e de aceitar-lhe a mensagem de renovação permanente. Se a doença permanece em sua companhia, surgiu a ocasião de tratar-se com segurança. Se você errou, está no passo de acesso ao reajuste. Se esse ou aquele plano de trabalho está incubado no seu pensamento, agora é o momento de começar a realizá-lo. Se deseja fazer alguma boa ação, apareceu o instante para promovê-la. Se alguém aguarda as suas desculpas por faltas cometidas, terá soado a hora em que você pode esquecer qualquer ocorrência infeliz e sorrir novamente. Se alguma visita ou manifestação afetiva esperam por você, chegou o tempo de atendê-las. Se precisa estudar determinada lição, encontrou você a oportunidade de fazer isso. Este dia é um presente de Deus, em nosso auxílio; de nós depende aquilo que venhamos a fazer com ele.

*

04

EMMANUEL – LEIS DE AMOR

I - Causas espirituais das doenças

1 - O que estrutura espiritualmente o corpo de carne?

- O corpo espiritual ou perispírito é o corpo básico, constituído de matéria sutil, sobre o qual se organiza o corpo de carne.

2 - O erro de uma encarnação passada pode incluir na encarnação presente, predispondo o corpo físico às doenças? De que modo?

- A grande maioria das doenças tem a sua causa profunda na estrutura semi-material do corpo espiritual. Havendo o espírito agido erradamente, nesse ou naquele setor da experiência evolutiva, vinca o corpo espiritual com desequilíbrios ou distonias, que o predis põem à instalação de determinadas enfermidades, conforme o órgão atingido.

3 - Quais os dois aspectos da Justiça?

- A Justiça na Terra pune simplesmente a crueldade manifesta, cujas conseqüências transitam nas áreas do interesse público, dilapidando a vida e induzindo à criminalidade; entretanto, esse é apenas o seu aspecto exterior, porque a Justiça é sempre manifestação constante da Lei Divina, nos processos da evolução e nas atividades da consciência.

4 - Qual a relação existente entre doenças e a Justiça?

- No curso das enfermidades, é imperioso venhamos a examinar a Justiça, funcionando com todo o seu poder regenerativo, para sanar os males que acalentamos.

5 - O que faz o Espírito, antes de reencarnar-se visando à própria melhoria?

- Antes da reencarnação, nós mesmos, em plenitude de responsabilidade, analisamos os pontos vulneráveis da própria alma, advogando em nosso próprio favor a concessão dos impedimentos físicos que, em tempo certo, nos imunizem, ante a possibilidade de reincidência nos erros em que estamos incursos.

6 - Que pedem, para regenerar-se, os intelectuais que conspurcaram os tesouros da alma?

- Artífices do pensamento, que malversamos os patrimônios do espírito, rogamos empedimentos cerebrais, que se façam por algum tempo alavancas coercitivas, contra as nossas tendências ao desequilíbrio intelectual.

7 - Que medidas de reabilitação rogam os artistas que corromperam a

inteligência?

- Artistas, que intoxicamos a sensibilidade alheia com os abusos da representação viciosa, imploramos moléstias ou mutilações, que nos incapacitem para a queda em novas culpas.

8 - Que emendas solicitam os oradores e pessoas que influenciaram negativamente pela palavra?

- Tarefeiros da palavra, que nos prevalecemos dela para caluniar ou para ferir, solicitamos as deficiências dos aparelhos vocais e auditivos, que nos garantam a segregação providencial.

9 - Que providências retificadoras pedem para si próprios aqueles que abraçaram graves compromissos do sexo?

- Criaturas dotadas de harmonia orgânica, que arremessamos os valores do sexo ao terreno das paixões aviltantes, enlouquecendo corações e fomentando tragédias, suplicamos as doenças e as inibições genésicas que em nos humilhando, servem por válvulas de contenção dos nossos impulsos inferiores.

10 - Todas as enfermidades conhecidas foram solicitadas pelo Espírito do próprio enfermo, antes de renascer?

- Nem sempre o Espírito requisita deliberadamente determinadas enfermidades de vez que, em muitas circunstâncias quais aquelas que se verificam no suicídio ou na delinquência, caímos, de imediato, na desagregação ou na insanidade das próprias forças, lesando o corpo espiritual, o que nos constrange a renascer no berço físico, exibindo defeitos e moléstias congênitas, em aflitivos quadros expiatórios.

11 - Quais são os casos mais comuns de doenças compulsórias, impostas pela Lei Divina?

- Encontramos numerosos casos de doenças compulsórias, impostas pela Lei Divina, na maioria das criaturas que trazem as provações da idiotia ou da loucura, da cegueira ou da paralisia irreversíveis, ou ainda, nas crianças-problemas, cujos corpos, irremediavelmente frustrados, durante todo o curso da reencarnação, mostram-se na condição de celas regenerativas, para a internação compulsória daqueles que fizeram jus a semelhantes recursos drásticos da Lei. Justo acrescentar que todos esses companheiros, em transitórias, mas duras dificuldades, renascem na companhia daqueles mesmos amigos e familiares de outro tempo que, um dia, se cumpliciaram com eles na prática das ações reprováveis em que delinquiram.

12 - A mente invigilante pode instalar doenças no organismo? E o que pode provocar doenças de causas espirituais na vida diária?

- A mente é mais poderosa para instalar doenças e desarmonias do que todas as bactérias e vírus conhecidos. Necessário, pois, considerar igualmente, que desequilíbrios e moléstias surgem também da imprudência e do desmazelo, da revolta e da preguiça. Pessoas que se embriagam a ponto de arruinar a saúde; que esquecem a higiene até se tornarem presas de parasitas destruidores; que se encolerizam pelas menores razões, destrambelhando os próprios nervos; os que passam, todas as horas em redes e leitos, poltronas e janelas, sem coragem de vencer a ociosidade e o desânimo pela movimentação do trabalho, prejudicando a função dos órgãos do corpo físico, em razão da própria imobilidade, são criaturas que geram doenças para si mesmas, nas atitudes de hoje mesmo, sem qualquer ligação com causas anteriores de existências passadas.

13 - Qual a advertência de Jesus para que nos previnamos dos males do corpo e da alma?

- Assinalando as causas distantes e próximas das doenças de agora, destacamos o motivo por que os ensinamentos da Doutrina Espírita nos fazem considerar, com mais

senso de gravidade, a advertência do Mestre: “Orai e vigiai, para não cairdes em tentação”.

*

05

EMMANUEL – O CONSOLADOR

IV – ESPIRITISMO - Emmanuel

FÉ

352 – Devemos reconhecer no Espiritismo o Cristianismo Redivivo?

-O Espiritismo evangélico é o Consolador prometido por Jesus, que, pela voz dos seres redimidos, espalham as luzes divinas por toda a Terra, restabelecendo a verdade e levantando o véu que cobre os ensinamentos na sua feição de Cristianismo redivivo, a fim de que os homens despertem para a era grandiosa da compreensão espiritual com o Cristo.

353 –O espiritismo veio ao mundo para substituir as outras crenças?

-O Consolador, como Jesus, terá de afirmar igualmente: - “Eu não vim destruir a Lei”. O Espiritismo não pode guardar a pretensão de exterminar as outras crenças, parcelas da verdade que a sua doutrina representa, mas, sim, trabalhar para transformá-las, elevando-lhes as concepções antigas para o clarão da verdade moralista.

A missão do Consolador tem que se verificar junto das almas e não ao lado das gloriolas efêmeras dos triunfos materiais. Esclarecendo o erro religioso, onde quer que se encontre, e revelando a verdadeira luz, pelos atos e pelos ensinamentos, o espiritista sincero, enriquecendo os valores da fé, representa o operário da regeneração do Templo do Senhor, onde os homens se agrupam em vários departamentos, ante altares diversos, mas onde existe um só Mestre, que é Jesus Cristo.

354 –Poder-se-á definir o que é ter fé?

-Ter fé é guardar no coração a luminosa certeza em Deus, certeza que ultrapassou o âmbito da crença religiosa, fazendo o coração repousar numa energia constante de realização divina da personalidade. Conseguir a fé é alcançar a possibilidade de não mais dizer “eu creio”, mas afirmar “eu sei”, com todos os valores da razão tocados pela luz do sentimento. Essa fé não pode estagnar em nenhuma circunstância da vida e sabe trabalhar sempre, intensificando a amplitude de sua iluminação, pela dor ou pela responsabilidade, pelo esforço e pelo dever cumprido. Traduzindo a certeza na assistência de Deus, ela exprime a confiança que sabe enfrentar todas as lutas e problemas, com a luz divina no coração, e significa a humildade redentora que edifica no íntimo do espírito a disposição sincera do discípulo, relativamente ao “faça-se no escravo a vontade do Senhor”.

*

O CONSOLADOR

V – MEDIUNIDADE - Emmanuel

DESENVOLVIMENTO

382- Qual a verdadeira definição da mediunidade?

-A mediunidade é aquela luz que seria derramada sobre toda carne e prometida pelo Divino Mestre aos tempos do Consolador, atualmente em curso na Terra.

A missão mediúnica se tem os seus percalços e as suas lutas dolorosas, é uma das mais belas oportunidades de progresso e de redenção concedidas por Deus aos seus filhos misérrimos.

Sendo luz que brilha na carne, a mediunidade é atributo do Espírito, patrimônio da alma imortal, elemento renovador da posição moral da criatura terrena, enriquecendo todos os seus valores no capítulo da virtude e da inteligência, sempre que se encontre ligada aos princípios evangélicos na sua trajetória pela face do mundo.

383 –É justo considerarmos todos os homens como médiuns?

-Todos os homens têm o seu grau de mediunidade, nas mais variadas posições evolutivas, e esse atributo do espírito representa, ainda, a alvorada de novas percepções para o homem do futuro, quando, pelo avanço da mentalidade do mundo, as criaturas humanas verão alargar-se a janela acanhada dos seus cinco sentidos.

Na atualidade, porém, temos de reconhecer que no campo imenso das potencialidades psíquicas do homem existem os médiuns com tarefas definidas, precursores das novas aquisições humanas. É certo que essas tarefas reclamam sacrifícios e se constituem, muitas vezes, de provações ásperas; todavia, se o operário busca a substância evangélica para a execução de seus deveres, é ele o trabalhador que faz jus ao acréscimo de misericórdia prometido pelo Mestre a todos os discípulos de boa-vontade.

384 –Dever-se-á provocar o desenvolvimento da mediunidade?

-Ninguém deverá forçar o desenvolvimento dessa ou daquela faculdade, porque, nesse terreno, toda a espontaneidade é necessária; observando-se, contudo, a floração mediúnica espontânea, nas expressões mais simples, deve-se aceitar o evento com as melhores disposições de trabalho e boa-vontade, seja essa possibilidade psíquica a mais humilde de todas.

A mediunidade não deve ser fruto de precipitação nesse ou naquele setor da atividade doutrinária, porquanto, em tal assunto, toda a espontaneidade é indispensável, considerando-se que as tarefas mediúnicas são dirigidas pelos mentores do plano espiritual.

*

06

O LIVRO DOS MÉDIUNS – ALLAN KARDEC

CAPÍTULO XVII

FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

**DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE MUDANÇA DE CALIGRAFIA
PERDA E SUSPENSÃO DA MEDIUNIDADE
DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE**

200. Trataremos aqui, especialmente, dos médiuns escreventes, porque é este o gênero de mediunidade que mais se expandiu, e também porque é há um tempo o mais simples, o mais cômodo, o que proporciona resultados mais satisfatórios e mais completos. É ainda o que todos ambicionam. Infelizmente não há, até o presente, nenhum meio de diagnosticar, mesmo de maneira aproximativa, que se possui essa faculdade. Os sinais físicos que alguns tomam por indícios nada têm de certo.

Podemos encontrá-las nas crianças e nos velhos, nos homens e nas mulheres, qualquer que seja o temperamento, o estado de saúde ou o grau de desenvolvimento intelectual e moral. Só há um meio de constatar a sua existência: é experimentar.

Pode-se obter a escrita, como já vimos, por meio de cestas e pranchetas ou diretamente pela mão. Sendo este último modo o mais fácil, e podemos dizer que o único hoje empregado, é o que de preferência recomendamos. O processo é dos mais simples. Consiste unicamente em pegar-se um lápis e papel e pôr-se em posição de escrever, sem qualquer outra preparação. Mas, para se conseguir bom resultado, são indispensáveis muitas recomendações.

201. No tocante às condições materiais, recomendamos evitar-se tudo o que possa impedir o livre movimento da mão. É mesmo preferível que ela não se apoie inteiramente no papel. A ponta do lápis deve manter o contato necessário para escrever, mas não para oferecer resistência. Todas essas precauções se tornam inúteis quando se começa a escrever corretamente, porque então nenhum obstáculo

poderia deter a mão. Essas são apenas as preliminares do aprendizado.

202. Pode-se usar indiferentemente a pena ou o lápis. Alguns médiuns preferem a pena, mas ela só pode servir para os que estão formados e escrevem calmamente. Há os que escrevem com tal velocidade que o uso da pena seria quase impossível ou pelo menos muito incômodo. Acontece o mesmo com a escrita sacudida ou irregular, e quando se trata de Espíritos violentos, que batem com a ponta e a quebram, rasgando o papel.

203. O desejo de todo aspirante a médium é naturalmente poder conversar com Espíritos de pessoas queridas, mas essa impaciência deve ser moderada, porque a comunicação com determinado Espírito apresenta quase sempre dificuldades materiais que a tornam impossível para o iniciante. Para que um Espírito possa comunicar-se é necessário haver entre ele e o médium relações fluídicas que nem sempre se estabelecem de maneira instantânea. Somente na proporção em que a mediunidade se desenvolve o médium vai adquirindo a aptidão necessária para entrar em relação com o primeiro Espírito comunicante.

Pode ser, portanto, que o Espírito desejado não esteja em condições propícias, apesar de se encontrar presente. Como pode ser, ainda, que ele não tenha possibilidade nem permissão de atender ao apelo. Convém, pois, no princípio, abster-se o médium de chamar um determinado Espírito, porque muitas vezes acontece não ser com ele que as relações fluídicas se estabeleçam com maior facilidade, por maior simpatia que lhe devote. Antes, pois, de pensar em obter comunicações deste ou daquele Espírito, é necessário tratar do desenvolvimento da faculdade, fazendo para isso um apelo geral e se dirigindo sobretudo ao seu anjo guardião.

Não há para isso fórmulas sacramentais. Quem pretender oferecer uma fórmula pode ser firmemente taxado de impostor, porque para o Espírito a forma nada vale.

Entretanto a evocação deve ser feita sempre em nome de Deus. Pode-se fazê-la nos termos seguintes ou em outros equivalentes:

Rogo a Deus todo poderoso permitir a um bom Espírito comunicar-se comigo, fazendo-me escrever; rogo também ao meu Anjo Guardião que me assista e afaste de mim os Espíritos maus.

Espera-se então que um Espírito se manifeste, fazendo escrever alguma coisa. Pode acontecer que seja aquele que se deseja, como pode ser um Espírito desconhecido ou o Anjo da Guarda. Num caso ou noutro, geralmente ele se dá a conhecer escrevendo o nome. Apresenta-se então o problema da identidade, uma das que requerem maior experiência, pois são poucos os iniciantes que não estejam expostos a ser enganados. Tratamos disso logo mais, em capítulo especial. Quando se quer chamar determinados Espíritos, é essencial dirigir-se inicialmente aos que se sabe serem bons e simpáticos e que podem ter um motivo para atender, como os de parentes e amigos. Nesse caso a evocação pode ser feita assim:

Em nome de Deus todo poderoso, rogo ao Espírito de fulano que se comunique comigo. Ou ainda:

Rogo a Deus todo poderoso permitir ao Espírito de fulano que se comunique comigo.

Ou por outras palavras correspondentes a esse mesmo pensamento.

É também necessário que as primeiras perguntas sejam formuladas de maneira que as respostas sejam dadas simplesmente por um **sim ou não**. Por exemplo: Estás aí?

Queres responder? Podes fazer-me escrever? etc. Mais tarde, essa precaução será desnecessária. No começo, trata-se de estabelecer uma relação. O essencial é que a pergunta não seja fútil, que não se refira a coisas de interesse privado, e sobretudo

que seja a expressão de um sentimento benevolente e simpático para o Espírito ao qual se dirige. (Ver o capítulo especial sobre Evocações)

204. Mais importante a se observar, do que a maneira de fazer o apelo, é a calma e o recolhimento que se deve ter, junto a um desejo ardente e uma firme vontade de êxito. E por vontade não entendemos aqui um desejo efêmero e inconsequente, a cada momento interrompido por outras preocupações, mas uma vontade séria, perseverante, sustentada com firmeza, sem impaciência nem ansiedade. O recolhimento é favorecido pela solidão, pelo silêncio e o afastamento de tudo o que possa provocar distrações. Nada mais resta então a fazer, senão isto: renovar todos os dias a tentativa, durante dez minutos, um quarto de hora ou mais de cada vez, durante quinze dias, um mês, dois meses e mais se necessário. Conhecemos médiuns que só se formaram depois de seis meses de exercício, enquanto outros escrevem correntemente desde a primeira vez.

*

07

PRÁTICA DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

*

FINAL DA REUNIÃO

*

2ª REUNIÃO – 25 DE MAIO DE 2.016

01

SEARA DOS MÉDIUNS - EMMANUEL

2 - CARTÃO DE VISITA

Reunião pública de 8/1/60

Questão nº 7

Em qualquer estudo da mediunidade, não podemos esquecer que o pensamento vige na base de todos os fenômenos de sintonia na esfera da alma.

Analisando-o, palidamente, tomemos a imagem da vela acesa, apesar de imprópria para as nossas anotações.

A vela acesa arroja de si ftons ou força luminosa.

O cérebro exterioriza princípios inteligentes ou energia mental.

Na primeira, temos a chama.

No segundo, Identificamos a idéia.

Uma e outro possuem campos característicos de atuação, que é tanto mais vigorosa quanto mais se mostre perto do fulcro emissor.

No fundo, os agentes a que nos referimos são neutros em si.

Imaginemos, no entanto, o lume conduzido. Tanto pode revelar o caminho de um santuário, quanto a trilha de um pântano.

Tanto ajuda os braços do malfeitor na execução de um crime, quanto auxilia as mãos do benfeitor no levantamento das boas obras.

Verificamos, no símile, que a energia mental, inelutavelmente ligada à consciência que a produz, obedece à vontade.

E, compreendendo-se no pensamento a primeira estação de abordagem magnética, em nossas relações uns com os outros, seja qual for a mediunidade de alguém, é na vida íntima que palpita a condução de todo o recurso psíquico.

Observa, pois, os próprios impulsos.

Desejando, sentes.

Sentindo, pensas.

Pensando, realizas.

Realizando, atraís.

Atraindo, refletes.

E, refletindo, estendes a própria influência, acrescida dos fatores de indução do grupo com que te afinas.

O pensamento é, portanto, nosso cartão de visita.

Com ele, representamos ao pé dos outros, conforme nossos próprios desejos, a harmonia ou a perturbação, a saúde ou a doença, a intolerância ou o entendimento, a luz dos construtores do bem ou a sombra dos carregadores do mal.

*

02

BEZERRA, CHICO E VOCÊ

SEGUIR SEMPRE

... a luta é árdua, mas se a vanguarda na Terra é tomada de percalços sem conta, as fontes de suprimento na supervisão permanecem a postos e não nos faltarão com os recursos necessários. De mensagem recebida em 15.12.1961.

TODOS ENGAJADOS

... “Amai os inimigos”, disse-nos o Senhor.

Nestas palavras, surpreendemos também um divino apelo, qual seja o de amarmos nossos percalços e provas na vida, porquanto são eles os climas em que

demonstraremos a própria fé.

*

... O Sol projeta luz dissipando a sombra.

A caridade é o Amor Divino a expressar-se, através do coração, extinguindo os espinheiros do sofrimento.

*

... achamo-nos todos engajados na luta do bem para que o mal desapareça, luta difícil mas luminosa em que todos somos chamados a oferecer o melhor de nós.

De mensagem recebida em 24.05.1969.

INGREDIENTES DO ÊXITO

... nas águas revoltas do mar tanta vez agressivo da atualidade, navegamos...

Dias calmos, dias tempestuosos. O que importa é a rota segura.

E desta nos louvamos todos, à frente do Divino Timoneiro.

*

... capacitemo-nos, cada vez mais, de que a obra não nos pertence e sim ao Senhor que nos utiliza por instrumentos.

*

... à vista disso e firmados em semelhante convicção, compreendamos que a fidelidade é ingrediente de base para o êxito. Entender a todos e auxiliar a todos, abençoando e construindo sempre e guardar, sobretudo, a certeza de que o serviço e o amor devem constituir as margens de nosso caminho para frente.

*

... momentos aparecem-nos quais os testemunhos de abnegação representam imperativos a que não nos é lícito fugir...

Notadamente, quando a perturbação e a calúnia nos ameaçam a estabilidade moral.

Ainda assim, aceitemos os desafios da sombra, na condição de aprendizes no educandário da luz.

*

... à frente de todas as dificuldades é imprescindível opor a bênção, como princípio de solução.

*

... é certo que o desdobramento da edificação em andamento vos exige quotas de sacrifício sempre mais altas.

Imperioso dar de nós para que a obra do Cristo se erga e se consolide no campo das necessidades humanas.

*

... esquecer-nos e trabalhar. Trabalhar e servir sempre.

... na execução desse programa as lutas e problemas explodem, por vezes, de todos os flancos, a reclamar-nos fraternidade em suas mais altas demonstrações. Todavia, se atribuímos a Jesus a importância do esforço e não a nós, sabendo receber para nós os obstáculos naturais da senda a percorrer, então, a carga ser-nos-á sempre qual estrela de amor que o Céu nos permite carregar em auxílio a nós mesmos!

De mensagem recebida em 01.04.1969.

*

03

ANDRÉ LUIZ – RESPOSTAS DA VIDA

2. Ganhando resistência

Reconhece você que a sua resistência precisa aumentar; por isso mesmo não

despreze o esforço no bem algum tanto a mais além do nível.

Se o trabalho parece estafante, suporte mais um pouco as dificuldades em que se lhe envolvem os encargos.

Onde lhe pareça já haver exercitado o máximo de humildade, apague-se um tanto mais em favor de outrem para que seu grupo alcance a segurança ideal.

Demonstre um pouco mais de paciência nos momentos de inquietação e evitará desgostos incalculáveis.

Abstenha-se algo mais de reclamações mesmo justas, no que se reporta aos seus interesses pessoais e observará quanta simpatia virá ao seu encontro.

Mostre um pouco mais de serenidade nos instantes de crise e você se transformará no apoio providencial de muita gente.

Confie algo mais na proteção da Bondade Divina e conseguirá superar obstáculos que se lhe figuravam intransponíveis.

Nos dias de enfermidade aguente um tanto mais as dificuldades e você apressará as suas próprias melhoras de maneira imprevisível.

Tolere um tanto mais as intrigas que, por ventura, lhe assediem o campo de ação, sem lhes oferecer qualquer importância e defenderá a sua própria felicidade, com inesperado brilhantismo.

Você vive no mundo em meio de provas e lutas, desafios e necessidades, ao modo de aluno entre as lições de que precisa na escola, em favor do próprio aproveitamento; aprenda a suportar os convites ao bem dos outros e você ganhará os melhores valores da resistência.

*

04

EMMANUEL – LEIS DE AMOR

II - Parentesco e Filiação

1 - A morte arquiva os serviços inacabados das criaturas humanas?

- No mundo, a morte parece uma estação de problemas insolúveis, arquivando serviços inacabados. Entretanto, isso é apenas aparência.

2 - As conseqüências dos crimes obscuros dos homens terminam com a morte?

- Dramas passionais, crimes que não foram investigados pelos juízes humanos, tragédias íntimas e assaltos na sombra, cujos protagonistas sabemos identificar por vítimas e carrascos, não desaparecem no silêncio do túmulo, porque a vida prossegue, além da morte, desdobrando causas e conseqüências.

3 - O princípio de causa e efeito funciona além da morte?

- O princípio de causa e efeito tanto funciona na existência humana, quanto além dos implementos físicos perecíveis.

4 - Para onde nos conduz a morte?

- Porque nós outros, seres humanos, encarnados e desencarnados, somos ainda discípulos imperfeitos e inexperientes da vida, a morte não nos impele, em definitivo, às esferas superiores e nem nos rebaixa, indefinidamente, a círculos degradantes.

5 - Para as criaturas humanas o que significa a vida terrestre?

- Considera-nos a Lei Divina por inteligências juvenis, sob o patrocínio da escola, concedendo-nos, na vida terrestre, o mais alto campo edificante e reeducativo.

6 - Qual a conexão entre a consanguinidade e o destino?

- Nos elos da consanguinidade, reavemos o convívio de todos aqueles que se nos associaram ao destino, pelos vínculos do bem ou do mal, através das portas benditas da reencarnação.

7 - Que precisamos para vencer na luta doméstica?

- Devemos revestir-nos de paciência, amor, compreensão, devotamento, bom ânimo e humildade, a fim de aprender e vencer, na luta doméstica. No mundo, o lar é a primeira escola da reabilitação e do reajuste.

8 - O que foram, em vidas anteriores, os pais despóticos?

- Quase sempre, os pais despóticos de hoje são aqueles filhos do passado, em cuja mente inoculamos o egoísmo e a intolerância.

9 - E o filho rebelde?

- O filho rebelde e vicioso é o irmão que arrojamos, um dia, à intemperança e à delinquência.

10 - E a filha desatinada?

- A filha detida nos desregramentos do coração é a jovem que, noutra tempo, induzimos ao desequilíbrio e à crueldade.

11 - E o marido desleal?

- O marido ingrato e desleal, em muitas circunstâncias, é o mesmo esposo do pretérito, que precipitamos na deserção, com os próprios exemplos menos felizes.

12 - E a esposa desorientada?

- A companheira desorientada que nos amarga o sentimento, é a mulher que menosprezamos, em outra época, obrigando-a a resvalar no poço da loucura.

13 - E os parentes abnegados?

- Os parentes abnegados, em que nos escoramos, são os amigos de outras eras, com os quais já construímos os sólidos alicerces da amizade e do entendimento, proporcionando-nos o reconforto da segurança recíproca.

14 - Como influi o nosso passado no clima familiar e na atividade profissional?

- Cada elo de simpatia ou cada sombra de desafeto, que surpreendemos na família ou na atividade profissional, são forças do passado a nos pedirem mais amplas afirmações de trabalho na vitória do bem.

15 - Em vista de tudo isso, que nos cabe fazer ante os parentes?

- Diante dos parentes e dos companheiros de jornada, consagremo-nos à felicidade de todos e façamos o melhor ao nosso alcance, a benefício de cada um.

16 - O que devemos fazer se a presença de alguém nos é penosa?

- Se a presença de alguém nos é penosa ou difícil ao coração, anulemos os impulsos negativos que nos surjam na alma e convertamos as nossas relações com esse alguém numa sementeira constante de paz e luz.

17 - Todo laço de parentesco possui razão de ser?

- Ninguém possui sem razão esse ou aquele laço de parentesco, de vez que o acaso não existe nas obras da Criação.

05

EMMANUEL – O CONSOLADOR**IV – ESPIRITISMO – FÉ**

355 – *Será fé acreditar sem raciocínio?*

-Acreditar é uma expressão de crença, dentro da qual os legítimos valores da fé se encontram embrionários.

O ato de crer em alguma coisa demanda a necessidade do sentimento e do raciocínio, para que a alma edifique a fé em si mesma. Admitir as afirmativas mais estranhas, sem um exame minucioso, é caminhar para o desfiladeiro do absurdo, onde os fantasmas dogmáticos conduzem as

criaturas a todos os despautérios. Mas também interferir nos problemas essenciais da vida, sem que a razão esteja iluminada pelo sentimento, é buscar o mesmo declive onde os fantasmas impiedosos da negação conduzem as almas a muitos crimes.

356 – *A dúvida racionada, no coração sincero, é uma base para a fé?*

-Toda dúvida que se manifesta na alma cheia de boa-vontade, que não se precipita em definições apriorísticas dentro de sua sinceridade, ou que não busca a malícia para contribuir em suas cogitações, é um elemento benéfico para a alma, na marcha da inteligência e do coração rumo à luz sublimada da fé.

357 – *É justa a preocupação dominante em muitos estudiosos do Espiritismo, pelas revelações do plano superior, a título de enriquecimento da fé?*

-Toda curiosidade sadia é natural. O homem, no entanto, deve compreender que a solução desses problemas lhe chegará naturalmente, depois de resolvida a sua situação de devedor ante os seus semelhantes, fazendo-se, então, credor das revelações divinas.

358 – *Para os Espíritos desencarnados, que já adquiriram muitos valores em matéria de fé, qual o melhor bem da vida humana?*

-A vida humana, nas suas características de trabalho pela redenção espiritual, apresenta muitos bens preciosos aos nossos olhos, na sequência das lutas, esforços e sacrifícios de cada espírito. Para nós outros, porém, o tesouro maior da existência terrestre reside na consciência reta e pura, iluminada pela fé e edificada no cumprimento de todos os deveres mais elevados.

*

O CONSOLADOR – EMMANUEL**V – MEDIUNIDADE – DESENVOLVIMENTO**

385 – *A mulher ou o homem, em particular, possuem disposições especiais para o desenvolvimento mediúnico?*

-No capítulo do mediunismo não existem propriamente privilégios para os que se encontram em determinada situação; porém, vence nos seu labores quem detiver a maior porcentagem de sentimento. E a mulher, pela evolução de sua sensibilidade em todos os climas e situações, através dos tempos, está, na atualidade, em esfera superior à do homem, para interpretar, com mais precisão o sentido de beleza, as mensagens dos planos Invisíveis.

386 – *Qual a mediunidade mais preciosa para o bom serviço à Doutrina?*

-Não existe mediunidade mais preciosa uma que a outra.

Qualquer uma é campo aberto às mais belas realizações espirituais, sendo justo que o médium, com a tarefa definida se encha de espírito missionário, com dedicação sincera e fraternidade pura, para que o seu mandato não seja traído na improdutividade.

387 – *Qual a maior necessidade do médium?*

-A primeira necessidade do médium é evangelizar-se a si mesmo antes de se

entregas às grandes tarefas doutrinárias, pois, de outro modo poderá esbarrar sempre com o fantasma do personalismo, em detrimento de sua missão.

388 – Nos trabalhos mediúnicos temos de considerar, igualmente, os imperativos da especialização?

-O homem do mundo, no círculo de obrigações que lhe competem na vida, deverá sair da generalidade para produzir o útil e o agradável, nas esferas de suas possibilidades individuais.

Em mediunidade, devemos submeter-nos aos mesmos princípios. O homem enciclopédico, em faculdade, ainda não apareceu, senão em gérmen, nas organizações geniais que raramente surgem na Terra, e temos de considerar que a mediunidade somente agora começa a aparecer no conjunto de atributos do homem transcendente. A especialização na tarefa mediúnica é mais que necessária e somente de sua compreensão poderá nascer a harmonia na grande obra de vulgarização da verdade a realizar.

*

06

O LIVRO DOS MÉDIUNS – ALLAN KARDEC

CAPÍTULO XVII

FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS – DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE

205. Para evitar tentativas inúteis, pode-se interrogar, por outro médium, um Espírito sério e elevado. Mas é bom lembrar que, quando se propõe aos Espíritos a questão de

saber se temos ou não mediunidade, eles quase sempre respondem afirmativamente, o que não impede que as tentativas sejam muitas vezes infrutíferas. Isso se explica naturalmente. Propõe-se ao Espírito uma questão geral e ele responde de maneira geral. Como se sabe, nada mais elástico do que a faculdade mediúnica, pois ela pode se apresentar sob as mais variadas formas e nos mais diversos graus. Pode-se, portanto, ser médium sem o perceber e num sentido diferente do que se pensa.

A esta questão vaga: Sou médium? O Espírito responde: Sim. A esta mais precisa: Sou médium escrevente? Ele pode responder: Não. Deve-se ainda conhecer a natureza do Espírito interrogado. Há Espíritos tão levianos e tão ignorantes que respondem a torto e a direito, como verdadeiros estúrdios. Eis porque aconselhamos dirigir-se a Espíritos esclarecidos, que geralmente respondem de boa vontade a essas perguntas e indicam o melhor caminho a seguir, se houver possibilidades de êxito.

206. Um meio que dá quase sempre bom resultado é o emprego, como auxiliar momentâneo, de um bom médium escrevente flexível e já formado.

Se ele puser a mão ou os dedos sobre a mão que deve escrever, é raro que ela não se mova imediatamente. Compreende-se o que então se passa: a mão que segura o lápis torna-se uma espécie de apêndice da mão do médium, como o seria a cesta ou a prancheta. Mas isso não impede que esse exercício seja realmente útil quando se pode emprega-lo, pois que, frequente e regularmente repetido, ajuda a vencer o obstáculo material e provoca o desenvolvimento da faculdade.

Às vezes, também, basta magnetizar com essa intenção o braço e a mão do que deseja escrever. Muitas vezes o magnetizador se limita a pousar sua mão no ombro da pessoa, e temos visto ela escrever prontamente sob essa influência. O mesmo efeito se pode ainda produzir sem nenhum contato e pelo simples efeito da vontade. Compreende-se facilmente que a confiança do magnetizador em seu poder, para produzir esse resultado, deve exercer um grande papel, e que um magnetizador

incrédulo exerceria fraca ou nenhuma ação.(1)

(1) Pode-se alegar atualmente que o magnetismo não tem essa força, pois na verdade não passaria de simples efeito da sugestão. Mas o problema da hipnose ainda não está suficientemente esclarecido, como alguns pretendem. É bom lembrar que nas atuais pesquisas de telepatia conseguiu-se hipnotizar pessoas à distância, sem que elas a soubessem. Vejam-se as experiências de Héricourt, Pierre Janet e Gibert. Mais recentemente as "sugestões à distância" de Vassiliev, na Rússia. (N. do T.)

O concurso de um guia experimentado é também muito útil, algumas vezes, para indicar ao iniciante uma série de pequenas precauções que ele costuma negligenciar, em detrimento da rapidez do seu progresso. É útil, sobretudo, para esclarece-lo quanto à natureza das primeiras perguntas e a maneira de fazê-las. Seu papel é o de um professor que se dispensa quando a gente se tornou bastante hábil,

207. Outro meio que pode também contribuir poderosamente para o desenvolvimento da faculdade consiste em reunir um certo número de pessoas, todas animadas do mesmo desejo e da mesma intenção. Todas, guardando absoluto silêncio, num recolhimento religioso, simultaneamente experimentam escrever, apelando cada qual ao seu anjo guardião ou a algum Espírito simpático. Uma delas pode também fazer, sem designação especial e por todos os membros da reunião, um apelo geral aos Espíritos bons, dizendo, por exemplo: Em nome de Deus todo-poderoso rogamos aos bons Espíritos que se dignem comunicar se pelas pessoas aqui presentes. É raro que entre elas não haja algumas que deem prontamente sinais de mediunidade ou mesmo escrevam de maneira fluente em pouco tempo. Fácil compreender o que se passa nessa circunstância. As pessoas unidas por uma mesma intenção formam um todo coletivo, cujo poder e cuja sensibilidade aumentam por uma espécie de influência magnética que auxilia o desenvolvimento da faculdade. Entre os Espíritos atraídos por essa conjugação de vontades há os que encontram em meio aos assistentes o instrumento que lhes convém. Se não for um, será outro e eles o aproveitam. Esse meio deve sobretudo ser empregado pelos grupos espíritas que não dispõem de médiuns, ou que não os têm em número suficiente.(2)

(2) As explicações científicas tendem para o efeito da sugestão. Muitos "experts", como afirma Robert Amadou, "facilmente demonstram que se trata de simples sugestão", e assim por diante. É realmente uma "fácil" descoberta, mas as comunicações posteriormente obtidas demonstram de maneira mais complexa, através de notáveis sequências de provas, exatamente o contrário dessas hipóteses levianamente levantadas e sustentadas em nome das Ciências. (N. do T.)

*

07

PRÁTICA DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

*

FINAL DA REUNIÃO

*

3ª REUNIÃO – 01 DE JUNHO DE 2.016

01

SEARA DOS MÉDIUNS - EMMANUEL

3 - Ensino espírita

Reunião pública de 11/1/60 Questão nº 3

Se abraçaste na Doutrina Espírita o roteiro da própria renovação, em toda parte és naturalmente chamado a fixar-lhe os ensinamentos.

Administrador, não te limitarás ao controle de patrimônios físicos, porque saberás aplicá-los no bem de todos.

Legislador, não te guardarás na galeria dos privilégios, porque humanizarás os estatutos do povo.

Juiz, não te enquistarás na autoridade de convenção, porque serás em ti mesmo a garantia do Direito correto.

Médico, não estarás circunscrito ao órgão enfermo, porque auscultarás, igualmente, a alma que sofre.

Professor, não terás nos discípulos meros associados no estudo dos números e das letras, mas verdadeiros filhos do coração.

Negociante, não farás do comércio a feira dos interesses inferiores, mas a escola da fraternidade e do auxílio.

Operário, não furtarás o tempo, no exercício da rebeldia, mas vigiarás, satisfeito, o desempenho das próprias obrigações.

Lavrador, não serás sanguessuga insaciável da terra, mas recolher-lhe-ás os produtos, ajudando-a, nobremente, a reverdecer e florir.

Seja qual for a profissão em que te situes, vives convidado a enobrecê-la com o selo de tua fé, moldada nos valores humanos, porquanto, na responsabilidade espírita, toda ação no bem precisa ultrapassar o dever para que o ato de servir se converta em amor.

Hoje e agora, onde estivermos, segundo os nossos princípios, somos constantemente induzidos a lecionar disciplinas de entendimento e conduta.

Aqui é a solidariedade, ali é a fidelidade aos compromissos, adiante é a compreensão, mais além, é a renúncia...

Aqui é o devotamento ao trabalho, ali é a paciência, adiante é o perdão incondicional, mais além é o espírito de sacrifício...

Doutrina Espírita, na essência, é universidade de redenção.

E cada um de seus profícuos ou alunos, por força da obrigação no burilamento interior, é obrigado a educar-se para educar.

É por isso que, se lhe esposaste as tarefas, seja esse ou aquele o setor de tuas atividades, estarás, cada dia, ensinando o caminho da elevação, na cadeira do exemplo.

*

02

BEZERRA, CHICO E VOCÊ

ACEITEMOS AGIR

... compreendemos as tarefas que se desdobram e as lutas que lhes são conseqüentes. Pudéssemos e tudo faríamos para que as dificuldades materiais desaparecessem, dando

lugar às realizações imediatas que os nossos planos de trabalho vão sugerindo...

Se for verdade, porém, que os embaraços se multiplicam não é menos real a Divina Misericórdia que nos assiste.

... Confiemos no Senhor.

*

... articulemos a silenciosa linguagem do serviço e o serviço falará em silêncio por nós a todos aqueles corações que refletem a bondade do Mestre.

*

... guardemos a tranquilidade operosa.

... edifiquemos cooperação, levantemos bases de amor.

Em razão disso, acreditamos agir acertadamente, aconselhando serenidade edificante em quaisquer serviços novos.

*

... calma e fé viva que nos assegurem solidez e compreensão.

... segurança e paciência.

... confiemos em Jesus e trabalhemos sempre.

... no clima do silêncio mental e da oração íntima, estaremos mais juntos.

De mensagem recebida em 26.04.1958.

DIA POR DIA

... dia a dia, o Senhor nos ampara sempre mais.

De mensagem recebida em 04.09.1959.

INTERDEPENDÊNCIA

*

... de quando a quando, pelo menos, ser-nos-á justo analisar a extensão e a qualidade de nossas tarefas, de modo a verificar lhes o rendimento no bem.

... permaneçais conosco, não à maneira de cooperadores cativos, dependentes de nossas orientações.

Conquanto, a diferença de plano, cada um de nós, se detém na posição que lhe é própria, em matéria de encargos recebidos.

*

... esse recolheu a missão de planejar o ensino e concretizá-lo: aquele se encontra comprometido em

administrar; aquele outro ainda se vê compelido a zelar por essa ou aquela faixa de ação, para fazê-lo produzir determinados valores no bem geral.

Temos irmãos que se acharam trazidos a mandatos complexos na direção direta ou indireta de pequenas ou grandes comunidades; outros solicitaram e obtiveram da Vida

Espiritual a felicidade de se reencarnarem

nos postos de sacrifício, com o objetivo de se desvelarem no reajuste de alguém que lhes toma o convívio, sob os nomes de pai ou esposo, filho ou irmão; e outros muitos,

ainda, por vezes, encontram em pleno anonimato, a condição de renúncia de que se reconheceram, um dia, necessitados, para a realização de encargos no auto

aperfeiçoamento.

*

... estejamos na certeza de que todos somos peças interdependentes nas engrenagens da vida. E as engrenagens a que nos referimos reclamam de cada um de nós fidelidade e disciplina, de maneira a que não venhamos a olvidar aquela área da existência, em que todos os dias surpreendemos os desígnios do Senhor a nosso respeito, área que nomeamos com a palavra “dever”.

*

... aceitemo-nos como somos, trabalhando para melhorar-nos cada vez mais e aceitemos as atividades em que fomos necessariamente situados para que a rebeldia não se nos intrometa nas obrigações do cotidiano, fantasiada de liberdade.

*

... somos herdeiros e depositários da fé que precisa expressar-se no bem geral. Caridade, entendimento, solidariedade, amparo, sacrifício, constituem frutos que nos compete espalhar onde estivermos.

*

... abençoemos aqueles que se nos façam instrumentos de prova; os que nos visitem o coração, à maneira do esmeril que o abrilhanta ou reajusta; os companheiros que se transformam em problemas que nos levam a conhecer o trabalho em suas mais íntimas nuances; e, sobretudo no lar, agradeçamos a oportunidade de nos devotarmos em auxílio a outrem, às vezes, até mesmo com o desinteresse compulsório dos nossos sonhos mais ínfimos, a fim de que nos mantenhamos matriculados na escola do amor verdadeiro que inclui todos os sacrifícios para que a felicidade consiga viver com aqueles que mais amamos, erguendo-se-nos, por fim, na existência, em pão espiritual de cada dia. ... filhos, entendemos as vossas dificuldades que são também nossas e reconhecemos a inquietação com que muitos de vós outros nos bateis às portas do coração suplicando esperança e consolação.

Crede!

Não somos insensíveis aos vossos rogos, mas, porque também nos achamos lutando e trabalhando convosco no mesmo nível, convidamos a todos vós, para compartilharmos a mesma requisição de auxílio e força ao Senhor Jesus, a fim de que nos reunamos na mesma faixa de confiança redentora e produtiva, servindo e amando com a certeza de que se nos amarmos realmente, uns aos outros, seguiremos adiante, superando todos os obstáculos, para o encontro sublime da União com Deus.

De mensagem recebida em 16.09.1972.

*

03

ANDRÉ LUIZ – RESPOSTAS DA VIDA

3- Ingredientes do êxito

O êxito espera por você, tanto quanto, vem exaltando quantos lhe alcançaram as diretrizes.

Largue qualquer sombra do passado ao chão do tempo, qual a árvore que lança de si as folhas mortas.

Não se detenha, diante da oportunidade de servir.

Mobilize o pensamento para criar vida nova.

Melhore os próprios conhecimentos, estudando sempre.

Saliente qualidades e esqueça defeitos.

Desenvolva seus recursos de simpatia e evite qualquer impulso de agressão.

Se você pode ajudar, em auxílio de alguém, faça isso agora.

Enriqueça seu vocabulário com boas palavras.

Aprendendo a escutar, você saberá compreender.

A melhor maneira de extinguir o mal será substituí-lo com o bem.

Destaque os outros e os outros destacarão você.

Viva o presente, agindo e servindo com fé e alegria, sem afligir-se pelo futuro, porque, para viver amanhã, você precisará viver hoje.

Habitue-se a sorrir.

Recorde que desalento nunca auxiliou a ninguém.

Não permita que a dificuldade lhe abra porta ao desânimo porque a dificuldade é o meio de que a vida se vale para melhorar-nos em habilitação e resistência.

Ampare-se, amparando os outros.

Censura é uma fórmula das mais eficientes para complicar-se.

Abençoe a vida e todos os recursos da vida onde você estiver.

Nunca desconsidere o valor da sua dose de solidão, a fim de aproveitá-la em meditação e reajuste das próprias forças.

Observe: todo o tempo é tempo de Deus para restaurar e corrigir, começar e recomeçar.

*

04

EMMANUEL – LEIS DE AMOR

III - Escolha social e profissional

1 - Podemos avaliar as nossas existências passadas, somente através de lutas e provações?

- Não nos fala o pretérito exclusivamente através das provas que nos aguilhoam a vida.

2 - A profissão nos concede oportunidades de reajuste?

- Observamos as oportunidades de reajuste e aperfeiçoamento que o mundo nos concede na esfera da profissão. A criatura renasce, gravitando para o campo de serviço em que se lhe afinam disposições e tendências.

3 - A que critério obedece a colocação da inteligência no campo profissional?

- Cada inteligência é situada no lugar em que possa produzir mais e melhor.

4 - É a fatalidade que faz a pessoa escolher determinada profissão?

- Certamente que a situação da personalidade em determinada carreira não obedece à fatalidade. Livre-arbítrio no mundo interior comanda sentimentos e idéias, palavras e atos do Espírito, constantemente.

5 - Quando podemos renovar o destino?

- Todo dia é tempo de renovar o destino.

6 - Podemos, sem dificuldade, renovar o destino, hoje mesmo?

- Sim. Na esfera dos deveres comuns, o Espírito granjeia, através de abnegação e serviço espontâneo, valiosos recursos de ação, de modo a refundir, facilmente, os próprios caminhos.

7 - A Lei Divina apresenta meios especiais de proporcionar-nos corrigenda e libertação?

- Somos defrontados nas atividades profissionais de hoje como antigos devedores da Lei, chamados a funcionar no trabalho ou nas obras em que eles próprios faliram ontem, com dilatadas possibilidades de obtenção do próprio resgate; quase sempre aqueles mesmos junto dos quais se verificaram nossos próprios delitos ou deserções em existências passadas. Em nosso benefício, a Lei nos faculta empreendimentos e obrigações junto deles, a fim de que possamos pagar débitos ou vencer antipatias e inibições, respirando-lhes o clima e renteando-lhes a presença.

8 - O que fazem frequentemente, hoje, os pensadores que ontem intoxicaram a mente popular?

- Pensadores que antigamente corrompiam a mente popular com as depravações de espírito já em via de autoburilamento, formam agora os professores laboriosos, aprendendo a ministrar disciplinas, à custa do próprio exemplo.

9 - E os antigos conquistadores militares que praticaram excessos?

- Tiranos que não vacilaram em forjar a miséria física e moral dos semelhantes, na exaltação dos princípios subalternos em que se envileciam, voltam, depois das medidas iniciais da própria corrigenda, na condição de administradores capacitados à distribuição de valores e tarefas edificantes.

10 - E os dominadores políticos que dilapidaram a confiança do povo?

- Políticos que dilapidaram a confiança do povo, quando já situados nas linhas do reajuste, retornam, no comércio ou na agricultura, com valiosa oportunidade de transpirar no auxílio àquelas mesmas comunidades que deprimiram.

11 - E os guerreiros e soldados?

- Guerreiros e soldados que se valiam das armas para assegurarem imunidade aos instintos destruidores quando internados na regeneração começante, transfiguram-se em mecânicos e operários modeladores, dignificando o metal e a madeira que eles próprios perverteram em outras épocas.

12 - E os carrascos rurais?

- Verdugos rurais, agiotas desnaturados, defraudadores da economia pública e mordomos do solo, convertidos em agentes do futuro, modificados ao toque do bem, volvem na posição de servidores limitados da gleba, quando de sol a sol, no pagamento das dívidas, a que se empenharam, imprevidentes.

13 - E as mulheres que se ocuparam da maledicência e da intriga?

- Mulheres distintas que se ocuparam da maledicência e da intriga, prejudicando a liberdade e progresso, após reconhecerem os próprios erros, tornaram, em regime de transitório cativo, ao recinto doméstico, aprisionadas em singelas obrigações, junto às caçarolas e tanques de lavar.

14 - O que significa, enfim, para nós, o trabalho que a Terra nos dá?

- Reflitamos na situação em que o presente nos coloca e encontraremos dentro dela os sinais do passado e usando-a, não apenas em nosso favor, mas em favor de todos aqueles que se aproximarem de nós, reconheceremos, no trabalho que a vida nos oferece, iluminada porta libertadora para o grande futuro.

*

05

EMMANUEL – O CONSOLADOR

IV – ESPIRITISMO – FÉ

359 – Nas cogitações da fé, o Espírito encarnado deve restringir suas divagações ao limite necessário às suas experiências na Terra?

- Pelo menos, é justo que somente cogite das expressões transcendentais ao seu meio, depois de realizar todo o esforço de iluminação que o mundo lhe pode proporcionar nos seus processos de depuração e aperfeiçoamento.

360 – Qual deve ser a ação do espiritista em face dos dogmas religiosos?

- Os novos discípulos do Evangelho devem compreender que os dogmas passaram. E as religiões literalistas, que os construíram, sempre o fizeram simplesmente em obediência a disposições políticas, no governo das massas. Dentro das novas expressões evolutivas, porém, os espiritistas devem evitar as expressões dogmáticas, compreendendo que a Doutrina é progressiva, esquivando-se a qualquer pretensão de infalibilidade, em face da grandeza inultrapassável do Evangelho.

361 – Na propaganda da fé, é justo que os espíritas ou os médiuns estejam preocupados em converter aos princípios da Doutrina os homens de posição destacada no mundo, como os juizes, os médicos, os professores, os literatos, os políticos, etc.?

- Os espiritistas cristãos devem pensar muito na iluminação de si mesmos, antes de qualquer prurido, no intuito de converter os outros.

E, ao tratar-se dos homens destacados no convencionalismo terrestre, esse cuidado deve ser ainda maior, porquanto há no mundo um conceito soberano de “força” para todas as criaturas que se encontram nos embates espirituais para a obtenção dos títulos de progresso. Essa “força” viverá entre os homens até que as almas humanas se compenetrem da necessidade do reino de Jesus em seu coração, trabalhando por sua realização plena. Os homens do poder temporal, com exceções, muitas vezes aceitam somente os postulados que a “força” sanciona ou os princípios com que a mesma concorda. Enceguecidos temporariamente pelos véus da vaidade e

da fantasia, que a “força” lhes proporciona, faz-se mister deixá-los em liberdade nas suas experiências. Dia virá em que brilharão na Terra os eternos direitos da verdade e do bem, anulando essa “força” transitória. Ainda aqui, tendes o exemplo do Divino Mestre para todos os tempos, não teve a preocupação de converter ao Evangelho os Pilatos e os Ântipas do seu tempo. Além do mais, o Espiritismo, na sua feição de Cristianismo redivivo, não deve nutrir a pretensão de disputar um lugar no banquete dos Estados do mundo, quando sabe muito bem que a sua missão divina há de cumprir-se junto das almas, nos legítimos fundamentos do Reino de Jesus.

*

O CONSOLADOR – EMMANUEL

V – MEDIUNIDADE – DESENVOLVIMENTO

389 – A mediunidade pode ser retirada em determinadas circunstâncias da vida?

-Os atributos medianímicos são como os talentos do Evangelho. Se o patrimônio divino é desviado de seus fins, o mal servo torna-se indigno da confiança do Senhor da seara da verdade e do amor. Multiplicados no bem, os talentos mediúnicos crescerão para Jesus, sob as bênçãos divinas; todavia, se sofrem os insultos do egoísmo; do orgulho; da vaidade ou da exploração inferior, podem deixar o intermediário do invisível entre as sombras pesadas do estacionamento, nas mais dolorosas perspectivas de expiação, em vista do acréscimo de seus débitos irrefletidos.

390 – É justo que um médium confie em si mesmo para a provocação de fenômenos, organizando trabalhos especiais com o fim de converter os descrentes?

-Onde o médium em tão elevada condição de pureza e merecimento, para contar com as suas próprias forças na produção desse ou daquele fenômeno? Ninguém vale, na terra, senão pela expressão da misericórdia divina que o acompanha, e a sabedoria do plano superior conhece minuciosamente as necessidades e méritos de cada um. A tentativa de tais trabalhos é um erro grave. Um fenômeno não edifica a fé sincera, somente conseguida pelo esforço e boa-vontade pessoal na meditação e no trabalho interior. Os descrentes chegarão à Verdade, algum dia, e a Verdade é Jesus. Anteciparmo-nos à ação do Mestre não seria testemunho de confusão? Organizar sessões medianímicas com objetivo de arrebanhar prosélitos é agir com demasiada leviandade. O que é santo e divino ficaria exposto aos julgamentos precipitados dos mais ignorantes e ao assalto destruidor dos mais perversos, como se a Verdade de Jesus fosse objeto de espetáculos, nos picadeiros de um circo.

391 – Os irracionais possuem mediunidade?

-Os irracionais não possuem faculdades mediúnicas propriamente ditas. Contudo, têm percepções psíquicas embrionárias, condizentes ao seu estado evolutivo, através das quais podem indiciar as entidades deliberadamente perturbadoras, com fins inferiores, para estabelecer a perplexidade naqueles que os acompanham em determinadas circunstâncias.

*

06

O LIVRO DOS MÉDIUNS – ALLAN KARDEC CAPÍTULO XVII – FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS – DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE

208, Tem-se procurado encontrar processos para a formação de médiuns, bem como meios de diagnosticar a mediunidade. Até o momento não conhecemos outros mais eficazes do que esses que indicamos. Supondo que o obstáculo ao desenvolvimento da faculdade é de ordem inteiramente material, algumas pessoas

pretendem vencê-lo por uma espécie de ginástica quase capaz de deslocar o braço e a cabeça. Não descrevemos esse processo, que nos chega através do Atlântico, não só por não termos nenhuma prova de sua eficácia, mas por estarmos convencidos de que pode ser perigoso para as compleições delicadas, pelo abalo do sistema nervoso. Se não existirem os germes da faculdade, nada a poderá dar, nem mesmo a eletrização das pessoas, que sem êxito algum já foi empregada.

209. A fé não é condição obrigatória para o iniciante. Ela secunda os esforços, não há dúvida, mas não é indispensável. A pureza de intenção, o desejo e a boa vontade bastam. Vimos pessoas completamente incrédulas ficarem espantadas de escreverem sem querer, enquanto crentes sinceros não o conseguiam, o que prova que essa faculdade se relaciona com predisposições orgânicas. (3) (As experiências de escrita automática na Psicologia, iniciadas por Pierre Janet, comprovam esta observação de Kardec. O fenômeno é natural e ocorre em qualquer circunstância. O problema da fé está ligado ao aspecto religioso do Espiritismo e sua importância não é fundamental no tocante aos resultados que se queiram obter. A ação da fé se manifesta no controle das manifestações, afastando influências negativas e permitindo obter-se comunicações de Espíritos amigos, de entes queridos ou de entidades superiores. (N. do T.)

210. O primeiro indício da disposição para escrever é uma espécie de frêmito no braço e na mão. Pouco a pouco a mão é arrastada por um impulso que não pode dominar. Quase sempre, de início, traça apenas sinais sem significação. Depois, os caracteres se tornam mais precisos, e por fim a escrita se processa com a rapidez da escrita normal. Mas é sempre necessário abandonar a mão ao seu movimento natural, não embaraçando-a nem propelindo-a.

Certos médiuns escrevem correntemente e com facilidade desde o início, às vezes mesmo desde a primeira sessão, o que é bastante raro. Outros fazem por muito tempo apenas traços e verdadeiros exercícios caligráficos. Dizem os Espíritos que é para desentruar-lhes a mão. Se esses exercícios se prolongarem demais ou degenerarem em sinais ridículos, não há dúvida que um Espírito se diverte, porque os bons Espíritos nada fazem de inútil. Nesse caso, deve-se redobrar o fervor no apelo aos Espíritos bons. Se, apesar disso, não houver modificação, é necessário parar, desde que nada se obtém de sério. Pode-se fazer a tentativa diariamente, mas convém cessar aos primeiros sinais equívocos, para não se dar oportunidade aos Espíritos zombeteiros.

A essas observações acrescenta um Espírito: "Há médiuns cuja faculdade não pode ir além desses sinais. Quando, após alguns meses, não obtiverem mais do que insignificâncias, como um sim ou um não, ou letras isoladas, será inútil persistir, gastando papel em pura perda". São médiuns, mas médiuns improdutivos. Aliás, as primeiras comunicações obtidas só devem ser consideradas como exercícios a cargo de Espíritos secundários, pelo que não se deve atribuir-lhes senão um valor medíocre.

Trata-se de Espíritos empregados, por assim dizer, como mestres de escrita, para treinarem o médium iniciante. Não acrediteis jamais que Espíritos elevados levem o médium a fazer esses exercícios preparatórios. Mas acontece que, se o médium não tiver um objetivo sério, esses Espíritos prosseguem e se ligam a ele. Quase todos os médiuns passaram por essa prova para se desenvolverem. Cabe a eles fazer o necessário para conquistar a simpatia dos Espíritos verdadeiramente superiores.

*

07

PRÁTICA DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

*

FINAL DA REUNIÃO

*

4ª REUNIÃO – 08 DE JUNHO DE 2.016**01****SEARA DOS MÉDIUNS - EMMANUEL****4 - Ante a mediunidade****Reunião pública de 15/1/60 - Questão nº 30**

No trato da mediunidade, não andemos à cata de louros terrestres, nem mesmo esperemos pelo entendimento imediato das criaturas.

Age e serve, ajuda e socorre sem recompensa.

Recordemos Jesus e os fenômenos do espírito.

Ainda criança, ele se submete, no Templo, ao exame de homens doutos que lhe ouvem o verbo com imensa admiração, mas a atitude dos sábios não passa de êxtase improdutivo.

João Batista, o amigo eleito para organizar-lhe os caminhos, depois de vê-lo nimbado de luz, em plena consagração messiânica, ante as vozes diretas do Plano Superior, envia mensageiros para lhe verificarem a idoneidade.

Dos nazarenos que lhe desfrutam a convivência, apenas recebe zombaria e desprezo.

Dos enfermos que lhe ouvem o sermão do monte, buscando tocá-lo, ansiosos, na expectativa da própria cura, não se destaca um só para segui-lo até à cruz.

Dos setenta discípulos designados para misteres santificantes, não há lembrança de qualquer deles, na lealdade maior.

Dos seguidores que comeram os pães multiplicados, ninguém surge perguntando pelo burilamento da alma.

Dos numerosos doentes por ele reerguidos à bênção da saúde, nenhum aparece, nos instantes amargos, para testemunhar-lhe agradecimento.

Nicodemos, que podia assimilar-lhe os princípios, procura-lhe a palavra, na sombra noturna, sem coragem de liberar-se dos preconceitos.

Dos admiradores que o saúdam em regozijo, na entrada triunfal em Jerusalém, não emerge uma voz para defendê-lo das falsas acusações, perante a justiça.

Judas, que lhe conhece a intimidade, não hesita em comprometer-lhe a obra, diante dos interesses inferiores.

Somente aqueles que modificaram as próprias vidas foram capazes de refleti-lo, na glória do apostolado.

Pedro, fraco, fez-se forte na fé, e, esquecendo a si mesmo, busca servi-lo até à morte.

Maria de Magdala, tresmalhada na obsessão, recupera o próprio equilíbrio e, apagando-se na humildade, converte-se em mensageira de esperança e ressurreição.

Joana de Cusa, amolecida no conforto doméstico, olvida as conveniências humanas e acompanha-lhe os passos, sem vacilar no martírio.

Paulo de Tarso, o perseguidor, aceita-lhe a palavra amorosa e estende-lhe a Boa-Nova em suprema renúncia.

Não detenhas, assim, qualquer ilusão à frente dos fenômenos medianímicos.

Encontrarás sempre, e por toda parte, muitas pessoas beneficiadas e crentes, como testemunhas convencidas e deslumbradas diante deles; mas, apenas aquelas que transfiguram a si mesmas, aperfeiçoando-se em bases de sacrifício pela felicidade dos outros, conseguem aproveitá-los no serviço constante em louvor do bem.

*

02
BEZERRA, CHICO E VOCÊ
REENCONTRO

... em verdade, encontramos-nos na oração, como quem se vê num ponto determinado de ação em que as vossas ansiedades nos interpelam os bons desejos.

Como nos seria grata a possibilidade de satisfazer-vos a todos, em vossas requisições afetivas!

*

... mães que buscais os filhos que a morte vos arrebatou ao carinho, pais que esperais por respostas à própria dor as mensagens dos entes queridos que vos antecederam na Vida Maior, esposas que a saudade marca, a fogo de lágrimas, tentando mitigar o próprio sofrimento com as palavras de companheiros trazidos à Espiritualidade, quando mais necessitavam viver e amigos que suplicais o verbo de afeições aparentemente desaparecidas na voragem das grandes transformações!

Todos estais conosco, todos aguardais...

Entretanto, o Ensino do Senhor é de vida eterna a concretizar-se em bênçãos de paz e felicidade, através do serviço ao próximo.

*

... relevai-nos se não podemos transgredir as leis vibratórias e os princípios cármicos que nos governam a todos, a fim de satisfazer-vos.

Asseguramos-vos, porém, que os nossos afetos nunca se extinguem.

Com o tempo e com a bênção do amor uns pelos outros dentro do tempo, todos nos reencontraremos para celebrar a união sem adeus.

... aguardemos trabalhando na construção do bem, na certeza de que no bem para os outros, surpreenderemos o nosso próprio bem.

*

... as lições de sempre destacam o valor da verdade e da caridade, evidenciando a grandeza do “servir”, acima da luz relativa ao “conhecer”.

Todos, indistintamente, possuímos determinada parcela da verdade e nessa parcela do conhecimento superior ser-nos-á possível o insulamento nos pontos de vista que tantas vezes nos têm separado, nas leiras do tempo. Mas, a caridade é aquela força divina que nos desloca de nossas próprias torres individuais para a reunião sublime de uns para com os outros.

Detenhamo-nos em semelhante realidade para converter as horas de que dispomos em degraus para a Vida Maior, à busca dos entes que mais amamos.

... atravessamos na Terra momentos difíceis, no que tange aos valores espirituais, de vez que as agitações do ambiente humano nos concitam a testes de fraternidade e compreensão, em todos os momentos da vida.

Não nos iludamos.

Ontem vos separastes das pessoas queridas, hoje domiciliadas no Mais Além, amanhã sereis vós os companheiros que nos compartilharão as faixas de vida nova.

*

... elevemo-nos pela execução do programa do Cristo a que estamos chamados: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”.

*

... auxiliemos para sermos auxiliados.

Compreendamos para sermos compreendidos.

Atendamos aos recursos do coração para socorrer-nos uns aos outros.

Pacifiquemo-nos, por dentro, para tranquilizar a vida que se nos estende ao redor dos passos.

*

... se indagardes, ainda hoje, quanto à solução dos problemas que vos afligem a atualidade terrestre, a resposta-síntese ainda é aquela de há quase dois mil anos - "caridade de uns para com os outros".

Caridade que se vos expresse em respeito e entendimento fraternal no relacionamento de cada dia. Caridade que se torne gentileza diante da agressividade; paciência para com o desequilíbrio; fé viva perante as chamadas desilusões do caminho; otimismo à frente das provas; bênção para com todos aqueles que amaldiçoam; auxílio para com os mais jovens na experiência física, em forma de bondade e compreensão das lutas que porventura carreguem; reconforto em favor de quantos se vejam transitoriamente detidos na maturidade avançada do corpo em marcha perante a renovação...

Caridade dos que sabem, ajudando fraternalmente aos que ignoram; dos que usufruem saúde corpórea diante de quantos se vejam corroídos pelos agentes da enfermidade; dos mais fortes, sustentando os fracos e indecisos; dos que entesouraram esperança em socorro dos que jazem exaustos nos problemas inquietantes da vida; dos que podem distribuir, pelo menos, migalhas de auxílio, no amparo aos que se viram encarcerados em abatimento e penúria; dos que são apoiados pela realização dos próprios ideais na sustentação dos que choram na angústia; de todos os que podem auxiliar, desse ou daquele modo, para construir o Mundo Melhor.

Tão somente na caridade – luz divina – a fluir de nós na direção dos outros, conseguiremos melhorar o que somos e o que temos, para sermos o que nos cabe ser e alcançar os valores que desejamos.

*

... recordemos: O Cristo ressurgiu para que ressurjamos, ensinou para que aprendamos, amou-nos, tanto quanto nos ama sempre, para que saibamos realmente amar-nos mutuamente e veio até nós para que nos elevemos até Ele, conduzindo pelo amor os que nos compartilham a existência, na edificação da Terra mais feliz.

De mensagem recebida em 07.04.1973.

*

03

ANDRÉ LUIZ – RESPOSTAS DA VIDA

4. Viver melhor

Todos queremos ser felizes, viver melhor.

Entretanto, ouçamos a experiência.

A felicidade não é um tapete mágico. Ela nasce do bem que você espalhe, não daqueles que se acumulam inutilmente.

Tanto isto é verdade que a alegria é a única doação que você pode fazer sem possuir nenhuma.

Você pode estar em dificuldade e suprimir muitas dificuldades dos outros.

Conquanto às vezes sem qualquer consolação, você dispõe de imensos recursos para reconfortar e reerguer os irmãos em prova ou desvalimento.

A receita de vida melhor será sempre melhorar-nos, através da melhora que venhamos a realizar para os outros.

A vida é dom de Deus em todos.

E quem serve só pra si não serve para os objetivos da vida, porque viver é participar, progredir, elevar, integrar-se.

Se aspiramos a viver melhor, escolhamos o lugar de servir na causa do bem de todos.

Para isso, não precisa você condicionar-se a alheios pontos de vista..

Engaje-se na fileira de servidores que se lhe afine com as aptidões.

Aliste-se em qualquer serviço no bem comum.

É tão importante colaborar na higiene do seu bairro ou na construção de uma escola, quanto auxiliar a uma criança necessitada ou prestar apoio a um doente.

Procure a Paz, garantindo a Paz onde esteja.

Viva em segurança, cooperando na segurança dos outros.

Aprendamos a entregar o melhor de nós à vida que nos rodeia e a vida nos fará receber o melhor dela própria.

Seja feliz, fazendo os outros felizes.

Saia de você mesmo ao encontro dos outros, mas não resmungue, nem se queixe contra ninguém. E os outros nos farão encontrar Deus.

Não julgue que semelhante instrução seja assunto unicamente para você que ainda se acha na Terra. Se você acredita que os chamados mortos estão em paz gratuita, engano seu, porque os mortos se quiserem paz que aprendam a sair de si mesmos e a servirem também.

*

04

EMMANUEL – LEIS DE AMOR

V - Divórcio - Suicídio - Aborto

1 - Compreendendo que muitos casamentos resultam em uniões infelizes e, às vezes, até mesmo profundamente antipáticas, induzindo os cônjuges ao divórcio, como interpretar a fase de atração recíproca, repleta de alegria e esperança, que caracterizou o namoro e o noivado?

- Qualquer pessoa que aspire um título elevado passa pela fase de encantamento.

Esfalfa-se o professor pela ascensão à cátedra. Conseguindo o certificado de competência, é imperioso entregar-se ao estudo incessante para atender às exigências do magistério.

- Esforça-se o acadêmico pela conquista do diploma que lhe autoriza o exercício da profissão liberal. Laureado pela distinção, sente-se compelido a trabalho infatigável, de modo a sustentar-se na responsabilidade em que anela viver.

- Assim, também, o matrimônio.

2 - Como interpretar as contrariedades e desgostos domésticos?

- O homem e a mulher aguardam o casamento, embalados na melodia do sonho, entretanto, atingida a convivência no lar, surgem as obrigações, decorrentes do pretérito, através do programa de serviço traçado para cada um de nós pela reencarnação, que nos compele a retomar, na intimidade, todos os nossos erros e desacertos.

- Fácil, dessa forma, reconhecer que todas as dificuldades domésticas são empecos, trazidos por nós próprios, das existências passadas.

3 - De modo geral, quem é, nas leis do destino, o marido faltoso?

- Marido faltoso é aquele mesmo homem que, um dia, inclinamos à crueldade e à mentira.

4 - E a esposa desequilibrada?

- Esposa desequilibrada é aquela mulher que, certa feita, relegamos à necessidade e à viciação.

5 - Que são os filhos-problemas?

- Filhos-problemas são aqueles mesmos espíritos que prejudicamos, desfigurando lhes o caráter e envenenando-lhes os sentimentos.

6 - Qual a função essencial do lar e da família?

- No caminho familiar, purificam-se impulsos e renovam-se decisões. Nele encontramos os estímulos ao trabalho e as tentações que nos comprovam as qualidades adquiridas, as

alegrias que nos alentam e as dores que nos corrigem.

7 - Como é encarado o divórcio nos planos superiores do Espírito?

- O divórcio, conquanto às vezes necessário, não é caminho salvador quando lutas se agravem. Ninguém colhe flores do plantio de pedras.
- Só o tempo consegue dissipar as sombras que amontoamos com o tempo. Só o perdão incondicional apaga as ofensas; apenas o bem extingue o mal.

8 - Existem casos francamente insolúveis nos casamentos desventurados; não será o divórcio o mal menor para evitar maiores males?

- Muitos dizem que o divórcio é válvula de escape para evitar o crime e não ousamos contestar. Casos surgem nos quais ele funciona, por medida lamentável, afastando males maiores, qual amputação que evita a morte, mas será sempre quitação adiada, à maneira de reforma do débito contraído.

9 - Por mais rápidas se façam as lutas, no casamento, é melhor permanecer dentro dele?
- Pagar é libertar-se, aprender é assimilar a lição.

10 - Quais são as piores conseqüências das ligações carnis desditosas, além daquelas que se apresentam nos sofrimentos das frustrações ou lesões emotivas?

- É forçoso observar que da afeição sexual descontrolada surgem muitas calamidades para a vida do Espírito, dentre as quais destacaremos, a par da fascinação ou do ódio, nos problemas da obsessão, o suicídio e o aborto, como sendo as mais lastimáveis.

11 - Como é interpretado o aborto nos planos superiores da Vida Espiritual?

- O aborto provocado, mesmo diante de regulamentos humanos que o permitam, é um crime perante as Leis de Deus.

12 - Quais os resultados imediatos do aborto para as mães e pais que o praticam?

- Praticando o aborto, mães e pais cruéis ou irresponsáveis afastam de si mesmos os recursos de reabilitação e felicidade que lhes iluminariam, mais tarde, os caminhos, seja impedindo a reencarnação de Espíritos amigos que lhes garantiriam a segurança e o reconforto ou impedindo o renascimento de antigos desafetos, com os quais poderiam adquirir a própria tranquilidade pela solução de velhas contas.

13 - O aborto oferece conseqüências dolorosas especiais para as mães?

- O aborto oferece funestas intercorrências para as mulheres que a ele se submetem, impelindo-as à desencarnação prematura, seja pelo câncer ou por outras moléstias de formação obscura, quando não se anulam os aflitivos processos de obsessão.

14 - E para os pais?

- Os pais que cooperam nos delitos do aborto, tanto quanto os ginecologistas que o favorecem, vêm a sofrer os resultados da crueldade que praticam, atraindo sobre as próprias cabeças os sofrimentos e os desesperos das próprias vítimas, relegadas por eles aos percalços e sombras da vida espiritual de esferas inferiores.

15 - As criaturas que se suicidaram em razão das decepções encontradas nas ligações afetivas, agravam os sofrimentos de outrem, além dos sofrimentos que elas próprias encontram?

- Muitos Espíritos fracos, que por razões de infelicidade na afeição sexual atiram-se ao suicídio, encontram padecimentos gigantescos, como quem salta no escuro sobre precipícios de brasas, criando derivações de angústia para os causadores de semelhantes tragédias.

16 - Os casos de suicídio nas uniões carnis infelizes agravam provas em casamentos futuros?

- Quantos violam a passagem da morte, crendo erroneamente alcançar o repouso, nada mais encontram senão suplício e desespero, a gerarem, no âmago de si mesmos, os pavorosos conflitos, que apenas as reencarnações regenerativas conseguem remediar.

Saibamos tolerar com paciência as provações que o mundo nos ofereça, criando o bem sobre todos os males que nos cheguem das existências que já vivemos, na convicção de que fugir ao dever – por mais doloroso seja o dever que nos caiba – será sempre abraçar o pior. Em quaisquer atribulações ou dificuldades, a nossa obrigação individual é fazer o melhor ao nosso alcance para que o bem triunfe.

17 - Que fazer para extinguir os males evidentes das ligações afetivas inconsideradas e desditosas?

- Em todos os departamentos da luta humana, os compromissos do passado reaparecem.

- Indispensável revestir-se a alma de forças para vencer, em si mesma, os pontos vulneráveis que, em outro tempo, a fizeram cair.

18- Qual a direção pessoal que devemos adotar para vencer os dissabores do lar infeliz?

- Evitemos o divórcio, tanto quanto possível, e combatamos o aborto e o suicídio com todos os recursos de raciocínio e esclarecimento de que possamos dispor.

- O divórcio adia o resgate.

- O aborto complica o destino.

- O suicídio agrava todos os sofrimentos.

*

05

EMMANUEL – O CONSOLADOR

IV – ESPIRITISMO – FÉ

PROSÉLITOS

362 – *Poderemos receber um novo ensino sobre os deveres que competem aos espiritistas?*

- Não devemos especificar os deveres do espiritista cristão, porque palavra alguma poderá superar a exemplificação do Cristo, que todo discípulo deve tomar como roteiro da sua vida.

Que o espiritista, nas suas atividades comuns, dispense o máximo de indulgência para com os seus semelhantes, sem nenhuma para consigo mesmo, porque antes de cogitar da iluminação dos outros, deverá buscar a iluminação de si mesmo, no cumprimento de suas obrigações.

363 – *Como se justifica a existência de certas lutas antifraternas dentro dos grupos espiritistas?*

- OS agrupamentos espiritistas necessitam entender que o seu aparelhamento não pode ser análogo ao das associações propriamente humanas.

Um grêmio espírita-cristão deve ter, mais que tudo, a característica familiar, onde o amor e a simplicidade figurem na manifestação de todos os sentimentos.

Em uma entidade doutrinária, quando surgem as dissensões e lutas internas, revelando partidarismos e hostilidades, é sinal de ausência do Evangelho nos corações, demonstrando-se pelo excesso de material humano e pressagiando o naufrágio das intenções mais generosas.

Nesses núcleos de estudo, nenhuma realização se fará sem fraternidade e humildade legítimas, sendo imprescindível que todos os companheiros entre si, vigiem na boa-vontade e na sinceridade, a fim de não transformarem a excelência do seu patrimônio espiritual numa reprodução dos conventículos católicos, inutilizados pela intriga e pelo fingimento.

364 – *O espiritista para evoluir na Doutrina necessita estudar e meditar por si mesmo, ou será suficiente frequentar as organizações doutrinárias, esperando a palavra dos guias?*

- É indispensável a cada um o esforço próprio no estudo, meditação, cultivo e

aplicação da Doutrina, em toda a intimidade de sua vida.

A frequência às sessões ou o fato de presenciar esse ou aquele fenômeno, aceitando-lhe a veracidade, não traduz aquisição de conhecimentos.

Um guia espiritual pode ser um bom amigo, mas nunca poderá desempenhar os vossos deveres próprios, nem vos arrancar das provas e das experiências imprescindíveis à vossa iluminação.

Daí surge a necessidade de vos preparardes individualmente, na Doutrina, para viverdes tais experiências com dignidade espiritual, no instante oportuno.

365 – Como deveremos receber os ataques da crítica?

-Os espiritistas devem receber a crítica dos campos de opinião contrária, com o máximo de serenidade moral, reconhecendo-lhe a utilidade essencial.

Essas críticas se apresentam, quase sempre, com finalidade preciosa, qual a de selecionar, naturalmente as contribuições da propaganda doutrinária, afastando os elementos perturbadores e confusos, e valorizando a cooperação legítima e sincera, porque todo ataque à verdade pura serve apenas para destacar e exaltar essa mesma verdade.

366 – Como deverá agir o espírita sincero, quando se encontre perante certas extravagâncias doutrinárias?

-À luz da fraternidade pura, jamais neguemos o concurso da boa palavra e da contribuição direta, sempre que oportuno, em benefício do esclarecimento de todos, guardando, todavia, o cuidado de nunca transigir com os verdadeiros princípios evangélicos, sem, contudo ferir os sentimentos das pessoas. E se as pessoas perseverarem na incompreensão, cuide cada trabalhador da sua tarefa, porque Jesus afirmou que o trigo crescerá ao lado do joio, em sua seara santa, mas Ele, o Cultivador da Verdade Divina, saberá escolher o bom grão na época da ceifa.

*

EMMANUEL - O CONSOLADOR

V – MEDIUNIDADE – DESENVOLVIMENTO

PREPARAÇÃO

392 – Pode contar um médium, de maneira absoluta, com os seus guias espirituais, dispensando os estudos?

Os mentores de um médium, por mais dedicados e evoluídos, não lhe poderão tolher a vontade e nem lhe afastar o coração das lutas indispensáveis da vida, em cujos benefícios todos os homens resgatam o passado delituoso e obscuro, conquistando méritos novos.

O médium tem obrigação de estudar muito, observar intensamente e trabalhar em todos os instantes pela sua própria iluminação. Somente desse modo poderá habilitar-se para o desempenho da tarefa que lhe foi confiada, cooperando eficazmente com os Espíritos sinceros e devotados ao bem e á verdade.

Se um médium espera muito dos seus guias, é lícito que os seus mentores espirituais muito esperem do seu esforço. E como todo progresso humano, para ser continuado, não pode prescindir de suas bases já edificadas no espaço, sempre que possível, criando o hábito de conviver com o espírito luminoso e benéfico dos instrutores da Humanidade, sob a égide de Jesus, sempre vivo no mundo, através dos seus livros e da sua exemplificação.

O costume de tudo aguardar de um guia pode transformar-se em vício detestável, infirmo as possibilidades mais preciosas da alma. Chegando-se a esse desvirtuamento, atinge-se o declive das mistificações e das extravagâncias doutrinárias, tornando-se o médium preguiçoso e leviano responsável pelo desvio de sua tarefa sagrada.

393 – *Como entender a obsessão: É prova, inevitável, ou acidente que se possa afastar facilmente, anulando-se os efeitos?*

-A obsessão é sempre uma prova, nunca um acontecimento eventual. No seu exame, contudo, precisamos considerar os méritos da vítima e a dispensa da misericórdia divina a todos os que sofrem.

Para atenuar ou afastar os seus efeitos, é imprescindível o sentimento do amor universal no coração daquele que fala em nome de Jesus. Não bastarão as fórmulas doutrinárias. É indispensável a dedicação, pela fraternidade mais pura. Os que se entregam à tarefa da cura das obsessões precisam ponderar, antes de tudo, a necessidade de iluminação interior do médium perturbado, porquanto na sua educação espiritual reside a própria cura. Se a execução desse esforço não se efetua, tende cuidado, porque, então, os efeitos serão extensivos a todos os centros de força orgânica e psíquica. O obsidiado que entrega o corpo, sem resistência moral, às entidades ignorantes e perturbadas, é como o artista que entregasse seu violino precioso a um malfeitor, o qual, um dia, poderá renunciar à posse do instrumento que lhe não pertence, deixando-o esfacelado, sem que o legítimo, mas imprevidente dono, possa utilizá-lo nas finalidades sagradas da vida.

394 – *Será sempre útil, para a cura de um obsidiado, a doutrinação do Espírito perturbado, por parte de um spiritista convicto?*

-A cooperação do companheiro vale muito e faz sempre grande bem, principalmente ao desencarnado; mas a cura completa do médium não depende tão-só desse recurso, porque, se é fácil, às vezes, o esclarecimento da entidade infeliz e sofredora, a doutrinação do encarnado é a mais difícil de todas, visto requisitar os valores do seu sentimento e da sua boa-vontade, sem o que a cura psíquica se torna inexequível.

395 – *Pode a obsessão transformar-se em loucura?*

-Qualquer obsessão pode transformar-se em loucura, não só quando a lei das provações assim o exige, como também na hipótese de o obsidiado entregar-se voluntariamente ao assédio das forças noviças que o cercam, preferindo esse gênero de experiências.

*

06

O LIVRO DOS MÉDIUNS – ALLAN KARDEC CAPÍTULO XVII – FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS – DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE

211. A dificuldade encontrada pela maioria dos médiuns iniciantes é a de ter que tratar com os Espíritos inferiores, e eles devem considerar-se felizes quando se trata de Espíritos apenas levianos. Toda a sua atenção deve ser empregada para não os deixar tomar pé, porque uma vez firmados nem sempre é fácil afastá-los. Esta é uma questão capital, sobretudo no início, quando, sem as precauções necessárias poder-se-á pôr a perder as mais belas faculdades.

A primeira precaução é armar-se o médium de uma fé sincera, sob a proteção de Deus, pedindo a assistência do seu anjo guardião. Este é sempre bom, enquanto os Espíritos familiares, simpatizando com as boas ou más qualidades do médium, podem ser levianos ou até mesmo maus.

A segunda precaução é dedicar-se com escrupuloso cuidado a reconhecer, por todos os indícios que a experiência oferece, a natureza dos primeiros Espíritos comunicantes, dos quais é sempre prudente desconfiar. Se esses indícios forem suspeitos, deve-se apelar com fervor ao anjo guardião e repelir com todas as forças o mau Espírito, provando-lhe que não conseguiu enganar, para o desencorajar. Eis

porque o estudo prévio da teoria é indispensável, se o médium pretende evitar os inconvenientes inseparáveis da falta de experiência. As instruções a respeito, bem desenvolvidas, estão nos capítulos sobre a Obsessão e a Identidade dos Espíritos.

Aqui nos limitaremos a dizer que, além da linguagem, podemos considerar como provas infalíveis da inferioridade dos Espíritos: todos os sinais, figuras, emblemas inúteis ou pueris; toda escrita bizarra, irregular, intencionalmente deformada, de tamanho exagerado ou em formas ridículas e estranhas. Mas a escrita pode ser muito ruim, até mesmo pouco legível o que depende mais do médium que do Espírito, sem ter nada de insólita. Temos visto médiuns enganados de tal maneira que medem a superioridade dos Espíritos pelo tamanho das letras, dando grande importância às letras bem modeladas, como caracteres de imprensa, puerilidade realmente incompatível com a superioridade real.

212. Se o médium deve evitar de cair, sem querer, na dependência de Espíritos maus, mais ainda deve evitar de entregar-se voluntariamente a eles. Uma vontade incontrolada de escrever não deve levá-lo a crer no primeiro Espírito que se apresente, a menos que pretenda livrar-se dele mais tarde, quando não mais lhe convier. Mas não se pede impunemente a assistência, seja para o que for, de um Espírito mau, que pode exigir pagamento muito caro dos seus serviços.

Algumas pessoas, impacientes com o seu desenvolvimento mediúnico, que acham muito lento, lembram-se de pedir o auxílio de qualquer Espírito, mesmo que seja mau, contando mandá-lo embora depois. Muitas foram logo atendidas e escreveram imediatamente. Mas o Espírito, não se importando de haver sido chamado nessas condições, mostrou-se indócil na hora de sair. Sabemos das que foram punidas em sua presunção, julgando-se fortes para afastá-los à vontade, por anos de obsessão de toda a espécie, pelas mistificações mais ridículas, por uma fascinação tenaz ou mesmo por desastres materiais e pelas mais cruéis decepções. O Espírito mostrou-se de início francamente mau, depois tornou-se hipócrita, tentando fazer crer na sua conversão ou fingindo acreditar no pretense poder do seu subjogado para expulsá-lo quando quisesse.

213. A escrita é às vezes bem legível, as palavras e as letras perfeitamente destacadas. Mas com certos médiuns é difícil de decifrar por outras pessoas, sendo necessário habituar-se a ela. Muito frequentemente é formada por grandes traços. Os Espíritos economizam pouco o papel. Quando uma palavra ou uma frase são pouco legíveis, pede-se ao Espírito o favor de recomeça-las, o que geralmente faz de boa vontade. Quando a escrita é habitualmente ilegível, mesmo para o médium, este quase sempre consegue torná-la mais nítida, por meio de exercícios frequentes e regulares, feitos com muita força de vontade e rogando com ardor ao Espírito que seja mais correto. Alguns Espíritos adotam muitas vezes sinais convencionais que usam nas reuniões habituais. Para mostrar que uma pergunta os desagrada e que não querem respondê-la, farão, por exemplo, um comprido risco ou outra coisa semelhante.

Quando o Espírito chegou ao fim do que tinha a dizer, ou não quer mais responder, a mão se imobiliza e o médium, qualquer que seja o seu poder ou a sua força de vontade, não consegue obter mais nem uma palavra. Ao contrário, quando ainda não terminou, o lápis prossegue sem que a mão possa detê-lo. Se quiser dizer espontaneamente alguma coisa, a mão pega convulsivamente o lápis e começa a escrever, sem poder opor-se. Aliás, o médium sente quase sempre algo que lhe indica se houve apenas uma parada ou se o Espírito terminou. É raro que não sinta quando o Espírito partiu.

São estas as explicações mais importantes que tínhamos a dar, no tocante ao

desenvolvimento da psicografia. A experiência mostrará, na prática, certos detalhes que seria inútil tratar aqui e que os princípios gerais orientarão. Que muitos experimentem, e aparecerão mais médiuns do que se pensa.

*

07**PRÁTICA DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO**

*

FINAL DA REUNIÃO

*

5ª REUNIÃO – 15 DE JUNHO DE 2016

Parapsicologia («»para o grego παρά "próximo", «psycho» ψυχή, alma ou atividade mental e «apresentar», -λογία, Tratado, estudo) é uma disciplina pseudocientífica que estuda fenômenos paranormais como percepção extra-sensorial, telecinese, telepatia, precognição, clarividência, experiências extracorporais, Espiritismo ou o poltergeist. Os parapsicólogos referem-se a esses eventos como fenômenos psi.

01

SEARA DOS MÉDIUNS - EMMANUEL

5 - Curiosidade

Reunião pública de 18/1/60 - Questão nº 31

A curiosidade, quando respeitável, é princípio da ciência, mas somente princípio. Sem trabalho perseverante, assemelhar-se-ia, decerto, ao primeiro passo de uma longa excursão, interrompida no limiar.

E observando-se que o progresso é obra de todos, é preciso que o seareiro da ação palmilhe a senda dos precursores para realizar o serviço que lhe compete.

Colombo descobre as terras do Novo Mundo, depois de anotar os apontamentos de Perestrelo.

Planté articula os acumuladores de eletricidade, sob a forma de energia química, mas toma por base a pilha de Volta.

Marconi, para alcançar o telégrafo sem fios, utiliza as experiências de Branly.

Pasteur demonstra definitivamente a origem microblana das doenças infecciosas, precedido, porém, por Davaine e outros.

Para tudo isso, no entanto, não se imobilizam em poltronas de sonho, nem param à frente de esboços.

Lutam e sofrem, gastando fósforo e tempo.

*

Por outro lado, é imprescindível reconhecer que a curiosidade, ante o deslumbramento, é qual semente de árvore destinada a bons frutos, conservada, porém, sob uma campânula de vidro.

Imaginemos um índio, habituado aos sons da inúbia e do boré, que aspirasse a conhecer melodias mais elevadas.

Apresentar-lhe, só por isso, uma partitura de Beethoven seria o mesmo que propor a filosofia de Spinoza a uma criança de berço.

Antecedendo a conquista, é imperioso que a educação lhe administre o solfejo na iniciação musical.

*

Não esperes, assim, que os Espíritos Angélicos venham ferir-nos o aprendizado.

Quaisquer recursos demasiado transcendentais, que nos trouxessem, serviriam apenas como fatores de encantamento inútil, à maneira de fogos de artifício, tumultuando a emoção dos meninos necessitados da escola.

Da pedra ao micróbio, do micróbio ao verme, do verme ao homem e do homem à estrela, o Universo é todo um conjunto de soberbos fenômenos, desafiando-nos o conhecimento e a interpretação.

Também, na mediunidade, não aguardes concessões de pechincha.

Há, nos reinos do espírito, leis e princípios, novas revelações e novos mundos a conquistar.

Isso, entretanto, exige, antes de tudo, paciência e trabalho, responsabilidade e entendimento, atenção e suor.

*

02

BEZERRA, CHICO E VOCÊ

IMPERATIVO MAIOR

... confiemo-nos a Jesus, agindo e abençoando constantemente, porque encontramos, no Mais Além, princípio da caridade por norma de ação.

Se quisermos a própria melhoria e progresso, empenhemo-nos hoje a transmitir aos que nos rodeiam, semelhante chave de luz, a única que se nos mostra capaz de abrir as portas da Senda para o Mais Alto.

É por isso que vos reafirmamos na condição habitual de companheiro e servidor: -Filhos, amar sempre, com esquecimento de nós mesmos é o caminho e a luz para o caminho.

Ainda assim, devotados à concretização desse programa de origem divina, acrescentemos que perseverar no bem, amando e servindo, a despeito de todas as lutas e de todas as provações da jornada, é o imperativo dos imperativos do amor que não podemos e nem devemos esquecer.

De mensagem recebida em 18.11.1972.

SEMPRE JUNTOS

... estamos, como sempre juntos, na mesma faixa de ideal e serviço.

*

... cada um de nós significa determinado problema para o Eterno Amigo.

E, à frente uns dos outros, que a prece se nos faça luz no caminho, a fim de que saibamos encontrar, cada dia, o rumo certo e nele permanecer, buscando os desígnios do Senhor, acima dos nossos.

De mensagem recebida em 11.09.1971

*

03

ANDRÉ LUIZ – RESPOSTAS DA VIDA

5. Programação

De trabalho no presente;

De serviço aos semelhantes;

De confiança no futuro;

De pensamento no Bem;

Da fidelidade ao dever;

Do cultivo da amizade;

Do exercício de paciência;

Da prática da bondade;

Do culto da gratidão;

Do devotamento ao estudo;

Deus Todo-Sábio nos ajude a lembrar.

-0-

De provações passadas;

De lágrimas vencidas;

Da tendência ao desânimo;

Do amigo que desertou;

Do adversário gratuito;

Do problema superado;
 Da injúria sofrida;
 Do encontro infeliz;
 Da introdução à censura;
 Do verbo inútil;
 Do tempo vago;
 Deus Todo-Misericordioso nos ajude a esquecer.

04

EMMANUEL – LEIS DE AMOR

V - Obsessão

1 - Existe relação entre obsessão e correntes mentais?

- Quem se refere à obsessão há de reportar-se, necessariamente, às correntes mentais. O pensamento é a base de tudo.

2 - Todos temos desafetos do pretérito?

- Inegável que todos carregamos ainda, do pretérito ao presente, enorme carga de desafetos.

3 - Qual a nossa posição, depois de desencarnados, quando não somos integralmente bons, nem integralmente maus?

- Quando desencarnados, em condições relativamente felizes, guardadas as justas exceções, somos equiparados a devedores em refazimento, habilitando-nos, pelo trabalho e pelo estudo, ao prosseguimento do resgate dos compromissos de retaguarda.

4 - Onde somos defrontados com mais frequência pelos desafetos do passado, na Terra ou no Plano Espiritual?

- É compreensível que seja na esfera física que mais direta e frequentemente nos abordem aqueles mesmos Espíritos a quem ferimos ou com quem nos cumpliciamos na delinquência.

5 - Como poderíamos classificar aqueles que em outras existências nos foram inimigos ou de quem fomos adversários e que, no presente, desempenham, na base da profissão ou da família, o papel de nossos companheiros e de nossos parentes?

- São eles as testemunhas de nosso aperfeiçoamento, experimentando-nos as energias morais, quando não lhes suportamos o permanente convívio, por força das provas regenerativas que trazemos ao renascer. Acompanha-nos por instrumentos do progresso a que aspiramos, vigiam-nos as realizações e polícionam-nos os impulsos.

6 - Quando estaremos realmente em paz com todos aqueles que ainda são para nós aversões naturais ou pessoas difíceis?

- Um dia, chegaremos a agradecer-lhes a colaboração, imitando o aluno que, incomodado na escola, se rejubila, mais tarde, por haver passado sob as atenções do professor exigente.

7 - Como se transformam os nossos adversários do passado?

- Nos processos da obsessão, urge reconhecer que os nossos opositores ou adversários se transformam para o bem, à medida que, de nossa parte, nos transformamos para melhor.

8 - As sessões de desobsessão têm valor? Em que condições?

- Toda recomendação verbal e todo entendimento pela palavra, através das sessões de desobsessão, se revestem de profundo valor, mas somente quando autenticados pelo nosso esforço de reabilitação íntima, sem a qual todas as frases enternecedoras passarão, infrutífera, qual música emocionante sobre a vasa do charco.

9 - Em que tempo e situação no podem atingir os fenômenos deprimentes da obsessão?

- Salientando-se que o pensamento é a alavanca de ligação, para o bem ou para o mal, é muito fácil perceber que os fenômenos deprimentes da obsessão podem atingir-nos, em qualquer condição e em qualquer tempo.

10 - É preciso que o obsediado observe a própria vida mental para contribuir para as próprias melhorias?

- Sim. As correntes mentais são tão evidentes quanto as correntes elétricas, expressando potenciais de energias para realizações que nos exprimem direção, propósito ou vontade, seja para o mal ou para o bem.

11 - Qual o papel do desejo, da palavra, da atividade e da ação no fenômeno obsessivo?

- Cada um de nós é acumulador por si, retendo as forças construtivas ou destrutivas que geramos. Desejo, palavra, atitude e ação representam eletroímãs, através dos quais atraímos forças iguais àquelas que exteriorizamos, no rumo dos semelhantes.

12 - Quais as conseqüências para quem se detém em qualquer aspecto do mal?

- Deter-nos, em qualquer aspecto do mal, é aumentar-lhe a influência, sobre nós e sobre os outros.

13 - Qual a relação entre as manifestações do sentimento aviltado e os desequilíbrios da personalidade?

-Todas as manifestações de sentimento aviltado quais sejam a calúnia e a maledicência, a cólera e o ciúme, a censura e o sarcasmo, a intemperança e a licenciosidade, estabelecem a comunicação espontânea com os poderes que os representa, nos círculos inferiores da natureza, criando distonias e enfermidades, em que se levantam fobias e fixações, desequilíbrios e psicoses, a evoluírem para a alienação mental declarada.

14 - O que nos acontece moralmente quando emitimos um pensamento?

- Emitindo um pensamento, colocamos um agente energético em circulação, no organismo da vida – agente esse que retornará fatalmente a nós, acrescido do bem ou do mal de que o revestimos.

15 - Qual a relação entre os nossos pontos vulneráveis e o retorno do mal que praticamos?

- Compreendendo-se que cada um de nós possui pontos vulneráveis, no estado evolutivo deficitário em que ainda nos encontramos, toda vez que o mal se nos associe a essa ou àquela idéia, teremos o mal de volta a nós mesmos, agravando-se doenças e fraquezas, obsessões e paixões.

16 - O que recebemos dos outros?

- Assimilamos dos outros o que damos de nós.

17 - Que imagens reflete o espelho da mente?

- A mente pode ser comparada a espelho vivo, que reflete as imagens que procura.

18 - Qual o nexos existente entre a obsessão e os interesses da criatura?

- A obsessão, em qualquer tipo pelo qual se expresse, está fundamentalmente vinculada aos processos mentais em que se baseiam os interesses da criatura.

19 - As companhias têm influência na obsessão?

Assevera o Cristo: “Busca e acharás”.

- Encontraremos, sim, os companheiros que buscamos, seja par ao bem ou para o mal.

20 - Qual a solução mais simples ao problema da obsessão?

- Consagramo-nos à construção do bem de todos, cada dia e cada hora, porquanto caminhar entre Espíritos nobres ou desequilibrados, sejam eles encarnados ou desencarnados, será sempre questão de escolha e sintonia.

*

IV – ESPIRITISMO – FÉ PROSÉLITOS

367 –É justo que, a propósito de tudo, busque o espiritista tanger os assuntos do Espiritismo nas suas conversações comuns?

-O crente sincero precisa compenetrar-se da oportunidade, no tempo e no ambiente, com relação aos assuntos doutrinários, porquanto, qualquer inconsideração nesse particular, pode conduzir a fanatismo detestável, sem nenhum caráter construtivo.

De modo algum se deverá provocar as manifestações mediúnicas, cuja legitimidade reside nas suas características de espontaneidade, mesmo porque o programa espiritual das sessões está com os mentores que as orientam do plano invisível, exigindo-se de cada estudioso a mais elevada porcentagem de esforço próprio na aquisição do conhecimento, porquanto o plano espiritual distribuirá sempre, de acordo com as necessidades e os méritos de cada um. Forçar o fenômeno mediúnico é tisonar uma fonte de água pura com a vasa das paixões egoísticas da Terra, ou com as suas injustificáveis inquietações.

369 –É aconselhável a evocação direta de determinados Espíritos?

-Não somos dos que aconselham a evocação direta e pessoal, em caso algum.

Se essa evocação é passível de êxito, sua exequibilidade somente pode ser examinada no plano espiritual. Daí a necessidade de sermos espontâneos, porquanto, no complexo dos fenômenos espiríticos, a solução de muitas incógnitas espera o avanço moral dos aprendizes sinceros da Doutrina. O estudioso bem-intencionado, portanto, deve pedir sem exigir, orar sem reclamar, observar sem pressa, considerando que a esfera espiritual lhe conhece os méritos e retribuirá os seus esforços de acordo com a necessidade de sua posição evolutiva e segundo o merecimento do seu coração.

Podereis objetar que Allan Kardec se interessou pela evocação direta, procedendo a realizações dessa natureza, mas precisamos ponderar, no seu esforço, a tarefa excepcional do Codificador, aliada a necessidade de méritos ainda distantes da esfera de atividade dos aprendizes comuns.

370 –Seria lícito investigarmos, com os Espíritos amigos, as nossas vidas passadas? Essas revelações, quando ocorrem, traduzem responsabilidade para os que as recebem?

-Se estais submersos em esquecimento temporário, esse olvido é indispensável à valorização de vossas iniciativas. Não deveis provocar esse gênero de revelações, porquanto os amigos espirituais conhecem melhores as vossas necessidades e poderão provê-las em tempo oportuno, sem quebrar o preceito da espontaneidade exigida para esse fim.

O conhecimento do pretérito, através das revelações ou das lembranças, chega sempre que a criatura se faz credora de um benefício como esse, o qual se faz acompanhar, por sua vez, de responsabilidades muito grandes no plano do conhecimento; tanto assim que, para muitos, essas reminiscências costumam constituir um privilégio doloroso, no ambiente das inquietações e ilusões da Terra.

371 –Devem ser intensificadas no Espiritismo as sessões de fenômenos mediúnicos?

-São muito poucos ainda, os núcleos espiritistas que se podem entregar à prática mediúnica com plena consciência do serviço que têm em mãos; motivo por que é aconselhável a intensificação das reuniões de leitura, meditação e comentário geral para as ilações morais imprescindíveis no aparelhamento doutrinário, a fim de que numerosos centros bem-intencionados não venham a cair no desânimo ou na

incompreensão, por cauda de um prematuro comércio com as energias do plano invisível.

PRÁTICA

*

EMMANUEL - O CONSOLADOR
V – MEDIUNIDADE – DESENVOLVIMENTO
PREPARAÇÃO

396 – Tratando-se da necessidade de preparação para a tarefa mediúnica, é justo acreditarmos na movimentação de fluídos maléficos em prejuízo do próximo?

-É o caso de vos perguntarmos e não haveis movimentação as energias maléficas, no decurso da vida, contra a vossa própria felicidade.

Num orbe como a Terra, onde a porcentagem de forças inferiores supera quase que esmagadoramente os valores legítimos do bem, a movimentação de fluídos maléficos é mais que natural; no entanto, urge ensinar aos que operam, nesse campo de maldade, que os seus esforços efetuam a sementeira infeliz, cujos espinhos, mais tarde, se voltarão contra eles próprios, em amargurados choques de retorno, fazendo-se mister, igualmente, educar as vítimas de hoje na verdadeira fé em Jesus, de modo a compreenderem o problema dos méritos na tarefa do mundo.

A aflição do presente pode ser um bem a expressar-se em conquistas preciosas o futuro, e, se Deus permite a influência dessas energias inferiores, em determinadas fases da existência terrestre, é que a medida tem sua finalidade profunda, ao serviço divino da regeneração individual.

397 – Por que razão alguns médiuns parecem sofrer com os fenômenos da incorporação, enquanto outros manifestam o mesmo fenômeno, naturalmente?

-Nas expressões de mediunismo existem características inerentes a cada intermediário entre os homens e os desencarnados; entretanto, a falta de naturalidade do aparelho mediúnico, no instante de exercer suas faculdades, é quase sempre resultante da falta de educação psíquica.

398 – É natural que, em plenas reuniões de estudo, os médiuns se deixem influenciar por entidades perturbadoras que costumam quebrar o ritmo de proveitosos e sinceros trabalhos de educação?

-Tal interferência não é natural e deve ser muito estranhável para todos os estudiosos de boa-vontade.

Se o médium que se entregou à atuação novíça é insciente dos seus deveres à luz dos ensinamentos doutrinários, trata-se de um obsidiado que requer o máximo de contribuição fraterna; mas, se o acontecimento se verifica através de companheiro portador do conhecimento exato de suas obrigações, no círculo de atividades da Doutrina, é justo responsabiliza-lo pela perturbação, porque o fato, então, será oriundo da sua invigilância e imprevidência, em relação aos deveres sagrados que competem a cada um de nós, no esforço do bem e da verdade.

399 – Quando a opinião irônica ou insultuosa ataca uma expressão da verdade, no campo mediúnico, é justo buscarmos o apoio dos Espíritos amigos para revidar?

-Vossa inquietação no mundo costuma conduzir-vos a muitos despautérios.

Semelhante solicitação aos desencarnados seria um deles. Os valores de um campo mediúnico triunfam por si mesmos, pela essência de amor e de verdade, de consolação e de luz que contenham, e seria injustificável convocar os Espíritos para discutir com os homens, quando já se demasiam as polêmicas dos estudiosos humanos entre si.

Além do mais, os que não aceitam a palavra sincera e fraternal dos mensageiros do plano superior, terão igualmente, de buscar o túmulo algum dia, e é

inútil perder tempo com palavras, quando temos tanto o que fazer no ambiente de nossas próprias edificações.

400 – Poderá admitir-se que um médium se socorra de outro médium para obter o amparo dos seus amigos espirituais?

-É justo que um amigo se valha da estima fraternal de um companheiro de crença, para assuntos de confiança íntima e recíproca, mas, na função mediúnica, o portador dessa ou daquela faculdade deve buscar em seu próprio valor o elemento de ligação com os seus mentores do plano invisível, sendo contraproducente procurar amparo nesse particular, fora das suas próprias possibilidades, porque, de outro modo, seria repousar numa fé alheia, quando a fé precisa partir do íntimo de cada um, no mecanismo da vida.

Além do mais, cada médium possui a sua esfera de ação no âmbito que lhe foi assinalado. Abandonar a própria confiança para valer-se de outrem, seria sobrecarregar os ombros de um companheiro de luta, esquecendo a cruz redentora que cada Espírito encarnado deverá carregar em busca da claridade divina.

401 – A mistificação sofrida por um médium significa ausência de amparo dos mentores do plano espiritual?

-A mistificação experimentada por um médium traz, sempre, uma finalidade útil, que é a de afasta-lo do amor-próprio, da preguiça no estudo de suas necessidades próprias, da vaidade pessoal ou dos excessos de confiança em si mesmo.

Os fatos de mistificação não ocorrem à revelia dos seus mentores mais elevados, que, somente assim, o conduzem à vigilância precisa e às realizações da humildade e da prudência no seu mundo subjetivo.

*

APOSTOLADO

*

06

O LIVRO DOS MÉDIUNS – ALLAN KARDEC CAPÍTULO XVII – FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS – DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE

214. Tudo o que dissemos se refere à escrita mecânica. É a faculdade que todos os médiuns, com razão, querem desenvolver. Mas a função mecânica pura é muito rara, juntando-se a ela, muito frequentemente, em maior ou menor grau, a intuição. O médium, tendo consciência do que escreve, é naturalmente levado a duvidar da sua faculdade: não sabe se a escrita é dele mesmo ou de outro Espírito. Mas ele não deve absolutamente inquietar-se com isso e deve prosseguir apesar da dúvida. Observando com cuidado a si mesmo, facilmente: reconhecerá nos escritos muitas coisas que não lhe pertencem, que são mesmo contrárias aos seus pensamentos, prova evidente de que não procedem da sua mente. Que continue, pois, e a dúvida se dissipa para com a experiência.

215. Se o médium não pode ser exclusivamente mecânico, todas as tentativas de obter esse resultado serão inúteis, mas ele erraria se por isso se julgasse deserdado. Se possui apenas mediunidade intuitiva, deve contentar-se com ela, que não deixará de lhe prestar grandes serviços, se souber aproveitá-la ao invés de repudiá-la. Se depois de inúteis tentativas, realizadas durante algum tempo não houver nenhum indício de movimento involuntário, ou se esse a movimentos forem muito fracos para produzir resultados, não deve hesitar em escrever o primeiro pensamento que lhe for sugerido, nem inquietar-se se é dele ou de outro: a experiência lhe ensinará a fazer distinção. Muito frequentemente, aliás, o movimento mecânico se desenvolve mais tarde.

Dissemos acima que há casos em que é indiferente saber se o pensamento provém do médium ou de um Espírito. Isso acontece, sobretudo, quando um médium puramente intuitivo ou inspirado realiza por si mesmo um trabalho de imaginação.

Pouco importa que então se atribua um pensamento que lhe foi sugerido. Se boas idéias lhe ocorrem, que as agradeça ao seu bom gênio e ele lhe sugerirá outras. Essa é a inspiração dos poetas, dos filósofos e dos cientistas.

216. Suponhamos agora a faculdade mediúnica completamente desenvolvida. Que o médium escreva com facilidade, que seja o que se chama um médium feito. Seria um grande erro de sua parte considerar-se dispensado de novas instruções. Ele só teria vencido uma resistência material, e é então que começam as verdadeiras dificuldades. Mais do que nunca necessitará dos conselhos da prudência e da experiência, se não quiser cair nas mil armadilhas que lhe serão preparadas. Se quiser voar muito cedo com suas próprias asas, não tardará a ser enganado por Espíritos mentirosos que procurarão explorar-lhe a presunção.

217. Uma vez desenvolvida a faculdade, o essencial para o médium é não abusar dela. A satisfação que proporciona a alguns iniciantes provoca um entusiasmo que precisa ser controlado. Devem pensar que ela lhes foi dada para o bem e não para satisfazer a curiosidade vã. É conveniente, portanto, que só a utilizem nos momentos oportunos e não a todo instante. Os Espíritos não estão constantemente às suas ordens e eles correm o risco de ser enganados pelos mistificadores. É bom escolherem dias e horas determinados para a prática mediúnica, de maneira a se prepararem com maior recolhimento, e para que os Espíritos que desejam comunicar-se estejam prevenidos e também se coloquem em melhores disposições.

218. Se, apesar de todas as tentativas, a mediunidade não se ti ver revelado de maneira alguma, é necessário renunciar a ela, como se renuncia a cantar quando não se tem voz. Quem não sabe uma língua serve-se de um intérprete. Neste caso faz-se o mesmo, recorrendo a outro médium. Mas na falta do médium não se deve julgar sem a assistência dos Espíritos. A mediunidade é para eles um meio de comunicação, mas não o motivo único de atração. Os que nos dedicam afeição estão juntos de nós, quer sejamos médiuns ou não. Um pai não abandona o filho porque este é surdo e cego e não o pode ver nem ouvir. Pelo contrário, envolve-o na sua solicitude, como os Espíritos bons fazem conosco. Se eles não podem transmitir-nos materialmente o seu pensamento, ajudam-nos com a sua inspiração.

MUDANÇA DE CALIGRAFIA

*

07

PRÁTICA DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

*

FINAL DA REUNIÃO

*

6ª REUNIÃO – 22 DE JUNHO DE 2.016**01****SEARA DOS MÉDIUNS – EMMANUEL****6 - O argumento**

Reunião pública de 22/1/60 Questão nº 29

Ante os amados que te não compreendem, estimarias que todos cressem conforme crês.

Alguns jazem desesperados nas trevas do pessimismo.

Outros caem, pouco a pouco, no abismo da negação.

Há muitos que te lançam insulto em rosto, como se a tua convicção fosse passo à loucura.

E surpreendes, em cada canto, aqueles que te falam pelo diapasão da ironia.

Mergulhas-te, muitas vezes, no oceano revolto das palavras veementes que os opositores, de imediato, não podem admitir; em outras ocasiões, desejas acontecimentos inusitados, que lhes alterem o modo de pensar e de ser.

*

Entretanto, recordemos o Cristo. Ninguém, quanto ele, deixou na retaguarda tantas demonstrações de poder celeste.

Deu nova estrutura à forma dos elementos.

Apaziguou as energias desvairadas da Natureza.

Reaqueceu corpos que a morte imobilizava.

Restituiu a visão aos cegos.

Restaurou paralíticos.

Limpou ferimentos.

Curou alienados mentais.

Operou maravilhas, somente atribuíveis à ciência divina.

Contudo, não foi pelos deslumbramentos produzidos que se converteu em mentor excelso da Humanidade.

Jesus agiganta-se, na esteira dos séculos, pela força do exemplo.

Anjo — caminhou entre os homens.

Senhor do mundo — não reteve uma pedra para repousar a cabeça.

Sábio — foi simples.

Grande — alinhou-se entre os pequenos.

Juiz dos juízes — espalhou a misericórdia.

Caluniado — lançou bênçãos.

Traído — não reclamou.

Acusado — humilhou a si mesmo.

Ferido — esqueceu toda ofensa.

Injuriado — silenciou.

Crucificado — pediu perdão para os próprios verdugos.

Abandonado — voltou para auxiliar.

*

Ação é voz que fala à razão.

Se aspiras, assim, a convencer os que te rodeiam, quanto à verdade, não olvides que, acima de todos os fenômenos passageiros e discutíveis, o único argumento edificante de que dispões é o de tua própria conduta, no livro da própria vida.

*

02

**BEZERRA, CHICO E VOCÊ
FORJA E BÊNÇÃO**

... o serviço é a forja purificadora, mas é igualmente a nossa maior bênção.

De mensagem recebida em 14.10.1966

EM LOUVOR DA VERDADE

... relevai-nos a sugestão de trabalho, embora rogueis a luz sem esforço.

*

... o Espiritismo que indaga simplesmente deu lugar, há muito tempo, ao Espiritismo que estende os braços.

*

... atravessais verdadeira floresta, onde os caminhos de volta ao campo da luz divina parecem intransitáveis.

Pensamentos de egoísmo, de incompreensão, de discórdia, vaidade e orgulho se entrechocam, à maneira de projeteis invisíveis ao redor de vossa personalidade, e se faz imperiosa a coragem para que os óbices multiplicados não nos vençam os labores recíprocos.

*

... efetivamente, a vossa procura é nobre e edificante.

*

... bem-aventurados aqueles que demandam a verdade e que anseiam por passagem libertadora no rumo da claridade eterna!

*

... não comeceis o empreendimento da própria iluminação, ao modo de um homem que iniciasse a construção de uma casa pelo teto.

*

... soletrai, antes de tudo, o alfabeto da bondade.

Sem as primeiras letras do amor, nunca entenderemos o sagrado poema da vida.

*

... é indispensável abrir o coração, vaso destinado às sementes do Céu, convertendo-nos em instrumentos do bem ativo e incessante.

*

... não iluminaremos a mente sem purificar os olhos, tanto quanto ninguém alcança o discipulado do Senhor, sem mobilizar as mãos na obra redentora da Terra.

*

... encetemos a reestruturação dos próprios destinos, compreendendo-nos mutuamente

*

... que lição recolheremos na visita de benfeitores que residem à distância, se não aprendemos a fraternidade primária com o próximo?

*

... ouçamos a mensagem das necessidades que nos cercam.

Há dor e ignorância, treva e indiferença, na estrada em que pisais; estendamos, através delas, o nosso sentimento cristão, imitando o lavrador que não desampara a terra lodosa do charco.

*

... não esperemos o paraíso, quando ainda nem mesmo auxiliamos no trato do chão em que operamos.

*

... espíritos endividados, perante a Bondade Divina que nos deu ouvidos para registrar os ensinamentos da vida, olhos para surpreender a luz, braços para erguer o castelo de

nossa própria felicidade e recursos imensos para dilatarmos o nosso próprio engrandecimento espiritual, guardemos a fé, servindo e auxiliando, corrigindo a nós mesmos e amando a todos, em louvor da verdade.

*

... nossa vida é um campo aberto.

Nosso coração é uma fonte.

Cada um de nossos atos é mensagem viva.

Que nossa alma se afeição ao bem supremo, sob a inspiração de Jesus, a fim de que o mundo se transforme em seu Reino.

De mensagem recebida em 1950.

*

03

ANDRÉ LUIZ – RESPOSTAS DA VIDA

6. Respostas no caminho

Trazendo sua consciência tranquila, nos deveres que a vida lhe deu a cumprir, você pode e deve viver a sua vida tranquila, sem qualquer necessidade de ser infeliz.

0

Auxilie os outros sem afligir-se demasiado com os problemas que apresentem, porque eles mesmos desejam solucioná-los por si próprios.

0

Não se fixe tão fortemente nos aspectos exteriores dos acontecimentos e sim coloque sua visão interna nos fatos em curso, a fim de que a compreensão lhe clareie os raciocínios.

0

Dedique-se ao seu trabalho com todos os recursos disponíveis, reconhecendo que se houver alguma necessidade de modificação em suas atitudes, a sua própria tarefa lhe fará sentir isso sem palavras.

0

Se você experimentou algum fracasso na execução dos seus ideais, não culpe disso senão a você mesmo, refletindo na melhor maneira de efetuar o reajuste.

0

Se você realizar corretamente seu trabalho, os seus clientes ou beneficiários virão de longe procurar o valor de sua experiência e de seu concurso.

0

Em qualquer indecisão valorize os pareceres dos amigos que lhe falem do assunto, mas conserve a convicção de que a decisão será sempre de você mesmo.

0

Uma atitude de simpatia para com o próximo é sempre uma porta aberta em seu auxílio agora e no futuro.

0

Mesmo nas horas mais aflitivas procure agir com serenidade e discernimento, porque de tudo quanto fizemos, colheremos sempre.

0

A desculpa ante as faltas de que você tenha sido vítima, invariavelmente, é ação em seu próprio favor.

0

Quando provações e dificuldades lhe pareçam aumentadas, guarde paciência e otimismo, trabalhando e servindo na certeza de que Deus faz sempre o melhor.

*

04

**EMMANUEL – LEIS DE AMOR
VI – CONSEQUÊNCIAS DO PASSADO**

1 - Como podemos compreender os resultados de nossas existências anteriores?

- Para compreender os resultados das existências anteriores, basta que o homem observe as próprias tendências, oportunidades, lutas e provas.

2 - Como entender, na essência, as dívidas ou vantagens que trazemos de existências passadas?

- Estudos que efetuamos corretamente, ainda que terminados há longo tempo, asseguram-nos títulos profissionais respeitáveis. Faltas praticadas deixam azeda sucata de dores na consciência, pedindo reparação. Se plantamos preciosa árvore, desde muito, é natural venhamos a surpreendê-la, carregada de utilidades e frutos para os outros e para nós. Se nos empenhamos num débito, é justo suportemos a preocupação de pagar.

3 - Qual a lição que as horas nos ensinam?

- Meditemos a simples lição das horas. Comumente, durante a noite, o homem repousa e dorme; em sobrevindo a manhã, desperta e levanta-se com os bens ou com os males que haja procurado para si mesmo, no transcurso da véspera.

Assim, a vida e a morte, na lei da reencarnação que rege o destino.

4 - Qual a situação moral da alma no túmulo e no berço?

- No túmulo, a alma, ainda vinculada ao crescimento evolutivo, entra na posse das alegrias e das dores que amontoou sobre a própria cabeça; no berço, acorda e retoma o arado da experiência, nos créditos que lhe cabe desenvolver e nos débitos que está compelida a resgatar.

5 - Em síntese, onde permanece, espiritualmente, a criatura reencarnada?

- Cada criatura reencarnada permanece nas derivantes de tudo o que fez consigo e com o próximo.

6 - Qual a explicação lógica das enfermidades congênitas?

- Os grandes delitos operam na alma estados indefiníveis de angústia e choque, daí nascendo a explicação lógica das enfermidades congênitas, às vezes inabordáveis a qualquer tratamento.

7 - O que ocorre aos suicidas nas vidas ulteriores?

- Suicidas que estouraram o crânio ou que se entregaram a enforcamento, depois de prolongados suplícios, nas regiões purgatoriais, frequentemente, após diversos tentames frustrados de renascimento, readquirem o corpo de carne, mas, transportam nele as deficiências do corpo espiritual, cuja harmonia desajustaram. Nessa fase, exibem cérebros retardados ou moléstias nervosas obscuras.

8 - E os protagonistas de tragédias passionais?

- Protagonistas de tragédias passionais, violentas e obscuras, criminosos de guerra, aproveitadores de lutas civis, que manejam a desordem para acobertar interesses escusos; exploradores do sofrimento humano, caluniadores, empreiteiros do aborto e da devassidão e malfeitores outros, que a justiça do mundo não conseguiu cadastrar, voltam à reencarnação em tribulações compatíveis com os débitos que assumiram e, muitas vezes, junto das próprias vítimas, sob o mesmo teto, marcados por idênticos laços consanguíneos, tolerando-se mutuamente, até a solução dos enigmas que criaram contra si mesmos, atento ao reequilíbrio de que se veem necessitados, ou sofrem a pena do resgate preciso em desastres dolorosos, integrando os quadros inquietantes dos acidentes em que se desdobra o resgate do Espírito reencarnado, seja nos transe individuais ou nas provações coletivas.

9 - E aos cúmplices de erros e enganos?

- As grandes dificuldades não caem exclusivamente sobre os suicidas e homicidas comuns. Quantos se fizeram instrumentos diretos ou indiretos das resoluções infelizes que adotaram são impelidos a recebe-los nos próprios braços, ofertando-lhes o recinto doméstico por oficina de regeneração.

10 - O que ocorre àqueles que provocaram o suicídio de alguém?

- Se levemente provocamos o suicídio de alguém, é possível que tenhamos esse mesmo alguém, muito em breve, na condição de um filho-problema ou de um familiar padecente; requisitando-nos auxílio, na medida das responsabilidades que assumimos na falência a que se arrojou.

11 - Que acontece aos que impelem o próximo à falência moral?

- Se instilamos viciação e criminalidade em companheiros do caminho, asfixiando lhes as melhores esperanças na desencarnação prematura, é certo que se corporificarão, de novo, na Terra, ao nosso lado, a fim de que lhes prestemos concurso imprescindível à reeducação, na pauta dos compromissos a que nos enredamos, ao precipitá-los nos enganos terríveis de que buscam desvencilhar-se, abatidos e desditosos.

Nas mesmas circunstâncias, carregamos em nós, enraizados nas forças profundas da mente, os bens ou os males que cultivamos.

12 - E o que ocorre aos desencarnados que malbarataram os tesouros da emoção e da idéia?

- Quando desencarnados, não fugimos à lei de causa e efeito.

Se malbaratamos os tesouros das emoções e dos pensamentos na Terra, perambulamos nas esferas espirituais por doentes da alma, que a perturbação ensandece, fadados a reaparecer no plano carnal com as enfermidades consequentes, a se entranharem nos tecidos orgânicos, que nos compõem a vestimenta física.

13 - E àqueles que se entregam aos desequilíbrios do sexo?

- Nessas condições, o porvir esboça-se, nebuloso, apontando-nos graves lições de refazimento e resgate.

Se abraçamos desequilíbrios de sexo, agravados com padecimentos alheios por nossa conta, aguentamos inibições genésicas, muitas vezes, com o cansaço precoce e a distrofia muscular, a epilepsia ou o câncer de permeio.

14 - E àqueles que perpetraram crimes?

- Se perpetraramos crimes na pessoa dos nossos semelhantes, eis-nos à frente de mutilações dolorosas.

15 - E àqueles que se entregam às extravagâncias da mesa?

- Se nos entregamos à extravagância da mesa, arcamos com ulcerações e gastralgias que persistem tanto tempo quanto se nos perdurem as alterações do veículo espiritual.

16 - E àqueles que se afeiçoam ao alcoolismo?

- Se nos afeiçoamos ao alcoolismo ou ao abuso de entorpecentes, somos induzidos à loucura ou à idiotia seja onde for.

17 - E àqueles que se empenham em delitos de maledicência e calúnia?

- Se nos empenhamos em delitos de maledicência e calúnia, atravessamos vastos períodos de surdez ou mudez, precedidas ou seguidas por distonias correlatas.

18 - As conseqüências de nossos erros se verificam apenas na forma de doenças comuns?

- Não. Além disso, é preciso contar com as probabilidades da obsessão, porquanto, cada vez que ofendemos aos que nos partilham a marcha atraímos, em prejuízo próprio, as vibrações de revolta ou desespero daqueles que se categorizam por vítimas de nossas ações impensadas.

19 - Qual deve ser a nossa atitude perante as provas da vida?

- Diante das provas inquietantes que se demoram conosco, aprendamos a refletir, para

auxiliar, melhorar, amparar e servir aqueles que nos cercam.

20 - Quais as relações entre o presente, o passado e o futuro?

- Todos estamos no presente, com o ensejo de construir o futuro, mas envolvidos nas conseqüências do passado que nos é próprio. Isso porque tudo aquilo que a criatura semeie, isso mesmo colherá.

*

05

EMMANUEL – O CONSOLADOR

PRÁTICA

APOSTOLADO

402 – *Seria justo aceitar remuneração financeira no exercício da mediunidade?*

- Quando um médium se resolve a transformar suas faculdades em fonte de renda material, será melhor esquecer suas possibilidades psíquicas e não se aventurar pelo terreno delicado dos estudos espirituais.

A remuneração financeira, no trato das questões profundas da alma, estabelece um comércio criminoso, do qual o médium deverá esperar no futuro os resgates mais dolorosos.

A mediunidade não é ofício do mundo, e os Espíritos esclarecidos, na verdade e no bem, conhecem, mais que os seus irmãos de carne, as necessidades dos seus intermediários.

403 – *É razoável que os médiuns cogitem da solução de assuntos materiais junto dos seus mentores do plano invisível?*

- Não se deve esquecer que o campo de atividades materiais é a escola sagrada dos Espíritos incorporados no orbe terrestre. Se não é possível aos amigos espirituais quebrarem a lei da liberdade própria de seus irmãos, não é lícito que o médium cogite da solução de problemas materiais junto dos Espíritos amigos. O mundo é o caminho no qual a alma deve provar a experiência, testemunhar a fé, desenvolver as tendências superiores, conhecer o bem, aprender o melhor, enriquecer os dotes individuais.

O médium que se arrisca a desviar suas faculdades psíquicas, para o terreno da materialidade do mundo, está em marcha para as manifestações grosseiras dos planos inferiores, onde poderá contrair os débitos mais penosos.

404 – *Deve o médium sacrificar o cumprimento de suas obrigações no trabalho cotidiano e no ambiente sagrado da família, em favor da propaganda doutrinária?*

- O médium somente deve dar aos serviços da Doutrina a cota de tempo de que possa dispor, entre os labores sagrados do pão de cada dia e o cumprimento dos seus elevados deveres familiares.

A execução dessas obrigações é sagrada e urge não cair no declive das situações parasitárias, ou do fanatismo religioso.

No trabalho da verdade, Jesus caminha antes de qualquer esforço humano e ninguém deve guardar a pretensão de converter alguém, quando nas tarefas do mundo há sempre oportunidade para o preciso conhecimento de si mesmo.

Que médium algum se engane em tais perspectivas. Antes sofrer a incompreensão dos companheiros, que transigir com os princípios, caindo na irresponsabilidade ou nas penosas dívidas de consciência.

405 – *Poder-se-á admitir que os espíritistas se valham de um apostolado mediúnico, para solução de todas as dificuldades da vida?*

- O médium não deve ser sobrecarregado com exigências de seus companheiros, relativamente às dificuldades da sorte. É justo que seus irmãos se socorram das suas faculdades, em circunstâncias excepcionais da existência, como nos casos de

enfermidades e outros que se lhe assemelhem. Todavia, cercar um médium de solicitações de toda natureza é desvirtuar a tarefa de um amigo, eliminando as suas possibilidades mais preciosas e, além do mais, não se deverá repetir no Espiritismo sincero a atitude mental dos católicos-romanos, que se abandonam junto à “imagem” de um “santo”, olvidando todos os valores do esforço próprio.

Os núcleos espiritistas precisam considerar que em seus trabalhos há quem os acompanhe do plano superior e que receberão sempre o concurso espiritual de seus irmãos libertos da carne, dependendo a satisfação desse ou daquele problema particular dos méritos de cada um. Proceder em contrário é eliminar o aparelho mediúnico, fornecendo doloroso testemunho de incompreensão.

406 – Quando um investigador busque valer-se dos serviços de um médium, é justo que submeta o aparelho medianímico a toda sorte de experiência, a fim de certificar-se dos seus pontos de vista?

- Depende do caráter dessas mesmas experiências e, quaisquer que elas sejam, o médium necessita de muito cuidado, porquanto, no caminho das aquisições espirituais, cada investigador encontra o material que procura. E quem se aproxima de uma fonte espiritual, tisnando-a com a má-fé e a insinceridade, não pode, por certo, saciar a sede com uma água pura.

407 – Para que alguém se certifique da verdade do Espiritismo, bastará recorrer a um bom médium?

- Os estudiosos do Espiritismo, ainda sem convicção valorosa e séria no terreno da fé, precisam reconhecer que em trabalhos dessa ordem não basta o recurso de um bom médium. Faz-se mister que o investigador, a par de uma curiosidade sadia, possua valores morais imprescindíveis, como a sinceridade e o amor do bem, servindo a uma existência reta e fértil de ações puras.

*

06

O LIVRO DOS MÉDIUNS – ALLAN KARDEC CAPÍTULO XVII – FORMAÇÃO DOS MÉDIUS DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE MUDANÇA DE CALIGRAFIA

219. Fenômeno muito comum entre os médiuns escreventes é o da mudança de caligrafia, segundo os Espíritos que se comunicam. E o mais notável é que a mesma caligrafia se repete sempre com o mesmo Espírito e às vezes é idêntica à que ele tinha em vida. Veremos mais tarde as conseqüências que se podem tirar disso, no tocante à identificação. Essa mudança só ocorre com os médiuns mecânicos e semi-mecânicos, porque neles o movimento da mão é involuntário e dirigido pelo Espírito. Não se dá o mesmo com os médiuns puramente intuitivos, pois nestes o Espírito age apenas sobre o pensamento e a mão é dirigida pela vontade do médium, como nas circunstâncias comuns.

Mas a uniformidade da escrita, mesmo num médium mecânico, nada prova absolutamente contra a sua faculdade, pois a mudança de caligrafia não é condição absoluta na manifestação dos Espíritos, mas decorre de uma aptidão especial, de que os médiuns mais decisivamente mecânicos nem sempre são dotados. Designamos os que a possuem por médiuns polígrafos(4).

(4) Os casos de reprodução mediúnica de caligrafia de mortos são numerosos e, como sempre, suscitaram hipóteses e explicações fantásticas dos negadores. Quanto mais dotado de conhecimentos científicos o negador, mais se empenha em "explicar" os casos a seu modo. No campo religioso dá-se o mesmo. O prof. e rev. Otoniel Mota relata em seu livro "Temas Espirituais" um caso de comunicação escrita recebida pelo Dr. Felício dos Santos ("que por algum tempo se entregou à prática do Espiritismo, mas morreu católico praticante") nesta

capital. O Espírito comunicante havia sido professor e amigo do autor, que identificou a caligrafia do mestre, embora explicando que se tratava do Demônio. ("Temas Espirituais", Imprensa Metodista, São Paulo, 1945.) (N.do T.)

*

PERDA E SUSPENSÃO DA MEDIUNIDADE

220. A faculdade mediúnica está sujeita a intermitências e a suspensões momentâneas, tanto para as manifestações físicas, quanto para a escrita. Eis a resposta dos Espíritos a algumas perguntas feitas a propósito:

1. Os médiuns podem perder sua faculdade?

— Isso acontece com frequência, qualquer que seja o gênero da faculdade. Mas quase sempre, também, não passa de uma interrupção momentânea, que cessa com a causa que a produziu.

2. A causa da perda da mediunidade seria o esgotamento do fluido?

— Qualquer que seja a faculdade do médium, ele não tem poder sem o concurso simpático dos Espíritos. Quando nada obtém, nem sempre é porque a faculdade lhe falta, mas frequentemente são os Espíritos que não querem ou não podem servir-se dele.

3. Qual a causa do abandono do médium pelos Espíritos?

— O uso que ele faz da mediunidade é o que mais influi sobre os Espíritos bons. Podemos abandoná-lo quando ele a emprega em futilidades ou com finalidades ambiciosas, e quando se recusa a transmitir as nossas palavras ou a colaborar na produção dos fenômenos para os encarnados que apelam a ele ou que precisam ver para se convencerem. Esse dom de Deus não é concedido ao médium para o seu prazer, e menos ainda para servir às suas ambições, mas para servir ao seu progresso e para dar a conhecer a verdade aos homens. Se o Espírito vê que o médium não corresponde mais aos seus propósitos, nem aproveita as instruções e os conselhos que lhe dá, afasta-se e vai procurar um protegido mais digno.

4. O Espírito que se afasta não pode ser substituído, e nesse caso se poderia compreender a suspensão da faculdade?

— Não faltam Espíritos que desejam acima de tudo comunicar-se e estão sempre prontos a substituir os que se retiram. Mas quando este é um Espírito bom, pode ter se afastado momentaneamente, privando-o por algum tempo de toda comunicação para que isso lhe sirva de lição e lhe prove que a sua faculdade não depende dele e por isso mesmo não lhe deve servir para envaidecimento. Essa privação momentânea tem ainda o fim de provar ao médium que ele escreve sob influência de outro, pois de outro modo não haveria intermitências. De resto, a interrupção da faculdade não é sempre uma punição, demonstrando às vezes a solicitude do Espírito pelo médium a quem se afeioou, e ao qual deseja proporcionar um repouso que julga necessário.

Nesse caso ele não permite que outros Espíritos o substituam.

5. Mas existem médiuns de muito merecimento, moralmente falando, que não sentem nenhuma necessidade de repouso e ficam muito contrariados com a interrupção, cujo objetivo não compreendem.

— Serve para experimentar-lhes a paciência e avaliar a sua perseverança. É por isso que os Espíritos geralmente não marcam o fim da suspensão, pois querem ver se o médium desanima. Muitas vezes também é para lhe deixar tempo de meditar sobre as instruções que lhe deram. É por essa meditação que reconhecemos os espíritas verdadeiramente sérios. Não podemos considerar assim os que, na verdade, são simples amadores de comunicações.

6. É então necessário que o médium prossiga nas tentativas de escrever?

— Se o Espírito o aconselhar, sim; mas se lhe disse que se abstenha, deve obedecê-lo.

7. Ele teria um meio de abreviar a prova?

— A resignação e a prece. No mais, basta fazer diariamente uma tentativa de alguns minutos, pois seria inútil desperdiçar tempo em ensaios infrutíferos. A tentativa tem apenas o fim de verificar se já recobrou a faculdade.

*

07**PRÁTICA DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO**

*

FINAL DA REUNIÃO

*

7ª REUNIÃO – 29 DE JUNHO DE 2.016**01****SEARA DOS MÉDIUNS – EMMANUEL**

Reunião pública de 25/1/60

Questão nº 28 - Parágrafos 1º, 2º e 3º

Há muitos companheiros realmente assim...
 Declaram-se espiritas.
 Proclamam-se convencidos, quanto à sobrevivência.
 Relacionam casos maravilhosos.
 Exibem apontamentos inatacáveis.
 Referem-se, freqüentemente, aos sábios que pesquisaram as forças psíquicas.
 Andam de experiência em experiência.
 Fitam médiuns como se vissem animais raros.
 Não alimentam dúvidas quanto aos fatos inabituais no seio da própria família, mas desconfiam das observações nascidas no lar de outrem.
 Conversadores primorosos.
 Anedotistas notáveis.
 Mas não mostram mudança alguma.
 São na convicção o que eram na negação.
 Nobres expoentes de cultura intelectual, não estendem migalha de conhecimento superior a quem quer que seja.
 Detentores de vantagens humanas, não se dignam ajudar a ninguém.

*

Felizmente, contudo, temos os companheiros da luta incessante.
 Afirmam-se também espiritas.
 Mas compreendem que o fenômeno, diante da verdade, pode ser considerado à feição de casca no fruto.
 Têm os médiuns como pessoas comuns, necessitadas de entendimento e de auxílio.
 Sabem que a existência na Terra é como estágio na escola.
 E, por isso, não perdem tempo.
 Moram no trabalho constante.
 Indulgentes para com todos e severos para consigo mesmos.
 Aceitam a justiça perfeita, através da reencarnação, e acolhem no sofrimento o curso preciso ao burilamento da própria alma.
 Verificam que o erro dos outros podia ser deles próprios e, em razão disso, não perdem a paciência.
 Reconhecendo-se imperfeitos, perdoam, sem vacilar, as imperfeições alheias.
 E vivem a caridade como simples dever, aprendendo e servindo sempre.
 São esses que Allan Kardec, em sua palavra esclarecida, define como sendo “os espiritas verdadeiros ou, melhor, os espíritas-cristãos”.

*

02**BEZERRA, CHICO E VOCÊ****PACIÊNCIA E AÇÃO**

... abracemos o caminho que o Mestre nos aponta, embora, muitas vezes, sentindo os ombros agoniados, sob a cruz das responsabilidades crescentes.

Não vacilemos, porém.

Associando paciência e ação, brandura e energia – e às vezes mais energia na brandura

– sigamos à frente, convencidos de que o Senhor não nos desampara.
Recordemo-lo, sozinho e desfalecente, mas sereno e valoroso e prossigamos, de
consciência erguida na paz do dever cumprido.

De mensagem recebida em 13.11.1964.

PEDRAS DA VIDA

... há situações que constituem a nossa prova aflitiva e áspera, mas redentora e
sacrificante.

Perdoemos as pedras da vida pelo ouro da experiência e de luz que nos oferecem.
E, sobretudo, armemo-nos de coragem para o trabalho, porque é na dor do presente que
corrigimos as lutas de ontem, acendendo abençoada luz para o nosso grande porvir.

De mensagem recebida em 26.04.1958.

DEGRAUS ACIMA

... as dificuldades são os degraus de ascensão.

Cultivemos serenidade e confiança.

De mensagem recebida em 13.10.1964.

PROSSEGUIMENTO

... oremos pelos que nos perseguem e caluniam e continuemos fiéis ao trabalho que nos
foi confiado.

De mensagem recebida em 21.04.1958.

CLARA VERDADE

... recordemos: as árvores secas não são apedrejadas e as fontes poluídas são relegadas
ao abandono.

De mensagem recebida em 16.06.1958.

EM MARCHA

... o caminho de ascensão espiritual é a trilha pedregosa do sacrifício, a que, muitas
vezes, se misturam ansiedade e solidão.

Prossigamos com a firmeza de todos os dias, fazendo o melhor e esquecendo agressões
e pedradas, à maneira do semeador que remove, em silêncio, os detritos da gleba, a fim
de ambientar a boa semente.

Há quem se desvele por nós na Vida Superior, quem nos sustente e nos guie.

De mensagem recebida em 01.06.1962.

*

03

ANDRÉ LUIZ – RESPOSTAS DA VIDA

7. Presentes de amor

Quando você houver beneficiado a alguém, consolide sua bondade com o silêncio
sobre a dádiva que fez para que você não humilhe quem a recebe.

0

Não se oponha contra quem fale pelo simples prazer da contradita.

0

Preste uma informação sem desprimorar quem a solicita.

0

Converse sem desejar parecer maior ou melhor que os circunstantes.

0

Habitue-se a evitar confrontações para não ferir as suscetibilidades de quem ouve.

0

Tolere o apontamento menos feliz de algum amigo sem irritação e sem revide.

0

Cultive a paciência nos momentos difíceis, abstando-se de agravar tribulações e
problemas.

0

Não tente o coração alheio com promessas que não deseje e nem possa cumprir.

0

Atenda ao bem pela alegria de servir sem cobrar tributos de gratidão.

0

Não exija a cooperação dos outros em tarefas que você possa realizar por si mesmo.

0

Espalhando esses presentes de amor estará você efetuando na organização cambial da vida os seus melhores investimentos de Paz e Felicidade.

*

04

EMMANUEL – LEIS DE AMOR

VII – O TRATAMENTO DAS DOENÇAS E O ESPIRITISMO

1 - O Espiritismo pode contribuir para o tratamento das doenças?

- A doutrina Espírita, expressando o Cristianismo Redivivo, não apenas descortina os panoramas radiantes da imortalidade, ante o grande futuro, mas é igualmente luz para o homem, a clarear-lhe o caminho; desse modo, desempenha função específica no tratamento das doenças que fustigam a Humanidade, por ensinar a medicina da alma, em bases no amor construtivo e reedificante.

- Nas trilhas da experiência terrestre, realmente, a cada trecho, surpreendemos desequilíbrios, a se exprimirem por enfermidades individuais ou coletivas.

2 - Existe uma patologia da alma?

- Mágoas, ressentimentos, desesperos, atritos e irritações entretecem crises do pensamento, estabelecendo lesões mentais que culminam em processos patológicos, no corpo e na alma, quando não se convertem, de pronto, em pábulo da loucura ou em sombra da morte.

3 - Por que acontece assim?

- Isso acontece porque milhões de criaturas, repostas no lar, recapitulam amargosas e graves experiências, junto àqueles que atormentaram outrora ou que outrora lhes foram implacáveis verdugos; metamorfoseados em companheiros que, às vezes, trazem o nome de pais e figuram-se adversários intransigentes; respondem por filhos e mais se assemelham a duros algozes dos corações afetuosos que lhes deram o tesouro do berço; carregam a certidão de esposos e parecem forçados, em algemas duplas na pedreira do sofrimento; fazem-se conhecidos por titulares da parentela e exibem-se, à feição de carrascos tranquilos.

4 - Como classificar o reduto doméstico, onde se reúnem sob os mesmos interesses e sob o mesmo sangue os inimigos de existências passadas?

- Do ponto de vista mental, os adversários do pretérito, reencarnados no presente, expandem entre si tamanha carga vibratória de crueldade e rebeldia, que transfiguram o ninho familiar em furna, minado por miríades de raios destrutivos de azedume e aversão.

5 - Qual o papel dos princípios espíritas diante dos conflitos familiares?

- Diante dos conflitos familiares, surgem os princípios espíritas por mediação providencial.

6 - Qual o ponto fundamental do socorro espírita nos males de origem doméstica?

- Claramente, na educação individual e, evidenciando a reencarnação, destaca o impositivo da tolerância mútua, por terapêutica espiritual imediata, a fim de que os pontos nevrálgicos do indivíduo ou do grupo sejam definitivamente sanados.

7 - Como classificam a Doutrina Espírita as pessoas difíceis da convivência ou da consanguinidade?

- A Doutrina Espírita, proclamando o entendimento fraterno por medida inalienável, perante os ajustes precisos, cataloga os irmãos transviados na ficha dos enfermos carecentes de compaixão e socorro.

8 - Como funcionam os ensinamentos espíritas na cura dos males que infelicitam as criaturas humanas?

- Os ensinamentos espíritas, despertando a mente para a necessidade do trabalho e do estudo espontâneo, preparam a criatura em qualquer situação, para a obra do aperfeiçoamento próprio e desvelando a continuidade da vida, para lá da morte, patenteiam ao raciocínio de cada um que a individualidade não encontrará, além-túmulo, qualquer prerrogativa e sim a felicidade ou o infortúnio que construiu para si mesma, através daquilo que fez aos semelhantes.

9 - A caridade pode auxiliar nas curas dos males humanos?

- Fácil verificar, assim, que a Doutrina Espírita encerra a filosofia do pensamento reto, por agente preservativo da saúde moral, e consubstancia a religião natural do bem, cujas manifestações definem a caridade por terapêutica de alívio e correção de todos os males que afligem a existência.

10 - Em que fórmulas essenciais se baseiam a terapêutica espírita?

- Com os ensinamentos espíritas aprendemos que os atos de bondade, ainda os mais apagados e pequeninos, são plantações de alegrias eternas e que o perdão incondicional das ofensas é a fórmula santificante para supressão da dor e renovação do destino.

11 - Quais são os medicamentos do espírito?

- Nas atividades espíritas, colhemos do magnetismo sublimados benefícios imediatos, seja no clima do passe, sob o influxo da oração, ou no culto sistemático do Evangelho no lar, por intermédio dos quais, benfeitores e amigos desencarnados nos reequilibram as forças, através da inspiração elevada, apaziguando-nos os pensamentos, ou se valem de recursos mediúnicos esparsos no ambiente, a fim de nos propiciarem socorro à alma aflita ou às energias exaustas.
- Se abraçastes, pois, a Doutrina Espírita, perlustra-lhes os ensinamentos e compreenderás que a humildade e a benevolência, o serviço e a abnegação, a paciência e a esperança, a solidariedade e o otimismo são medicamentos do Espírito, transformando lutas em lições e dificuldades em bênçãos, porque no fundo de cada esclarecimento e de cada mensagem consoladora, que te fluem da inspiração, ouvirás a palavra do Cristo: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”.

*

05

EMMANUEL – O CONSOLADOR

PRÁTICA

O APOSTOLADO

408 – Seria proveitosa a criação de associações de auxílio material aos médiuns?

- No Espiritismo é sempre de bom aviso evitar-se a consecução de iniciativas tendentes a estabelecer uma nova classe sacerdotal no mundo.

Os médiuns, nesse ou naquele setor da sociedade humana, devem o mesmo tributo ao trabalho, à luta e ao sofrimento, indispensáveis à conquista do agasalho e do pão material. Ao demais, temos de considerar, acima de toda proteção precária do mundo, o amparo de Jesus aos seus trabalhadores de boa-vontade. Toda expressão de sacrifício sincero está eivada de luz divina, todo trabalho sincero é elevação e toda dor

é luz, quando suportada com serenidade e confiança no Mestre dos mestres.

409 – Como deverá proceder o médium sincero para a valorização do seu apostolado?

- O médium sincero necessita compreender que, antes de cogitar da doutrinação dos Espíritos, ou de seus companheiros de luta na Terra, faz-se mister a iluminação de si próprio pelo conhecimento, pelo cumprimento dos deveres mais elevados e pelo esforço de si mesmo na assimilação perfeita dos princípios doutrinários.

No desdobramento dessa tarefa, jamais deve descuidar-se da vigilância, buscando aproveitar as possibilidades que Jesus lhe concedeu na edificação do trabalho estável e útil. Não deve cultivar o sofrimento pelas queixas descabidas e demasiadas e nem recorrer, a todo instante, à assistência dos seus guias, como se perseverasse em manter uma atitude de criança inexperiente.

O estudo da Doutrina e, sobretudo, o cultivo da auto evangelização deve ser ininterrupto. O médium sincero sabe vigiar, fugindo da exploração material ou sentimental, compreendendo, em todas as ocasiões, que o mais necessitado de misericórdia é ele próprio, a fim de dar pleno testemunho do seu apostolado.

410 – Onde o maior escolho do apostolado mediúnico?

- O primeiro inimigo do médium reside dentro dele mesmo. Frequentemente é o personalismo, é a ambição, a ignorância ou a rebeldia no voluntário desconhecimento dos seus deveres à luz do Evangelho, fatores de inferioridade moral que, não raro, o conduzem a invigilância, à leviandade e à confusão dos campos improdutivos.

Contra esse inimigo é preciso movimentar as energias íntimas pelo estudo, pelo cultivo da humildade, pela boa-vontade, com o melhor esforço de autoeducação, à claridade do Evangelho.

O segundo inimigo mais poderoso do apostolado mediúnico não reside no campo das atividades contrárias à expansão da Doutrina, mas no próprio selo das organizações spiritistas, constituindo-se daquele que se convenceu quanto aos fenômenos, sem se converter ao Evangelho pelo coração, trazendo para as fileiras do Consolador os seus caprichos pessoais, as suas paixões inferiores, tendências nocivas, opiniões cristalizadas no endurecimento do coração, sem reconhecer a realidade de suas deficiências e a exiguidade dos seus cabedais íntimos. Habitados ao estacionamento, esses irmãos infelizes desdenham o esforço próprio – única estrada de edificação definitiva e sincera – para recorrerem aos espíritos amigos nas menores dificuldades da vida, como se o apostolado mediúnico fosse uma cadeira de cartomante. Incapazes do trabalho interior pela edificação própria na fé e na confiança em Deus, dizem-se necessitados de conforto. Se desatendidos em seus caprichos inferiores e nas suas questões pessoais, estão sempre prontos para acusar e escarnecer. Falam da caridade, humilhando todos os princípios fraternos; não conhecem outro interesse além do que lhes lastreia o seu próprio egoísmo. São irônicos, acusadores e procedem quase sempre como crianças levianas e inquietas. Esses são também aqueles elementos da confusão, que não penetram o templo de Jesus e nem permitem a entrada de seus irmãos.

Esse gênero de inimigos do apostolado mediúnico é muito comum e insistente nos seus processos de insinuação, sendo indispensável que o missionário do bem e da luz se resguarde na prece e na vigilância. E como a verdade deve sempre surgir no instante oportuno, para que o campo do apostolado não se esterilize, faz-se imprescindível fugir deles.

411 – Onde a luz definitiva para a vitória do apostolado mediúnico?

- Essa claridade divina está no Evangelho de Jesus, com o qual o missionário deve estar plenamente identificado para a realização sagrada da sua tarefa. O médium sem Evangelho pode fornecer as mais elevadas informações ao quadro das filosofias e

ciências fragmentárias da Terra; pode ser um profissional de nomeada, um agente de experiências do invisível, mas não poderá ser um apóstolo pelo coração. Só a aplicação com o Divino Mestre prepara no íntimo do trabalhador a fibra da iluminação para o amor, e da resistência contra as energias destruidoras, porque o médium evangelizado sabe cultivar a humildade no amor ao trabalho de cada dia, na tolerância esclarecida, no esforço educativo de si mesmo, na significação da vida, sabendo, igualmente, levantar-se para a defesa da sua tarefa de amor, defendendo a verdade sem transigir com os princípios no momento oportuno.

O apostolado mediúnico, portanto, não se constitui tão-somente da movimentação das energias psíquicas em suas expressões fenomênicas e mecânicas, porque exige o trabalho e o sacrifício do coração, onde a luz da comprovação e da referência é a que nasce do entendimento e da aplicação com Jesus-Cristo.

FIM DO LIVRO “O CONSOLADOR”

*

06

O LIVRO DOS MÉDIUNS – ALLAN KARDEC CAPÍTULO XVII – FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE

PERDA E SUSPENSÃO DA MEDIUNIDADE - continuação

220. A faculdade mediúnica está sujeita a intermitências e a suspensões momentâneas, tanto para as manifestações físicas, quanto para a escrita. Eis a resposta dos Espíritos a algumas perguntas feitas a propósito:

8. A suspensão implica o afastamento dos Espíritos que habitualmente se comunicam?

— De maneira alguma. O médium se acha na situação da pessoa que tivesse perdido a vista momentaneamente, mas não foi abandonada pelos amigos, embora não os veja. O médium pode e deve continuar a conversar pelo pensamento com os Espíritos familiares e persuadir-se de que é ouvido. Se a falta da mediunidade pode privá-lo das comunicações por meio material com certos Espíritos, não o priva das comunicações mentais. (5) (5) No original: communications morales, como tem sido traduzido. Mas a palavra moral em francês, tem nesse sentido uma acepção que não lhe damos em português. Daí preferirmos a palavra mental. (N. do T.)

9. Assim, a interrupção da faculdade mediúnica nem sempre é uma censura dos Espíritos?

— Não, sem dúvida, pois pode ser uma demonstração de benevolência.

10. Por que meio se pode reconhecer uma censura na interrupção?

— Que interroge a sua consciência e pergunte a si mesmo que uso tem feito da sua faculdade, que bem disto tem resultado para os outros, que proveito tem tirado dos conselhos que lhe deram, e terá a resposta.

11. O médium impedido de escrever não pode recorrer a outro?

— Isso depende da causa da interrupção. Essa é quase sempre a necessidade de vos deixar tempo para meditação, após os conselhos que vos foram dados, a fim de não vos deixar acostumado a nada fazer sem nós. Nesse caso ele não encontrará o que procura com outro médium, e isso tem ainda um fim, que é o de provar a independência dos Espíritos, que não podeis fazer agir à vossa vontade.

É também por essa razão que os que não são médiuns nem sempre obtêm todas as comunicações que desejam.

OBSERVAÇÃO - Deve-se observar, com efeito, que os que recorrem a um terceiro para obter comunicações, muitas vezes nada obtêm de satisfatório, enquanto, noutras

ocasiões, as respostas obtidas são bastante explícitas. Isso de tal maneira depende da vontade dos Espíritos, que nada se consegue mudando de médium. Parece que os próprios Espíritos obedecem, nesse caso, a uma palavra de ordem, pois o que não se consegue de um, de outro não se obterá melhor. Deve-se então evitar de insistir e de se impacientar, para não ser vítima de Espíritos enganadores, que responderão se o desejarmos ardentemente, pois os bons deixarão que o façam, para punirem a nossa teimosia.

12. Com que fim a Providência dotou certas pessoas de mediunidade, de uma maneira especial?

— É uma missão de que as encarregou e de que elas se sentem felizes: são intérpretes entre os Espíritos e os homens.

13. Mas há médiuns que só empregam a sua faculdade com má vontade.

— São médiuns imperfeitos. Não sabem o valor da graça que lhes foi concedida.

14. Se é uma missão, por que não se apresenta como privilégio dos homens de bem, sendo dada a pessoas que não merecem nenhuma consideração e que podem abusar dela?

— Precisamente porque essas pessoas necessitam dela para se aperfeiçoarem, e para que tenham a possibilidade de receber bons ensinamentos. Se não a aproveitarem, sofrerão as conseqüências. Jesus não falava de preferência aos pecadores, dizendo que é preciso dar aos que não têm?

15. As pessoas que têm grande desejo de escrever como médiuns e não o conseguem, podem chegar a conclusões negativas contra si mesmas, no tocante à boa vontade dos Espíritos para com elas?

— Não, porque Deus pode haver-lhes recusado essa faculdade, como pode haver-lhes recusado o dom da poesia ou da música, mas se não gozam desses favores, podem gozar de outros.

16. Como um homem pode aperfeiçoar-se pelo ensinamento dos Espíritos, quando não tem, seja por seu intermédio ou de outros médiuns, a possibilidade de receber esse ensino direto?

— Não tem ele os livros, como os cristãos têm o Evangelho? Para praticar a moral de Jesus os cristãos não precisam ter ouvido as palavras da própria boca do mestre.(6)

(6) A mediunidade é uma faculdade humana como qualquer outra. Ninguém pode alegar que não a possui, pois todos têm pressentimentos, intuições, percepções extra sensoriais, sonhos premonitórios e assim por diante. Como as demais faculdades, Deus a distribui segundo as necessidades evolutivas de cada criatura. O ensino direto dos Espíritos não é dado apenas através dos médiuns propriamente ditos, ou seja, das pessoas investidas de mediunato (missão mediúnica), mas também e principalmente pelas intuições boas que todos recebem, e que podem receber em maior quantidade, quanto mais as aproveitarem. Nossas relações com os Espíritos são permanentes, constituindo um aspecto da Natureza que só agora as Ciências começam a pesquisar. E o ensino espiritual, como se vê na resposta acima, encontra-se também nos livros religiosos e nas obras fundamentais da Doutrina Espírita, ao alcance de todos. (N. do T.)

*

07

PRÁTICA DE DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

*

FINAL DA REUNIÃO

*

SEGUNDA PARTE

“EDUCAÇÃO MEDIÚNICA – CURSO TEÓRICO E PRÁTICO” - PRIMEIRO ANO

1ª AULA – 06 DE JULHO DE 2.016

01

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – ALLAN KARDEC

CAPÍTULO I

NÃO VIM DESTRUIR A LEI

AS TRÊS REVELAÇÕES: MOISÉS, CRISTO. O ESPIRITISMO - ALIANÇA DA CIÊNCIA COM A RELIGIÃO – INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS: A NOVA ERA

1. *Não penseis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim para destruí-los, mas para dar-lhes cumprimento. Porque em verdade vos digo que o Céu e a Terra não passarão, até que não se cumpra tudo quanto está na lei, até o último jota e o último ponto. (SÃO MATEUS, V:17-18).*

MOISÉS

2. Há duas partes distintas na lei mosaica: a lei de Deus, promulgada sobre o Monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, estabelecidas por Moisés. Uma é invariável; a outra é apropriada aos costumes e ao caráter do povo, e se modifica com o tempo. A lei de Deus está formulada nos dez mandamentos seguintes:

I - Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás deuses estrangeiros diante de mim. Não farás para ti imagens de escultura, nem figura alguma de tudo o que há em cima no Céu, e do que há embaixo na terra, nem de coisa que haja nas águas debaixo da terra. Não adorarás nem lhes darás culto.

II - Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão.

III - Lembra-te de santificar o dia de sábado.

IV - Honrarás a teu pai e a tua mãe para teres uma dilatada vida sobre a terra que o Senhor teu Deus te há de dar.

V - Não matarás.

VI - Não cometerás adultério.

VII - Não furtarás.

VIII - Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.

IX - Não desejarás a mulher do próximo.

X - Não cobiçarás a casa do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem outra coisa alguma que lhe pertença.

Esta lei é de todos os tempos e de todos os países, e tem, por isso mesmo, um caráter divino. Todas as demais são leis estabelecidas por Moisés, obrigado a manter pelo temor um povo naturalmente turbulento e indisciplinado, no qual tinha de combater alguns abusos arraigados e preconceitos adquiridos durante a servidão no Egito. Para dar autoridade às suas leis ele teve de lhes

atribuir uma origem divina, como o fizeram todos os legisladores dos povos primitivos. A autoridade do homem devia apoiar-se sobre a autoridade de Deus. Mas só a idéia de um Deus terrível podia impressionar homens ignorantes, em que o senso moral e o sentimento de uma estranha justiça estavam ainda pouco desenvolvidos. É evidente que aquele que havia estabelecido em seus mandamentos: "não matarás" e "não farás mal ao teu próximo", não poderia contradizer-se, ao fazer do extermínio um dever. As leis mosaicas, propriamente ditas, tinham, portanto, um caráter essencialmente transitório.

*

02

SEARA DOS MÉDIUNS – EMMANUEL

8 - Conhecimento superior

Questão nº 28 - Parágrafo 4º

Na aquisição do conhecimento superior não acredites que o deslumbramento substitua o trabalho.

Nem julgues que o benfeitor espiritual, por mais amigo, possa efetuar a obra que te compete.

O professor esclarece.

O aluno, porém, deve equacionar os problemas da escola.

O médico auxilia.

O doente, contudo, deve atender-lhe as indicações.

Toda realização pede esforço.

Toda construção pede tempo.

*

Repara a árvore educada que se fez preciosa.

É um monumento de beleza e vitalidade.

Grandes raízes garantem-lhe a existência.

Tronco robusto resiste à força do vento.

Galhos crescem, enormes, ajudando a quem passa.

Flores surgem, desafiando geômetras e pintores.

Frutos aparecem, ricos de suco nutritivo.

Fibras e folhas, seiva e perfume completam-lhe a respeitabilidade e a grandeza.

Lembre-nos, no entanto, de que o prodígio, atingindo, às vezes, centenas ou milhares de quilos, estava contido, em essência, na semente pequenina de apenas alguns gramas.

Entretanto, se alguém não houvesse cultivado a semente minúscula, consagrando-lhe atenção e trabalho no curso dos dias, a árvore magnificente não se teria consolidado, afirmando-se em madureza e cooperação.

*

Agradece, pois, o carinho dos Espíritos generosos, encarnados ou desencarnados, que te amparam a experiência, aplicando-te às lições de que são mensageiros.

Não admitas, contudo, que a presença deles te baste ao aprimoramento individual.

Recorda que nem os companheiros da glória do Cristo escaparam ao impositivo do serviço constante.

Os apóstolos que lhe respiraram a convivência não repousam ante as flamas do Pentecostes, mas seguem, luta diante, de renúncia em renúncia, adquirindo, pouco a pouco, a grande libertação, e Saulo de Tarso, visitado pelo próprio Mestre, em pessoa,

não para sob o jorro solar da senda de Damasco, mas avança, de suplício em suplício, assimilando, a preço de sofrimento, o dom da Divina Luz.

*

03

A CAMINHO DA LUZ – EMMANUEL

Antelóquio

Meus amigos, que Deus vos conceda paz.

É-me grata a vossa palestra a respeito dos nossos trabalhos. Esperemos e supliquemos a bênção do Alto para o nosso esforço. Dando seguimento aos nossos estudos, procuremos esforçar-nos por mostrar a verdadeira posição do Evangelho do Cristo, tanta vez incompreendido aí no mundo, em face das religiões e das filosofias terrenas.

Não deverá ser este um trabalho histórico. A história do mundo está compilada e feita. Nossa contribuição será à tese religiosa, elucidando a influência sagrada da fé e o ascendente espiritual, no curso de todas as civilizações terrestres. O livro do irmão Humberto (1) "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho" foi a revelação da missão coletiva de um país; nosso esforço consistirá, tão-somente, em apontamentos à margem da tarefa de grandes missionários do mundo e de povos que já desapareceram, esclarecendo a grandeza e a misericórdia do Divino Mestre. Vamos esperar os dias próximos, quando tentaremos realizar nossos planos humildes de trabalho. Que Deus vos conceda a todos tranquilidade e saúde, e a nós as possibilidades necessárias. Muito vos agradeço o concurso de cada um no esforço geral. Trabalhem na grande colmeia da evolução, sem outra preocupação que não seja a de bem servir Àquele que, das Alturas, sabe de todas as nossas lutas e lágrimas. Confiemos nEle. Do seu coração augusto e misericordioso parte a fonte da luz e da vida, da harmonia e da paz para todos os corações. Que Ele vos abençoe.

EMMANUEL

(Mensagem recebida em 17- 8 -1938.)

*

04

PENSAMENTO E VIDA - EMMANUEL

Perguntou-nos coração amigo se não possuíamos algum livro no Plano Espiritual, suscetível de ser adaptado às necessidades da Terra.

Algumas páginas que falassem, ao espírito, dos problemas do espírito... Algo leve e rápido que condensasse os princípios superiores que nos orientam a rota ...

E lembramo-nos, por isso, de singela cartilha falada de que dispomos em nossas tarefas, junto aos companheiros em trânsito para o berço, utilizada em nossas escolas de regeneração, entre a morte e o renascimento.

Anotações humildes que repontam do cérebro como flores que rebentam do solo, sem pertencerem, no fundo, ao jardim que as recolhe, por nascerem da Bondade de Deus que conjuga o Sol e a gleba, a fonte e o ar, o adubo e o vento, para nelas instilar a cor e a forma, a beleza e o perfume...

Eis aqui, portanto, adaptada quanto possível ao campo do esforço humano, a nossa cartilha simples.

“Pensamento e Vida”, chamamos-lhe no Mundo Espiritual e, sob a mesma designação, oferecemo-la aos nossos irmãos de luta, temporariamente internados na esfera física, para informá-los, ainda uma vez, de que o nosso pensamento cria a vida que procuramos, através do reflexo de nós mesmos, até que nos

identifiquemos, um dia, no curso dos milênios, com a Sabedoria Infinita e com o Infinito Amor, que constituem o Pensamento e a Vida de Nosso Pai.

EMMANUEL - Pedro Leopoldo, 11 de fevereiro de 1958.

*

05

O ESPÍRITO E O TEMPO – J. HERCULANO PIRES PRELIMINARES

Um século após a codificação do Espiritismo por Allan Kardec, reina ainda grande incompreensão a respeito da doutrina, de sua própria natureza e de sua finalidade. A codificação, entretanto, foi elaborada em linguagem clara, precisa, sensível a todos. À lucidez natural do espírito francês, Kardec juntava a sua vocação e a sua experiência pedagógica, além da compreensão de tratar com matéria sumamente complexa. Vemo-lo afirmar, a cada passo, que desejava escrever de maneira a não deixar margem para interpretações, ou seja, para divergências interpretativas.

Qual o motivo, então, por que os próprios adeptos do Espiritismo, ainda hoje, divergem, no tocante a questões doutrinárias de importância? E qual o motivo por que os não-espíritas continuam a tratar o Espiritismo com a maior incompreensão? Note-se que não nos referimos a adversários, pois estes têm a sua razão, mas aos "não-espíritas". Parece-nos que a explicação, para os dois casos, é a mesma. *O Espiritismo é uma doutrina do futuro*. À maneira do Cristianismo, abre caminho no mundo, enfrentando a incompreensão de adeptos e não-adeptos.

Em primeiro lugar, há o problema da posição da doutrina. Uns a encaram como sistematização de velhas superstições; outros, como tentativa frustrada de elaboração científica; outros, como ciência infusa (nata, inata, natural, própria), não organizada; outros ainda, como esboço impreciso de filosofia religiosa; outros, como mais uma seita, entre as muitas seitas religiosas do mundo. Para a maioria de adeptos e não-adeptos, o Espiritismo se apresenta como simples "crença", espécie de religião e superstição, ao mesmo tempo, eivada de resíduos mágicos.

Ao contrário de tudo isso, porém, o Espiritismo, segundo a definição de Kardec e dos seus principais continuadores, constitui a última fase do processo do conhecimento. Última, não no sentido de fase final, mas da que o homem pôde atingir até agora, na sua lenta evolução através do tempo. É evidente que se trata do conhecimento em sentido geral, não limitado a um determinado aspecto, não especializado. Nesse sentido geral, o Espiritismo aparece como uma síntese dos esforços humanos para compreensão do mundo e da vida. Justifica-se, assim, que haja dificuldade para a sua compreensão, apesar da clareza da estrutura doutrinária da codificação. De um lado, o povo não pode abarcá-lo na sua totalidade, contentando-se com o seu aspecto religioso; de outro, os especialistas não admitem a sua natureza sintética; e de outro, ainda, os preconceitos culturais levantam numerosas objeções aos seus princípios.

(...)

*

06

MEDIUNIDADE (VIDA E COMUNICAÇÃO) – J. HERCULANO PIRES QUESTÕES INICIAIS

A situação atual do problema mediúnico, nesta fase de acelerada transição da vida terrena, exige novos estudos e atualizadas reflexões sobre a Mediunidade. As descobertas científicas do nosso tempo, especialmente na Física, na Psicologia e na Biologia, confirmaram decisivamente a teoria espírita da Mediunidade, a ponto de interessarem os próprios cientistas soviéticos pela obra do *racionalista francês Allan Kardec*, segundo as

informações procedentes da URSS. As teorias parapsicológicas, confirmadas pelas mais rigorosas experiências de laboratório, pareciam inicialmente contraditar os conceitos espíritas, firmados em meados do século passado (século XIX) e por isso mesmo suspeitos de insuficiência. Todos os fenômenos mediúnicos reduziam-se ao plano mental, a ponto de substituir-se as palavras *alma* e *espírito* pela palavra *mente*. Instituíam-se um mentalismo psicofisiológico que ameaçava todas as concepções espiritualistas do homem.

Durou pouco essa ameaça. Após dez anos de pesquisas repetitivas sobre os fenômenos mais simples, como clarividência e telepatia, outros fenômenos, mais complexos e profundos, impuseram-se à atenção dos cautelosos pesquisadores, que começaram a levantar, sem querer, as pontas do Véu de Ísis. Num instante a invasão das áreas universitárias da América e da Europa, com repercussões imediatas nos grandes centros culturais da Ásia, pelos fenômenos de aparições, vidência, manifestações tiptológicas e de levitação de objetos sem contato, bem como os de precognição e retro-cognição, levaram o Prof. Joseph Banks Rhine, da Universidade de Duke (EUA) a proclamar com dados experimentais de inegável significação, que o pensamento não é físico, o mesmo se aplicando à mente. Rhine se expunha ao temporal de críticas e ironias, expondo a Parapsicologia à excomunhão cultural.

Vassiliev, da Universidade de Leningrado, propôs-se a provar o contrário, através de uma série de experiências, mas não o conseguiu. Desencadeou-se então, no mundo, o que a *Encyclopaedia Britannica* chamou de *psychic-boom*, uma explosão psíquica mundial. Os fenômenos mediúnicos conseguiram, afinal, a cidadania científica que as Academias lhe haviam negado. Parodiando uma expressão de Kardec sobre o hipnotismo, repudiado durante anos pela Academia Francesa, podemos dizer que a Mediunidade, não podendo entrar nas Academias pela porta da frente, entrou pela porta da cozinha, ou seja, dos laboratórios.

O reconhecimento científico da realidade dos fenômenos mediúnicos afetou beneficentemente o Espiritismo, mas trouxe-lhe também algumas desvantagens. Muitos espíritas se deslumbraram com o fato e julgaram-se capazes, embora sem o necessário preparo, de criticar e reformar Kardec, o vencedor, como se fosse um derrotado. Com isso pulularam as inovações teóricas e práticas no Espiritismo, aturdindo particularmente os iniciantes, que afluíram em massa às instituições doutrinárias. O que daí por diante se publicou, em jornais, revistas, folhetos e livros, a pretexto de ensinar Espiritismo e Mediunidade, foi uma avalanche de pretensões vaidosas e absurdos desmedidos. Por toda parte surgiram os profetas da nova era científico-espírita, além do charlatanismo interesseiro e ganancioso dos *professores* contrários à doutrina, que se julgavam mais capazes de refutar Rhine do que o veterano Vassiliev.

Hoje ainda perduram as confusões a respeito. Afirma-se tudo a respeito da Mediunidade: é uma manifestação dos poderes cerebrais do homem, esse computador natural que pode programar o mundo; é uma eclosão dos resíduos animais de percepção sem controle de órgãos sensoriais específicos; é uma energia ainda desconhecida do córtex cerebral, mas evidentemente física (Vassiliev); é um despertar de novas energias psicobiológicas do homem, no limiar da era cósmica; é o produto do inconsciente excitado; é uma forma ainda não estudada da sugestão hipnótica. Ninguém se lembra da explicação simples e clara de Kardec: *é uma faculdade humana.*

(...)

*

07

OBSESSÃO. O PASSE. A DOUTRINAÇÃO – J. HERCULANO PIRES
Informações Preliminares.

A obsessão se caracteriza pela ação de entidades espirituais inferiores sobre o psiquismo humano. Kardec distinguiu, em suas pesquisas, três graus do processo obsessivo: obsessão simples, subjugação e fascinação. No primeiro grau a infestação espiritual atinge a mente causando perturbações mentais; no segundo grau amplia-se aos centros da afetividade e da vontade, afetando os sentimentos e o sistema psicomotor, levando o obsedado a atitudes e gestos estranhos e tíques nervosos; no terceiro grau afeta a própria consciência da vítima, desencadeando processos alucinatórios.

As causas da obsessão decorrem de vários fatores, dos quais os mais frequentes são: problemas reencarnatórios, tendências viciosas, egoísmo excessivo, ambições desmedidas, aversão a certas pessoas, ódio, sentimentos de vingança, futilidade, vaidade exagerada, apego ao dinheiro e assim por diante. Essas disposições da criatura atraem espíritos afins que a envolvem e são aceitos por ela como companheiros invisíveis. Os espíritos obsessores não são os únicos culpados da obsessão. Geralmente o maior culpado é a vítima.

Na Antiguidade a obsessão era tratada com violência. As práticas do exorcismo, até hoje vigentes no Judaísmo e no Catolicismo, destinam-se a afastar o demônio de maneira agressiva e violenta. No Espiritismo o método empregado é o da persuasão progressiva do obsessor e do obsedado. É o que se chama de doutrinação, ou seja, esclarecimento de ambos à luz da Doutrina Espírita. Não se usa nenhum ingrediente especial. Emprega-se apenas a prece e a conversação persuasiva. **Esclarecido o obsedado, atinge-se o obsessor, que ficam, por assim dizer, vacinados contra novas ocorrências obsessivas.**

*

08

O TESOURO DOS ESPÍRITAS – MIGUEL VIVES GUIA PRÁTICO PARA A VIDA ESPÍRITA

Conteúdo resumido

Nesta obra, Miguel Vives resume toda a sua experiência de vida dedicada à divulgação do Espiritismo na Espanha, não só como trabalhador e dirigente espírita, mas especialmente na demonstração do exemplo de conduta espírita-cristã, pregando e adotando em sua própria vida os ensinamentos do Evangelho de Jesus. Conforme as palavras de J. Herculano Pires, que assinou a Segunda Parte deste livro, o objetivo da obra é indicar aos espíritas várias maneiras de proceder nas circunstâncias da vida e em face dos múltiplos problemas da hora presente.

É um guia prático, como o denominou Miguel Vives, com preciosas orientações sobre a conduta espírita, baseadas na experiência pessoal dos autores e na inspiração dos Benfeitores Espirituais que os assistiram na elaboração destas páginas.

O livro nobre é um mestre silencioso, que ensina sem paga. - **Batuíra**

* * * Sorria sempre, mesmo que seja um sorriso triste, porque mais triste do que um sorriso triste é a tristeza de não saber sorrir. - **Emmanuel**

* * * Aos Espíritas de Espanha que hoje vivem no subsolo, como os cristãos primitivos nas catacumbas, a homenagem brasileira desta reedição das lições de Miguel Vives, o médium, o vidente e o profeta de Tarrasa; acrescidas do adendo: “Marcha para o Futuro”, de autoria do Irmão Saulo (J. Herculano Pires). (*)

(*) “*Irmão Saulo*” foi o pseudônimo utilizado por J. Herculano Pires, quando articulista do Estado de São Paulo.

*

09

PARAPSIKOLOGIA HOJE E AMANHÃ – J. HERCULANO PIRES O que é o homem?

A pergunta "O que é o homem?" abre esta edição porque corresponde precisamente

à encruzilhada a que a Parapsicologia chegou neste momento. A investigação dos fenômenos parapsíquicos revelou à Ciência um homem de novas dimensões. As duas linhas clássicas de interpretação antropológica — ou as diversas Antropologias a que se refere Rhine — encontraram a sua superação dialética na síntese do *homem-psi*.

Tínhamos de um lado a tese do homem espiritual e de outro a antítese do homem animal. As concepções religiosas em geral ofereciam-nos a perspectiva de uma Antropologia espiritualista. As concepções científicas reduziam essa perspectiva às limitações de uma Antropologia materialista. Mas o avanço das próprias pesquisas científicas levou o dilema *espiritualismo-materialismo* à solução que hoje se impõe em todos os campos do conhecimento, particularmente na própria Física. E claro que a Psicologia, sujeita aos postulados físicos como todas as demais disciplinas científicas, não poderia escapar às conseqüências desse processo. *O homem-psicológico* não pôde mais ajeitar-se na rede animal do sensório. Teve fatalmente de *se abrir* no extra sensório, como o Universo físico *se abriu* no energético.

O homem-psi é a réplica (o que se utiliza para refutar ou contestar o que foi dito) do novo microcosmo ao novo macrocosmo. Em vão reagem — e reagirão ainda por algum tempo — certas áreas psicológicas a essa transformação radical do seu campo de estudos. O homem-psicológico moderno está irremediavelmente superado pelo homem-psi contemporâneo, da mesma forma que o Universo físico foi superado pela nova concepção do Universo energético. Pode-se alegar, como o faz Bertrand Russell, que a energia é também um conceito físico. Mas pode-se responder, com Arthur Compton, que o conceito de energia mudou e mudará ainda mais.

Ao superar o conceito do homem-psicológico, o novo conceito de *homem-psi* não destrói aquele: apenas o amplia. É o mesmo que se dá no tocante ao conceito de Universo, bem como aos seus corolários (conclusão, resultado, conseqüência, ilação) de *matéria e energia*. O conhecimento avança por degraus, é a subida por uma escada. Só os precipitados pretendem negar inteiramente o passado, esquecidos de que as conquistas recentes se apoiam nas anteriores.

A nova concepção do homem não é materialista nem espiritualista, mas as duas coisas ao mesmo tempo. Segundo a bela expressão de Rhine, o repúdio ao dualismo cartesiano, decorrente do exagero que se pode chamar de *dualismo-absoluto*, desaparece ante a demonstração científica da existência universal de um *dualismo-relativo*. Esse novo dualismo aparece no homem como a relação *psico-somática*. Os fenômenos parapsíquicos demonstram a dualidade da composição humana.

Assim, o homem-psi é um composto de psique e soma. Seria isto uma volta à concepção religiosa de alma e corpo? Sim, mas enriquecida, como sempre aconteceu na dialética do conhecimento. A alma não é mais uma entidade metafísica ou uma concepção teológica: é o moderno psiquismo da concepção científica, mas liberto da sujeição ao corpo. A alma não é mais um epifenômeno, um simples resultado das atividades do fenômeno orgânico. Passou a ser a mente, elemento extrafísico do homem, capaz de sobreviver à morte física mas susceptível de investigação científica em laboratório.

*

10

INSTRUÇÕES PRÁTICAS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS ALLAN KARDEC

Conteúdo resumido

Esta é, possivelmente, a obra menos conhecida de Kardec: um manual dedicado aos médiuns.

Lançada em 1858 (“O Livro dos Espíritos” data de 1857), esta é, em ordem cronológica, a segunda obra espírita publicada pelo Codificador; um livro esquecido, depois da publicação de “O Livro dos Médiuns”, que o substituíra, segundo as palavras de Kardec. Todavia, Jean Meyer, sucessor de Allan Kardec na direção da Revista Espírita, redescobriu e publicou estas *Instruções* em 1923. E no mesmo ano Cairbar Schutel traduziu-as para o leitor brasileiro. Ambos, Meyer e Cairbar, perceberam não só o grande valor histórico deste pequeno livro, mas também a importância do seu compacto e precioso vocabulário espírita – cerca de 160 verbetes –, que foi, nos parece, a primeira tentativa nesse sentido, realizada pelo próprio Codificador. *Instruções Práticas* revela-se, portanto, um dos importantes documentos históricos que marcaram o início do Movimento Espírita, além de ser de grande utilidade o seu vocabulário espírita como fonte de consulta.

*

11

O LIVRO DOS MÉDIUNS – ALLAN KARDEC EXPLICAÇÃO

Este é o segundo volume da Codificação do Espiritismo. Logo após a publicação de *O Livro dos Espíritos*, obra básica da doutrina, em 1857, Kardec lançou, em 58, um livrinho intitulado *Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas*. Era um ensaio para elaboração de *O Livro dos Médiuns*, que só pôde aparecer em 1861. Publicado este, Kardec suprimiu aquele. Apesar disso, 62 anos mais tarde, em 1923, Jean Meyer, então diretor da Casa dos Espíritos, resolveu reeditar o *Instruções*, para circular juntamente com este livro, por considerar aquele livrinho útil à iniciação nas questões mediúnicas. No Brasil, Cairbar Schutel, em sua gráfica de Matão, lançou também o *Instruções* em nossa língua.

A finalidade deste livro é desenvolver a parte prática da doutrina, em sequência à exposição teórica do livro básico. Por isso Kardec o considerou "continuação de *O Livro dos Espíritos*", como se vê no frontispício. Mesmo porque, segundo declara na *Introdução*, este livro também pertence aos Espíritos. Foram eles que o orientaram na sua elaboração, eles que o reviram e modificaram inteiramente para a segunda edição de 1862, que ficou sendo a definitiva e que serviu para esta tradução.

Apesar de escrito há cento e tantos anos, *O Livro dos Médiuns* é atualíssimo. Nenhuma outra obra, espírita ou não, sobre a fenomenologia mediúnica, conseguiu superá-lo. É um tratado que tem por fundamento a pesquisa científica e a experiência, além da contribuição teórica dos Espíritos na explicação de vários problemas ainda inacessíveis à pesquisa científica. Essas explicações só eram aceitas por Kardec na medida da sua racionalidade, de acordo com o método de controle rigoroso que estabeleceu para o seu trabalho. Esse método é explicado neste livro e pode ser examinado em minúcias nos relatórios e registros de sessões publicadas na *Revista Espírita*.

INTRODUÇÃO

Diariamente a experiência confirma a nossa opinião de que as dificuldades e desilusões encontradas na prática espírita decorrem da ignorância dos princípios doutrinários. Sentimo-nos felizes ao verificar que foi eficiente o nosso trabalho para prevenir os adeptos para os perigos do aprendizado, e que muitos puderam evitá-los, com a leitura atenta desta obra.

Muito natural o desejo dos que se dedicam ao Espiritismo, de entrarem pessoalmente em comunicação com os Espíritos. Esta obra destina-se lhes facilitar isso, permitindo-lhes aproveitar os frutos de nossos longos e laboriosos estudos. Pois bem errado andaria quem julgasse que, para tornar-se perito no assunto, bastaria

aprender a pôr os dedos numa mesa para fazê-la girar ou pegar um lápis para escrever. Igualmente se enganaria quem pensasse encontrar nesta obra uma receita universal infalível para fazer médiuns. Embora cada qual já traga em si mesmo os germes das qualidades necessárias, essas qualidades se apresentam em graus diversos, e o seu desenvolvimento depende de causas estranhas à vontade humana. Não fazemos poetas, nem pintores ou músicos com as regras dessas artes, que servem apenas para orientar os dons de quem possui os respectivos talentos. Sua finalidade é indicar os meios de desenvolvimento da mediunidade em quem a possui, segundo as possibilidades de cada um, e, sobretudo orientar o seu emprego de maneira proveitosa. Mas não é esse o nosso único objetivo.

Aumenta todos os dias, ao lado dos médiuns, o número de pessoas que se dedica a manifestações espíritas. Orientá-las nas suas observações, apontar-lhes as dificuldades que certamente encontrarão, ensinar-lhes a maneira de se comunicarem com os Espíritos, obtendo boas comunicações, é o que também devemos fazer para completar o nosso trabalho. Ninguém estranhe, pois, se encontrar ensinamentos que poderão parecer descabidos. A experiência mostrará que são úteis.

O estudo atencioso deste livro facilitará a compreensão dos fatos a observar. A linguagem de certos Espíritos parecerá menos estranha, Como instrução prática ele não se dirige exclusivamente aos médiuns, mas a todos que querem observar os fenômenos espíritas.

*

12

ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE - FEB - PROGRAMA I.pdf APRESENTAÇÃO

Este livro resulta do somatório de esforços de coordenadores e mediadores da aprendizagem na área da mediunidade, cujos representantes reuniram-se na Federação Espírita Brasileira, Brasília/DF, em outubro de 2012, para avaliar proposta de revisão dos conteúdos doutrinários espíritas que, desde 1998, vinham sendo utilizados para a formação do trabalhador da mediunidade, a fim de adequá-los às atuais demandas do Movimento Espírita.

Na referida reunião, alguns pontos foram definidos como prioritários para a construção deste novo curso, que passou a ser denominado *Mediunidade: Estudo e Prática*. Destacamos os que se seguem.

1º - O curso de mediunidade permanece constituído de dois programas de estudo, porém mais compactados, com textos mais objetivos. O Programa I destina-se à formação do trabalhador espírita em geral, independentemente da pessoa possuir mediunidade ativa ou pretender integrar-se ao grupo mediúnico, no futuro. O Programa II focaliza aspectos fundamentais relacionados à prática mediúnica, propriamente dita, usual na Casa Espírita.

2º - Os conteúdos doutrinários do curso estão firmemente assentados nos princípios da Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec, e nos valores morais do Evangelho de Jesus.

3º - O período destinado à duração do curso foi substancialmente reduzido. Os conteúdos dos dois programas podem ser realizados em um ano (sete meses para o primeiro programa e cinco meses para o segundo), excluindo-se as atividades complementares do módulo que, com efeito, são optativas e são destinadas a todos os trabalhadores da instituição espírita. Contudo, a duração do curso pode se estender por um ano e meio, ou três semestres letivos, se o estudo for suspenso durante os feriados e ocorrerem recessos.

4º - *Mediunidade: Estudo e Prática* está aberto aos jovens e demais adultos de todas as faixas etárias, desde que possuam conhecimento básico do Espiritismo.

5º - Os encontros semanais do curso abrangem até duas horas de duração, assim distribuídas: Programa I — temas teóricos desenvolvidos em 1 hora e 20/30 minutos; parte prática em 20/30 minutos. Programa

II — Temas teóricos: 30/40 minutos; prática mediúnica: 1 hora e 20/30 minutos.

Importa destacar que os conteúdos doutrinários do curso foram testados e avaliados em conjunto pela coordenação nacional da mediunidade, pelos seus dois assessores nacionais e pelos dois coordenadores e assessores de cada região espírita do país, localizada nas quatro regionais do Movimento Espírita Federativo (Nordeste, Centro, Sul e Norte).

A testagem e a avaliação dos conteúdos de ambos os programas constituíram um plano de ação denominado *Projeto Piloto*, focado no objetivo de construir coletivamente os textos destinados ao curso *Mediunidade: Estudo e Prática*.

Cerca de 26 casas espíritas, incluindo o campo experimental da FEB e de algumas federativas estaduais, se dispuseram a integrar o Projeto Piloto, aplicando o material em centros espíritas da capital e/ou do interior do Estado, em casas espíritas maiores ou outras menores, localizadas na periferia de grandes agrupamentos urbanos.

Trata-se de uma iniciativa inovadora que, a despeito das canseiras naturais, traz aos espíritas envolvidos na tarefa a certeza de que o esforço foi válido, ainda que pese as disciplinas e sacrifícios impostos na elaboração do trabalho, cujo mérito não cabe a uma pessoa ou a uma instituição, mas a todos os trabalhadores de boa vontade que, unidos em torno de um ideal, elaboraram os dois programas do curso *Mediunidade: Estudo e Prática*.

*

13

ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE - FEB - PROGRAMA II.pdf

Apresentação

Em sequência ao Programa I do Curso Estudo e Prática da Mediunidade, colocamos à disposição do Movimento Espírita, em março de 2000, o Programa II do Curso, formatado em tomo único. Posteriormente, em 2003, este Programa foi desdobrado em dois tomos, para facilitar o seu manuseio.

Apresentamos, agora, em 2007, a segunda edição do Curso, totalmente revisada e atualizada. Os conteúdos espíritas estão centrados nas atividades da reunião mediúnica, propriamente dita, desenvolvidos de forma mais objetiva e com maior coerência semântica.

A idéia-síntese norteadora dos fins e dos objetivos do Curso foi mantida, que é a de priorizar a formação do trabalhador da mediunidade que atua num grupo mediúnico ou que dele pretende participar, no futuro.

Contamos que os confrades espíritas concedam a este Curso a mesma receptividade que foi dada ao anterior.

Brasília (DF), 8 de junho de 2007

Esclarecimentos

O novo Curso de Estudo e Prática da Mediunidade, Programa II, mantém a divisão dos seus conteúdos em quatro partes, assim especificadas:

- Fundamentação Espírita
- Prática Mediúnica
- Atividade Complementar
- Culminância do Módulo

A **Fundamentação Espírita** contém os roteiros do estudo teórico, direcionados para a formação do trabalhador do grupo mediúnico.

A **Prática Mediúnica** contém sugestões relativas à parte experimental da mediunidade, ou seja, à reunião mediúnica, propriamente dita. Estas orientações são transmitidas de forma gradual, cuidadosa, levando em consideração a inexperiência dos participantes inscritos no Curso.

A **Atividade Complementar** difere, neste Programa II, da indicada no Programa anterior. Caracteriza-se pela avaliação da prática mediúnica que foi realizada ao longo de cada Módulo de Estudo.

A **Culminância do Módulo** possui um roteiro denominado *Conduta Espírita* que abrange exercícios relacionados a textos que, por sua vez, se reportam às atitudes e ao comportamento do espírita.

Inserimos, no início de cada Módulo, um quadro-geral dos assuntos das atividades previstas, assim como o tempo de duração de cada uma delas.

*

14 – VISÃO ESPÍRITA DA BÍBLIA – J. HERCULANO PIRES

VISÃO ESPÍRITA DA BÍBLIA

I - NOTA DA EDITORA

O presente livro é a reunião de crônicas escritas por J. Herculano Pires e publicadas, em sua maioria, no extinto jornal "Diário de São Paulo". Como os leitores poderão ver, a atualidade destas páginas é indiscutível. Herculano Pires foi um dos mais felizes intérpretes do pensamento espírita dentre os que reencarnaram e já retornaram à vida espiritual. Por isso, seus escritos constituem páginas de grande importância para os estudiosos do Espiritismo. Ao reuni-las em livro e apresentá-las ao público, Edições Correio Fraternal presta homenagem a José Herculano Pires, no décimo ano de seu desencarne.

S. Bernardo do Campo. Março de 1989.

2 - BÍBLIA E EVANGELHO

A Bíblia (que o nome quer dizer simplesmente: O Livro) é na verdade uma biblioteca, reunindo os livros diversos da religião hebraica. Representa a codificação da primeira revelação do ciclo do Cristianismo. Livros escritos por vários autores estão nela colecionados, em número de 42. Foram todos escritos em hebraico e aramaico e traduzidos mais tarde para o latim, por São Jerônimo, na conhecida Vulgata Latina, no século quinto da nossa era. As igrejas católicas e protestantes reuniram a esse livro os Evangelhos de Jesus, dando a estes o nome geral de Novo Testamento.

O Evangelho, como se costuma designar o Novo Testamento, não pertence de fato à Bíblia. É outro livro, escrito muito mais tarde, com a reunião dos vários escritos sobre Jesus e seus ensinamentos. O Evangelho é a codificação da segunda revelação cristã. Traz uma nova mensagem, substituindo o deus-guerreiro da Bíblia pelo deus-amor do Sermão da Montanha. No Espiritismo não devemos confundir esses dois livros, mas devemos reconhecer a linha histórica e profética, a linhagem espiritual que os liga. São, portanto, dois livros distintos.

*

15

PRÁTICA MEDIÚNICA

*

FINAL DA AULA

*

2ª AULA – 13 DE JULHO DE 2.016

01

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – ALLAN KARDEC**CAPÍTULO 1 - NÃO VIM DESTRUIR A LEI****CRISTO**

3. Jesus não veio destruir a lei, o que quer dizer: a lei de Deus. Ele veio cumpri-la, ou seja, desenvolvê-la, dar-lhe o seu verdadeiro sentido e apropriá-la ao grau de adiantamento dos homens. Eis porque encontramos nessa lei o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo, que constitui a base de sua doutrina. Quanto às leis de Moisés propriamente ditas, ele, pelo contrário, as modificou profundamente, no fundo e na forma. Combateu constantemente o abuso das práticas exteriores e as falsas interpretações, e não podia fazê-las passar por uma reforma mais radical do que reduzindo-as a estas palavras: *"Amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a si mesmo"*, e ao acrescentar: *"Esta é toda a lei e os profetas"*. Por estas palavras: "O céu e a terra não passarão, enquanto não se cumprir até o último jota", Jesus quis dizer que era necessário que a lei de Deus fosse cumprida, ou seja, que fosse praticada sobre a terra, em toda a sua pureza, com todos os seus desenvolvimentos e todas as suas conseqüências. Pois de que serviria estabelecer essa lei, se ela tivesse de ficar como privilégio de alguns homens ou mesmo de um só povo? Todos os homens, sendo filhos de Deus, são, sem distinções, objetos da mesma solicitude.

4. Mas o papel de Jesus não foi simplesmente o de um legislador moralista, sem outra autoridade que a sua palavra. Ele veio cumprir as profecias que haviam anunciado o seu advento. Sua autoridade decorria da natureza excepcional do seu Espírito e da natureza divina da sua missão. **Ele veio ensinar aos homens que a verdadeira vida não está na terra, mas no Reino dos Céus; ensinar-lhes o caminho que os conduz até lá, os meios de se reconciliarem com Deus e os advertir sobre a marcha das coisas futuras, para o cumprimento dos destinos humanos.** Não obstante, ele não disse tudo, e sobre muitos pontos limitou-se a lançar o germe de verdades que ele mesmo declarou não poderem ser então compreendidas. Falou de tudo, mas em termos mais ou menos claros, de maneira que, para entender o sentido oculto de certas palavras, era preciso que novas idéias e novos conhecimentos viessem dar-nos a chave. Essas idéias não podiam surgir antes de um certo grau de amadurecimento do espírito humano. A ciência devia contribuir poderosamente para o aparecimento e o desenvolvimento dessas idéias. Era preciso, pois, dar tempo à ciência para progredir.

O ESPIRITISMO

5. O Espiritismo é a nova ciência que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e suas relações com o mundo material. Ele nos mostra esse mundo, não mais como sobrenatural, mas, pelo contrário, como uma das forças vivas e incessantemente atuantes na natureza, como a fonte de uma infinidade de fenômenos até então incompreendidos, e por essa razão rejeitados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. É a essas relações que o Cristo se refere em muitas circunstâncias, e é por isso que muitas coisas que ele disse ficaram ininteligíveis ou foram falsamente interpretadas. O Espiritismo é a chave que nos ajuda a tudo explicar com facilidade.

6. A lei do Antigo Testamento está personificada em Moisés; a do Novo Testamento, em Cristo. O Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus. Mas não está personificado em ninguém, porque ele é o produto do ensinamento dado, não por um

homem, mas pelos Espíritos, que são as vozes do céu, em todas as partes da terra e por inumerável multidão de intermediários. Trata-se, de qualquer maneira, de um ser coletivo, compreendendo o conjunto dos seres do mundo espiritual, cada qual trazendo aos homens o tributo de suas luzes, para fazê-los conhecer esse mundo e a sorte que nele os espera.

7. Da mesma maneira que disse o Cristo: "Eu não venho destruir a lei, mas dar-lhe cumprimento", também diz o Espiritismo: "Eu não venho destruir a lei cristã, mas dar-lhe cumprimento". Ele nada ensina contrário ao ensinamento do Cristo, mas o desenvolve, completa e explica, em termos claros para todos, o que foi dito sob forma alegórica. Ele vem cumprir, na época predita, o que o Cristo anunciou, e preparar o cumprimento das coisas futuras. Ele é, portanto, obra do Cristo, que o preside, assim como preside ao que igualmente anunciou: a regeneração que se opera e que prepara o Reino de Deus sobre a terra.

ALIANÇA DA CIÊNCIA COM A RELIGIÃO

*

02

SEARA DOS MÉDIUNS – EMMANUEL
9 - No campo doutrinário – Questão n. 25

Encontrarás no caminho os companheiros que não conseguiram guardar o talento mediúnico na altura que a responsabilidade lhes conferiu.

À maneira dos que não sabem viver retamente, quando chamados à mordomia do ouro ou ao cetro do poder, desequilibram-se mentalmente, criando para si próprios o labirinto em que se desvairam.

Começam abandonando a disciplina profissional, que julgam vexatória.

Debandam de pequeninos deveres familiares que, naturalmente cumpridos, formam o alicerce das tarefas maiores.

E transformam-se em juguete da fascinação que os inutiliza.

Julgam-se, então, mensageiros especiais.

Ausentam-se deliberadamente do estudo.

Abraçam exotismos contundentes.

Acreditam-se na condição de intérpretes das mais altas personalidades da História.

Não admitem advertências.

Supõem dominar o passado e o futuro.

Profetizam.

Pontificam.

Mas, detendo exagerada conceituação de si mesmos, não percebem que se fazem marginais, cristalizados em longos processos obsessivos, aos quais atraem amigos invigilantes para deslumbrá-los, a princípio, e arrojá-los, depois, à desilusão.

*

Em verdade, não podemos evitar que irmãos nossos se prendam a semelhantes situações perigosas e lastimáveis.

Se outras formações religiosas vivem juguladas pela autoridade terrestre que lhes frena os impulsos, encontramos na Doutrina Espírita o pensamento claro e espontâneo da fé viva, favorecendo sementeiras e searas preciosas do livre-arbítrio.

Diante, pois, dos amigos que não souberam situar os compromissos medianímicos em lugar justo, observemos quão duro será, para nós, desertar do serviço constante no burilamento interior, aprendendo, ao mesmo tempo, nos desajustes que mostram, tudo aquilo que nos cabe evitar.

Em seguida, se possível, ajudemo-los com a palavra evangélica; entretanto, se essa medida não pode ser posta em prática, à face das circunstâncias que nos obrigam a

emudecer, lembremo-nos de que é nossa obrigação trabalhar sempre mais, na expansão de nossos princípios, para que se faça luz nos corações e nas consciências.

E caminhemos adiante, no esforço de tudo melhorar cada dia, com a certeza de que, segundo o Cristo, cada criatura, hoje e sempre, onde estiver, receberá, invariavelmente, de acordo com as suas obras.

*

03

PENSAMENTO E VIDA – EMMANUEL

1 - O espelho da vida

A mente é o espelho da vida em toda parte.

Ergue-se na Terra para Deus, sob a égide do Cristo, à feição do diamante bruto, que, arrancado ao ventre obscuro do solo, avança, com a orientação do lapidário, para a magnificência da luz.

Nos seres primitivos, aparece sob a garga do instinto, nas almas humanas surge entre as ilusões que salteiam a inteligência, e revela-se nos Espíritos Aperfeiçoados por brilhante precioso a retratar a Glória Divina.

Estudando-a de nossa posição espiritual, confinados que nos achamos entre a animalidade e a angelitude, somos impelidos a interpretá-la como sendo o campo de nossa consciência desperta, na faixa evolutiva em que o conhecimento adquirido nos permite operar.

Definindo-a por espelho da vida, reconhecemos que o coração lhe é a face e que o cérebro é o centro de suas ondulações, gerando a força do pensamento que tudo move, criando e transformando, destruindo e refazendo para acrisolar e sublimar.

Em todos os domínios do Universo vibra, pois, a influência recíproca.

Tudo se desloca e renova sob os princípios de interdependência e repercussão.

O reflexo esboça a emotividade.

A emotividade plasma a idéia.

A idéia determina a atitude e a palavra que comandam as ações.

Em semelhantes manifestações alongam-se os fios geradores das causas de que nascem as circunstâncias, válvulas obliterativas ou alavancas libertadoras da existência.

Ninguém pode ultrapassar de improviso os recursos da própria mente, muito além do círculo de trabalho em que estagia; contudo, assinalamos, todos nós, os reflexos uns dos outros, dentro da nossa relativa capacidade de assimilação.

Ninguém permanece fora do movimento de permuta incessante.

Respiramos no mundo das imagens que projetamos e recebemos. Por elas, estacionamos sob a fascinação dos elementos que provisoriamente nos escravizam e, através delas, incorporamos o influxo renovador dos poderes que nos induzem à purificação e ao progresso.

O reflexo mental mora no alicerce da vida.

Refletem-se as criaturas, reciprocamente, na Criação que reflete os objetivos do Criador.

*

04

EMMANUEL – A CAMINHO DA LUZ

Introdução

Enquanto as penosas transições do século XX se anunciam ao tinido sinistro das armas, as forças espirituais se reúnem para as grandes reconstruções do porvir.

Aproxima-se o momento em que se efetuará a aferição de todos os valores terrestres para o ressurgimento das energias criadoras de um mundo novo, e natural é que recordemos o ascendente místico de todas as civilizações que

surgiram e desapareceram, evocando os grandes períodos evolutivos da Humanidade, com as suas misérias e com os seus esplendores, para afirmar as realidades espirituais acima de todos os fenômenos transitórios da matéria.

Esse esforço de síntese será o da fé reclamando a sua posição em face da ciência dos homens, e ante as religiões da separatividade, como a bússola da verdadeira sabedoria.

Diante dos nossos olhos de espírito passam os fantasmas das civilizações mortas, como se permanecêssemos diante de um "écran" (tela) maravilhoso. As almas mudam a indumentária carnal, no curso incessante dos séculos; constroem o edifício milenário da evolução humana com as suas lágrimas e sofrimentos, e até nossos ouvidos chegam os ecos dolorosos de suas aflições. Passam as primeiras organizações do homem e passam as suas grandes cidades, transformadas em ossuários silenciosos. O tempo, como patrimônio divino do espírito, renova as inquietações e angústias de cada século, no sentido de aclarar o caminho das experiências humanas. Passam as raças e as gerações, as línguas e os povos, os países e as fronteiras, as ciências e as religiões. Um sopro então, a ordem equilibrando todos os fenômenos e movimentos do edifício planetário, vitalizando os laços eternos que reúnem a sua grande família.

Vê-se, então, o fio inquebrantável que sustenta os séculos das experiências terrestres, reunindo-as, harmoniosamente, umas às outras, a fim de que constituam o tesouro imortal da alma humana em sua gloriosa ascensão para o Infinito.

As raças são substituídas pelas almas e as gerações constituem fases do seu aprendizado e aproveitamento; as línguas são formas de expressão, caminhando para a expressão única da fraternidade e do amor, e os povos são os membros dispersos de uma grande família trabalhando para o estabelecimento definitivo de sua comunidade universal. Seus filhos mais eminentes, no plano dos valores espirituais, são agraciados pela Justiça Suprema, que legisla no Alto para todos os mundos do Universo, e podem visitar as outras pátrias siderais, dentro das igrejas e das academias terrenas.

(...)

*

05

O ESPÍRITO E O TEMPO – J. HERCULANO PIRES

I PARTE - FASE PRÉ-HISTÓRICA

CAPÍTULO I - HORIZONTE TRIBAL E MEDIUNISMO PRIMITIVO

1. MEDIUNISMO E ESPIRITISMO

As ciências sociais têm uma grande contribuição a dar ao estudo do Espiritismo. Quem viu isso com mais clareza, segundo nos parece, foi Ernesto Bozzano. O grande discípulo italiano de Herbert Spencer, profundamente ligado ao desenvolvimento dos estudos sociológicos, uma vez atraído para o campo dos estudos espíritas, soube aplicar a este o conhecimento adquirido em outros campos. Seus trabalhos sobre as manifestações supranormais entre os povos selvagens, publicados na revista milanese "Luce e Ombra", em 1926, posteriormente reunidos no livro "Popoli Primitivi e Manifestazioni Supernormali", representam uma das mais poderosas contribuições para o esclarecimento histórico do problema espírita.

Kardec já havia esclarecido que os fatos espíritas são de todos os tempos, uma vez que a mediunidade é uma condição natural da espécie humana. Mas é com Bozzano que temos a primeira penetração espírita no exame antropológico e sociológico do homem primitivo, revelando-nos, com base em investigações científicas, as formas pré-históricas do fenômeno mediúnico. Aliás, os estudos de Bozzano levam-nos mais longe, pois revelam também as origens mediúnicas da religião. Temos assim uma teoria espírita da gênese da crença na sobrevivência, que se apresenta como uma síntese das teorias opostas da teologia e da sociologia.

Para maior clareza do nosso estudo, servimo-nos do esquema que nos fornece o chamado "método cultural", dos antropólogos ingleses, aplicado por John Murphy, com pleno êxito, em seus estudos sobre as origens e a história das religiões. Método usado na antropologia cultural e no estudo das religiões comparadas, aplica-se perfeitamente às necessidades de clareza do nosso estudo. Seu esquema é constituído pelos "horizontes culturais", dentro dos quais o desenvolvimento humano pode ser analisado na amplitude de cada uma das suas fases. É evidente que não vamos muito além do esquema. Nosso intuito não é o estudo antropológico, nem o das religiões comparadas, mas apenas o esclarecimento do problema espírita.

Os "horizontes culturais" são os meios em que se desenvolveram as diferentes fases da evolução humana. A expressão é metafórica. Chama-se, por exemplo, "horizonte primitivo", o mundo do homem primitivo. A palavra "horizonte" mostra que devemos encarar esse homem dentro dos limites da nossa visão, de todas as condições do meio físico e social em que ele vivia, na paisagem cultural fechada pelos horizontes do mundo primitivo. Podemos assim examinar cada fase em seu meio, cada homem em seu mundo, compreendendo-os melhor. O estudo de Bozzano, embora anterior a esse método, integra-se nele.

O "horizonte primitivo" é geralmente dividido em três formas: o primitivo propriamente dito, o anímico e o agrícola. Em nosso esquema, reduzimos as duas primeiras formas a uma única: o "horizonte tribal", que nos permite abranger numa visão geral o problema mediúnico do homem primitivo, e destacamos a terceira forma, dando-lhe autonomia. Isso porque o "horizonte agrícola" tem interesse especial no tocante à mediunidade.

Assim, nosso esquema da fase pré-histórica do Espiritismo é o seguinte: horizonte tribal, agrícola, civilizado, profético e espiritual. Até o "horizonte profético", segundo Murphy. O "horizonte espiritual" é uma formulação nova, exigida pelo Espiritismo.

(...)
*

06

MEDIUNIDADE (VIDA E COMUNICAÇÃO) – J. HERCULANO PIRES CAPÍTULO I CONCEITO DE MEDIUNIDADE

(Crianças, adolescência, juventude, maturidade...)

Médium quer dizer mediano, intermediário. Mediunidade é a faculdade humana, natural, pela qual se estabelecem as relações entre homens e espíritos. Não é um poder oculto que se possa desenvolver através de práticas rituais ou pelo poder misterioso de um iniciado ou de um guru. A Mediunidade pertence ao campo da comunicação. Desenvolve-se naturalmente nas pessoas de maior sensibilidade para a captação mental e sensorial de coisas e fatos do mundo espiritual que nos cerca e nos afeta com as suas vibrações psíquicas e afetivas. Da mesma forma que a inteligência e as demais faculdades humanas, a Mediunidade se desenvolve no processo de relação. Geralmente o seu desenvolvimento é cíclico, ou seja, processa-se por etapas sucessivas, em forma de espiral. As crianças a possuem, por assim dizer, à flor da pele, mas resguardada pela influência benéfica e controladora dos espíritos protetores, que as religiões chamam de anjos da guarda. Nessa fase infantil as manifestações mediúnicas são mais de caráter anímico; a criança projeta a sua alma nas coisas e nos seres que a rodeiam, recebem as intuições orientadoras dos seus protetores, às vezes veem e denunciam a presença de espíritos e não raro

transmitem avisos e recados dos espíritos aos familiares, de maneira positiva e direta ou de maneira simbólica e indireta. Quando passam dos sete ou oito anos integram-se melhor no condicionamento da vida terrena, desligando-se progressivamente das relações espirituais e dando mais importância às relações humanas. O espírito se ajusta no seu escafandro para enfrentar os problemas do mundo. Fecha-se o primeiro ciclo mediúnico, para a seguir abrir-se o segundo. Considera-se então que a criança não tem mediunidade, a fase anterior é levada à conta da imaginação e da fabulação infantis.

É geralmente na adolescência, a partir dos doze ou treze anos, que se inicia o segundo ciclo. No primeiro ciclo só se deve intervir no processo mediúnico com preces e passes, para abrandar as excitações naturais da criança, quase sempre carregadas de reminiscências estranhas do passado carnal ou espiritual. Na adolescência o seu corpo já amadureceu o suficiente para que as manifestações mediúnicas se tornem mais intensas e positivas. É tempo de encaminhá-la com informações mais precisas sobre o problema mediúnico. Não se deve tentar o seu desenvolvimento em sessões, a não ser que se trate de um caso obsessivo. Mas mesmo nesse caso é necessário cuidado para orientar o adolescente sem excitar a sua imaginação, acostumando-o ao processo natural regido pelas leis do crescimento. O passe, a prece, as reuniões para estudo doutrinário são os meios de auxiliar o processo sem forçá-lo, dando-lhe a orientação necessária. Certos adolescentes integram-se rápida e naturalmente na nova situação e se preparam a sério para a atividade mediúnica. Outros rejeitam a mediunidade e procuram voltar-se apenas para os sonhos juvenis. É a hora das atividades lúdicas, dos jogos e esportes, do estudo e aquisição de conhecimentos gerais, da integração mais completa na realidade terrena. Não se deve forçá-los, mas apenas estimulá-los no tocante aos ensinamentos espíritas. Sua mente se abre para o contato mais profundo e constante com a vida do mundo. Mas ele já traz na consciência as diretrizes próprias da sua vida, que se manifestarão mais ou menos nítidas em suas tendências e em seus anseios. Forçá-lo a seguir um rumo que repele é cometer uma violência de graves consequências futuras. Os exemplos dos familiares influem mais em suas opções do que os ensinamentos e as exortações orais. Ele toma conta de si mesmo e firma a sua personalidade. É preciso respeitá-lo e ajudá-lo com amor e compreensão. No caso de manifestações espontâneas da mediunidade é conveniente reduzi-las ao círculo privado da família ou de um grupo de amigos nas instituições juvenis, até que sua mediunidade se defina, impondo-se por si mesma.

O terceiro ciclo ocorre geralmente na passagem da adolescência para a juventude, entre os dezoito e vinte e cinco anos. É o tempo, nessa fase, dos estudos sérios do Espiritismo e da Mediunidade, bem como da prática mediúnica livre, nos centros e grupos espíritas. Se a mediunidade não se definiu devidamente, não se deve ter preocupações. Há processos que demoram até a proximidade dos 30 anos, da maturidade corporal, para a verdadeira eclosão da mediunidade. Basta mantê-lo em ligação com as atividades espíritas, sem forçá-lo. Se ele não revela nenhuma tendência mediúnica, o melhor é dar-lhe apenas acesso a atividades sociais ou assistenciais. As sessões de educação mediúnica (impropriamente chamadas de desenvolvimento) destinam-se apenas a médiuns já caracterizados por manifestações espontâneas, portanto já desenvolvidos.

(...)

*

Orientação para o tratamento dos casos de obsessão.

I - O sentido da vida.

Porquê e para quê vivemos? A resposta a esta pergunta é de importância para compreendermos o problema da obsessão. Segundo o Espiritismo, vivemos para desenvolver as potencialidades psíquicas de que todos somos dotados. Nossa existência terrena tem por fim a transcendência, ou seja, a superação constante da nossa condição humana. Desde o nascimento até o nosso último dia passamos pelas experiências que desenvolvem as nossas aptidões inatas, em todos os sentidos.

A criança recém-nascida cresce dia a dia, desenvolve o seu organismo, aprende a comunicar-se com os outros, a falar e a raciocinar, a querer e a agir para conseguir o que quer. Transcende a condição em que nasceu e passa para as fases superiores da infância, entrando depois na adolescência e depois na mocidade, na maturidade e na velhice. Ao fazer todo esse trajeto ela desenvolveu suas forças orgânicas e psíquicas, sua afetividade, sua capacidade de compreender o que se passa ao seu redor e seu poder de dominar as circunstâncias. Isso é transcender, elevar-se acima da condição em que nasceu. É para isso que vivemos. E isso nos mostra que o sentido da vida é transcendência.

Hoje, a Filosofia Existencial sustenta esse mesmo princípio no campo filosófico. Os existencialistas consideram o homem como um projeto, ou seja, um ser projetado na existência como uma flecha em direção a um alvo, que é a transcendência. Mas no Espiritismo as existências são muitas e sucessivas, de maneira que em cada existência terrena atingimos um novo grau de transcendência. As pesquisas parapsicológicas atuais sobre a reencarnação confirmam esse princípio. O fato de vivermos muitas vidas na Terra, e não apenas uma, mostra que temos no inconsciente uma armazenagem de lembranças e conhecimentos, aspirações, frustrações e traumas muito maior que a descoberta por Freud.

É bom anotar na memória este dado importante: quando Kardec descobriu as manifestações do inconsciente, através de suas pesquisas sobre os fenômenos anímicos, Freud tinha apenas um ano de idade. Isso não desmerece Freud, que não conhecia as pesquisas de Kardec, mas nos prova a segurança das pesquisas espíritas do psiquismo humano. A concepção espírita da vida humana na Terra não é imaginária, mas real, baseada em pesquisas científicas. Os que consideram o Espiritismo como uma doutrina supersticiosa, gerada pela ignorância, revelam ser mais ignorantes do que poderiam pensar de si mesmos. A Doutrina Espírita está hoje comprovada cientificamente pelos cientistas mais avançados. Dizemos isto para mostrar aos leitores que o sentido da vida, a que nos referimos, não é uma hipótese, mas uma realidade. Se não compreendermos que a vida é transcendência, crescimento, elevação e desenvolvimento constante e comprovado do ser espiritual que somos, não poderemos encarar com naturalidade o problema da obsessão e lutar para resolvê-lo.

II - As dimensões da vida.

*

08

O TESOURO DOS ESPÍRITAS – MIGUEL VIVES GUIA PRÁTICO PARA A VIDA ESPÍRITA

O profeta de Tarrasa

Miguel Vives y Vives foi um apóstolo do Espiritismo na Espanha. Desencarnou a 28 de janeiro de 1906, na cidade de Tarrasa, província de Barcelona, onde desempenhou a sua fecunda missão. Fundador da Federação Espírita de Vallés, da qual surgiu a da Catalunha, fundou também o Centro Espírita Fraternidade Humana, de Tarrasa. Foi presidente do Centro Barcelonês de Estudos Psicológicos. E, como jornalista espírita,

fundou a revista “União”, mais tarde incorporada à revista “Luz do Porvir”. Vives não se dedicou à literatura, mas deixou uma pequena obra marcante da sua trajetória: este guia da vida espírita, que escolhemos para abrir a Coleção de Bolso Edicel. Este livro é uma espécie de suco: a vida de Miguel Vives, sobretudo sua vida espírita, aqui está na sua essência, nos resultados e nas normas em que se transformou, para podermos beber a sua seiva e seguir os seus exemplos. Herculano Pires está certo de que o complemento que fez para este volume (Segunda Parte da obra) foi também inspirado por Vives, que praticamente lhe ditou cada capítulo, escrito com extrema rapidez. Miguel Vives (que assinou assim o seu livro) foi o profeta de Tarrasa. Pregou o Evangelho, exemplificou a vida cristã e profetizou as tormentas que se abateram sobre a Espanha, concitando a mocidade espírita, como se verá nestas páginas, a preparar-se para enfrentá-las. A guerra civil de 1936-39, instaurando o fascismo no país, realizava a profecia de Vives: o Espiritismo foi riscado do mapa, seus principais dirigentes sacrificados ou desaparecidos, mas as palavras e a imagem do profeta não se apagaram. E a mocidade espírita seguiu o exemplo dos cristãos primitivos; e com a mocidade, os veteranos remanescentes. Há mais de 30 anos os espíritas espanhóis vivem e professam a sua fé, sob um regime de terror. Miguel Vives y Vives é para eles uma bandeira sagrada. Lendo este livro o leitor compreenderá por que. E aprenderá a viver o Espiritismo.

Moral Espírita

*

09

PARAPSIKOLOGIA HOJE E AMANHÃ – J. HERCULANO PIRES

O que é o homem?

(...)

Abrem-se assim novas possibilidades à própria Medicina psicossomática, bem como a todas as Ciências do Homem. Bastaria isto para evidenciar a importância das pesquisas parapsicológicas, como chegou a encarecer o Prof. Leonid Vassiliev, da Universidade de Leningrado, pouco antes de seu falecimento, não obstante sua posição materialista. Acessível à pesquisa científica de laboratório, a alma deixa de ser "do outro mundo" para se integrar neste. A sua relação com o corpo físico mostra que ela não é metafísica, no sentido clássico do termo, mas extrafísica, ou seja, apenas não sujeita às leis físicas, como a considerava o materialismo.

Os pontos principais do "momento parapsicológico", segundo nos parece, são os seguintes:

a) Pesquisa dos fenômenos relacionados com a morte, pelo grupo do Prof. Pratt, da Duke University, dando origem à classificação de um novo tipo de fenômeno paranormal, denominado *teta* (oitava letra do alfabeto grego);

b) Pesquisa dos fenômenos relacionados com a teoria da reencarnação, como o provam o livro já famoso do Prof. Ian Stevenson, da Universidade de Virgínia, Estados Unidos, e os trabalhos do Prof. Banerjee, da Universidade de Jaipur, na Índia, embora ainda cercados de cautelas e reservas excessivas;

c) Pesquisa no mesmo sentido através da hipnose por psiquiatras russos, como o caso do Prof. Vladimir Raikov e suas experiências de "reencarnações sugestivas", embora consideradas puramente do ponto-de-vista da sugestão hipnótica;

d) Prosseguimento das pesquisas sobre o problema de padrões de memória na percepção extra-sensorial, nos Estados Unidos e na Europa, esclarecedoras de grande número de casos atribuídos à fraude anímica ou mediúnica;

e) Pesquisas dos cientistas norte-americanos da equipe do Prof. Puhariche sobre médiuns curadores (ressaltando as realizadas com Arigó) e da Fundação Edgard Cayce, no

mesmo sentido. Uma equipe desta fundação esteve em São Paulo fazendo observações em 1969;

f) Pesquisas sobre gravações de comunicações espirituais em fitas magnéticas, iniciadas por Friederich Jürgenson, de Molnbo, Suécia, e desenvolvidas pelo cientista Konstantin Raudive e outros na Alemanha, entre os quais Hans Geisler. Tivemos contato pessoal com o pesquisador italiano Dr. Giuseppe Crosa, de Gênova, neuro-psiquiatra e parapsicólogo, e ouvimos algumas de suas importantes gravações;

g) Como significativa contribuição dos físicos e biólogos soviéticos podemos registrar a descoberta do corpo bioplasmático do homem, que se retira do corpo no momento da morte (verificação experimental através de câmaras fotográficas especiais) e cujas pesquisas podem ser conhecidas através do livro *Descobertas Psíquicas atrás da Cortina de Ferro*, de Lyn Schroeder e Scheila Ostrander, Estados Unidos, atualmente em fase de tradução no Brasil.

I – O QUE É PARAPSIKOLOGIA

*

10

INSTRUÇÕES PRÁTICAS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS – ALLAN KARDEC

Introdução

Muitas pessoas nos têm pedido que lhes indiquemos as condições que devem preencher e a maneira como devem proceder para se tornarem médiuns.

A solução deste problema é mais complexa do que parece à primeira vista, uma vez que depende de conhecimentos preliminares necessariamente extensos. Para realizar experiências de física e de química faz-se necessário, em primeiro lugar, conhecer a física e a química. As respostas que temos dado a essas pessoas não podem comportar explicações incompatíveis com os limites de uma correspondência epistolar; por outro lado o tempo material não nos permite satisfazer a todos os consulentes; tudo isso determinou a publicação destas instruções, necessariamente mais completas do que tudo quanto poderíamos escrever diretamente.

Será um contrassenso pensar que se encontre nesta obra uma receita universal e infalível para a formação de médiuns. Embora cada pessoa tenha em si o germe das qualidades necessárias para se tornar médium, estas qualidades se apresentam em graus muito diferentes e seu desenvolvimento depende de fatores que a ninguém é dado fazer nascer à vontade.

As regras da poesia, da pintura e da música não fazem poetas, nem pintores, nem músicos daqueles que não possuem vocação; elas guiam no emprego das faculdades naturais. O mesmo se dá relativamente ao nosso trabalho. Seu objetivo é indicar os meios de desenvolver a faculdade mediúnica tanto quanto o permitam as disposições de cada pessoa e, sobretudo, quando essa faculdade existe, orientar o seu emprego de maneira útil.

Não é este, entretanto, o único fim que nos propusemos.

Ao lado dos médiuns propriamente ditos, existe a multidão, que aumenta a cada dia, dos que se interessam pelas manifestações espíritas. Guiar essas pessoas em suas pesquisas, assinalar lhes os tropeços que podem e devem necessariamente encontrar em um terreno tão novo, iniciá-las na maneira de se corresponderem com os espíritos, indicar-lhes o meio de obterem boas comunicações, tal é a área que devemos abranger sob pena de realizarmos obra incompleta.

Não deverá, portanto, causar estranheza ao leitor encontrar neste trabalho matérias que, à primeira vista, possam parecer deslocadas de seu cômputo geral. A

experiência provará sua utilidade. Depois de estudados com cuidado, melhor se compreenderão os fatos verificados na prática mediúnica, e a linguagem de certos espíritos parecerá menos estranha. Como um compêndio de instruções práticas, este livro não se dirige exclusivamente aos médiuns, mas a todos os que estão em condições de ver e observar os fenômenos espíritas.

(...)

*

11

O LIVRO DOS MÉDIUNS – ALLAN KARDEC

PRIMEIRA PARTE - Noções Preliminares

CAPÍTULO I

EXISTEM ESPÍRITOS?

1. A causa principal da dúvida sobre a existência dos Espíritos é a ignorância da sua verdadeira natureza. Imaginam-se os Espíritos como seres à parte na Criação, sem nenhuma prova da sua necessidade. Muitas pessoas só conhecem os Espíritos através das estórias fantasiosas que ouviram em crianças, mais ou menos como as que conhecem História pelos romances. Não procuram saber se essas estórias, desprovidas do pitoresco, podem revelar um fundo verdadeiro, ao lado do absurdo que as choca. Não se dão ao trabalho de quebrar a casca da noz para descobrir a amêndoa. Assim, rejeitam toda a estória, como fazem os religiosos que, chocados por alguns abusos, afastam-se da religião.

Seja qual for a idéia que se faça dos Espíritos, a crença na sua existência decorre necessariamente do fato de haver um princípio inteligente no Universo, além da matéria. Essa crença é incompatível com a negação absoluta do referido princípio. Partimos, pois, da aceitação da existência, sobrevivência e individualidade da alma, de que o Espiritualismo em geral nos oferece a demonstração teórica dogmática, e o Espiritismo a demonstração experimental. Mas façamos, por um instante, abstração das manifestações propriamente dita, e raciocinemos por indução. Vejamos a que conseqüências chegaremos.

2. Admitindo a existência da alma e da sua individualidade após a morte, é necessário admitir também:

1º) Que a sua natureza é diferente da corpórea, pois ao separar-se do corpo ela não conserva as propriedades materiais;

2º) Que ela possui consciência própria, pois lhe atribuímos a capacidade de ser feliz ou sofredora, e que tem de ser assim, pois do contrário ela seria um ser inerte e de nada nos valeria a sua existência. Admitindo isso, é claro que a alma terá de ir para algum lugar. Mas para onde vai, e que é feito dela? Segundo a crença comum, ela vai para o Céu ou para o Inferno. Mas onde estão o Céu e o Inferno? Dizia-se antigamente que o Céu estava no alto e o Inferno embaixo. Mas que é o alto e o baixo no Universo, desde que sabemos que a Terra é redonda; que os astros giram, de maneira que o alto e o baixo se revezam cada doze horas para nós; e conhecemos o infinito do espaço, no qual podemos mergulhar a distâncias incomensuráveis?

(...)

CAPÍTULO II

O MARAVILHOSO E O SOBRENATURAL

*

12

ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE - FEB - PROGRAMA I.pdf

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA MEDIUNIDADE

Como a mediunidade é faculdade inerente à espécie humana, a comunicação entre os dois planos da vida sempre foi conhecida, desde tempos imemoriais. Entretanto, teve de se submeter a um processo lento e gradual de evolução, cuja história acompanha a própria evolução do Espírito. Vemos, assim, que os primeiros habitantes do Planeta, chamavam *deus* a tudo o que apresentava qualquer característica sobrenatural, qualquer coisa que lhe escapava ao entendimento, tais como fenômenos da natureza e até habilidades percebidas em outro indivíduo que o distinguia dos demais. Em consequência, rendiam-lhes cultos e, por não possuir o senso moral e intelectual desenvolvido, os povos primitivos ofereciam aos *deuses* sacrifícios humanos e de animais, assim como oferendas dos frutos da terra. Tais cultos eram marcados por práticas anímicas e mágicas que perduraram por milênios. Envolviam forças espirituais consideradas misteriosas e incompreensíveis. Mas em obediência à lei do progresso, e pelo exercício do livre-arbítrio, o homem começou a entesourar conquistas nas sucessivas experiências reencarnatorias. Perante tais condições, aprende a utilizar a energia espiritual da qual é dotado, extraindo elementos do fluido cósmico universal a fim de elaborar e aperfeiçoar seus mecanismos de expressão e de comunicação, entre si, e com os habitantes do mundo espiritual. Com este avanço, inicia-se o processo civilizatório, propriamente dito, que tem o poder de modificar a face do Planeta.

Utilizando o mecanismo de cocriação em plano menor, como assinala o Espírito André Luiz, aprende a usar “[...] o mesmo princípio de comando mental com que as Inteligências maiores modelam as edificações macrocósmicas, que desafiam a passagem dos milênios.”⁵ 4 KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. Q. 667 a 673, p. 299-302, 2013. 5 XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois mundos*.

Primeira parte, it. Cocriação em plano menor, cap. 1, p. 23, 2013.

Na perspectiva da Doutrina Espírita, não é um simples produto das forças cegas da evolução, mas um cidadão do universo constringido a transformar-se para melhor como determinam as Leis divinas.

Importa acrescentar que o processo evolutivo não foi, obviamente, executado exclusivamente pelo indivíduo. Sempre esteve secundado pelas Inteligências superiores, permitindo que o corpo espiritual (perispírito) se aperfeiçoasse também e, como resultado, produzisse um veículo físico apto a alçar voos mais altos. À medida que o Espírito evolui, aprende a refinar as ondas do pensamento, emitindo vibrações que atraem o pensamento e as ideias de Espíritos semelhantes, encarnados e desencarnados, por meio dos recursos da sintonia. Nesse processo, as suas faculdades perceptivas *são ampliadas*, pois o psiquismo humano encontra-se mais bem estruturado.

*

13

ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE - FEB – PROGR. II.pdf PROGRAMA II

ROTEIRO 1 Reuniões mediúnicas sérias: natureza e características

Objetivos específicos

- Conceituar reunião mediúnica.
- Analisar a natureza e as características das reuniões mediúnicas sérias.

Amados, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo. João (1 João, 4:1)

1. CONCEITO

A Reunião Mediúnica é uma atividade privativa, na qual se realiza assistência aos Espíritos necessitados, integrada por trabalhadores que possuam conhecimento espírita e conduta moral compatível com a seriedade da tarefa.

2. NATUREZA DAS REUNIÕES MEDIÚNICAS SÉRIAS

Em *O Livro dos Médiuns*, Allan Kardec informa que as reuniões mediúnicas segundo o gênero ou natureza são classificadas em: *frívolas, experimentais e instrutivas*.

As *reuniões frívolas* se compõem de pessoas que só veem o lado divertido das manifestações, que se divertem com as facécias [gracejos] dos Espíritos levianos, aos quais muito agrada essa espécie de assembleia, a que não faltam por gozarem nelas de toda a liberdade para se exibirem. É nessas reuniões que se perguntam banalidades de toda sorte, que se pede aos Espíritos a predição do futuro, que se lhes põe à prova a perspicácia em adivinhar as idades, ou o que cada um tem no bolso, em revelar segredinhos e mil outras coisas de igual importância. [...] O simples bom-senso diz que os Espíritos elevados não comparecem às reuniões deste gênero, em que os espectadores não são mais sérios do que os atores.

Outro inconveniente de tais reuniões é dar ao principiante espírita uma falsa idéia da Doutrina Espírita. «Os que só têm frequentado reuniões dessa espécie, não podem tomar a sério uma coisa que eles veem tratar irrefletidamente pelos próprios que se dizem adeptos. Um estudo antecipado lhes ensinará a julgar do alcance do que veem, a separar o bom do mau.»

As *reuniões experimentais* têm particularmente por objeto a produção das manifestações físicas. Para muitas pessoas, são um espetáculo mais curioso que instrutivo. [...] Nada obstante, as experiências desta ordem trazem uma utilidade, que ninguém ousaria negar, visto terem sido elas que levaram à descoberta das leis que regem o mundo invisível e, para muita gente, constituem poderoso meio de convicção. Sustentamos, porém, que só por si não logram iniciar a quem quer que seja na ciência espírita, do mesmo modo que a simples inspeção de um engenhoso mecanismo não torna conhecida a mecânica de quem não lhe saiba as leis. Contudo, se fossem dirigidas com método e prudência, dariam resultados muito melhores. É oportuno lembrar que as reuniões experimentais foram muito comuns à época de Kardec e logo após a sua desencarnação. Sob a orientação de pessoas esclarecidas e sérias, essas reuniões produziram (e produzem) bons resultados. Somente a título de exemplo, recomendamos a leitura do livro *Fatos Espíritos*, edição FEB, que relatam experiências de efeitos físicos, sobretudo as de materializações, realizadas pelo cientista inglês William Crookes. Tais reuniões ainda persistem nos dias atuais, porém despojadas do caráter “experimental” do passado, caracterizando-se pela doação fluídica (passe), irradiação mental, magnetização da água e prece.

As *reuniões instrutivas* apresentam caráter muito diverso e [...] insistiremos mais sobre as condições a que devem satisfazer. A primeira de todas é que sejam sérias, na integral acepção da palavra. [...] Não basta, porém, que se evoquem bons Espíritos; é preciso, como condição expressa, que os assistentes [participantes] estejam em condições propícias, para que eles *assintam* em vir. Ora, às assembleias de homens levianos e superficiais, Espíritos superiores não virão como não viriam quando vivos[encarnados].»

CARACTERÍSTICAS DAS REUNIÕES MEDIÚNICAS SÉRIAS

*

14

VISÃO ESPÍRITA DA BÍBLIA – J. HERCULANO PIRES

VISÃO ESPÍRITA DA BÍBLIA

O Espiritismo

A antiga religião hebraica é geralmente conhecida como Mosaísmo, porque surgiu e se desenvolveu com Moisés. A nova religião dos Evangelhos é designada como Cristianismo, porque vem do ensino do Cristo. Mas, assim como nas páginas da Bíblia está anunciado o advento do Cristo, também nas páginas do está anunciado o advento do

Espírito de Verdade. Este advento se deu no século passado, com a terceira e última revelação cristã, chamada revelação espírita. Cinco novos livros aparecem, então, escritos por Kardec, mas ditados, inspirados e Orientados pelo Espírito de Verdade e outros Espíritos Superiores. Os cinco livros fundamentais do Espiritismo, que têm como base O Livro dos Espíritos, representam a codificação da terceira revelação. Essa revelação se chama Espiritismo porque foi dada pelos Espíritos. Sua finalidade é esclarecer os ensinamentos anteriores, de acordo com a mentalidade moderna, já suficientemente arejada e evoluída para entender as alegorias e símbolos contidos na Bíblia e no Evangelho. Mas enganam-se os que pensam que a Codificação do Espiritismo contraria ou reforma o Evangelho.

SENTIDO HISTÓRICO DA BÍBLIA E A SUA NATUREZA PROFÉTICA

Qual a posição do Espiritismo diante do problema bíblico? Os recentes debates na televisão entre espíritas, pastores protestantes e sacerdotes católicos, deram motivo a algumas incompreensões, de que se aproveitaram adversários pouco escrupulosos da Doutrina Espírita, para lhe desfecharem novos e injustos ataques. Vamos procurar esclarecer, por estas colunas, a posição espírita, como já havíamos prometido.

Kardec define essa posição, desde O Livro dos Espíritos, como a de estudo e esclarecimento do texto, à luz da História e na perspectiva da evolução espiritual da Humanidade. No cap. III deste livro, final do item 59, depois de analisar as contradições entre a Bíblia e as Ciências, no tocante à criação do mundo, ele declara: "Devemos concluir que a Bíblia é um erro? Não; mas que os homens se enganaram na sua interpretação".

Essas palavras de Kardec, sustentadas através de toda a Codificação, esclarecem a posição espírita. Devemos reconhecer na Bíblia a sua natureza profética (ou seja: mediúnic), encerrando a I Revelação, no ciclo histórico das revelações cristãs. Esse ciclo começa com Moisés (I Revelação), define-se com Jesus (II Revelação) e encerra-se com o Espiritismo (III Revelação). Os leitores encontrarão explicações detalhadas a respeito em O Evangelho Segundo o Espiritismo, de Allan Kardec, que é um manual de moral evangélica. O conceito espírita de Revelação, porém, não é o mesmo das religiões em geral. Revelar é ensinar, e isso tanto pode ser feito pelos Espíritos (revelação divina) quanto pelos homens (revelação humana), mas não por Deus "em pessoa", porque Deus age através de suas leis e dos Espíritos. A revelação bíblica, portanto, não pode ser chamada de "palavra de Deus". Ela é, apenas, a palavra dos Espíritos-Reveladores, e essa palavra é sempre adequada ao tempo em que foi proferida. Isto é confirmado pela própria Bíblia, como veremos no decorrer deste estudo.

A expressão "a palavra de Deus" é de origem judaica. Foi naturalmente herdada pelo Cristianismo, que a empregou para o mesmo fim dos judeus: dar autoridade à Igreja. A Bíblia, considerada "a palavra de Deus", reveste-se de um poder mágico: a sua simples leitura, ou simplesmente a audiência dessa leitura, pode espantar o Demônio de uma pessoa e convertê-la a Deus. Claro que o Espiritismo não aceita nem prega essa velha credence, mas não a condena. A cada um, segundo suas convicções, desde que haja boa intenção.

*

15

PRÁTICA MEDIÚNICA

*

FINAL DA AULA

*

3ª AULA – 20 DE JULHO DE 2.016

01

**O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO
ALIANÇA DA CIÊNCIA COM A RELIGIÃO**

8. A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana. Uma revela as leis do mundo material, e a outra as leis do mundo moral. Mas **aquelas e estas leis, tendo o mesmo princípio, que é Deus**, não podem contradizer-se. Se umas forem a negação das outras, umas estarão necessariamente erradas e as outras certas, porque Deus não pode querer destruir a sua própria obra. A incompatibilidade, que se acredita existir entre essas duas ordens de idéias, provém de uma falha de observação, e do excesso de exclusivismo de uma e de outra parte. Disso resulta um conflito, que originou a incredulidade e a intolerância.

São chegados os tempos em que os ensinamentos do Cristo devem receber o seu complemento; em que o véu lançado intencionalmente sobre algumas partes dos ensinamentos deve ser levantado; em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, deve levar em conta o elemento espiritual; e em que a Religião, deixando de desconhecer as leis orgânicas e imutáveis da matéria, essas duas forças, apoiando-se mutuamente e marchando Juntas, sirvam uma de apoio para a outra. Então a Religião, não mais desmentida pela Ciência, adquirirá uma potência indestrutível, porque estará de acordo com a razão e não se lhe poderá opor a lógica irresistível dos fatos.

A Ciência e a Religião não puderam entender-se até agora, porque, encarando cada uma as coisas do seu ponto de vista exclusivo, repeliam-se mutuamente. Era necessária alguma coisa para preencher o espaço que as separava, um traço de união que as ligasse. Esse traço está no conhecimento das leis que regem o mundo espiritual e suas relações com o mundo corporal, leis tão imutáveis como as que regulam o movimento dos astros e a existência dos seres. Uma vez constatadas pela experiência dessas relações, uma nova luz se fez: a fé se dirigiu à razão, esta nada encontrou de ilógico na fé, e o materialismo foi vencido.

Mas nisto, como em tudo, há os que ficam retardados, até que sejam arrastados pelo movimento geral, que os esmagará, se quiserem resistir em vez de se entregarem. É toda uma revolução moral que se realiza neste momento, sob a ação dos Espíritos. Depois de elaborada durante mais de dezoito séculos, ela chega ao momento de eclosão, e marcará uma nova era da humanidade. São fáceis de prever as suas conseqüências: ela deve produzir inevitáveis modificações nas relações sociais, contra o que ninguém poderá opor-se, porque elas estão nos desígnios de Deus e são o resultado da lei do progresso, que é uma lei de Deus.

*

02

SEARA DOS MÉDIUNS - EMMANUEL

Em tarefa espírita

Reunião pública de 5/2/60 Questão nº 30

Abraçando na Doutrina Espírita o clima da própria fé, lembra-te de Jesus, à frente do povo a que se propunha servir.

Não se localiza o Divino Mestre em tribuna garantida por assessores plenamente identificados com os seus princípios.

Ele é alguém que caminha diante da multidão.

Chama açoitada pela ventania das circunstâncias adversas...

Árvore sublime batida pelas varas da exigência incessante...
 Ninguém o vê rodeado de colaboradores completos, mas de problemas a resolver.
 E, renteando com os doentes e aflitos que lhe solicitam apoio, todas as personalidades que lhe cruzam a senda representam atitudes diversas, reclamando-lhe paciência.

João Batista duvida.

Natanael questiona.

Nicodemos indaga.

Zaqueu observa.

Caifás conspira.

Judas deserta.

Pedro nega.

Pilatos finge.

Antipas escarnece.

Tomé desconfia.

Apesar de tudo, Ele passa, sozinho e imperturbável, como sendo o amor não-amado, ensinando e ajudando sempre.

*

Assim também, na instituição em que transitas, encontrarás em quase todos os companheiros oportunidades de aprender ou de auxiliar.

A cada passo, encontrarás os que te pedem amparo...

Os que te rogam alívio...

Os que te suplicam consolo...

Os que esperam entendimento...

Não te faltarão, contudo, igualmente, os que te desafiam a calma...

Os que te zombem dos ideais...

Os que te complicam as horas...

Os que te criam dificuldades...

Os que te ferem o coração...

Entretanto, se conheces o caminho exato, é preciso ajudes aos que se transviam; se te equilibras, é preciso socorras os que se perturbam; se te manténs firme, é preciso sustentar os que caem, e, se já entesouraste leve migalha de luz, é preciso auxilies os que se debatem nas trevas.

Desse modo, não te faças distraído quanto à orientação que nos é comum, porquanto o espírita verdadeiro, diante do mal, é invariavelmente chamado a fazer o bem.

*

03

A CAMINHO DA LUZ – EMMANUEL

I

A Gênese planetária

A COMUNIDADE DOS ESPÍRITOS PUROS

Rezam as tradições do mundo espiritual que na direção de todos os fenômenos, do nosso sistema, existe uma Comunidade de Espíritos Puros e Eleitos pelo Senhor Supremo do Universo, em cujas mãos se conservam as rédeas diretoras da vida de todas as coletividades planetárias.

Essa Comunidade de seres angélicos e perfeitos, da qual é Jesus um dos membros divinos, ao que nos foi dado saber, apenas já se reuniu, nas proximidades da Terra, para a solução de problemas decisivos da organização e da direção do nosso planeta, por duas vezes no curso dos milênios conhecidos.

A primeira, verificou-se quando o orbe terrestre se desprendia da nebulosa solar, a fim de que se lançassem, no Tempo e no Espaço, as balizas do nosso sistema cosmogônico e os pródromos da vida na matéria em ignição, do planeta, e a segunda, quando se decidia a vinda do Senhor à face da Terra, trazendo à família humana a lição imortal do seu Evangelho de amor e redenção.

A CIÊNCIA DE TODOS OS TEMPOS

Não é nosso propósito trazer à consideração dos estudiosos uma nova teoria da formação do mundo. A Ciência de todos os séculos está cheia de apóstolos e missionários. Todos eles foram inspirados ao seu tempo, refletindo a claridade das Alturas, que as experiências do Infinito lhes imprimiram na memória espiritual, e exteriorizando os defeitos e concepções da época em que viveram, na feição humana de sua personalidade.

Na sua condição de operários do progresso universal, foram portadores de revelações gradativas, no domínio dos conhecimentos superiores da Humanidade. Inspirados de Deus nos penosos esforços da verdadeira civilização, as suas idéias e trabalhos merecem o respeito de todas as gerações da Terra, ainda que as novas expressões evolutivas do plano cultural das sociedades mundanas tenham sido obrigadas a proscrever as suas teorias e antigas fórmulas.

Lembrando-nos, porém, mais detidamente, de quantos souberam receber a intuição da realidade nas perquirições do Infinito, busquemos recordar o globo terráqueo nos seus primeiros dias.

OS PRIMEIROS TEMPOS DO ORBE TERRESTRE

*

04

PENSAMENTO E VIDA – EMMANUEL

Vontade

Comparemos a mente humana – espelho vivo da consciência lúcida – a um grande escritório, subdividido em diversas seções de serviço.

Aí possuímos o Departamento do Desejo, em que operam os propósitos e as aspirações, acalentando o estímulo ao trabalho; o Departamento da Inteligência, dilatando os patrimônios da evolução e da cultura; o Departamento da Imaginação, amealhando as riquezas do ideal e da sensibilidade; o Departamento da Memória, arquivando as súmulas da experiência, e outros, ainda, que definem os investimentos da alma.

Acima de todos eles, porém, surge o Gabinete da Vontade.

A Vontade é a gerência esclarecida e vigilante, governando todos os setores da ação mental.

A Divina Providência concedeu-a por auréola luminosa à razão, depois da laboriosa e multimilenária viagem do ser pelas províncias obscuras do instinto.

Para considerar-lhe a importância, basta lembrar que ela é o leme de todos os tipos de força incorporados ao nosso conhecimento.

A eletricidade é energia dinâmica.

O magnetismo é energia estática.

O pensamento é força eletromagnética.

Pensamento, eletricidade e magnetismo conjugam-se em todas as manifestações da Vida Universal, criando gravitação e afinidade, assimilação e desassimilação, nos campos múltiplos da forma que servem à romagem do espírito para as Metas Supremas, traçadas pelo Plano Divino.

A Vontade, contudo, é o impacto determinante.

Nela dispomos do botão poderoso que decide o movimento ou a inércia da máquina.

O cérebro é o dínamo que produz a energia mental, segundo a capacidade de reflexão que lhe é própria; no entanto, na Vontade temos o controle que a dirige nesse ou naquele rumo, estabelecendo causas que comandam os problemas do destino.

Sem ela, o Desejo pode comprar ao engano aflitivos séculos de reparação e sofrimento, a Inteligência pode aprisionar-se na enxovia da criminalidade, a Imaginação pode gerar perigosos monstros na sombra, e a Memória, não obstante fiel à sua função de registradora, conforme a destinação que a Natureza lhe assinala, pode cair em deplorável relaxamento.

Só a Vontade é suficientemente forte para sustentar a harmonia do espírito. Em verdade, ela não consegue impedir a reflexão mental, quando se trate da conexão entre os semelhantes, porque a sintonia constitui lei inderrogável, mas pode impor o jugo da disciplina sobre os elementos que administra, de modo a mantê-los coesos na corrente do bem.

*

05

O ESPÍRITO E O TEMPO – J. HERCULANO PIRES

I PARTE - FASE PRÉ-HISTÓRICA

CAPÍTULO II - HORIZONTE AGRÍCOLA: ANIMISMO E CULTO DOS ANCESTRAIS

1. RACIONALIZAÇÃO ANÍMICA — Quando estudamos o "horizonte agrícola", ou seja, o mundo das primeiras formas sedentárias de vida social, vemos o animismo tribal desenvolver-se no plano da racionalização. Estamos naquele momento hegeliano, e por isso mesmo dialético, em que a razão se desenrola no processo histórico, entendido este como progresso do homem na terra. A domesticação de animais e de plantas, a invenção e o emprego de instrumentos, a criação da riqueza, processam-se de maneira simultânea com o aumento demográfico e o desenvolvimento mental do homem.

É precisamente do desenvolvimento mental que vai surgir uma conseqüência curiosa: o aprofundamento da crença tribal nos espíritos, num sentido de personalização, envolvendo os aspectos e os elementos da natureza. A experiência concreta, que deu ao homem primitivo o conhecimento da existência dos espíritos, alia-se agora ao uso mais amplo das categorias da razão. As duas formas gerais de racionalização do Universo, que aparecem nesse momento, e que devem constituir a base de todo o processo de racionalização anímica, são a concepção da Terra-Mãe e a do Céu-Pai. Essas formas aparecem bem nítidas no pensamento chinês, que conservou até os nossos dias os elementos característicos do "horizonte agrícola". O céu é o deus-pai, que fecunda a terra, deusa-mãe.

Em algumas regiões, como podemos ver no estudo da civilização egípcia, há uma inversão de posições: o céu é mãe e a terra é pai. Essa inversão não tem outra significação que a de maior importância da terra ou do céu para a vida das tribos. Quando as inundações do Nilo não dependem das chuvas locais, não parecem provir do céu, mas das próprias entranhas da terra. Esta encarna, então, o poder fecundante, cabendo ao céu, tão-somente, o papel materno de proteger as plantações. Os estudos materialistas confundem o problema da racionalização com o da experiência concreta da sobrevivência. Tomam, pois, a Nuvem por Juno, ao concluírem que o homem primitivo atribui à terra e ao céu uma feição humana, unicamente para tornar o mundo exterior acessível à compreensão racional. Os estudos espíritas mostram que há uma distinção a fazer-se, nesse caso. O processo de racionalização decorre da experiência concreta, e por isso mesmo não pode ser encarado de maneira exclusivamente abstrata.

Procuremos esclarecer isto. De um lado, temos a experiência concreta, constituída pelos contatos do homem com realidades objetivas. De outro lado, temos o processo da racionalização do mundo, ou seja, de enquadramento dos aspectos e dos elementos da natureza nas categorias da razão ou categorias da experiência. Da mesma maneira porque o contato do homem com o espaço físico lhe fornece uma medida para aplicar às coisas exteriores — a categoria espacial, o conceito de espaço — assim também o contato com os fenômenos espirituais lhe fornece uma medida espiritual, que é conceito de espírito. Este conceito é usado no processo de racionalização, como qualquer outro. Mas é absurdo querermos negar os fatos concretos que deram origem à categoria racional, ou querermos atribuir a essa categoria uma origem abstrata, diferente das outras.

(...)

*

06

MEDIUNIDADE (VIDA E COMUNICAÇÃO) – J. HERCULANO PIRES

CAPÍTULO II

MEDIUNIDADE ESTÁTICA

A Mediunidade é uma só, é um todo, mas pode ser encarada em seus vários aspectos funcionais, que são caracterizados como formas variadas de sua manifestação. Kardec a dividiu, para efeito metodológico, em duas grandes áreas bem diferenciadas: a mediunidade de efeitos inteligentes e a mediunidade de efeitos físicos. Essa divisão prevaleceu nas ciências derivadas do Espiritismo. Charles Richet, fundador da Metapsíquica, estabeleceu nessa ciência a divisão das duas áreas com os nomes de metapsíquica subjetiva e metapsíquica objetiva, correspondendo exatamente à divisão espírita. Na Parapsicologia atual, fundada por Rhine e McDougal, as duas áreas figuram com as denominações de: Psigama (de fenômenos subjetivos ou mentais) e Psicapa (de fenômenos objetivos ou de efeitos físicos). A chamada Ciência Psíquica Inglesa, como a antiga Parapsicologia Alemã, a Psicobiofísica de Schrenk-Notzing e outras várias escolas científicas mantiveram essa divisão, o que prova o acerto metodológico de Kardec.

A expressão *médium* também prevaleceu, chegando até mesmo à Parapsicologia Soviética, materialista, que a conserva em suas publicações oficiais. Só alguns ramos científicos sofisticados, como a Metergia (adaptação de um órgão a novas funções) e a Psicorragia (movimentos convulsivos da agonia) inventaram substitutivos para a cômoda e clara palavra *médium*, mas que não vulgarizaram. Na Metergia o *médium* se chama metérgico e na Psicorragia se chama psicorrágico. Palavrões científicos só usados por alguns médiuns pedantes que não querem dizer-se médiuns. As denominações dadas pela Parapsicologia atual não são pedantescas. São simples nomes de letras do alfabeto grego, tradicionalmente empregados nas Ciências para designação de fenômenos. Também não é verdade que a Parapsicologia atual tenha dado outros nomes aos fenômenos para se diferenciar do Espiritismo. O problema é outro: na pesquisa científica não se podem usar designações que impliquem interpretação antecipada do fenômeno. Escolhendo letras gregas para designar os fenômenos a ser investigados, os parapsicólogos usavam palavras neutras, como exige a metodologia científica. Uma questão de método. Apesar desse critério, a palavra sensitivo, por exemplo, escolhida para substituir *médium*, já foi abandonada por vários parapsicólogos, que voltaram à expressão *médium*, como vimos no caso soviético.

(...)

*

OBSESSÃO. O PASSE. A DOCTRINAÇÃO – J. HERCULANO PIRES
I - As dimensões da vida.

O avanço atual da pesquisa científica no mundo, com a descoberta da antimatéria, do corpo-bioplásmico dos seres vivos (perispírito, segundo o Espiritismo), dos fenômenos paranormais e da sobrevivência humana após a morte física, bem como das comunicações mentais entre vivos e mortos (fenômenos théta da Parapsicologia) confirmou a descoberta espírita das várias dimensões da vida. Essas dimensões correspondem às diversas densidades da matéria, que permitem a existência dos mundos interpenetrados da teoria espírita.

A descoberta de que o pensamento e a mente não são físicos, mas extrafísicos (segundo a definição do Prof. Rhine) e semimateriais, segundo o Espiritismo, demonstrou a realidade dos diferentes planos de vida, habitados por seres humanos em diferentes graus de evolução. A reencarnação e as comunicações mediúnicas tornaram-se necessárias nesse contexto dinâmico em que não há lugar para o nada. A transcendência humana se realiza nos planos sucessivos, que vão desde o plano da matéria densa da Terra até os planos de matéria rarefeita que escapam aos nossos sentidos materiais. Não há mais lugar para a concepção materialista absoluta na cultura científica e filosófica do nosso tempo.

III - Freud e Kardec.

Muitos psicólogos e psiquiatras acusam o Espiritismo de invadir os seus domínios científicos nos casos de perturbações mentais e psíquicas. Desconhecendo a Doutrina Espírita e sua história, não sabem que se deu exatamente o contrário. Afirmam que a Obsessão é uma perturbação decorrente de desequilíbrios endógenos, ou seja, das próprias estruturas psicomentais do paciente em relação com os fatores ambientais.

Atribuem quase tudo à constituição do paciente, a disfunções orgânicas e particularmente cerebrais ou afetivas. O inconsciente é geralmente a sede de todos os distúrbios psíquicos. Entendem que os espíritas confundem os fantasmas imaginários gerados por manifestações patológicas do paciente com fantasmas reais das mais antigas superstições mágicas e religiosas da Humanidade. Açam que o Espiritismo representa um processo de volta ao mundo da superstição.

Freud tinha apenas um ano de idade quando Kardec levantou o problema do inconsciente em termos científicos, nas suas pesquisas dos fenômenos espíritas, hoje chamados cientificamente de paranormais. Kardec foi mais fundo do que Freud no assunto, atingindo o problema dos arquétipos individuais e coletivos (arquétipo no Espiritismo, resíduos de experiências vividas em outras vidas, reminiscências) que somente Adler e Jung iriam pesquisar mais tarde. Na pesquisa do problema do animismo nas manifestações mediúnicas e das infiltrações anímicas em manifestações reais, Kardec acentuou devidamente a importância das manifestações do inconsciente no comportamento individual e coletivo. Freud encarou a questão dos sonhos nos limites da sua doutrina. Kardec, durante nada menos de doze anos, já havia realizado intensivas pesquisas de psicologia experimental (pioneirismo absoluto nesse campo) na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Hoje, as pesquisas parapsicológicas, realizadas nos maiores centros universitários de todo o mundo, comprovam inteiramente o acerto de Kardec.

Damos essas informações históricas unicamente para que as vítimas de obsessões e os familiares por elas responsáveis não se deixem levar por enganos fatais em caso difíceis de obsessão. A Ciência Espírita não se opõe às Ciências Materiais em nenhum campo, tentando apenas ajudá-las com a necessária complementação das suas pesquisas e conquistas próprias. É fácil verificar a verdade destas informações na simples consulta às obras de Kardec, incluindo-se os relatos sobre obsessões e desobsessões em seus trabalhos publicados na coleção da Revista Espírita, hoje inteiramente traduzida e publicada em nossa língua.

IV - Inconsciente e memória subliminar.

Dos trabalhos de Kardec resultaram as pesquisas psíquicas do século XIX, a Ciência Psíquica Inglesa, a Metapsíquica Francesa de Richet, as pesquisas do automatismo psicológico de Pierre Janet, a Psicobiofísica de Schrenk-Notzing, a Física Transcendental de Friedrich Zollner, na Alemanha e a Parapsicologia atual. Resultou também o famoso livro de Frederic Myers *A Personalidade Humana e sua Sobrevivência*, com a colaboração científica de Henri Sidgwich e Edmund Hurney. **Esse livro coloca o problema das duas consciências a supraliminar, voltada para os problemas existenciais, e a subliminar voltada para a transcendência e a vida de após morte. A percepção paranormal pertence à consciência subliminar, que equivale na Psicanálise ao Inconsciente. Explica-se o Gênio pelo afloramento de conteúdos subliminares na consciência supraliminar, provocado por percepções extra-sensoriais. Esses afloramentos podem ser também de idéias negativas, perturbando o comportamento atual.**

No Espiritismo isso se liga à teoria platônica da reminiscência, são resíduos de experiências vividas em outras vidas. As pesquisas de Albert De Rochas sobre a reencarnação, no século passado, e as pesquisas parapsicológicas atuais confirmam a tese espírita. É bastante clara a diferença entre esses afloramentos anímicos (da própria alma do médium) e os casos típicos de manifestação de espíritos.

(...)

*

08

O TESOURO DOS ESPÍRITAS – MIGUEL VIVES GUIA PRÁTICO PARA A VIDA ESPÍRITA

Moral Espírita

Os adversários do Espiritismo, que, de acordo com a regra mais antiga, não o conhecem, costumam dizer que não temos um sistema de moral. Isso, quando não nos acusam simplesmente de imoralidade. A nossa resposta é a Codificação Doutrinária. E nela, além das Leis Morais de *O Livro dos Espíritos*, esse código do mais puro espírito cristão, que é *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Miguel Vives menciona este último, em seu trabalho sobre as regras da vida espírita. Mais do que isso, ensina-nos como aplicar os princípios evangélicos a uma conduta espírita.

A moral espírita esplende nestas páginas, em toda a sua pureza cristã. Quem ler este livro, e aplicar à vida os seus princípios, fará em si mesmo aquela reforma que, para Kardec, é a única e verdadeira característica do verdadeiro espírita. Vives, entretanto, não é um teórico. Ele declara, logo na primeira linha: Não sou escritor, mas sou médium. Para os leigos, isso porém não terá significado maior. Para os espíritas, entretanto, isso quer dizer que Vives está escrevendo sobre questões que enfrentou na vida, sobre problemas que viveu.

Está nisso o maior valor deste livro. Ele nos dá o exemplo da vivência espírita. Fundador do Centro Espírita Fraternidade Humana, de Tarrasa, Miguel Vives o presidiu durante trinta anos. Exerceu a mediunidade e militou na propaganda doutrinária. Desde que se tornou espírita, sua vida se converteu num apostolado. Muitas de suas páginas lembram-nos a figura do apóstolo Paulo: são páginas epistolares, dirigidas aos irmãos da Igreja Primitiva, às assembleias cristãs dos primeiros tempos. Noutras, ele é o obscuro e humilde Ananias, que através da prece e do passe arranca as escamas dos olhos de Paulo.

A moral espírita, como a do cristianismo primitivo, não se constitui apenas de preceitos, de regras, de princípios normativos. Há uma técnica moral, que se baseia no conhecimento das leis morais. Vives compara a saúde física à saúde moral, para mostrar que somos criaturas sujeitas a influências de duas espécies: as que provêm do meio físico e as que provêm do meio espiritual. Mostra como as influências psíquicas nos envolvem, como penetram em nossa mente, como invadem o nosso psiquismo, como dominam o nosso espírito. E ensina como enfrentá-las, suportá-las e vencê-las. Hoje, mais do que nunca, este livro de Miguel Vives precisa ser lido e relido, estudado, carregado no bolso, para consultas constantes.

À maneira do próprio Cristo, que para ele é sempre “Senhor e Mestre”, o autor deste guia oferece-nos a regra moral e o exemplo da prática moral. Ele mesmo é um modelo do que ensina. Indica-nos o Modelo Supremo, que é Jesus – como *O Livro dos Espíritos* no-lo indica – mas ajuda-nos também com o seu próprio exemplo. Vemos aqui, através da vida do autor, como o espírita deve enfrentar os seus problemas, em todas as circunstâncias da existência.

Calvário Espírita

*

09

PARAPSIKOLOGIA HOJE E AMANHÃ – J. HERCULANO PIRES

Primeira parte - Parapsicologia hoje

I - O que é Parapsicologia

Parapsicologia é o processo científico de investigação dos fenômenos inabituais, de ordem psíquica e psicofisiológico. É uma disciplina científica, mas não propriamente uma ciência, pois o seu lugar científico é nos quadros da Psicologia. Os próprios fundadores da moderna Parapsicologia sustentam a sua natureza dependente, embora reconhecendo a necessidade de sua autonomia transitória. É necessário compreendermos isso para não atribuímos à nova disciplina uma posição excepcional no plano do conhecimento, e sobretudo para não lhe darmos um sentido ou um caráter misterioso.

Colocando as coisas em seu devido lugar, podemos dizer que a Parapsicologia é uma nova forma de desenvolvimento das pesquisas psicológicas. A ambição dos parapsicólogos, dos primeiros momentos até agora, tem sido uma só: conquistar para a Psicologia uma área de fenômenos psíquicos ainda desconhecidos. Não quiseram e não querem transformá-la numa ciência independente. O objeto da Parapsicologia são os fenômenos psíquicos não-habituais, mas apesar disso naturais, comuns a toda a espécie humana. E mais do que isso: comuns às demais espécies vivas, pois há também a Parapsicologia Animal.

Embora situada no campo científico da Psicologia, a Parapsicologia liga-se naturalmente a outras áreas das Ciências. Porque os fenômenos parapsicológicos são de ordem vital, psíquica e física. Sua complexidade é a mesma de todas as formas de manifestações vitais. Por isso, eles podem ser estudados e interpretados de várias maneiras, a partir de diferentes posições. Por exemplo: os parapsicólogos norte-americanos e europeus, da escola de Rhine, encaram os fenômenos como de natureza

psicológica; e os parapsicólogos russos, da escola soviética, encaram os fenômenos como de natureza fisiológica. Os primeiros afirmam, atualmente, a natureza extrafísica, ou tipicamente psíquica, desses fenômenos, que nada teriam de material; os segundos sustentam a sua natureza fisiológica, e portanto material.

Essa e outras discrepâncias não invalidam nem prejudicam o desenvolvimento da Parapsicologia, que se processa com a mesma rapidez nos dois campos ideológicos em que se divide o nosso mundo. Porque, cientificamente, pouco importam as interpretações. O que interessa é o desenvolvimento da investigação, a descoberta progressiva, através de pesquisas científicas bem dirigidas, rigorosamente controladas e criteriosamente avaliadas nos seus resultados, da natureza dos fenômenos parapsicológicos. Somente isso poderá levar a Parapsicologia à conquista efetiva da área ou zona de fenômenos psíquicos e psicofísicos até há pouco inteiramente desconhecida, mas já agora bem demarcada nos mapas.

(...)

*

10

INSTRUÇÕES PRÁTICAS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS – ALLAN KARDEC

I

Escala espírita

De todos os princípios fundamentais da doutrina espírita, um dos mais importantes é, sem contradição, o que estabelece as diferentes ordens de Espíritos. No princípio das manifestações imaginou-se que um ente, pelo fato mesmo de ser um Espírito, devia possuir a ciência infusa e a suprema sabedoria. Em vista disso muitas pessoas se julgaram de posse de um meio infalível de adivinhação. E este erro deu lugar a muitas desilusões. Em pouco tempo a experiência fez conhecer que o mundo invisível está longe de comportar somente Espíritos superiores. Eles próprios nos fazem saber que não são iguais nem em saber, nem em moralidade, e que sua elevação depende do grau de perfeição a que chegaram. Traçaram os caracteres distintivos desses diferentes graus que constituem aquilo a que denominamos *Escala Espírita*. Desde então ficaram explicadas a diversidade e as contradições da sua linguagem e compreendeu-se que entre os Espíritos, como entre os homens, para tomar-se uma informação segura não basta dirigir-se ao primeiro que se encontra.

Essa escala nos dá, assim, a chave de uma multidão de fenômenos e de anomalias aparentes, para as quais, sem isto, seria difícil, senão impossível, encontrar explicação. Ela nos interessa, além disso, pessoalmente, uma vez que pertencemos, por nossa alma, ao mundo espiritual, ao qual voltamos ao deixar a vida corpórea, e nos mostra, assim, o caminho a seguir para chegarmos à perfeição e ao bem supremo.

Do ponto de vista da ciência prática, ela nos oferece a maneira de julgar os Espíritos que se apresentam nas manifestações e ainda de apreciar o grau de confiança que sua linguagem deve inspirar. Esse estudo exige uma observação atenta e constante. É preciso tempo e experiência para aprender a conhecer os homens: não se exige menos para aprender a conhecer os Espíritos.

A escala espírita compreende três ordens principais, indicadas pelos Espíritos e perfeitamente caracterizadas. Como essas ordens apresentam, cada uma, diferentes gradações, nós a subdividimos em várias classes qualificadas pelo caráter dominante dos Espíritos que delas fazem parte. Esta classificação, de resto, nada tem de absoluto. Cada categoria só oferece um caráter delimitado em seu conjunto, mas de um grau a outro o matiz se atenua, como nos reinos da natureza as cores do arco-íris, ou, ainda, os diferentes períodos da vida. De vinte a quarenta anos o homem sofre uma mudança

notável; aos vinte anos é um rapaz; aos quarenta é um homem feito; mas entre essas duas fases da vida seria impossível estabelecer uma linha precisa de demarcação e dizer onde acaba uma e onde começa a outra. O mesmo se dá entre os graus da escala espírita. Faremos observar, além disso, que os espíritos não pertencem sempre exclusivamente a tal ou tal classe. Seu progresso realiza-se gradualmente e, muitas vezes, mais em um sentido do que em outro. Assim, eles podem reunir os caracteres de várias categorias, o que é fácil de reconhecer pela sua linguagem e pelos seus atos.

Começamos a escala pelas ordens inferiores, pois que este é o ponto de partida dos Espíritos que se elevam gradativamente das últimas às primeiras classes.

Terceira ordem – Espíritos imperfeitos

(...)

*

11

O LIVRO DOS MÉDIUNS - ALLAN KARDEC

CAPÍTULO II

O MARAVILHOSO E O SOBRENATURAL

7. Se a crença nos Espíritos e nas suas manifestações fosse uma concepção isolada, o produto de um sistema, poderia com certa razão ser suspeita de ilusória.

Mas quem nos diria então porque ela se encontra tão viva entre todos os povos antigos e modernos, nos livros santos de todas as religiões conhecidas? Isso, dizem alguns críticos, é porque o homem, em todos os tempos, teve amor ao maravilhoso. —

Mas que é o maravilhoso, segundo vós? — Aquilo que é sobrenatural. — E que entendeis por sobrenatural? — O que é contrário às leis da Natureza. — Então conheceis tão bem essas leis que podeis marcar limites ao poder de Deus? Muito bem! Provai então que a existência dos Espíritos e suas manifestações são contrárias às leis da Natureza; que elas não são e não podem ser uma dessas leis. Observai a

Doutrina Espírita e vereis se no seu encadeamento elas não apresentam todas as características de uma lei admirável, que resolve tudo o que os princípios filosóficos até agora não puderam resolver.

O pensamento é um atributo do Espírito. A possibilidade de agir sobre a matéria, de impressionar os nossos sentidos e, portanto de transmitir-nos o seu pensamento, é uma conseqüência, podemos dizer, da sua própria constituição fisiológica. Não há, pois, nesse fato, nada de sobrenatural, nada de maravilhoso. (1) (A Parapsicologia confirma hoje, cientificamente, através de pesquisas de laboratório, a naturalidade desses fenômenos. (N. do T.). Mas

que um homem morto e bem morto possa ressuscitar corporalmente, que os seus membros dispersos se reúnam para restabelecer-lhe o corpo, eis o que é maravilhoso, sobrenatural, fantástico. Isso, sim, seria uma verdadeira derrogação, que Deus só poderia fazer através de um milagre. Mas não há nada de semelhante na Doutrina Espírita.

8. Não obstante, dirão, admitis que um Espírito possa elevar uma mesa e sustentá-la no espaço sem um ponto de apoio. Isso não é uma derrogação da lei da gravidade? — Sim, da lei conhecida; mas a Natureza já vos disse a última palavra? Antes das experiências com a força ascensional de certos gases quem diria que uma pesada máquina, carregando muitos homens, poderia vencer a força de atração? Aos olhos do vulgo, isso não deveria parecer maravilhoso, diabólico? Aquele que se propusesse a transmitir, há um século, uma mensagem a quinhentas léguas de distância e obter a resposta em alguns minutos passaria por louco. Se o fizesse, acreditariam que tinha o Diabo às suas ordens, pois então só o Diabo era capaz de andar tão ligeiro. Por que, pois, um fluido desconhecido não poderia, em dadas circunstâncias, contrabalançar o efeito da gravidade, como o hidrogênio contrabalança o peso do

balão? Isto note-se de passagem, é apenas uma comparação, feita unicamente para mostrar, por analogia, que o fato não é fisicamente impossível. Não se trata de identificar uma coisa à outra. Ora, foi precisamente quando os sábios, ao observarem estas espécies de fenômenos, quiseram proceder por identificação, que acabaram se enganando a respeito. De resto, o fato existe e todas as negações não poderiam destruí-lo, porque negar não é provar. Para nós, não há nada de sobrenatural e é tudo quanto podemos dizer por agora.

(...)

*

12

ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE - FEB - PROGRAMA I.pdf

MEDIUNIDADE, METAPSÍQUICA E PARAPSIKOLOGIA

Os fenômenos psíquicos (do grego *psyché*: alma, espírito), estudados pelo Espiritismo, pela Metapsíquica e pela Parapsicologia têm como *agente* o Espírito, ser humano sensível e inteligente.

Para a Doutrina Espírita, tais fenômenos, considerados naturais, são de duas categorias: os *mediúnicos* e os *anímicos* (emancipação da alma). Os primeiros são intermediados pelos *médiuns*: “médium é toda pessoa que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos. Essa faculdade é inerente ao homem e, por conseguinte, não constitui um privilégio exclusivo [...]”

Mediunidade é a faculdade psíquica que os médiuns possuem, manifestada de forma mais ou menos intensa, e por meio de uma variedade significativa de tipos (videntes, psicógrafos, audientes, musicistas, de cura, etc.). A prática mediúnica é denominada *mediunismo*. Na segunda categoria, ainda segundo o Espiritismo, temos os *fenômenos anímicos* (do grego, *anima* = alma) ou, mais propriamente, de *emancipação da alma*. São produzidos pelo próprio Espírito encarnado que, nesta situação, não age como intermediário ou intérprete do pensamento dos Espíritos. Partindo-se do princípio que todo ser humano é médium, o Espírito André Luiz assim conceitua *animismo* — ou prática dos fenômenos anímicos: “[...] conjunto dos fenômenos psíquicos produzidos com a cooperação consciente ou inconsciente dos médiuns em ação.” E mais: Temos aqui muitas ocorrências que podem repontar nos fenômenos mediúnicos de efeitos físicos ou de efeitos intelectuais, com a própria inteligência encarnada comandando manifestações ou delas participando com diligência, numa demonstração que o corpo espiritual [perispírito] pode efetivamente desdobrar-se e atuar com os seus recursos e implementos característicos, como consciência pensante e organizadora, fora do carro físico.

A *Metapsíquica* ou *Metapsiquismo* indica, segundo a Psicologia, “um corpo de doutrinas, sem base no método científico, que se funda na aceitação da realidade dos espíritos, fenômenos spiritistas, criptestesia, etc.

A *Parapsicologia* é uma tentativa de aplicação dos métodos científicos a esses fenômenos, usualmente inexplicados [para a Psicologia].

*

13

ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE - FEB - PROGRAMA II.pdf

- Conceituar reunião mediúnica. • Analisar a natureza e as características das reuniões mediúnicas sérias.

Amados, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo. João (1 João, 4:1)

1. CONCEITO

A Reunião Mediúnica é uma atividade privativa, na qual se realiza assistência aos Espíritos necessitados, integrada por trabalhadores que possuam conhecimento espírita e conduta moral compatível com a seriedade da tarefa.

2. NATUREZA DAS REUNIÕES MEDIÚNICAS SÉRIAS

Em *O Livro dos Médiuns*, Allan Kardec informa que as reuniões mediúnicas segundo o gênero ou natureza são classificadas em: *frívolas, experimentais e instrutivas*.

As *reuniões frívolas* se compõem de pessoas que só veem o lado divertido das manifestações, que se divertem com as facécias [gracejos] dos Espíritos levianos, aos quais muito agrada essa espécie de assembleia, a que não faltam por gozarem nelas de toda a liberdade para se exibirem. É nessas reuniões que se perguntam banalidades de toda sorte, que se pede aos Espíritos a predição do futuro, que se lhes põe à prova a perspicácia em adivinhar as idades, ou o que cada um tem no bolso, em revelar segredinhos e mil outras coisas de igual importância. O simples bom-senso diz que os Espíritos elevados não comparecem às reuniões deste gênero, em que os espectadores não são mais sérios do que os atores. Outro inconveniente de tais reuniões é dar ao principiante espírita uma falsa idéia da Doutrina Espírita. «Os que só têm frequentado reuniões dessa espécie, não podem tomar a sério uma coisa que eles veem tratar irrefletidamente pelos próprios que se dizem adeptos. Um estudo antecipado lhes ensinará a julgar do alcance do que veem, a separar o bom do mau.

As *reuniões experimentais* têm particularmente por objeto a produção das manifestações físicas. Para muitas pessoas, são um espetáculo mais curioso que instrutivo.

Nada obstante, as experiências desta ordem trazem uma utilidade, que ninguém ousaria negar, visto terem sido elas que levaram à descoberta das leis que regem o mundo invisível e, para muita gente, constituem poderoso meio de convicção. Sustentamos, porém, que só por si não logram iniciar a quem quer que seja na ciência espírita, do mesmo modo que a simples inspeção de um engenhoso mecanismo não torna conhecida a mecânica de quem não lhe saiba as leis. Contudo, se fossem dirigidas com método e prudência, dariam resultados muito melhores.

É oportuno lembrar que as reuniões experimentais foram muito comuns à época de Kardec e logo após a sua desencarnação. Sob a orientação de pessoas esclarecidas e sérias, essas reuniões produziram (e produzem) bons resultados. Somente a título de exemplo, recomendamos a leitura do livro *Fatos Espíritos*, edição FEB, que relatam experiências de efeitos físicos, sobretudo as de materializações, realizadas pelo cientista inglês William Crookes. Tais reuniões ainda persistem nos dias atuais, porém despojadas do caráter “experimental” do passado, caracterizando-se pela doação fluídica (passe), irradiação mental, magnetização da água e prece.

«As *reuniões instrutivas* apresentam caráter muito diverso e insistiremos mais sobre as condições a que devem satisfazer. A primeira de todas é que sejam sérias, na integral acepção da palavra. Não basta, porém, que se evoquem bons Espíritos; é preciso, como condição expressa, que os assistentes [participantes] estejam em condições propícias, para que eles *assintam* em vir. Ora, às assembleias de homens levianos e superficiais, Espíritos superiores não virão como não viriam quando vivos [encarnados]. A instrução espírita não abrange apenas o ensinamento moral que os Espíritos dão, mas também o estudo dos fatos. Incumbe-lhe a teoria de todos os fenômenos, a pesquisa das causas, a comprovação do que é possível e do que não o é; em suma, a observação de tudo o que possa contribuir para o avanço da ciência. Ora, fora erro acreditar-se que os fatos se limitam aos fenômenos extraordinários; que só são dignos de atenção os que mais fortemente impressionam os sentidos. A cada passo, eles ressaltam das comunicações

inteligentes e de forma a não merecerem serem desprezados por homens que se reúnem para estudar. Esses fatos, que seria impossível enumerar, surgem de um sem-número de circunstâncias fortuitas. Essas reuniões são dirigidas, no plano espiritual, por Espíritos esclarecidos, que definem uma programação de trabalhos, às vezes francamente percebida pelos integrantes encarnados. É comum a manifestação de benfeitores espirituais que comparecem para prestar orientações e esclarecimentos aos encarnados, bem como acompanhar e auxiliar os sofredores, encarnados e desencarnados. Há reuniões instrutivas que podem ser voltadas exclusivamente para o atendimento aos Espíritos desencarnados em estado de maior ou menor sofrimento. Ocorrem regularmente no Centro Espírita, representando a oportunidade para a educação das faculdades mediúnicas e da prática da caridade, exercida de forma anônima e desinteressada.

3. CARACTERÍSTICAS DAS REUNIÕES MEDIÚNICAS SÉRIAS

*

14

VISÃO ESPÍRITA DA BÍBLIA – J. HERCULANO PIRES

VISÃO ESPÍRITA DA BÍBLIA

4 - COISAS TERRÍVEIS E INGÊNUAS FIGURAM NOS LIVROS BÍBLICOS

A palavra de Deus não está na Bíblia, mas na natureza, traduzida em suas leis. A Bíblia é simplesmente uma coletânea de livros hebraicos, que nos dão um panorama histórico do judaísmo primitivo. Os cinco livros iniciais da Bíblia, que constituem o Pentateuco mosaico, referem-se à formação e organização do povo judeu, após a libertação do Egito e a conquista de Canaã. Atribuídos a Moisés, esses livros não foram escritos por ele, pois relatam, inclusive, a sua própria morte. As pesquisas históricas revelam que os livros da Bíblia têm origem na literatura oral do povo judeu. Só depois do exílio na Babilônia foi que Esdras conseguiu reunir e compilar os livros orais (guardados na memória) e proclamá-los em praça pública como a lei do judaísmo, ditada por Deus.

Os relatos históricos da Bíblia são ao mesmo tempo ingênuos e terríveis. Leia o estudante, por exemplo, o Deuteronômio, especialmente os capítulos 23 e 28 desse livro, e veja se Deus podia ditar aquelas regras de higiene simplória, aquelas impiedosas leis de guerra total, aquelas maldições horríveis contra os que não creem na "sua palavra". Essas maldições, até hoje, apavoram as criaturas simples que têm medo de duvidar da Bíblia. Muitos espertalhões se servem disso e do prestígio da Bíblia como "palavra de Deus", para arremeter e tosquiarem gostosamente vastos rebanhos.

As leis morais da Bíblia podem ser resumidas nos Dez Mandamentos. Mas esses mandamentos nada têm de transcendentais. São regras normais de vida para um povo de pastores e agricultores, com pormenores que fazem rir o homem de hoje. Por isso, os mandamentos são hoje apresentados em resumo. O Espírito que ditou essas leis a Moisés, no Sinai, era o guia espiritual da família de Abrão, Isaac e Jacob, mais tarde transformado no Deus de Israel. Desempenhando uma elevada missão, esse Espírito preparava o povo judeu para o monoteísmo, a crença num só Deus, pois os deuses da antiguidade eram muitos.

O Espiritismo reconhece a ação de Deus na Bíblia, mas não pode admiti-la como a "palavra de Deus". Na verdade, como ensinou o apóstolo Paulo, foram os mensageiros de Deus, os Espíritos, que guiaram o povo de Israel, através dos médiuns, então chamados profetas. O próprio Moisés era um médium, em constante ligação com lavé ou Jeová, o deus bíblico, violento e irascível, tão diferente do deus-pai do Evangelho. Devemos respeitar a Bíblia no seu exato valor, mas nunca fazer dela um mito, um novo bezerro de ouro. Deus não ditou nem dita livros aos homens.

*

15
PRÁTICA MEDIÚNICA
*
FINAL DA AULA

4ª AULA – 27 DE JULHO DE 2.016

01

**O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS
A NOVA ERA**

• Um Espírito Israelita •

Mulhouse, 1861.

9. Deus é único, e Moisés o Espírito que Deus enviou com a missão de fazê-lo conhecer, não somente pelos hebreus, mas também pelos povos pagãos. O povo hebreu foi o instrumento de que Deus se serviu para fazer sua revelação, através de Moisés e dos Profetas, e as vicissitudes da vida desse povo foram feitas para chocar os homens e arrancar-lhes dos olhos o véu que lhes ocultava a divindade.

Os mandamentos de Deus, dados por Moisés, trazem o germe da mais ampla moral cristã. Os comentários da Bíblia reduzem-lhes o sentido, porque, postos em ação em toda a sua pureza, não seriam então compreendidos. Mas os Dez Mandamentos de Deus nem por isso deixaram de ser o brilhante frontispício da obra, como um farol que devia iluminar para a humanidade o caminho a percorrer.

A moral ensinada por Moisés era apropriada ao estado de adiantamento em que se encontram os povos chamados à regeneração. E esses povos, semisselvagens quanto ao aperfeiçoamento espiritual, não teriam compreendido a adoração de Deus sem os holocaustos ou sacrifícios, nem que se pudesse perdoar a um inimigo. Sua inteligência, notável no tocante às coisas materiais, e mesmo em relação às artes e às ciências, estava muito atrasada em moralidade, e eles não se submetiam ao domínio de uma religião inteiramente espiritual. Necessitavam de uma representação semi-material, como a que então lhes oferecia a religião hebraica. Os sacrifícios, pois, lhes falavam aos sentidos, enquanto a idéia de Deus lhes falava ao espírito.

O Cristo foi o iniciador da mais pura moral, a mais sublime: a moral evangélica, cristã, que deve renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los fraternos; que deve fazer jorrar de todos os corações humanos a caridade e o amor do próximo, e criar entre todos os homens uma solidariedade comum. Uma moral, enfim, que deve transformar a terra, fazê-la morada de Espíritos superiores aos que hoje a habitam. É a lei do progresso, a que a natureza está sujeita, que se cumpre, e o Espiritismo é a alavanca de que Deus se serve para elevar a humanidade.

São chegados os tempos em que suas idéias morais devem desenvolver-se, para que se realizem os progressos que estão nos desígnios de Deus. Elas devem seguir o mesmo roteiro que as idéias de liberdade seguiram, como suas precursoras. Mas não se pense que esse desenvolvimento se fará sem lutas. Não, porque elas necessitam, para chegar ao amadurecimento, de agitações e discussões, a fim de atraírem a atenção das massas. Uma vez despertada a atenção, a beleza e a santidade da moral tocarão os Espíritos, e eles se dedicarão a uma ciência que lhes traz a chave da vida futura e lhe abre a porta da felicidade eterna. Foi Moisés quem abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a concluirá.

*

02

SEARA DOS MÉDIUNS - EMMANUEL

Fome e ignorância

Reunião pública de 8/2/60 Questão nº 32

Atentos ao Impositivo do estudo, a fim de que a luz do entendimento nos ensine a caminhar com segurança e a viver proveitosamente, estabeleçamos alguns confrontos entre a fome e a Ignorância — dois dos grandes flagelos da Humanidade.

A fome anemiza o corpo.
 A Ignorância obscurece a alma.
 A fome atormenta.
 A ignorância anestesia.
 A fome protesta.
 A ignorância ilude.
 A fome cria aflições imediatas.
 A Ignorância cria calamidades remotas.
 A fome é crise gritante.
 A ignorância é problema enquistado.

*

Em todos os lugares, vemos o faminto e o Ignorante em atitudes diversas.
 O faminto trabalha afanosamente na conquista do pão.
 O Ignorante é indiferente à posse da luz.
 O faminto reconhece a própria carência.
 O ignorante não se define.
 O faminto aparece.
 O ignorante oculta-se.
 O faminto anuncia a própria necessidade.
 O ignorante engana a si mesmo.

*

Qualquer pessoa pode atender à fome.
 Raras criaturas, porém, conseguem socorrer a ignorância.
 Para sanar a fome, basta estender pão.
 Para extinguir a ignorância, é indispensável fazer luz.
 Nesse sentido, mentalizemos o Provedor Divino.

Todos sabemos que o pão entregue pelos discípulos a Jesus, a fim de ser multiplicado em favor dos famintos, é, aproximadamente, o mesmo de hoje que podemos amassar com facilidade; mas a luz entregue pelo Senhor aos discípulos, para ser multiplicada em favor dos ignorantes, exige perseverança incansável, no serviço do bem aos outros, com espírito de amor puro e sacrifício integral.

Valendo-nos, pois, da conceituação que a fome e a ignorância nos sugerem, concluímos que, na Doutrina Espírita, não nos bastam aqueles amigos que nos mostrem médiuns e fenômenos, para dissipar-nos a Inquietação da fome de ver, mas, acima de tudo, precisamos dos companheiros valorosos, com atitude e exemplo, que nos arranquem ao comodismo da ignorância, para ajudar-nos a discernir.

*

03

A CAMINHO DA LUZ – EMMANUEL OS PRIMEIROS TEMPOS DO ORBE TERRESTRE

Que força sobre-humana pôde manter o equilíbrio da nebulosa terrestre, destacada do núcleo central do sistema, conferindo-lhe um conjunto de leis matemáticas, dentro das quais se iam manifestar todos os fenômenos inteligentes e harmônicos de sua vida, por milênios de milênios? Distanto do Sol cerca de 149.600.000 quilômetros e deslocando-se no espaço com a velocidade diária de 2.500.000 quilômetros, em torno do grande astro do dia, imaginemos a sua composição nos primeiros tempos de existência, como planeta.

Laboratório de matérias ignescentes, o conflito das forças telúricas e das energias físico-químicas opera as grandiosas construções do teatro da vida, no imenso cadinho onde a temperatura se eleva, por vezes, a 2.000 graus de calor, como se a matéria colocada num forno, incandescente, estivesse sendo submetida aos mais diversos ensaios, para examinar-se a sua qualidade e possibilidades na edificação da nova escola dos seres. As descargas elétricas, em proporções jamais vistas da Humanidade, despertam estranhas comoções no grande organismo planetário, cuja formação se processa nas oficinas do Infinito.

A CRIAÇÃO DA LUA

Nessa computação de valores cósmicos em que laboram os operários da espiritualidade sob a orientação misericordiosa do Cristo, delibera-se a formação do satélite terrestre.

O programa de trabalhos a realizar-se no mundo requeria o concurso da Lua, nos seus mais íntimos detalhes. Ela seria a âncora do equilíbrio terrestre nos movimentos de translação que o globo efetuará em torno da sede do sistema; o manancial de forças ordenadoras da estabilidade planetária e, sobretudo, o orbe nascente necessitaria da sua luz polarizada, cujo suave magnetismo atuaria decisivamente no drama infinito da criação e da reprodução de todas as espécies, nos variados reinos da Natureza.

A SOLIDIFICAÇÃO DA MATÉRIA

Na grande oficina surge, então, a diferenciação da matéria ponderável, dando origem ao hidrogênio.

As vastidões atmosféricas são amplo repositório de energias elétricas e de vapores que trabalham as substâncias torturadas no orbe terrestre. O frio dos espaços atua, porém, sobre esse laboratório de energias incandescentes e a condensação dos metais verifica-se com a leve formação da crosta solidificada.

É o primeiro descanso das tumultuosas comoções geológicas do globo. Formam-se os primitivos oceanos, onde a água tépida sofre pressão difícil de descrever-se. A atmosfera está carregada de vapores aquosos e as grandes tempestades varrem, em todas as direções, a superfície do planeta, mas sobre a Terra o caos fica dominado como por encanto. As paisagens aclaram-se, fixando a luz solar que se projeta nesse novo teatro de evolução e vida.

As mãos de Jesus haviam descansado, após o longo período de confusão dos elementos físicos da organização planetária.

*

04

PENSAMENTO E VIDA – EMMANUEL

Cooperação

Para que alguém dirija com êxito e eficiência uma empresa importante, não lhe basta a nomeação para o encargo.

Exige-se lhe um conjunto de qualidades superiores para que a obra se consolide e prospere. Não apenas autoridade, mas direção com discernimento. Não só teoria e cultura, mas virtude e juízo claro de proporções.

Dilatados recursos nas mãos, a serviço de uma cabeça sem rumo, constituem tesouros nos braços da insensatez, assim como a riqueza sem orientação é navio à matroca.

Quem governa emitirá forças de justiça e bondade, trabalho e disciplina, para atingir os objetivos da tarefa em que foi situado.

Quando o poder é intemperante, sofre o povo a intranquilidade e a mazorca, e, quando a inteligência não possui o timão do caráter sadio, espalha, em torno, a miséria e a crueldade.

Daí, conhecermos tantos tiranos nimbados de grandeza mental e tantos gênios de requintada sensibilidade, mas atolados no vício.

No mundo íntimo, a vontade é o capitão que não pode relaxar no mister que lhe é devido.

E assim como o administrador de um serviço reclama a ajuda de assessores corretos, a vontade não prescindirá da ponderação e da lógica, conselheiros respeitáveis na chefia das decisões.

No entanto, urge que o senso de cooperação seja chamado a sustentar-lhe os impulsos.

Nas linhas da atividade terrestre, quem orienta com segurança não ignora a hierarquia natural que vige na coexistência de todos os valores indispensáveis à vida.

Na confecção do agasalho comum, o fio contará com o apoio da máquina, a máquina esperará pela competência do operário, o operário edificar-se-á no técnico que lhe supervisiona o trabalho, o técnico arrimar-se-á na diretoria da fábrica e a diretoria da fábrica equilibrar-se-á no movimento da indústria, dele extraindo o combustível econômico necessário à alimentação do núcleo de serviço que lhe obedece aos ditames.

Observamos, assim, que no Estado Individual a vontade, para satisfazer à governança que lhe compete, sem colapsos de equilíbrio, precisa socorrer-se da colaboração a fim de que se lhe clareie a atividade.

A cooperação espontânea é o supremo ingrediente da ordem.

Da Glória Divina às balizas subatômicas, o Universo pode ser definido como sendo uma cadeia de vidas que se entrosam na Grande Vida.

Cooperação significa obediência construtiva aos impositivos da frente e socorro implícito às privações da retaguarda.

Quem ajuda é ajudado, encontrando, em silêncio, a mais segura fórmula de ajuste aos processos da evolução.

*

05

O ESPÍRITO E O TEMPO – J. HERCULANO PIRES

I PARTE - FASE PRÉ-HISTÓRICA

2. O EXEMPLO EGÍPCIO — A China e a Índia são os dois países que conservaram até os nossos dias a estratificação religiosa do horizonte agrícola. Mas não são os únicos. Aquilo que chamamos de horizonte agrícola, o mundo das grandes civilizações agrárias, constitui uma espécie de subconsciente coletivo das civilizações modernas. Os resíduos mágicos, anímicos e mitológicos do horizonte tribal e do horizonte agrícola apresentam-se ainda bastante fortes no mundo contemporâneo. Nossas religiões mostram-se poderosamente impregnadas desses resíduos. Mas o antigo Egito ofereceu-nos, talvez, o quadro que melhor demonstra a passagem dos deuses-familiares para a categoria dos deuses-cósmicos ou universais.

O exemplo egípcio é fecundo em vários sentidos. Não só demonstra essa transformação dos deuses, como também nos fornece as raízes históricas de vários dogmas, sacramentos e instituições das religiões dominantes em nosso mundo. Já estudamos, embora rapidamente, o caso de Osíris, cuja existência real é transformada em mito. Esse caso nos coloca numa posição semelhante a de Evêmero, para quem os deuses mitológicos haviam sido personagens reais. Mas é essa, exatamente, a posição espírita, como já vimos em Kardec. A mitologia, encarada atualmente como uma forma de racionalização, é para o Espiritismo um pouco mais do que isso. Porque é também uma

prova da participação dos Espíritos na História, ao mesmo tempo que uma poderosa fonte de esclarecimento dos problemas religiosos.

3. OS MITOS AGRÁRIOS

*

06

MEDIUNIDADE (VIDA E COMUNICAÇÃO) – J. HERCULANO PIRES

CAPÍTULO III

MEDIUNIDADE DINÂMICA - (MEDIUNATO)

A mediunidade dinâmica não permanece em êxtase no organismo do médium. Não age de maneira discreta e sutil, como a mediunidade estática. Pelo contrário, extravasa agitada em fenômenos de captação e projeção, não raro explodindo em casos obsessivos. É a chamada mediunidade de serviço, destinada ao auxílio e ao socorro do próximo. Decorre de compromissos assumidos no plano espiritual, seja para auxiliar indiscriminadamente os que necessitam de ajuda e orientação, seja para o resgate de dívidas morais do passado com entidades necessitadas, cujo estado inferior se deve, em parte ou totalmente, a ações do médium em vidas anteriores. O médium não desfruta apenas as vantagens da mediunidade generalizada, pois vê-se investido de uma missão mediúnica a que os Espíritos deram o nome de mediunato. A situação do médium é bem diferente da comum. Ele é continuamente solicitado para atender a entidades desencarnadas carentes de auxílio e elucidação. Se rejeita o seu compromisso ou tenta protelá-lo fica sujeito a perturbações e finalmente à obsessão. O mediunato lhe foi concedido para reparar os erros do passado e recuperar os espíritos que pôs a perder, levou à descrença e até mesmo à revolta em vidas passadas. Não obstante o determinismo implícito no mediunato, o seu livre-arbítrio continua intacto. Assim como escolheu e pediu essa situação ao voltar à encarnação, por sua livre vontade, assim também poderá agora optar pelo cumprimento da missão ou pela sua rejeição, arcando naturalmente com as conseqüências da fuga ao dever.

*

07

OBSESSÃO. O PASSE. A DOUTRINAÇÃO – J. HERCULANO PIRES

V - Infecção e infestação.

Não só no plano psicológico verificam-se as obsessões, mas também na patologia geral. Sintomas de doenças infecciosas são transmitidos por entidades espirituais enfermas a pessoas sãs. Para fazer a distinção, adotou-se no Espiritismo o termo infestação para designar essas doenças fantasmas, que tanto podem ser de origem anímica como espírita. Fortes impressões e temores podem ocasionar a sintomatologia-fantasma. Nos casos de infestação verifica-se o processo indutivo dos vasos comunicantes: o espírito transfere à vítima, geralmente sem o saber, os sintomas da doença que o levou à morte e que persistem no seu perispírito ou corpo espiritual. A prova científica, objetiva, da existência desse corpo espiritual foi feita na França por Raul de Motyndon, na primeira metade do século e atualmente por físicos, biofísicos e biólogos soviéticos, na universidade de Kirov, na URSS, que deram ao referido corpo a designação do corpo-bioplásmico. Kardec pesquisou o problema, no seu tempo, confirmando a hipótese da infestação por meio do tratamento e cura dos pseudos doentes com o simples afastamento das entidades enfermas infestadoras. O Dr. Karl Wikland, nos Estados Unidos, comprovou também o fenômeno pelo espaço de três décadas, expondo os resultados, minuciosamente, no livro Trinta Anos Entre Os Mortos. Em sua famosa clínica de Chicago, o Dr. Wikland conseguiu êxitos surpreendentes. A pseudo-doença de centenas de pacientes, cansados de percorrer consultórios e clínicas, estagiando

inutilmente em hospitais especializados, encontravam a solução para os seus casos. E ele não era, propriamente, um médico espírita. Era apenas um médico estudioso e pesquisador, que tivera a ventura de casar-se com uma jovem dotada de grande sensibilidade mediúnica. Os casos relatados em seu livro revelam a riqueza dos fenômenos com que ele se defrontou no seu trabalho médico. Seu caso não é único, foi apenas um entre milhares que ocorreram e ocorrem no mundo. Mencionamo-lo aqui porque foi um dos mais positivos e importantes.

VI - O tratamento mediúnico.

*

08

O TESOURO DOS ESPÍRITAS – MIGUEL VIVES GUIA PRÁTICO PARA A VIDA ESPÍRITA

Calvário Espírita

O Calvário cristão estava na Palestina. O Calvário espírita está na Espanha. Miguel Vives pressentiu, com sua sensibilidade mediúnica, a aproximação da tragédia espanhola. As palavras que dirige, no fim deste volume, à Mocidade Espírita de Espanha, são proféticas. Ele prevê as dores, os sofrimentos, a asfixia que vai cair sobre os que professam o Espiritismo em terras de Castela. E ensina, aconselha, adverte: “Confie em Ele, juventude espírita, e não desmaiem no caminho!”

Joaquim Rovira Fradera, Miguel Vives, José Hernandez, Amália Domingos Soler: são uns poucos nomes que nos lembram a Espanha espírita. Depois do Auto-de-Fé de Barcelona, em que os livros de Kardec arderam nas chamas inquisitoriais, o Espiritismo floresceu na Catalunha e invadiu todo o país. Grandes nomes brilharam na Terra, como respostas de luz às estrelas do céu. Mas a noite chegou de novo, a noite de chumbo da Inquisição, sem estrelas e sem lumes terrenos. Este livro é uma centelha que escapou das trevas, e que nos dá testemunho da Espanha espírita.

Não importa o domínio passageiro das trevas. O chão de Barcelona está semeado de luzes. As vidas espíritas que ali se apagaram voltarão a brilhar. Sementes de luz não morrem nas trevas. Não foi das trevas do Calvário que as luzes do Cristianismo subiram para os céus de todo o mundo? Os sicários (delinquentes, homicidas) judeus e romanos não sabiam o que faziam, mas Deus o sabia. E Jesus já ensinara que, se o grão de trigo não morrer, não pode frutificar. As dores da Espanha fanática de hoje são como dores de parto. Quem lê este livro de Miguel Vives sente a pulsação do futuro no subsolo da Espanha. Os mortos ressuscitam e os túmulos falam. Outros apóstolos marcarão de novo o mapa da Espanha, com seus pés missionários.

A publicação deste livro é uma homenagem do Brasil espírita de hoje à Espanha espírita de ontem, de hoje e de amanhã. Ao passar por Madri e Barcelona, os médiuns brasileiros Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira encontraram o Espiritismo como fogo de coivara, nos braseiros ocultos do subsolo. Nada conseguiu matar o ardor espírita dos espanhóis. Viram, com os seus próprios olhos, bibliotecas doutrinárias e a venda secreta de livros espíritas. Compraram alguns volumes para a Exposição Permanente de Uberaba. O Brasil espírita testemunhava o calvário da Espanha espírita. E agora o Brasil espírita comungará com a Espanha espírita, através da vivência doutrinária de Miguel Vives, em Tarrasa.

Façamos deste livro o nosso tesouro. Revivamos no Brasil essa vivência espírita catalã, que brota da pena de Miguel Vives como o sangue dos mártires cristãos da Antiguidade, e como o dos mártires espíritas da atualidade brotou das feridas mortais. Todos os sicários passam, como figuras de um *Grand Guignol* esfumando-se na memória das gerações. Mas os mártires permanecem, renascem, fazem-se ouvir. Os espíritas

espanhóis massacrados aqui estão de novo ensinando-nos a viver o Espiritismo. Ouçamos, nestas páginas de amor e vida, que serão um tesouro em nossas mãos.

*

09

PARAPSIKOLOGIA HOJE E AMANHÃ – J. HERCULANO PIRES

Primeira parte - Parapsicologia hoje

I - O que é Parapsicologia

O livro do Prof. Joseph Banks Rhine, da Duke University, Estados Unidos: *O Novo Mundo da Mente*, apresenta-nos essa área na forma de um mapa bem delineado. Esse mundo, como diz o autor, só é novo para as Ciências. Porque, na realidade, é conhecido do homem há muitos milênios. Talvez desde que o homem existe. As Ciências atuais, que tratam de questões objetivas, deixaram de lado vastas zonas do conhecimento antigo cuja investigação objetiva era difícil, senão impossível. A zona dos fenômenos parapsicológicos foi uma delas. Mas agora, que as Ciências apresentam um grande desenvolvimento em todas as direções do conhecimento, já se torna naturalmente possível enfrentar o perigo e correr os riscos de investigações nessas zonas.

Não é justo, pois, acusarmos os parapsicólogos de medrosos por avançarem vagarosamente, nem os acusarmos de temerários quando arriscam interpretações como a extrafísica de Rhine ou a materialista de Vassiliev. Os que avançam por zonas desconhecidas devem ter a coragem das afirmações, quando se julgam suficientemente seguros nas suas conquistas. Mas os que ainda não obtiveram os mesmos êxitos têm o direito de duvidar e continuar avançando de maneira cautelosa. Isso acontece em todas as Ciências e em todas as disciplinas científicas e não somente na Parapsicologia. Os que alegam essas divergências como motivo para não tomarem conhecimento das novas descobertas são apenas comodistas. Encontram uma boa desculpa para não se darem ao incômodo de levantar-se de suas confortáveis poltronas, mas continuam cochilando enquanto o progresso caminha com os que andam.

*

10

INSTRUÇÕES PRÁTICAS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS – ALLAN KARDEC

Terceira ordem – Espíritos imperfeitos

Caracteres gerais – predominância da matéria sobre o espírito; propensão para o mal; ignorância, orgulho, egoísmo e todas as más paixões que são as conseqüências disso.

Nem todos são essencialmente maus; em alguns há mais leviandade, irreflexão e malícia do que verdadeira maldade. Uns não fazem o bem nem o mal; mas só pelo fato de não fazerem o bem, denotam sua inferioridade. Outros, ao contrário, se comprazem no mal e ficam satisfeitos quando encontram ocasião de praticá-lo. Podem aliar a inteligência à maldade ou à malícia; mas qualquer que seja o seu desenvolvimento intelectual, suas idéias são pouco elevadas e seus sentimentos mais ou menos abjetos.

Os seus conhecimentos acerca do mundo espiritual são limitados e o pouco que dele sabem se confunde com as idéias e os preconceitos da vida material. Por esse motivo só podem fornecer noções falsas e incompletas da vida nos planos do espírito. Todavia o observador atilado quase sempre pode colher, em suas comunicações, ainda que imperfeitamente, a confirmação das grandes verdades ensinadas pelos Espíritos superiores.

Pela linguagem se lhes revela o caráter. Todo Espírito que, em suas comunicações, trai um mau pensamento, pode ser colocado na terceira ordem; por

consequente, todo mau pensamento que nos é intuído nos vem de um Espírito desta ordem.

Eles assistem à felicidade dos bons e isso constitui para eles um tormento incessante, pois que experimentam todas as agonias que a inveja e o ciúme podem produzir.

Conservam a lembrança e a percepção nos sofrimentos da vida corporal e esta impressão é, não raro, mais penosa do que a realidade. Desta forma sofrem, efetivamente, tanto por seus males antigos e pessoais quanto por aqueles que fizeram aos outros padecer. E como esse sofrimento é duradouro, eles o supõem eterno. Deus, para puni-los, quer que assim o creiam. Podem ser divididos em quatro classes principais:

- *Nona classe: ESPÍRITOS IMPUROS* – são inclinados ao mal e dele fazem o objeto de suas preocupações. Como Espíritos, dão conselhos pérfidos, insuflam a discórdia e a desconfiança e lançam mão de todas as máscaras para melhor enganar. Ligam-se aos homens de caráter bastante fraco para cederem às suas sugestões a fim de impeli-los à perdição, satisfeitos com lhes poderem retardar o adiantamento, fazendo-os sucumbir nas provas por que passam.

Nas manifestações dão-se a conhecer pela sua linguagem. A trivialidade e a grosseria das expressões, nos Espíritos como nos homens, é sempre um indício de inferioridade moral, quando não intelectual. Suas comunicações revelam a baixeza de suas inclinações, e se querem enganar falando de um modo sensato, não podem sustentar por muito tempo o papel e acabam sempre por trair sua origem.

Certos povos fizeram deles divindades malfazejas, outros os designam sob os nomes de demônios maus, Espíritos do mal.

Quando encarnados, os seres vivos que eles constituem são inclinados a todos os vícios que as paixões vis e degradantes engendram: a sensualidade, a crueldade, a trapaça, a hipocrisia, a cupidez, a inveja, a avareza sórdida. Entregam-se ao mal pelo simples prazer de praticá-lo, as mais das vezes sem motivo; e, por ódio ao bem, escolhem quase sempre suas vítimas entre as pessoas honestas. São flagelos para a Humanidade, seja qual for a classe social a que pertençam; e o verniz da civilização não os isenta do opróbrio e da ignomínia.

- *Oitava classe: ESPÍRITOS LEVIANOS* – são ignorantes, malignos, inconsequentes e motejadores. Intrometem-se com tudo, a tudo respondem, sem consideração à verdade. Comprazem-se em ocasionar pequenos sofrimentos e pequenas alegrias, em fazer intrigas, em induzir maliciosamente ao erro por mistificações e travessuras. A esta classe pertencem os Espíritos vulgarmente designados pelos nomes de *duendes*, *gnomos*, *trascos*. Estão sob a dependência dos Espíritos superiores, que muitas vezes os utilizam como fazemos com os serviços e operários.

Mais do que outros, parecem ligados à matéria e surgem como os agentes principais das comoções dos elementos do globo, quer habitem o ar, a água, o fogo, os corpos duros ou as entranhas da Terra. Manifestam sua presença por efeitos sensíveis, tais como pancadas, movimento e deslocamento anormal dos corpos sólidos, agitação do ar, etc., o que fez dar-se-lhes o nome de Espíritos batedores ou perturbadores. Reconhece-se que esses fenômenos não são devidos a uma causa fortuita e natural, quando têm um caráter intencional e inteligente. Todos os Espíritos podem produzir esses fenômenos, mas os Espíritos elevados os deixam, em geral, à atribuição dos Espíritos inferiores, mais aptos para as realizações no campo material do que no campo da inteligência.

Nas comunicações com os homens, a linguagem deles é, ocasionalmente, espirituosa e faceta, mas quase sempre sem profundidade; apreendem as extravagâncias

e os ridículos, que exprimem em ditos mordazes e satíricos. Se tomam nomes falsos, é mais por malícia do que por maldade.

- *Sétima classe*: ESPÍRITOS PSEUDO-SÁBIOS – seus conhecimentos são bastante extensos, mas julgam saber mais do que em realidade sabem. Tendo feito algum progresso em vários ramos do conhecimento, sua linguagem tem um caráter sério que pode enganar quanto à sua capacidade real e elevação. Todavia, o mais das vezes, tudo isso não passa de um reflexo dos preconceitos e das idéias sistemáticas da vida terrena, uma associação de umas poucas verdades com os erros mais absurdos em meio aos quais se revelam a presunção, o orgulho, o ciúme e a obstinação de que não se puderam despir.

- *Sexta classe*: ESPÍRITOS NEUTROS – não são nem bastante bons para fazerem o bem, nem bastante maus para praticarem o mal. Inclina-se tanto para um como para o outro e não se elevam acima da condição vulgar da Humanidade, tanto em relação ao moral quanto em relação à inteligência. Apegam-se às coisas deste mundo, cujas grosseiras alegrias lhes causam saudades.

Segunda ordem – Bons Espíritos

*

11

O LIVRO DOS MÉDIUNS - ALLAN KARDEC O MARAVILHOSO E O SOBRENATURAL

9. Se o fato está provado, dirão, nós o aceitamos. E aceitamos até mesmo a causa que lhe atribuis, ou seja, a de um fluido desconhecido. Mas quem prova a intervenção dos Espíritos? É nisso que está o maravilhoso, o sobrenatural.

Seria necessário, neste caso, toda uma demonstração que não seria cabível e constituiria, aliás, uma redundância, porque ela ressalta de todo o ensino. Entretanto, para resumi-la em duas palavras, diremos que teoricamente ela se funda neste princípio: todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente. Praticamente: sobre a observação de que os fenômenos ditos espíritas, tendo dado provas de inteligência, não podem ter sua causa na matéria; que essa inteligência, não sendo a dos assistentes, - o que resultou das experiências - devia ser independente deles; e desde que não se via o ser que os produzia, devia tratar-se de um ser invisível, ao qual se deu o nome de Espírito, não é mais do que a alma dos que viveram corporalmente e aos quais a morte despojou de seu grosseiro envoltório visível, deixando-lhes apenas um envoltório etéreo, invisível no seu estado normal. Eis, pois, o maravilhoso e o sobrenatural reduzidos à mais simples expressão.

Constatada a existência dos seres invisíveis, sua ação sobre a matéria resulta da natureza do seu envoltório fluídico. Esta ação é inteligente, porque, ao morrer, eles perderam apenas o corpo, conservando a inteligência que constitui a sua existência. Esta a chave de todos esses fenômenos considerados erroneamente sobrenaturais. A existência dos Espíritos não decorre, pois, de um sistema preconcebido, de uma hipótese imaginada para explicar os fatos, mas é o resultado de observações e a consequência natural da existência da alma. Negar essa causa é negar a alma e os seus atributos. (Hoje, os parapsicólogos chegam a essa mesma conclusão: o prol. Rhine afirma que o pensamento é extrafísico e age sobre a matéria; os profs. Carington, Soal, Price e outros admitem a ação de mentes desencarnadas na produção dos fenômenos *psikapa* (efeitos físicos). (N. do T.)

Os que pensarem que podem encontrar para esses efeitos inteligentes uma solução mais racional, podendo, sobretudo explicar a razão de *todos os fatos*, queiram fazê-lo, e então poder-se-á discutir o mérito de ambas. (O prof. Ernesto Bozzano chama a isto "convergência das provas", mostrando a necessidade científica de uma hipótese explicar todos os fenômenos da mesma natureza e não apenas alguns deles. (N. do T.)

(...)

*

12

ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE - FEB - PROGRAMA I.pdf
O MÉTODO KARDEQUIANO DE COMPROVAÇÃO MEDIÚNICA

Ao longo dos tempos, a Ciência vem legando ao homem uma série de conhecimentos que têm contribuído fundamentalmente para o progresso da humanidade, pela correta utilização da razão e do raciocínio formal-lógico. Com o Espiritismo, aprendemos com Allan Kardec que a investigação, análise e conclusões dos fenômenos mediúnicos devem seguir dois fundamentos: a razão, tal como ensina a Ciência, e o bom senso, segundo as diretrizes da intuição ou da inspiração. Com essas duas ferramentas Allan Kardec construiu o edifício doutrinário do Espiritismo, a partir das manifestações mediúnicas, algumas das quais muito singelas ou banais, mas que não escaparam à sua arguta percepção, desenvolvida ao longo das reencarnações sucessivas e na excelente formação intelectual e humanista que recebeu quando renasceu na França, no século XIX.

ALLAN KARDEC E O USO DO MÉTODO EXPERIMENTAL
NA INVESTIGAÇÃO DOS FATOS ESPÍRITAS

Hippolyte Léon Denizard Rivail, o nome do codificador da Doutrina Espírita, mais conhecido pelo pseudônimo de ALLAN KARDEC, nasceu na cidade de Lyon, na França, às 19 horas do dia 3 de outubro de 1804. Descendentes de antiga família lionesa, católica, de nobres e dignas tradições, foram seus pais Jean-Baptiste Antoine Rivail, homem de leis, juiz, e Jeanne Louise Duhamel. Desencarnou na cidade de Paris em 31 de março de 1869. Rivail realizou seus primeiros estudos em Lião, sendo educado dentro de severos princípios de honradez e retidão moral [...]. Com a idade de dez anos seus pais o enviam a Yverdon (ou Yverdun), cidade Suíça do Cantão de Vaud [...], a fim de completar e enriquecer sua bagagem escolar no célebre Instituto de Educação ali instalado em 1805, pelo professor-filantropo João Henrique Pestalozzi. Concluídos seus estudos na Suíça, Rivail retorna à França, fixando residência em Paris, onde trabalhou como professor em escolas francesas e escreveu várias obras de apoio à educação e ao ensino. Convidado a assistir aos fenômenos das “mesas que giravam, corriam e saltavam”, percebeu, de início, que em meio à frivolidade e à irreverência que, em geral, cercavam a manifestação dos fenômenos mediúnicos, havia ali alguma coisa de diferente, inteligente e transcendental, que poderia ser a causa dos movimentos das mesas. Posteriormente, passou a ser assíduo às reuniões, sobretudo na casa da família Baudin, tendo a oportunidade de endereçar, às supostas mesas, perguntas, algumas proferidas mentalmente, inclusive, mas todas eram respondidas de forma inteligente e, não raro, demonstrando profundo conhecimento. À medida que se inteirava do assunto, muitas indagações surgiram, naturalmente, e, aplicando o método experimental, ou racional, Kardec procurava conhecer, a fundo, o significado desses fenômenos, como esclarece em *Obras póstumas*: [...] Apliquei, a essa nova ciência, como o fizera até então, o método experimental; nunca elaborei teorias preconcebidas; observava cuidadosamente, comparava, deduzia consequências; dos efeitos procurava remontar às causas, por dedução e pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo por válida uma explicação, senão quando podia resolver todas as dificuldades da questão. [...] Compreendi, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controvertido do passado e do futuro da humanidade, a solução que eu procurara em toda minha vida. Era, em suma, toda uma revolução nas ideias e nas crenças: era preciso, portanto, andar com a maior circunspeção e não levianamente; ser positivista e não idealista, para não me deixar iludir.

Ao aplicar a ferramenta do método científico em suas análises, Kardec chega a duas conclusões, de imediato: O simples fato da comunicação com os Espíritos, dissessem eles o que dissessem, provava a existência do mundo invisível ambiente. [...]

O segundo ponto, não menos importante, era que aquela comunicação nos permitia conhecer o estado desse mundo, seus costumes [...]

No livro *A gênese*, ele reafirma como realizou o trabalho de investigação dos fenômenos mediúnicos e as conclusões obtidas, em seguida publicadas nas obras básicas da Codificação Espírita: Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma maneira que as ciências positivas, isto é, aplicando o método experimental. Quando fatos novos se apresentam, que não podem ser explicados pelas leis conhecidas, ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os preside; depois, lhes deduz as consequências e busca as aplicações úteis. *Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida*; assim, não estabeleceu como hipótese a existência e a intervenção dos Espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da Doutrina. Concluiu pela existência dos Espíritos quando essa existência ressaltou evidente da observação dos fatos, procedendo de igual maneira quanto aos outros princípios. Em suma: “Não foram os fatos que vieram depois confirmar a teoria: a teoria é que veio subsequentemente explicar e resumir os fatos. [...]”

*

13

ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE - FEB – PROGR. II.pdf **3. CARACTERÍSTICAS DAS REUNIÕES MEDIÚNICAS SÉRIAS**

«Uma reunião só é verdadeiramente séria, quando cogita de coisas úteis, com exclusão de todas as demais. Se os que a formam aspiram a obter fenômenos, por mera curiosidade, ou passatempo, talvez compareçam Espíritos que os produzam, mas os outros [os sérios] daí se afastarão. Numa palavra, qualquer que seja o caráter de uma reunião, haverá sempre Espíritos dispostos a secundar as tendências dos que a compõem.» A influência do meio, assim como a influência moral dos participantes, garantem ou não, a seriedade de uma reunião mediúnica.

Fora erro acreditar alguém que precisa ser médium, para atrair a si os seres do mundo invisível. Eles povoam o espaço; temo-los incessantemente em torno de nós, ao nosso lado, vendo-nos, observando-nos, intervindo em nossas reuniões, seguindo-nos, ou evitando-nos, conforme os atraímos ou repelimos. A faculdade mediúnica em nada influi para isto: ela mais não é do que um meio de comunicação [...]. Partindo deste princípio, suponhamos uma reunião de homens levianos, inconsequentes, ocupados com seus prazeres; quais serão os Espíritos que preferentemente os cercarão? Não serão decerto Espíritos superiores, do mesmo modo que não seriam os nossos sábios e filósofos os que iriam passar o seu tempo em semelhante lugar. Assim, onde quer que haja uma reunião de homens, há igualmente em torno deles uma assembleia oculta, que simpatiza com suas qualidades ou com seus defeitos, *feita abstração completa de toda idéia de evocação*. [...] Se, numa assembleia fútil, chamarem um Espírito superior, este poderá vir e até proferir algumas palavras ponderosas, como um bom pastor que acode ao chamamento de suas ovelhas desgarradas.

Porém, desde que não se veja compreendido, nem ouvido, retira-se, como em seu lugar o faria qualquer de nós, ficando os outros com o campo livre. Importa considerar que nem «[...]» sempre basta que uma assembleia seja séria, para receber comunicações de ordem elevada. Há pessoas que nunca riem e cujo coração, nem por isso, é puro. Ora, o coração, sobretudo, é que atrai os bons Espíritos. Nenhuma condição moral exclui as comunicações espíritas; os que, porém, estão em más condições, esses se comunicam

com os que lhes são semelhantes [...]. Percebe-se, pois, a enorme influência do meio sobre a natureza das comunicações mediúnicas. «Em resumo: as condições do meio serão tanto melhores, quanto mais homogeneidade houver para o bem, mais sentimentos puros e elevados, mais desejo sincero de instrução, sem idéias preconcebidas.

A moral dos participantes imprime significativa influência na seriedade da reunião mediúnica. Os médiuns — fazemos referências, aqui, a qualquer membro do grupo mediúnico, sem exceção — moralizados fazem bom uso das suas faculdades psíquicas. Em sentido oposto, os que «[...] delas fizerem mau uso, serão punidos duplamente, porque têm um meio a mais de se esclarecerem e o não aproveitam. Aquele que vê claro e tropeça é mais censurável do que o cego que cai no fosso. A propósito, esclarece Allan Kardec: Se o médium, do ponto de vista da execução, não passa de um instrumento, exerce, todavia, influência muito grande, sob o aspecto moral. Pois que, para se comunicar, o Espírito desencarnado se identifica com o Espírito do médium, esta identificação não se pode verificar, senão havendo, entre um e outro, simpatia e, se assim é lícito dizer-se, afinidade. A alma exerce sobre o Espírito livre uma espécie de atração, ou de repulsão, conforme o grau da semelhança existente entre eles. Ora, os bons têm afinidade com os bons e os maus com os maus, donde se segue que as qualidades morais do médium exercem influência capital sobre a natureza dos Espíritos que por ele se comunicam. Se o médium é vicioso, em torno dele se vêm agrupar os Espíritos inferiores, sempre prontos a tomar o lugar aos bons Espíritos evocados. As qualidades que, de preferência, atraem os bons Espíritos são: a bondade, a benevolência, a simplicidade do coração, o amor do próximo, o desprendimento das coisas materiais. Os defeitos que os afastam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões que escravizam o homem à matéria. O médium moralizado segundo as diretrizes evangélicas transforma-se em pessoa de bem, apta a exercer seus dons psíquicos com retidão e honradez, em benefício próprio e da coletividade. É por isso que mediunidade e Evangelho têm que andar juntos. É imprescindível que assim seja, pois o mundo está subvertido pelo materialismo, convulsionado pelo egoísmo, envenenado por teorias anticristãs. A humanidade continua sofrendo e seus sofrimentos irão ao desespero, se não se voltar para o Cristo.

*

14

VISÃO ESPÍRITA DA BÍBLIA – J. HERCULANO PIRES
VISÃO ESPÍRITA DA BÍBLIA
COMO A PALAVRA DE DEUS FICOU SUJEITA AO HOMEM

Os estudos bíblicos se processam no mundo em duas direções diversas: há o estudo normativo dos institutos religiosos, ligados às várias igrejas, que seguem as regras de hermenêutica e a orientação de pesquisas destas igrejas; e há o estudo livre dos institutos universitários independentes, que seguem os princípios da pesquisa científica e da interpretação histórica. O Espiritismo não se prende a nenhum dos dois sistemas, pois sua posição é intermediária. Reconhecendo o conteúdo espiritual da Bíblia, o Espiritismo estuda à luz dos seus princípios, em harmonia com os métodos da antropologia cultural e dos estudos históricos.

Somente às religiões dogmáticas, que se apresentam como vias exclusivas de salvação, interessa o velho conceito da Bíblia como palavra de Deus. Primeiro, porque esse conceito impede a investigação livre. Considerada como palavra de Deus, a Bíblia é indiscutível, deve ser aceita literalmente ou de acordo com a "interpretação autorizada da igreja". Por isso, as igrejas sempre se apresentam como "autoridade única na interpretação

da Bíblia". Segundo, porque essa posição corresponde aos tempos mitológicos, ao pensamento mágico, e não à era de razão em que vivemos.

Vimos rapidamente as contradições insanáveis em que se afundam os hermeneutas religiosos. Veem-se eles obrigados a perigosas ginásticas do raciocínio, apoiadas em fórmulas pré-fabricadas, para se safarem das contradições do texto. Mas não escapam jamais à contradição fundamental, que é esta: consideram a Bíblia como a palavra de Deus, mas estabelecem, para sua interpretação, regras humanas. Dessa maneira, é o homem que faz Deus dizer o que lhe interessa.

Há no meio espírita alguns críticos agressivos da Bíblia. São confrades ilustres e estudiosos, que tomam essa posição em face das agressões religiosas à Doutrina, com base nos textos bíblicos. A posição da Doutrina, porém, não é essa, como já vimos em Kardec. As supostas condenações do Espiritismo pela Bíblia decorrem das interpretações sacerdotais. A Bíblia é um dos maiores repositórios de fatos espíritas de toda bibliografia religiosa. E os textos bíblicos estão eivados de passagens tipicamente espíritas, como veremos.

TODA A BÍBLIA ESTÁ CHEIA DOS FENÔMENOS MEDIÚNICOS

*

15

PRÁTICA MEDIÚNICA

*

FINAL DA AULA

*

5ª AULA – 03 DE AGOSTO DE 2.016

01

**O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – ALLAN KARDEC
CAPÍTULO II MEU REINO NÃO É DESTE MUNDO**

A VIDA FUTURA

1. "Tornou pois a entrar Pilatos no pretório, e chamou a Jesus, e disse-lhe: Tu és o Rei dos Judeus? Respondeu-lhe Jesus: O meu reino não é deste mundo: se o meu reino fosse deste mundo, certo que os meus ministros haviam de pelejar para que eu não fosse entregue aos judeus; mas por agora o meu reino não é daqui. Disse-lhe então Pilatos: Logo, tu és rei? Respondeu Jesus: Tu o dizes, que eu sou rei. Eu não nasci nem vim a este mundo senão para dar testemunho da verdade; todo aquele que é da verdade ouve a minha voz". (JOÃO, cap. XVIII, 33-37).

A VIDA FUTURA

2. Por estas palavras, Jesus se refere claramente à vida futura, que ele apresenta, em todas as circunstâncias, como o fim a que se destina a humanidade, e como devendo ser o objeto das principais preocupações do homem sobre a terra. Todas as suas máximas se referem a esse grande princípio. Sem a vida futura, com efeito, a maior parte dos seus preceitos de moral não teriam nenhuma razão de ser. É por isso que os que não creem na vida futura, pensando que ele apenas falava da vida presente, não os compreendem ou os acham pueris.

Esse dogma pode ser considerado, portanto, como o ponto central do ensinamento do Cristo. Eis porque está colocado entre os primeiros, no início desta obra, pois deve ser a meta de todos os homens. Só ele pode justificar os absurdos da vida terrestre e harmonizar-se com a justiça de Deus.

*

03

A CAMINHO DA LUZ – EMMANUEL

II

A vida organizada

AS CONSTRUÇÕES CELULARES

Sob a orientação misericordiosa e sábia do Cristo, laboravam na Terra numerosas assembleias de operários espirituais.

Como a engenharia moderna, que constrói um edifício prevendo os menores requisitos de sua finalidade, os artistas da espiritualidade edificavam o mundo das células iniciando, nos dias primevos, a construção das formas organizadas e inteligentes dos séculos porvindouros.

O ideal da beleza foi a sua preocupação dos primeiros momentos, no que se referia às edificações celulares das origens.

É por isso que, em todos os tempos, a beleza, junto à ordem, constituiu um dos traços indelévels de toda a criação.

As formas de todos os reinos da natureza terrestre foram estudadas e previstas. Os fluidos da vida foram manipulados de modo a se adaptarem às condições físicas do planeta, encenando-se as construções celulares segundo as possibilidades do ambiente terrestre, tudo obedecendo a um plano preestabelecido pela misericordiosa sabedoria do Cristo, consideradas as leis do princípio e do desenvolvimento geral.

OS PRIMEIROS HABITANTES DA TERRA

Dizíamos que uma camada de matéria gelatinosa envolvia o orbe terreno em seus mais íntimos contornos. Essa matéria, amorfa e viscosa, era o celeiro sagrado das sementes da vida. O protoplasma foi o embrião de todas as organizações do globo terrestre, e, se essa matéria, sem forma definida, cobria a crosta solidificada do planeta,

em breve a condensação da massa dava origem ao surgimento do núcleo, iniciando-se as primeiras manifestações dos seres vivos.

Os primeiros habitantes da Terra, no plano material, são as células albuminoides, as amebas e todas as organizações unicelulares, isoladas e livres, que se multiplicam prodigiosamente na temperatura tépida dos oceanos.

Com o escoar incessante do tempo, esses seres primordiais se movem ao longo das águas, onde encontram o oxigênio necessário ao entretenimento da vida, elemento que a terra firme não possuía ainda em proporções de manter a existência animal, antes das grandes vegetações; esses seres rudimentares somente revelam um sentido - o do tato, que deu origem a todos os outros, em função de aperfeiçoamento dos organismos superiores.

*

04

PENSAMENTO E VIDA – EMMANUEL

Instrução

Já se disse que duas asas conduzirão o espírito humano à presença de Deus.

Uma chama-se Amor, a outra, Sabedoria.

Pelo amor, que, acima de tudo, é serviço aos semelhantes, a criatura se ilumina e aformoseia por dentro, emitindo, em favor dos outros, o reflexo de suas próprias virtudes; e, pela sabedoria, que começa na aquisição do conhecimento, recolhe a influência dos vanguardeiros do progresso, que lhe comunicam os reflexos da própria grandeza, impelindo-a para o Alto.

Através do amor valorizamo-nos para a vida.

Através da sabedoria somos pela vida valorizados.

Daí o imperativo de marcharem juntas a inteligência e a bondade.

Bondade que ignora é assim como o poço amigo em plena sombra, a dessedentar o viajor sem ensinar-lhe o caminho.

Inteligência que não ama pode ser comparada a valioso poste de aviso, que traça ao peregrino informes de rumo certo, deixando-o sucumbir ao tormento da sede.

Todos temos necessidade de instrução e de amor.

Estudar e servir são rotas inevitáveis na obra de elevação.

Toda a cultura intelectual é formada em cadeia de gradativa expansão.

As civilizações sucedem-se, ininterruptas, ao influxo da herança mental.

A arte, na palavra ou na música, no buril ou no pincel, evolui e se aprimora, por intermédio da repercussão a exprimir-se no trabalho dos cultivadores do belo, que se inspiram uns nos outros.

A escola é um centro de indução espiritual, onde os mestres de hoje continuam a tarefa dos instrutores de ontem.

O livro representa vigoroso ímã de força atrativa, plasmando as emoções e concepções de que nascem os grandes movimentos da Humanidade, em todos os setores da religião e da ciência, da opinião e da técnica, do pensamento e do trabalho. Por esse dínamo de energia criadora, encontramos os mais adiantados serviços de telementação, porquanto, a imensas distâncias, no espaço e no tempo, incorporamos as idéias dos espíritos superiores que passaram por nós, há Séculos.

Sócrates reflete-se nas páginas dos discípulos que lhe comungavam a intimidade e, ainda hoje, consumimos os elevados pensamentos de que foi ele o portador.

Retrata-se Jesus nos livros dos apóstolos que lhe dilataram a obra e temos, no Evangelho, um espelho cristalino em que o Mestre se reproduz, por divina reflexão, orientando a conduta humana para a construção do Reino de Deus entre as criaturas.

Conhecer é patrocinar a libertação de nós mesmos, colocando-nos a caminho de

novos horizontes na vida.

Corre-nos, pois, o dever de estudar sempre, escolhendo o melhor para que as nossas idéias e exemplos reflitam as idéias e os exemplos dos paladinos da luz.

*

05

O ESPÍRITO E O TEMPO – J. HERCULANO PIRES

3. OS MITOS AGRÁRIOS — A vida agrária, como já acentuamos, marcou profundamente o espírito humano, em seu desenvolvimento, nos rumos da civilização. Os mitos do horizonte agrícola exercem ainda poderosa influência em nosso mundo. Isso contribui para o descrédito das religiões, em face dos estudiosos de história, e mais ainda, dos que tratam de mitologia. Osíris, por exemplo, como típico deus agrário, parece constituir uma prova das origens míticas do dogma da ressurreição. Quando os cristãos proclamam a ressurreição de Cristo, os estudiosos sorriem com desdém, lembrando a ressurreição de Osíris.

Vejamos porquê. Osíris, filho da Terra e do Céu, cresce, viceja, explende, e então é ceifado, retalhado ou moído, e por fim enterrado. Mas da terra, como as sementes,

Osíris renasce, para começar novo ciclo, semelhante ao anterior. Morto e espostejado por Set, seu irmão, é ressuscitado por sua esposa e irmã, a deusa Ísis, através de ritos especiais. Está bem visível a analogia agrária. Osíris é como o trigo, que depois da ceifa sofre a debulha, volta a ser enterrado na sementeira, e por fim renasce. Às vezes, associado ao Nilo, é um deus fluvial. Cresce com a inundação, declina e morre na vazante, mas depois ressuscita e faz nascerem as plantas, com o poder mágico das águas.

Osíris, deus-fluvial, está naturalmente ligado ao cultivo da terra. No seu aspecto fluvial, porém, apresenta-nos um elemento novo, que é a magia da água. Vemos nele a "água pura", que serve para purificar a terra seca, estéril, poeirenta, e com ela os homens e os animais; a "água da renovação", usada largamente nas abluções sagradas e utilizada nas formas batismais, como no caso clássico de João Batista; e, por fim, a "água fecundante", que representa a virilidade do deus-fluvial, fecundando a terra. Por isso, na sua mais alta expressão mitológica, o Nilo flui das mãos de Osíris, para se derramar como uma bênção sobre a terra árida.

"Deus-agrário, — diz John Murphy — deus da inundação e de uma vida nova, a todos levava a esperança da ressurreição." Essa esperança mantinha o prestígio do deus. Assim como ele morrera para ressuscitar, através dos ritos agrários de Ísis, assim também os homens, uma vez submetidos a ritos semelhantes, ressuscitavam. Essa crença ingênua faz lembrar o dogma cristão, nas palavras do apóstolo Paulo : "Se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou." (I. Cor. 15:12.)

O sentido osírico da ressurreição cristã toma-se mais evidente, quando os ritos agrários são exigidos para que a alma se salve, ou seja, para que realmente possa ressuscitar. Por outro lado, há um paralelismo histórico bastante comprometedor. Osíris, graças à ressurreição, mostrou-se capaz de superar os outros deuses egípcios, da mesma maneira por que, mais tarde, graças à ressurreição, o Cristianismo superaria as demais religiões orientais que invadiram o Império Romano.

*

06

MEDIUNIDADE (VIDA E COMUNICAÇÃO) – J. HERCULANO PIRES

CAPÍTULO IV

ENERGIA MEDIÚNICA

Desde Kardec a teoria dos fluidos tem provocado divergências entre os cientistas e os espíritos. Chegou-se a criar uma prevenção contra a palavra fluido e alguns espíritas

ligados a atividades científicas consideraram a teoria espírita a respeito, propondo modificações na terminologia doutrinária. O avanço rápido das ciências neste século mostrou que a razão estava com Kardec. O próprio fluido magnético, que a descoberta da sugestão hipnótica parecia ter anulado por completo, retornou ao campo das hipóteses. Na revolução conceptual provocada por Einstein, entretanto, a teoria do fluido universal não foi afastada do campo científico, mas apenas colocada por ele entre parênteses, como problema pendente para soluções posteriores. Hoje a situação é inteiramente favorável ao Espiritismo. A Física Nuclear nos apresenta uma imagem fluídica do Universo, verdadeiro domínio dos fluidos. Eles se apresentam como formas de energia nos campos de força que estruturam o aparente vácuo dos espaços siderais, como elementos mantenedores da vida nos processos fisiológicos, como fluxos de partículas infinitesimais, dotados de assombroso poder e até mesmo como elementos constitutivos do tempo e do pensamento.

A fase recente da Efluviografia, com a descoberta das câmaras Kirlian de fotografias sobre campos imantados com energia elétrica em alta frequência, e as recentes experiências soviéticas com essas câmaras adaptadas a microscópios eletrônicos de alta potência, liquidaram essa velha pendência. Abriu-se novamente no campo científico a área da fluídica. Já podemos pensar em termos de fluidos sem cometer nenhuma heresia científica. **Mas seria temerário quereremos definir a mediunidade como uma espécie de energia fluídica, pois a sua natureza evidenciou-se, desde o tempo de Kardec, como simples processo de intermediação, ou seja, de relação. A mediunidade em si não é um tipo específico de energia, mas se processa, como tudo quanto existe, através de energias espirituais e materiais em conjugação. O ato mediúnico tem hoje a sua dinâmica operatória bem conhecida, que foi explicada pelos espíritos a Kardec, à revelia das hipóteses por este formuladas.**

*

07

OBSESSÃO. O PASSE. A DOCTRINAÇÃO – J. HERCULANO PIRES

VI - O tratamento mediúnico.

O tratamento mediúnico não segue uma regra única. Varia de acordo com a natureza dos casos e as condições psicológicas específicas dos pacientes. Deve sempre ser feito sob orientação médica, mas de médico que tenha suficiente conhecimento da doutrina. Sem esse conhecimento, muitos médicos-médiuns extraviaram-se em práticas que a pesquisa espírita já demonstrou serem inúteis e portanto desnecessárias, servindo apenas para dar ao tratamento racional aspectos supersticiosos.

Todo tratamento mediúnico deve ser gratuito, segundo a prescrição de Kardec, pois depende estritamente do auxílio espiritual. Os espíritos não cobram os seus serviços e não gostam que cobrem por eles. Por isso, deve ser realizado em instituições doutrinárias, em que médicos servem, como espíritos que possuem conhecimentos médicos, excluindo-se o profissionalismo. O serviço espírita é de abnegação, é o pagamento que médiuns e médicos fazem a Deus, através do sofrimento humano por eles aliviado, do muito que diariamente recebem do amparo divino. Os que não compreendem isso, deixando-se levar pela ganância, acabam fatalmente subjugados pelos espíritos inferiores.

A pureza de intenções de médiuns e médicos é a única possível garantia da eficácia do tratamento mediúnico. Como assinalava Kardec, o desprendimento dos interesses terrenos é a primeira condição do interesse dos Espíritos Superiores pelo nosso esforço em favor do próximo.

VII - A cura da obsessão.

*

08

O TESOURO DOS ESPÍRITAS – MIGUEL VIVES

Prefácio do autor

Não sou escritor, mas sou médium. Assim, nunca poderei ter a pretensão de haver feito nada de bom somente por mim. Se alguma coisa saída da minha pena merecer a aprovação de meus irmãos, virá dos bons Espíritos que me assistem. Tudo quanto se notar de deficiente nos meus escritos é obra da minha inteligência. Mas os meus irmãos espíritas, que tão indulgentes têm sido para comigo até agora, espero que o continuem sendo, e que saibam distinguir entre o bom que vem dos Espíritos e o insuficiente que é meu.

Postas assim as coisas, não vacilo em entregar-me à inspiração, depois de muito haver pedido ao Pai, ao Senhor e Mestre, e aos bons espíritos, para poder escrever um guia prático, em que os espíritas tenham, sempre que necessário e sem dificuldades, a que recorrer, nas diversas situações da vida. Assim, neste Guia Prático do Espírita encontrarão os meus irmãos alguns conselhos que, seguidos, poderão ser úteis para lhes dar a paz na vida presente, e fazê-los alcançar uma boa situação no espaço. Disse que sou médium, e de tal maneira já o provei, que nenhum dos meus irmãos de Tarrasa, ou de fora da nossa cidade, que me tenha ouvido alguma vez, poderá duvidar. Deus meu!

Que era eu, antes de ser espírita? Uma criatura ignorada e completamente incapaz.

Tanto assim, que me achava perdido na mais crítica e miserável situação em que um homem pode encontrar-se, nos mais formosos dias de sua juventude. Perdera a saúde, os amigos se haviam afastado de mim, não tinha forças para trabalhar, fiquei cinco anos sem poder sair de casa. Tal era o meu estado, que se não fosse a proteção dos pais de minha primeira esposa, aos quais nunca serei suficientemente grato, teria de recolher-me a um hospital. Cinco anos já haviam decorrido, em que esta situação perdurava, quando meus cunhados se mudaram de Sabadell, onde eu havia vivido desde criança, para Tarrasa. E, mais por misericórdia do que por qualquer outro motivo, me levaram com eles, para ver se a minha saúde mudaria.

*

09

PARAPSIKOLOGIA HOJE E AMANHÃ – J. HERCULANO PIRES QUE É PARAPSIKOLOGIA

(,,)

O mesmo já sofreu a Psicologia, em passado recente. O mesmo sofreram outras Ciências e disciplinas científicas. Ninguém pode impedir que a ignorância, a má-fé interesseira, ou mesmo a ingenuidade promovam arruaças desta espécie em zonas pouco policiadas, como as da divulgação científica. Mas é evidente que as pessoas interessadas no conhecimento verdadeiro da Parapsicologia e do que se faz, nos grandes centros universitários do mundo, a seu respeito, não podem deixar-se embair por esses charlatães. Até mesmo nas instituições científicas, dedicadas exclusiva e rigorosamente ao tratamento científico da nova disciplina, eles têm conseguido infiltrar-se, defendendo teses absurdas, sustentando hipóteses duvidosas como verdades comprovadas ou fazendo exhibições anticientíficas de sujetos paranormais.

Os interessados em Parapsicologia devem compreender, antes de mais nada, que uma disciplina científica não comporta exhibições de tipo teatral. O verdadeiro parapsicólogo, ou simplesmente o verdadeiro estudante de Parapsicologia, jamais se apresentará num programa de televisão ou num salão para dar espetáculos de ilusionismo e malabarismo ou para tentar as conhecidas "demonstrações" de

telepatia pelo método de esquina de rua. A Parapsicologia se fundamenta na pesquisa científica de laboratório, arduamente realizada, com todos os rigores necessários do controle científico, obtendo resultados que são submetidos a tratamento matemático para que possam ser legitimamente avaliados. Fora disso, o que temos é simples empirismo, charlatanismo ou ingenuidade.

*

10

INSTRUÇÕES PRÁTICAS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS - ALLAN KARDEC

Segunda ordem – Bons Espíritos

Caracteres gerais – predominância do Espírito sobre a matéria; desejo de praticar o bem. Sua qualificação e poder para realizar o bem estão em proporção ao grau a que chegaram: uns têm a sabedoria e a bondade; os mais adiantados reúnem o saber às qualidades morais. Não sendo ainda completamente desmaterializados, conservam mais ou menos, segundo sua classe, os vestígios da existência corporal, quer na linguagem, quer em seus hábitos, nos quais se encontram mesmo algumas de suas manias, sem o que seriam Espíritos perfeitos.

Compreendem Deus e o infinito e já gozam da felicidade dos bons. São felizes pelo bem que praticam e pelo mal que impedem. O amor que os une é, para eles, a fonte de sua felicidade inefável, a qual não alteram nem a inveja, nem os pesares, nem os remorsos, nem nenhuma das paixões más que atormentam os Espíritos imperfeitos. Entretanto todos têm ainda que passar pelas provações até que tenham atingido a perfeição absoluta.

Como Espíritos suscitam bons pensamentos, desviam os homens do caminho do mal, protegem na vida os que disto se fazem dignos e neutralizam a influência dos Espíritos imperfeitos nas pessoas que não se comprazem em sofrê-la.

Quando encarnados, são bons e benevolentes para com os seus semelhantes. Não são movidos pelo orgulho, o egoísmo, a ambição; não experimentam o ódio nem o rancor, nem a inveja, nem o ciúme, e praticam o bem pelo bem.

A esta ordem pertencem os Espíritos designados, nas crenças vulgares, pelos nomes de *bons gênios, Espíritos protetores, anjos da guarda, Espíritos do bem*. Nos tempos de superstição e ignorância fizeram-se deles divindades benfazejas.

Pode-se igualmente dividi-los em quatro grupos principais:

- *Quinta classe*: ESPÍRITOS BENFAZEJOS – sua qualidade dominante é a bondade. Comprazem-se em prestar serviços aos homens e em protegê-los, porém seu saber é limitado; seu progresso se fez mais no sentido moral do que no intelectual.
- *Quarta classe*: ESPÍRITOS SÁBIOS – o que os distingue especialmente é a extensão dos seus conhecimentos. Preocupam-se menos com questões morais do que com questões científicas, para as quais têm maior aptidão. Mas não encaram a ciência senão do ponto de vista da utilidade, e não a desvirtuam com nenhuma das paixões que são o característico dos Espíritos imperfeitos.
- *Terceira classe*: ESPÍRITOS SENSATOS – as qualidades de ordem mais elevada constituem seu caráter distintivo. Sem possuírem conhecimentos ilimitados, são dotados de uma capacidade intelectual que lhes permite um julgamento sadio dos homens e das coisas.
- *Segunda classe*: ESPÍRITOS SUPERIORES – reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade. Sua linguagem só respira benevolência; é, via de regra, digna, elevada, frequentemente sublime. Sua superioridade os torna, mais do que os outros, aptos para nos darem as noções mais exatas sobre as questões do mundo incorpóreo, nos limites do que é permitido ao homem conhecer. Comunicam-se de boa vontade com

aqueles que procuram a verdade de boa-fé, e cuja alma está suficientemente desprendida dos laços terrenos para compreendê-la. Todavia afastam-se dos que são unicamente movidos pela curiosidade ou daqueles que a influência da matéria desvia da prática do bem.

Quando, por exceção, se encarnam na Terra, é para realizar aqui uma missão de progresso. Oferecem-nos, então, o protótipo da perfeição a que a humanidade pode aspirar neste mundo.

Primeira ordem – Puros Espíritos

*

11

O LIVRO DOS MÉDIUNS – ALLAN KARDEC O MARAVILHOSO E O SOBRENATURAL

10. Aos olhos daqueles que veem na matéria a única potência da Natureza, tudo o que não pode ser explicado pelas leis materiais é maravilhoso ou sobrenatural e, para eles, maravilhoso é sinônimo de superstição. Dessa maneira a religião, que se funda na existência de um princípio imaterial, é um tecido de superstições. Eles não ousam dizê-lo em voz alta, mas o dizem baixinho. E pensam salvar as aparências ao conceber que é necessária uma religião para o povo e para tornar as crianças acomodadas. Ora, de duas, uma: ou o princípio religioso é verdadeiro ou é falso. Se for verdadeiro, o é para todos; se é falso não é melhor para os ignorantes do que para os esclarecidos.

11. Os que atacam o Espiritismo em nome do maravilhoso se apoiam, portanto, em geral, no princípio materialista, desde que negando todo efeito de origem extra material, negam conseqüentemente a existência da alma. Sondai o futuro de seu pensamento, perscrutai o sentido de suas palavras e encontrareis quase sempre esse princípio que, se não se mostra categoricamente formulado, transparece sob a capa de uma pretensa filosofia moral com que eles se disfarçam. Rejeitando como maravilhoso tudo quanto decorre da existência da alma, eles são, portanto, conseqüentes consigo mesmos. Não admitindo a causa, não podem admitir o efeito. Daí o preconceito que os impede de julgar com isenção o Espiritismo, pois partem da negação de tudo o que não seja material.

Quanto a nós, pelo fato de admitirmos os efeitos decorrentes da existência da alma, teríamos de aceitar todos os fatos qualificados de maravilhosos, teríamos de ser os campeões dos visionários, os adeptos de todas as utopias, de todos os sistemas excêntricos? Seria necessário conhecer bem pouco do Espiritismo para assim pensar. Mas os nossos adversários não se importam com isso; a necessidade de conhecer aquilo de que falam é o que menos lhes interessa.

Segundo eles, o maravilhoso é absurdo; ora, o Espiritismo se apoia em fatos maravilhosos; logo, o Espiritismo é absurdo: isto é para eles um julgamento inapelável. Creem apresentar um argumento sem resposta quando, após eruditas pesquisas sobre os convulsionários de Saint- Médard, os *camisards* das Cévennes ou as religiosas de Loudun, chegam à descoberta de evidentes trapaças que ninguém contesta. Mas essas histórias são, por acaso, o evangelho do Espiritismo? Seus partidários teriam negado que o charlatanismo explorou alguns fatos em proveito próprio? Que a imaginação os tenha engendrado? Que o fanatismo tenha exagerado a muitos deles?

O Espiritismo não é mais responsável pelas extravagâncias que se possam cometer em seu nome, do que a verdadeira Ciência pelos abusos da ignorância ou a verdadeira Religião pelos excessos do fanatismo. Muitos críticos só julgam o Espiritismo pelos contos de fadas e pelas lendas populares que são apenas as formas da sua ficção. O mesmo seria julgar a História pelos romances históricos ou pelas tragédias.

*

12

**ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE - FEB (FEDERAÇÃO
ESPÍRITA BRASILEIRA) - PROGRAMA I.pdf
O MÉTODO RACIONAL-INTUITIVO DE COMPROVAÇÃO
MEDIÚNICA**

Proposto por Allan Kardec para interpretação dos fenômenos mediúnicos, o método racional-intuitivo é a hábil associação de instrumentos científicos de observação, registro e processamento de dados com os recursos da intuição, a fim de elaborar uma ou mais conclusões a respeito de um fato ou acontecimento.

No início de suas pesquisas, o Codificador utilizou o método racional-intuitivo para melhor compreender a origem e razão de ser das manifestações mediúnicas que ocorriam, abundantemente, na sociedade da época. Mais tarde, esse método foi aplicado, dentre outros, para: a) classificar e qualificar a faculdade mediúnic; b) entender o papel dos médiuns na comunicação mediúnic, sua influência moral e a do meio onde vivia, as contradições mediúnicas, falsas e verdadeiras, e as mistificações; c) explicar a relação Espírito-médium, a ação anímica do médium, necessária e desnecessária; d) definir tipos e graus da influência dos Espíritos no mundo físico e de como neutralizar/evitar a ação dos Espíritos inferiores; e) identificar a natureza, intenções e identidade do Espírito comunicante; f) organizar uma reunião mediúnic séria e instrutiva.

Todas essas informações serviram de referência para a edificação da Doutrina Espírita que, partindo de *O livro dos Espíritos*, escrito na forma de um código, foi posteriormente desdobrado (ou decodificado) nas demais obras básicas, de acordo com uma temática específica: *O livro dos médiuns*, *O evangelho segundo o espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e *A gênese*.

Um ponto relevante, que não deve passar despercebido, é aquele que a nova ordem de conhecimentos trouxe no seu bojo: a questão moral. Esta é revelada como a verdadeira fortaleza da Doutrina Espírita que, a rigor, deve transformar o indivíduo para melhor. Daí Allan Kardec afirmar: “[...] O mais belo lado do Espiritismo é o lado moral. É por suas consequências morais que triunfará, pois aí está a sua força, pois aí é invulnerável.

Outro ponto de capital importância, que jamais deve ser esquecido pelos espíritas, é que a referência moral do Espiritismo está contida no Evangelho de Jesus: “A moral que os Espíritos ensinam é a do Cristo, em virtude de não haver outra melhor [...] Significa dizer, em outras palavras:

[...] Não, o Espiritismo não traz moral diferente da de Jesus. [...] Os Espíritos vêm não só confirmá-la, mas também nos mostrar a sua utilidade prática. Tornam inteligíveis e patentes verdades que só haviam sido ensinadas sob a forma alegórica. E, juntamente com a moral, trazem-nos a definição dos mais abstratos problemas da Psicologia. [Pois] Jesus veio mostrar aos homens o caminho do verdadeiro bem. [...]

*

13

**ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE – FEB (FEDERAÇÃO ESPÍRITA
BRASILEIRA) - PROGRAMA II.pdf
ROTEIRO 2 Condições de organização e funcionamento
Objetivo específico**

- Relacionar as principais características de organização e funcionamento da reunião

mediúnica. *Curai os enfermos, limpai os leprosos, ressuscitai os mortos, expulsai os demônios; de graça recebestes, de graça dai. Jesus (Mateus, 10:8)*

As condições de organização e funcionamento de uma reunião mediúnica abrangem aspectos gerais, características do recinto das reuniões mediúnicas (local, mobiliário, equipamentos) e etapas de realização da sessão mediúnica. Neste roteiro estudaremos os dois primeiros aspectos. Importa considerar, todavia, que um «[...] grêmio espírita cristão deve ter, mais que tudo, a característica familiar, onde o amor e a simplicidade figurem na manifestação de todos os sentimentos. »

1. CONDIÇÕES GERAIS

1.1 – Privacidade

As reuniões mediúnicas devem ser privativas, tendo as portas chaveadas para se evitar a entrada de participantes atrasados ou de pessoas estranhas ao trabalho. Não se justifica retardar o começo da reunião para aguardar a chegada de alguém atrasado, visto que a equipe espiritual já está presente e não se atrasa.

Partindo do princípio que a atuação da equipe dos encarnados necessita ser feita em conjunto, os retardatários não devem ser aceitos porque, além de não terem participado da preparação inicial, ainda poderão interferir na concentração dos demais, com ruídos e movimentação. «Doutrina Espírita, na essência, é universidade de redenção. **E cada um dos seus profítes ou alunos, por força da obrigação no burilamento interior, é obrigado a educar-se para educar.** »

Assim, o fechamento da porta da reunião ocorrerá no horário determinado para o início da reunião, **SUBSÍDIOS**

FUNDAMENTAÇÃO ESPÍRITA:

As Reuniões Mediúnicas antes da leitura preparatória.

É recomendável que todo participante da equipe chegue mais cedo, cerca de quinze minutos antes do início da reunião.

1.2 – Os participantes da reunião

É fundamental que o trabalhador do grupo mediúnico esteja integrado em outra atividade regular na Casa Espírita. Faz-se necessário também que tenha sido previamente preparado para a execução da tarefa e seja conhecedor das finalidades da reunião mediúnica. Deduz-se, portanto, que os participantes devam ter conhecimento e preparação evangélico-doutrinária.

«O aprimoramento moral contribui para que, na condição de médiuns, de receptores da Espiritualidade, afinizemos com princípios elevados. O estudo e a fixação do ensino espírita coloca-nos em condições de mais amplo discernimento da vida, dos homens e dos Espíritos. »

A quantidade de participantes está limitada ao tamanho da sala, não excedendo, porém, a 25 pessoas. André Luiz recomenda o número de catorze pessoas. Já Léon Denis sugere dez a doze participantes, sobretudo nos grupos iniciantes. «**Sendo o recolhimento e a comunhão dos pensamentos as condições essenciais a toda reunião séria, fácil é de compreender-se que o número excessivo dos assistentes constitui uma das causas mais contrárias à homogeneidade.** [...]»

Mas, também é evidente que, quanto maior for o número, tanto mais difícil será o preenchimento dessas condições. »

Não se permitirá a presença de encarnados necessitados de auxílio espiritual durante a fase de manifestação dos Espíritos. **O participante acometido de processo obsessivo deve ser afastado das atividades mediúnicas e**

encaminhado ao serviço de atendimento espiritual da Casa Espírita — ou à pessoa responsável, na Instituição, por este gênero de tarefa —, devendo retornar ao grupo mediúnicamente quando se revelar reequilibrado.

É fundamental que o grupo seja constituído de elementos simpáticos entre si, unidos pela busca de objetivos superiores e pelo desejo de se aperfeiçoarem moral e intelectualmente. «Uma reunião é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são a resultante das de seus membros e formam como que um feixe. Ora, este feixe tanto mais força terá, quanto mais homogêneo for.»

1.3 – Horário, duração e frequência

Pode-se definir o horário de até 2 horas para a realização da reunião, abrangendo neste espaço de tempo a prece de abertura, estudo (se houver), irradiações, mensagens de benfeitores espirituais, manifestação de Espíritos que sofrem, prece de encerramento e avaliação da reunião.

Não se recomenda mais de 60 minutos para a prática mediúnica, propriamente dita. As reuniões serão realizadas, sempre, nos mesmos dias e horários, pré-estabelecidos, com periodicidade definida pela direção da Casa Espírita: semanal ou quinzenal. A frequência ou número de reuniões, geralmente, é de uma vez por semana. É importante lembrar que o transe é uma alteração da consciência, que não deve ser provocado com muita frequência, para não causar desgastes físico e psíquico aos médiuns.

É medida de bom senso evitar a realização de reuniões extemporâneas ou ocasionais, apenas realizando-as, em caráter excepcional, em atendimento a situação especial, definida pela direção da Casa Espírita e por orientação espiritual pertinente. A condução de uma reunião nos padrões evangélico-doutrinários deve pautar pela simplicidade.

1.4 – Renovação, assiduidade e pontualidade da equipe

*

14

VISÃO ESPÍRITA DA BÍBLIA – J. HERCULANO PIRES TODA A BÍBLIA ESTÁ CHEIA DOS FENÔMENOS MEDIÚNICOS

O Espiritismo é apresentado por Kardec, sob a orientação do Espírito da Verdade, como uma sequência natural do Cristianismo. É o cumprimento da promessa evangélica de Jesus, de enviar à Terra o Consolador, que completaria o seu ensino, esclarecendo os homens a respeito daquilo que ele só pudera ensinar através de alegorias, no seu tempo. Os homens de então não estavam em condições de compreender o fenômeno natural da comunicação espírita, que misturavam com sistemas de magia e interpretações supersticiosas. Em A Gênese, Kardec esclarece, no primeiro capítulo, que era necessária a evolução das ciências, o progresso dos conhecimentos, o desenvolvimento intelectual, para que o Espiritismo fizesse seu aparecimento, como doutrina, em nosso mundo.

Assim sendo, o Espiritismo tem como base as Escrituras, tem seus fundamentos na Bíblia. Mas é claro que o conceito espírita da Bíblia não pode ser igual ao das religiões que ficaram no passado, apegadas às formas sacramentais de magia, aos ritos materiais e aos cultos exteriores do próprio paganismo. A Bíblia não pode ser, para o espírita esclarecido, a "palavra de Deus", pois é um livro escrito pelos homens, como todos os outros livros, e é, principalmente, um conjunto de livros em que encontramos de tudo, desde as regras simplórias de higiene dos judeus primitivos até as lendas e tradições do povo hebreu, misturadas às heranças

dos egípcios e babilônios. O Espiritismo ensina a encarar a Bíblia como um marco da evolução religiosa na Terra, mas não faz dela um novo bezerro de ouro.

É difícil falarmos da Bíblia a pessoas apegadas ao processo de fanatismo religioso de algumas seitas obscurantistas, que chegam, em pleno século vinte, ao cúmulo de renegarem a cultura, para só aceitarem os escritos judeus da época das civilizações agrárias. São pessoas simples e crentes, que merecem o nosso respeito, mas inteiramente incapazes de compreender o problema bíblico. Isso, entretanto, não deve impedir-nos de esclarecer esse problema à luz dos princípios espíritas. **A Bíblia não condena o Espiritismo. Pelo contrário, a Bíblia confirma o Espiritismo, como demonstraremos. Basta lembrar o caso de Samuel, atormentado pelo espírito mau, aliviado pela mediunidade de Davi, que usava a música para afastá-lo. Caso típico de mediunidade curadora, constante de Samuel 16: 14- 23. E o colégio de médiuns que acompanhava Moisés no deserto? E assim por diante, da primeira à última página da Bíblia. Mas o pior cego é aquele que não quer enxergar.**

*

15

PRÁTICA MEDIÚNICA

*

FINAL DA AULA

*

6ª AULA – 10 DE AGOSTO DE 2.016

01

**O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – ALLAN KARDEC
CAPITULO III**

HA MUITAS MORADAS NA CASA DE MEU PAI

DIFERENTES ESTADOS DA ALMA NA ERRATICIDADE

1. Não se turbe o vosso coração. Crede em Deus, crede também em mim. - Há muitas moradas na casa de meu pai. Se assim não fosse, eu vo-lo teria dito; pois vou preparar-vos o lugar. E depois que eu me for, e vos aparelhar o lugar, virei outra vez e tomar-vos-ei para mim, para que lá onde estiver, estejais vós também. (JOÃO, XIV: 1-3)

1-3)

DIFERENTES ESTADOS DA ALMA NA ERRATICIDADE

2. A Casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito, oferecendo aos Espíritos desencarnados estações apropriadas ao seu adiantamento.

Independentemente da diversidade dos mundos, essas palavras podem também ser interpretadas pelo estado feliz ou infeliz dos Espíritos na erraticidade. Conforme for ele mais ou menos puro e liberto das atrações materiais, o meio em que estiver, o aspecto das coisas, as sensações que experimentar, as percepções que possuir, tudo isso varia ao infinito. Enquanto uns, por exemplo, não podem afastar-se do meio em que vieram, outros se elevam e percorrem o espaço e os mundos. Enquanto certos Espíritos culpados erram nas trevas, os felizes gozam de uma luz resplandecente e do sublime espetáculo do infinito. Enquanto, enfim, o malvado, cheio de remorsos e pesares, frequentemente só, sem consolações, separado dos objetos da sua afeição, geme sob a opressão dos sofrimentos morais, o justo, junto aos que ama, goza de uma indizível felicidade. Essas também são, portanto, diferentes moradas, embora não localizadas nem circunscritas.

*

02 - SEARA DOS MÉDIUNS – EMMANUEL

Na mediunidade

Reunião pública de 12/2/60 Questão nº 226 - Parágrafo 1º

Não é a mediunidade que te distingue.

É aquilo que fazes dela.

A ação do Instrumento varia conforme a atitude do servidor.

A produção revela o operário.

A pena mostra a alma de quem escreve.

O patrimônio caminha no rumo que o mordomo dirige.

*

O lavrador tem a enxada, entretanto...

Se preguiçoso, cede asilo à ferrugem.

Se delinquente, empresta-lhe o corte à sugestão do crime.

Se prestativo e diligente, ergue, ditoso, o berço de flor e pão.

O legislador guarda o poder; contudo, através dele...

Se irresponsável, estimula a desordem.

Se desonesto, incentiva a pilhagem.

Se consciente e abnegado, é fundamento vivo à cultura e ao progresso.

O artista dispõe de mais amplos recursos da Inteligência; todavia, com eles...

Se desequilibrado, favorece a loucura.

Se corrompido, estende a viciação.

Se enobrecido e generoso, surgirá sempre como esteio à virtude.

Urge reconhecer, no entanto, que acerca das qualidades e possibilidades do lavrador, do legislador e do artista, na concessão do mandato que lhes é confiado, apenas à Lei Divina realmente cabe julgar.

Todos nós, porém, de imediato, conseguimos classificar-lhes a influência pelos males ou bens que espalhem.

*

Assim também na mediunidade.

Seja qual for o talento que te enriquece, busca primeiro o bem, na convicção de que o bem, a favor do próximo, é o bem irrepreensível que podemos fazer.

Desse modo, ainda mesmo te sintas imperfeito e desajustado, infeliz ou doente, utiliza a força medianímica de que a vida te envolve, ajudando e educando, amparando e servindo, no auxílio aos semelhantes, porque o bem que fizeres retornará dos outros ao teu próprio caminho, como bênção de Deus a brilhar sobre ti.

*

03

A CAMINHO DA LUZ – EMMANUEL

A ELABORAÇÃO PACIENTE DAS FORMAS

Decorrido muito tempo, eis que as amebas primitivas se associam para a vida celular em comum, formando-se as colônias de infusórios, de polípeiros, em obediência aos planos da construção definitiva do porvir, emanados do mundo espiritual onde todo o progresso da Terra tem a sua gênese.

Os reinos vegetal e animal parecem confundidos nas profundidades oceânicas. Não existem formas definidas nem expressão individual nessas sociedades de infusórios; mas, desses conjuntos singulares, formam-se ensaios de vida que já apresentam caracteres e rudimentos dos organismos superiores.

Milhares de anos foram precisos aos operários de Jesus, nos serviços da elaboração paciente das formas.

A princípio, coordenam os elementos da nutrição e da conservação da existência. O coração e os brônquios são conquistados e, após eles, formam-se os pródromos celulares do sistema nervoso e dos órgãos da procriação, que se aperfeiçoam, definindo-se nos seres.

AS FORMAS INTERMEDIÁRIAS DA NATUREZA

A atmosfera está ainda saturada de umidade e vapores, e a terra sólida está coberta de lodo e pântanos inimagináveis.

Todavia, as derradeiras convulsões interiores do orbe localizam os calores centrais do planeta, restringindo a zona das influências telúricas (correntes elétricas naturais) necessárias à manutenção da vida animal.

Esses fenômenos geológicos estabelecem os contornos geográficos do globo, delineando os continentes e fixando a posição dos oceanos, surgindo, desse modo, as grandes extensões de terra firme, aptas a receber as sementes prolíficas da vida.

Os primeiros crustáceos terrestres são um prolongamento dos crustáceos marinhos. Seguindo-lhes as pegadas, aparecem os batráquios, que trocam as águas pelas regiões lodosas e firmes.

Nessa fase evolutiva do planeta, todo o globo se veste de vegetação luxuriante, prodigiosa, de cujas florestas opulentas e desmesuradas as minas carboníferas dos tempos modernos são os petrificados vestígios.

*

04

PENSAMENTO E VIDA – EMMANUEL**Educação**

Disse-nos o Cristo: “brilhe vossa luz ...” (Mateus, 5:16)

E ele mesmo, o Mestre Divino, é a nossa divina luz na evolução planetária.

Admitia-se antigamente que a recomendação do Senhor fosse mero aviso de essência mística, conclamando profitentes do Culto externo da escola religiosa a suposto relevo individual, depois da morte, na imaginária corte celeste.

Hoje, no entanto, reconhecemos que a lição de Jesus deve ser aplicada em todas as condições, todos os dias.

A própria ciência terrena atual reconhece a presença da luz em toda parte.

O corpo humano, devidamente estudado, revelou-se, não mais como matéria coesa, senão espécie de veículo energético, estruturado em partículas infinitesimais que se atraem e se repelem, reciprocamente, com o efeito de microscópicas explosões de luz.

A Química, a Física e a Astronomia demonstram que o homem terrestre mora num reino entrecortado de raios.

Na intimidade desse glorioso império da energia, temos os raios mentais condicionando os elementos em que a vida se expressa.

O pensamento é força criativa, a exteriorizar-se, da criatura que o gera, por intermédio de ondas sutis, em circuitos de ação e reação no tempo, sendo tão mensurável como o fóton que, arrojado pelo fulcro luminescente que o produz, percorre o espaço com Velocidade determinada, sustentando o hausto fulgurante da Criação.

A mente humana é um espelho de luz, emitindo raios e assimilando-os, repetimos.

Esse espelho, entretanto, jaz mais ou menos prisioneiro nas sombras espessas da ignorância, à maneira de pedra valiosa incrustada no cascalho da furna ou nas anfractuosidades do precipício. Para que retrate a irradiação celeste e lance de si mesmo o próprio brilho, é indispensável se desentranche das trevas, à custa do esmeril do trabalho.

Reparamos, assim, a necessidade imprescritível da educação para todos os seres.

Lembremo-nos de que o Eterno Benfeitor, em sua lição verbal, fixou na forma imperativa a advertência a que nos referimos:

“Brilhe vossa luz.”

Isso quer dizer que o potencial de luz do nosso espírito deve fulgir em sua grandeza plena.

E semelhante feito somente poderá ser atingido pela educação que nos propicie o justo burilamento.

Mas a educação, com o cultivo da inteligência e com o aperfeiçoamento do campo íntimo, em exaltação de conhecimento e bondade, saber e virtude, não será conseguida tão-só à força de instrução, que se imponha de fora para dentro, mas sim com a consciente adesão da vontade que, em se consagrando ao bem por si própria, sem constrangimento de qualquer natureza, pode libertar e polir o coração, nele plasmando a face cristalina da alma, capaz de refletir a Vida Gloriosa e transformar, conseqüentemente, o cérebro em preciosa usina de energia superior, projetando reflexos de beleza e sublimação.

*

05

O ESPÍRITO E O TEMPO – J. HERCULANO PIRES

JEOVÁ, DEUS AGRÁRIO

4. Quando estudamos religião comparada, ou história das religiões, o exame do "horizonte agrícola" nos revela a natureza agrária do deus bíblico Iavé ou Jeová. As diferenças fundamentais existentes entre o Deus bíblico dos hebreus e o Deus evangélico dos cristãos decorre da diferença de "horizontes". Jeová é um deus mitológico, em fase de transição para o "horizonte espiritual". Nasceu, como todos os deuses agrários, por um processo sincrético. Nele se fundem a experiência concreta da sobrevivência humana, obtida através dos fatos mediúnicos, e a exigência de racionalização do mundo, manifestada nas elaborações mitológicas. Ao mesmo tempo, concepções várias, e até mesmo contraditórias, originadas ao longo da vida tribal e da vida agrícola, também se misturam nessa figura bíblica. Daí as suas contradições, que dão margem a tantas críticas, oriundas da incompreensão do fenômeno e da ignorância do processo histórico.

Encontramos em Jeová, num verdadeiro conflito, as características de deus-tribal e deus-universal, de deus-familiar e deus-popular, de deus-lar e deus mitológico. Como deus-tribal, Jeová é o guia e o protetor das tribos de Israel, e como deus-universal, pretende estender suas leis a todos os povos. Como deus-familiar, é o clássico "Deus de Abrão, Isaac e Jacó", protetor de uma linhagem de pastores, e como deus-popular, é o protetor de todos os descendentes de Abrão. Como deus-lar, é o Espírito que falava a Terá e a Abrão em Ur, à revelia dos deuses-nacionais dos caldeus, e como deus-mitológico, é aquele que declara na Bíblia "Eu sou o que sou", tendo a terra por escabelo de seus pés e o céu por morada infinita de sua grandeza sobre-humana.

O mesmo sincretismo que já estudamos no caso dos deuses egípcios aparece no deus hebraico. Se a deusa Hator, por exemplo, tinha orelhas de vaca, Jeová ordena matanças, misturando em sua natureza características humanas e divinas. Protege especialmente um povo, uma raça, com ferocidade tribal, e se não exige mais os antigos sacrifícios humanos, entretanto exige os sacrifícios animais e vegetais. Suas monumentais narinas, embora invisíveis, dilatam-se gulosas, como as de Moloc, aspirando o fumo dos sacrifícios. No Templo de Jerusalém, à maneira do que acontecia com os templos gregos, havia locais especiais para os sacrifícios sangrentos e os incruentos. Assim como Pitágoras, vegetariano, podia oferecer ao deus Apolo, na área especial do templo, sacrifícios vegetais, assim também os hebreus podiam escolher a espécie de homenagens que deviam prestar a Jeová.

*

06

MEDIUNIDADE (VIDA E COMUNICAÇÃO) – J. HERCULANO PIRES

CAPÍTULO V

O ATO MEDIÚNICO

O ato mediúnico é o momento em que o espírito comunicante e o médium se fundem na unidade psicoativa da comunicação. O espírito aproxima-se do médium e o envolve nas suas vibrações espirituais. Essas vibrações irradiam-se do seu corpo espiritual atingindo o corpo espiritual do médium. A esse toque vibratório, semelhante ao de um brando choque elétrico, reage o perispírito do médium. Realiza-se a fusão fluídica. Há uma simultânea alteração no psiquismo de ambos. Cada um assimila um pouco do outro. Uma percepção visual desse momento comove o vidente que tem a ventura de captá-la. As irradiações perispirituais projetam sobre o rosto do médium a máscara transparente do espírito. Compreende-se então o sentido profundo da palavra *intermúndio*. Ali estão, fundidos e ao mesmo tempo distintos, o semblante radioso do espírito e o semblante humano do médium, iluminado pelo suave clarão da realidade espiritual. Essa superposição de planos dá aos videntes a impressão de que o espírito comunicante se incorpora no médium.

Daí a errônea denominação de incorporação para as manifestações orais. O que se dá não é uma incorporação, mas uma interpenetração psíquica, como a da luz atravessando uma vidraça. Ligados os centros vitais de ambos, o espírito se manifesta emocionado, reintegrando-se nas sensações da vida terrena, sem sentir o peso da carne. O médium, por sua vez, experimenta a leveza do espírito, sem perder a consciência de sua natureza carnal, e fala ao sopro do espírito, como um intérprete que não se dá ao trabalho da tradução.

O ato mediúnico natural é esse momento de síntese afetiva em que os dois planos da vida revelam o segredo da morte: apenas um desvestir do pesado escafandro da matéria densa.

O ato mediúnico normal é uma segunda ressurreição, que se verifica precisamente no corpo espiritual que, segundo o Apóstolo Paulo, é o corpo da ressurreição. O espírito volta à carne, não a que deixou no túmulo, mas a do médium que lhe oferece, num gesto de amor, a oportunidade do retorno aos corações que deixou no mundo. A beleza do reencontro de um filho com a mãe, que estreita o médium nos braços ansiosos e o beija com toda a efusão da saudade materna, compensa de muito a impiedade dos que o acusam de praticar bruxarias.

Nos casos de materialização, nada mais belo que Lombroso com sua mãe materializada através da mediunidade de Eusápia Paladino, na sessão a que fora levado pelo Prof. Chiaia, de Milão. Eusápia era uma camponesa analfabeta e mil vezes caluniada. Lombroso, o fundador da Antropologia Criminal, retratou-se na revista Luce e Ombra de seus violentos artigos contra o Espiritismo, e declarou comovido: "Nenhum gigante do pensamento e da força poderia me fazer o que me fez esta pequena mulher analfabeta: arrancar minha mãe do túmulo e devolvê-la aos meus braços!"

Frederico Fígner, introdutor do fonógrafo no Brasil, levou sua esposa desolada a Belém do Pará, na esperança de um reencontro com a menina Rachel, sua filha, que haviam perdido, o que quase os levara à loucura, a ele e à esposa. Procuraram a médium Ana Prado, também mulher do campo, e numa sessão com ela a menina apareceu materializada, estimulando os pais a enfrentarem o caso com serenidade, pois ali estava viva, e falava e os beijava, e, sentava-se em seus colos, provando que não morrerá. Fígner, ao voltar para o Rio de Janeiro, dedicou-se dali por diante ao Espiritismo, com a chama da fé acesa em seu coração e no coração da esposa, mas agora uma fé inabalável, assentada na razão e nos fatos.

*

07

OBSESSÃO. O PASSE. A DOCTRINAÇÃO – J. HERCULANO PIRES

VII - A cura da obsessão.

Você é um ser humano adulto e consciente, responsável pelo seu comportamento. Controle as suas idéias, rejeite os pensamentos inferiores e perturbadores, estimule as suas tendências boas e repila as más. Tome conta de si mesmo. Deus concedeu a jurisdição de si mesmo, é você quem manda em você nos caminhos da vida. Não se faça de criança mimada. Aprenda a se controlar em todos os instantes e em todas as circunstâncias. Experimente o seu poder e verá que ele é maior do que você pensa.

A cura da obsessão é uma auto cura. Ninguém pode livrar você da obsessão se você não quiser livrar-se dela. Comece a livrar-se agora, dizendo a você mesmo: *sou uma criatura normal, dotada do poder e do dever de dirigir a mim mesmo. Conheço os meus deveres e posso cumpri-los. Deus me ampara.*

Repita isso sempre que se sentir perturbado. Repita e faça o que disse. Tome a decisão de se portar como uma criatura normal que realmente é, confiante em Deus

e no poder das forças naturais que estão no seu corpo e no seu espírito, à espera do seu comando. Dirija o seu barco.

Reformule o seu conceito de si mesmo. Você não é um pobrezinho abandonado no mundo. Os próprios vermes são protegidos pelas leis naturais. Por que motivo só você não teria proteção? Tire da mente a idéia de pecado e castigo. O que chamam de pecado é o erro, e o erro pode e deve ser corrigido. Corrija-se. Estabeleça pouco a pouco o controle de si mesmo, com paciência e confiança em si mesmo.

Você não depende dos outros, depende da sua mente. Mantenha a mente arejada, abra suas janelas ao mundo, respire com segurança e ande com firmeza. Lembre-se dos cegos, dos mudos e dos surdos, dos aleijados e deficientes que se recuperam confiando em si mesmos. Desenvolva a sua fé. Fé é confiança. Existe a Fé Divina, que é a confiança em Deus e no Seu Poder que controla o Universo. Você, racionalmente, pode duvidar disso? Existe a Fé Humana, que é a confiança da criatura em si mesma. Você não confia na sua inteligência, no seu bom senso, na sua capacidade de ação? Você se julga um incapaz e se entrega às circunstâncias deixando-se levar por idéias degradantes a seu respeito? Mude esse modo de pensar, que é falso.

Quando vier às reuniões de desobsessão, venha confiante. Os que o esperam estão dispostos a auxiliá-lo. Seja grato a essas criaturas que se interessam por você e ajude-as com sua boa vontade. Se você fizer isso, a sua obsessão já começou a ser vencida. Não se acovarde, seja corajoso.

VIII - Roteiro da desobsessão.

*

08

O TESOURO DOS ESPÍRITAS – MIGUEL VIVES

I

O espírita perante Deus

Quando o homem, venha de onde vier, seja religioso, ateu, livre-pensador etc., entra no Espiritismo, abre-se diante dele um campo tão vasto de investigações, que, de momento, ele não se dá conta de tamanha grandeza. A medida que vai ampliando os seus estudos e as suas experiências, mais ampla se torna a perspectiva do que antes lhe era desconhecido, e em tudo começa a ver a grandeza de Deus.

Tanto assim é que se queda maravilhado ante tanta justiça, tanto amor, beleza e poder. Então vê o que significa a sua individualidade nesta Criação, compreende que a sua vida é eterna, pelo menos em princípio, e que não se encontra aqui por acaso, que não é um ser vindo à Terra sem motivo nem razão, mas que a sua existência está ligada ao concerto universal da Criação. Compreende que jamais será abandonado, pois está sujeito a uma lei que a todos abrange, e que, como os demais seres humanos, alcançará, pelos seus esforços, mais cedo ou mais tarde, a sua felicidade, a sua beleza e a sua sabedoria. Compreende que pode retardar mais ou menos o seu progresso, mas que, por fim, terá de ver-se atraído pelo amor universal e que, aceitando ou não, será um dia impregnado por tudo quanto de belo e grande encerra o amor divino. Compreende que formará parte da grande família de espíritos felizes, que gozam e trabalham no plano do amor divino.

Assim, pois, o ser encarnado, ao descobrir a sua vida, o seu futuro, a grandeza do objetivo da sua própria criação, sente-se admirado ante a Suprema Sabedoria, o Amor Supremo, o Criador Onipotente de tanta beleza, de tanta harmonia e de tanto amor.

Essa impressão, recebida ao converter-se ao Espiritismo, deve todo espírita procurar não somente guardá-la, mas também aumentá-la, porque disso depende em grande parte o seu progresso. Digo isto, porque, passado o momento das primeiras impressões, o espírita começa a esquecer-se do respeito e da adoração que deve ao Pai, incorrendo numa

falta de agradecimento, que vai, aos poucos, separando-o de influências que Lhe são muito necessárias, no curso da sua vida no planeta.

Se tudo, na Criação, mutuamente se atrai e se interpenetra, essa mesma lei não pode deixar de existir entre a criatura e seu Criador. Neste ponto, vem a propósito citar o que dizem alguns espíritos: que nada se deve pedir a Deus, porque Ele não derrogará suas leis e porque tudo já nos deu. Maneira errada de pensar. Deus estabeleceu suas leis e as pôs, com toda a Criação, à disposição de seus filhos. A nós, porém, compete alcançá-lo. E, tendo, como tem tudo, de sofrer a sua atração, isso não implicará também o amor a Deus, a gratidão e a adoração que Lhe devemos?

*

09

PARAPSIKOLOGIA HOJE E AMANHÃ – J. HERCULANO PIRES

II

A história de PSI

Há uma pequena letra grega, chamada *psi*, que os nossos estudantes de matemática conhecem muito bem e exerce papel importante na Parapsicologia. Essa letra foi escolhida pelos Profs. Wiesner e Thoules para designar, do ponto-de-vista puramente científico, os fenômenos paranormais. Por que essa escolha? Porque era necessário dar a esses fenômenos uma designação inteiramente livre de implicações interpretativas. Chamando-os de *psi*, damos-lhes apenas um nome técnico, sem nenhuma intenção ou carga emotiva.

Pelo contrário, quando dizemos que esses fenômenos são espíritos ou espíritóides, metapsíquicos, mesméricos ou hipnóticos e assim por diante, estamos ao mesmo tempo dando-lhes uma interpretação ou pelo menos enquadrando-os numa interpretação já aceita por muitos e rejeitada por outros. Não se trata de dar um novo rótulo a velhos fenômenos, mas de adotar uma terminologia científica livre de compromissos hipotéticos, a fim de que as investigações nesse campo não encontrem novos embaraços.

A escolha foi das mais felizes. E tanto assim que passou logo a ser adotada oficialmente. O I Colóquio Internacional de Parapsicologia aprovou essa designação, juntamente com as especificações feitas posteriormente por Wiesner e Thoules, com a junção a *psi* de outras letras gregas para a designação dos dois campos fundamentais dos fenômenos em causa. Os *fenômenos psi* ficaram assim divididos em dois campos hoje bem conhecidos: o dos *fenômenos psigama* e o dos *fenômenos psikapa*.

A própria designação de *psi* divide-se também em dois campos: chamamos *funções psi* ao desconhecido mecanismo mental que produz os efeitos paranormais, e *fenômenos psi* a estes efeitos. Temos, portanto, uma relação de causa e efeito bem determinada, que nos oferece uma visão dupla do campo parapsicológico. De um lado estão as *funções psi*, que pertencem à mente e são de ordem subjetivo-causal; de outro lado os *fenômenos psi*, que pertencem ao mundo exterior ou mundo fenomênico, dos efeitos.

*

10

INSTRUÇÕES PRÁTICAS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS - ALLAN KARDEC

Primeira ordem – Puros Espíritos

Caracteres gerais – nenhuma influência da matéria. Superioridade intelectual e moral absoluta em relação aos Espíritos das outras ordens.

- *Primeira classe*: CLASSE ÚNICA – percorreram todos os graus da escala e se despiram de todas as impurezas da matéria. Tendo atingido a soma de perfeição de que é susceptível a criatura, não mais têm que sofrer nem provações nem expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos mortais, encontram-se na vida eterna,

no seio de Deus.

Gozam de uma felicidade inalterável, pois que não estão sujeitos nem às necessidades nem às vicissitudes da vida material. Essa felicidade, entretanto, não é uma *ociosidade monótona passada em uma contemplação perpétua*. Eles são os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam para manutenção da harmonia universal. Orientam todos os espíritos que lhes são inferiores, ajudam-nos a se aperfeiçoarem e designam-lhes as missões. Assistir os homens na adversidade, incitá-los ao bem ou à expiação das faltas que os afastam da felicidade suprema é para eles uma doce ocupação. São designados, algumas vezes, pelos nomes de anjos, arcanjos ou serafins.

Os homens podem entrar em comunicação com eles, mas bem presunçoso seria aquele que pretendesse tê-los constantemente às suas ordens.

É sem razão que certas pessoas os designam por *Espíritos incriados*. Espíritos incriados seriam de toda a eternidade, como Deus; ou se no Universo pudessem existir seres independentemente da vontade de Deus. Deus não teria a onipotência. Espíritos se serviram desta expressão, mas não neste sentido. Referiam-se deste modo a Espíritos que não mais se encarnarão e que, deste ponto de vista, não serão mais criados como homens. O termo é impróprio, pois dá lugar a uma falsa interpretação. Este é o inconveniente de nos aferrarmos à letra sem investigar o pensamento (v. *Anjo*).

*

11

O LIVRO DOS MÉDIUNS – ALLAN KARDEC

Capítulo III

MÉTODO: FAZER PROSÉLITOS

18. O desejo muito natural e louvável dos adeptos, que não se precisaria se estimular mais, é o de fazer prosélitos. Para facilitar-lhes a tarefa é que nos propomos a examinar aqui o meio mais seguro, segundo pensamos, de atingir esse objetivo poupando esforços inúteis.

Dissemos que o Espiritismo é toda uma Ciência, toda uma Filosofia. Quem desejar conhecê-lo seriamente deve, pois, como primeira condição, submeter-se a um estudo sério e persuadir-se de que, mais do que qualquer outra ciência, não se pode aprendê-lo brincando. O Espiritismo, já o dissemos, se relaciona com todos os problemas da Humanidade. Seu campo é imenso e devemos encará-lo sobretudo quanto às suas conseqüências. A crença nos Espíritos constitui sem dúvida a sua base, mas não basta para fazer um espírita esclarecido, como a crença em Deus não basta para fazer um teólogo. Vejamos, pois, de que maneira convém proceder no seu ensino, para levar-se com mais segurança à convicção.

Que os adeptos não se assustem com a palavra *ensino*. Não se ensina apenas do alto da cátedra ou da tribuna, mas também na simples conversação. Toda pessoa que procura persuadir outra por meio de explicações ou de experiências, ensina. O que desejamos é que esse esforço dê resultados. Por isso julgamos nosso dever dar alguns conselhos, que poderão ser aproveitados pelos que desejam instruir-se a si mesmos e que terão aqui o meio e chegar mais segura e prontamente ao alvo.

19. Acredita-se geralmente que para convencer é suficiente apresentar os fatos. Esse parece realmente o procedimento mais lógico, e no entanto a experiência mostra que nem sempre é o melhor, pois frequentemente encontramos pessoas que os fatos mais evidentes não convencem de maneira alguma. A que se deve isso? É o que tentaremos demonstrar.

No Espiritismo, a questão dos Espíritos está em segundo lugar, não constituindo o

seu ponto de partida. E é esse, precisamente, o erro em que se cai e que acarreta o fracasso com certas pessoas. Sendo os Espíritos simplesmente as almas dos homens, o verdadeiro ponto de partida é então a existência da alma. Como pode o materialista admitir a existência de seres que vivem fora do mundo material, quando ele mesmo se considera apenas material? Como pode crer na existência de Espíritos ao seu redor, se não admite seu próprio Espírito? Em vão se amontoarão aos seus olhos as provas mais palpáveis. Ele contestará a todas elas, porque não admite o princípio.

Todo ensino metódico deve participar do conhecido para o desconhecido. Para o materialista, o conhecido é a matéria. Parti, pois, da matéria e tratai de lhe demonstrar, antes de tudo, que há nele próprio alguma coisa que escapa às leis materiais. Numa palavra: antes de torná-lo espírita procurai fazê-lo ESPIRITUALISTA. Mas, para isso, é necessária outra ordem de fatos e se deve proceder, por outros meios, a uma forma especial de ensino. Falar-lhe de Espíritos antes que ele esteja convencido de ter uma alma é começar pelo fim, pois ele não pode admitir a conclusão se não aceita as premissas.

Antes, pois, de tentar convencer um incrédulo, mesmo por meio dos fatos, convém assegurar-se de sua opinião sobre a alma, ou seja, se ele crê na sua existência, na sua sobrevivência ao corpo, na sua individualidade após a morte. Se a resposta for negativa, será tempo perdido falar-lhe dos Espíritos. Eis a regra. Não dizemos que não haja exceção. Mas nesse caso deve existir outra razão que o torne menos refratário

*

12

ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE - FEB (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA) - PROGRAMA I.pdf A PRECE NAS AFLIÇÕES DA VIDA

Deus Onipotente, que vês as nossas misérias, escuta com benevolência a súplica que neste momento te dirijo. Se o meu pedido é despropositado, perdoa-me; se é justo e conveniente aos teus olhos, que os Espíritos bons, executores das tuas vontades, venham em meu auxílio para que ele seja satisfeito. Como quer que seja, meu Deus, faça-se a tua vontade. Se os meus desejos não forem atendidos, é que está nos teus desígnios experimentar-me e eu me submeto sem me queixar. Faze que eu não seja tomado por nenhum desânimo e que nem a minha fé nem a minha resignação sofram qualquer abalo. (Formular o pedido).

ESPÍRITO, MATÉRIA E FLUIDOS

Em *O livro dos espíritos*, questão 459, consta a informação de que os Espíritos influem em nossos pensamentos, em nossos atos “muito mais do que imaginais, pois frequentemente são eles que vos dirigem”. Resulta daí a importância de se compreender adequadamente o assunto, sabendo quem são os Espíritos, como agem e como estabelecer com eles uma relação elevada. Na questão 27 da mesma obra, Allan Kardec anota que a Criação divina abrange a existência de dois elementos gerais no universo: espírito e matéria. Assim, Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Importa considerar que a individualidade denominada *Espírito* representa a humanização do princípio inteligente que, na Codificação Espírita, recebe o nome de *espírito*. Já a matéria, nas inúmeras formas existentes no plano físico e no espiritual, tem origem no elemento primordial denominado Fluido Universal — também conhecido como fluido primitivo ou elementar e, ainda, matéria cósmica primitiva, termo esse adotado em *A gênese*.

Em síntese, *espírito* é o mesmo que “princípio inteligente do universo”, que deu origem

ao ser humano (ou Espírito), porque a inteligência é o seu atributo essencial, enquanto o princípio material, presente no fluido universal, é o elemento formador de todos os tipos de matéria encontrados no universo.

1 ESPÍRITO

O Espírito é a individualidade que, na forma de princípio inteligente, passou por um longo processo evolutivo nos reinos inferiores da natureza, em ambos os planos de vida, até atingir a condição humana, dotada de razão e livre-arbítrio. Assim, conforme consta em *O livro dos espíritos*, “os Espíritos são a individualização do princípio inteligente, como os corpos são a individualização do princípio material.” Os Espíritos são seres humanos criados por Deus para habitarem o plano espiritual, denominado mundo normal primitivo, “o mundo dos Espíritos, ou das inteligências incorpóreas”. Contudo, a encarnação e as reencarnações sucessivas lhes são impostas como medida de progresso. Allan Kardec registra, então: “Deus lhes impõe a encarnação para chegarem à perfeição. [...] Mas, para alcançarem essa perfeição, *têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corpórea* [...]” Os Espíritos, independentemente do plano onde vivem, possuem um veículo de manifestação denominado perispírito. Dissertando sobre esse elemento, observa Kardec: “[...] o princípio intermediário, ou *perispírito*, substância semi-material que serve de primeiro envoltório ao Espírito e une a alma ao corpo.” Retirado do meio ambiente onde vive o Espírito, o corpo perispiritual tem origem no fluido universal e serve de molde à elaboração do corpo físico. Segundo a Codificação, o Espírito é um ser imortal, isto é, a sua existência não tem fim.

Comentando a resposta à questão 92-a de *O livro dos espíritos*, o Codificador esclarece: “Cada Espírito é uma unidade indivisível, mas cada um pode expandir seu pensamento em diversas direções, sem por isso se dividir [...]” Tem-se na questão 82, da obra citada, que o Espírito é de natureza incorpórea; e na resposta à pergunta 91, do livro em estudo, afirmam os orientadores espirituais que a matéria não lhes oferece obstáculos, daí o Espírito, propriamente dito, penetrar tudo: “[...] ar, água, terra e fogo.” Os Espíritos não se acham no mesmo plano evolutivo. Seu número é ilimitado, porque não há entre essas ordens uma linha de demarcação traçada como uma barreira, de modo que se podem multiplicar ou restringir as divisões à vontade. No entanto, considerando as características gerais dos Espíritos, pode-se reduzi-las a três ordens principais. Os Espíritos que se situam na primeira ordem são os que atingiram a perfeição; na segunda, são os que têm como preocupação o desejo do bem; e os Espíritos da terceira ordem são os imperfeitos, caracterizados pela ignorância, desejo do mal e das paixões más.

2 MATÉRIA

*

13

ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE – FEB (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA) - PROGRAMA II.pdf

1.4 – Renovação, assiduidade e pontualidade da equipe

A renovação frequente da equipe, «[...] reclamando contínuo trabalho de fusão e assimilação da parte dos Espíritos, compromete ou pelo menos demora os resultados. » É desejável «[...] que ao menos um núcleo de antigos membros permaneça compacto e constitua invariável maioria. » Essa questão precisa ser vista com cuidado e bom senso: nem abrir excessivamente as portas do grupo, permitindo “um vai e vem de pessoas”, nem bloquear ou dificultar a entrada de novos trabalhadores. Pode-se programar a entrada de novos participantes, de tempos em tempos, analisando caso a caso, considerando as possíveis exceções. Há outro ponto que merece ser analisado com critério: diz respeito à evasão, à

falta de assiduidade e à impontualidade de alguns participantes da reunião. É necessário investigar as causas que estão produzindo estas ocorrências, com lucidez e espírito de fraternidade.

Algumas hipóteses podem ser levantadas: talvez existam rivalidades, autoritarismo, indisciplinas acentuadas, práticas doutrinárias incorretas etc. É preciso estar atento que o «[...] que garante a estabilidade de um bom grupo mediúnico [...] é o equilíbrio psíquico, emocional, daqueles que o compõem.» O responsável pela reunião, no plano físico, deve, então, conversar em particular com o participante faltoso, impontual ou que abandonou o grupo, ouvindo-o atentamente para, em seguida, tomar uma decisão em que se considere o trabalho da equipe, como um todo. As ausências e atrasos sistemáticos indicam que alguma coisa deve estar fora de controle, precisando ser reajustada, uma vez que a adesão a qualquer trabalho espírita é sempre de natureza voluntária. «Compreende-se, à vista desses fatos, quanto é necessário aplicar uma atenção rigorosa à composição dos grupos e às condições de experimentação.»

2. O RECINTO DAS REUNIÕES MEDIÚNICAS

*

14

VISÃO ESPÍRITA DA BÍBLIA – J. HERCULANO PIRES PROFESSOR DE TEOLOGIA DEFENDE A INTERPRETAÇÃO ESPÍRITA DA BÍBLIA

Numa insistência verdadeiramente desanimadora, certas seitas religiosas que fazem do combate ao Espiritismo a sua principal tarefa, alegam sempre que os espíritas têm medo da Bíblia. Num debate de TV, o reitor de um instituto bíblico protestante chegou a declarar aos espíritas presentes, de Bíblia em punho: "Vocês não querem ouvir a palavra de Deus, mas hoje vão ouvir"! Na sua ingenuidade, pensava que a leitura da Bíblia poria os espíritas a correr.

Outro pastor, chefe de uma seita por ele mesmo fundada, escandalizou-se quando afirmamos que a Bíblia não é a palavra de Deus, e ingenuamente perguntou-nos: "Mas o Senhor tem a coragem de dizer uma coisa dessas na frente do povo de São Paulo"? Mais tarde, esquecendo os seus deveres religiosos de honestidade e respeito à verdade, promoveu uma campanha sistemática, pelo rádio, de desvirtuamento das nossas declarações. Pensava, certamente, que Deus aprovava sua "bonita" atitude.

Alguns espíritas, por sua vez, ficaram assustados com a nossa audácia. Achavam que poderíamos afastar do Espiritismo os crentes na Bíblia. Esqueceram-se de que o Espiritismo não se interessa por quantidade de adeptos, mas pela sua qualidade. Espíritas que se assustam com a verdade sobre a Bíblia, estão ainda longe de compreender a Doutrina. Foi por isso tudo que resolvemos enfrentar o tema durante algum tempo, nesta seção 1. É necessário que se diga a verdade, que se esclareça o povo, em vez de deixá-lo iludido por expressões como "a palavra de Deus", que servem apenas para os que não querem estudar o problema bíblico em sua realidade histórica, religiosa e cultural.

Os que vivem gritando, de Bíblia em punho, que o Espiritismo é condenado pela Bíblia, não conhecem uma coisa nem outra. Ignoram o que seja a Bíblia e não têm a mais leve noção de Espiritismo. No dia em que conhecerem ambas as coisas, terão vergonha de suas acusações atuais. Se essas pessoas gostassem de ilustrar-se um pouco, indicaríamos a elas a leitura de alguns livros de ilustres figuras protestantes. Por exemplo, o livro de Haraldur Nielson, teólogo, tradutor da Bíblia para o islandês e professor de teologia da Universidade da Islândia, intitulado: O Espiritismo e a Igreja 2. É um livrinho pequeno, que ainda agora aparece em nova edição brasileira e está nas livrarias. Nesse

livro, os nossos acusadores terão o testemunho de um membro da Sociedade Bíblica Inglesa, que não se tornou espírita, mas que reconhece a natureza dos livros bíblicos. Ele protesta contra as afirmações, sempre levianas, de que a Bíblia condena as manifestações espíritas e as sessões de Espiritismo. I. (O autor se refere à coluna que mantinha no "Diário de São Paulo". 2. Livro relançado "Edições Correio Fraternal", Caixa Postal 58, CEP 09700, São Bernardo do Campo SP,)

**ENSINOU O APOSTOLO PAULO: A BÍBLIA É UM LIVRO
MEDIÚNICO**

*

**15
PRÁTICA MEDIÚNICA**

*

FINAL DA AULA

*

7ª AULA – 17 DE AGOSTO DE 2.016

01

**O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – ALLAN KARDEC
CAPITULO III**

**HA MUITAS MORADAS NA CASA DE MEU PAI
DESTINO DA TERRA E CAUSAS DAS MISÉRIAS HUMANAS**

6. Admira-se de haver sobre a Terra tantas maldades e tantas paixões inferiores, tantas misérias e enfermidades de toda sorte, concluindo-se que miserável coisa é a espécie humana. Esse julgamento decorre de uma visão estreita, que dá uma falsa idéia do conjunto. É desnecessário considerar que toda a humanidade não se encontra na Terra, mas apenas uma pequena fração dela. Porque a espécie humana abrange todos os seres dotados de razão, que povoam os inumeráveis mundos do Universo. Ora, o que seria a população da Terra, diante da população total desses mundos? Bem menos que a de um lugarejo em relação à de um grande império. A condição material e moral da humanidade terrena nada tem, pois, de estranho, se levarmos em conta o destino da Terra e a natureza de sua população.

7. Fariamos uma idéia muito falsa da população de uma grande cidade, se a julgássemos pelos moradores dos bairros mais pobres e sórdidos. Num hospital, só vemos doentes e estropiados; numa galé, vemos todas as torpezas, todos os vícios reunidos; nas regiões insalubres, a maior parte dos habitantes são pálidos, fracos e doentes. Pois bem: consideremos a Terra como um arrabalde, um hospital, uma penitenciária, um pantanal, porque ela é tudo isso a um só tempo, e compreenderemos porque as suas aflições sobrepujam os prazeres. Porque não se enviam aos hospitais as pessoas sadias, nem às casas de correção os que não praticaram crimes, e nem os hospitais, nem as casas de correção, são lugares de delícias.

Ora, da mesma maneira que, numa cidade, toda a população não se encontra nos hospitais ou nas prisões, assim a humanidade inteira não se encontra na Terra. E como saímos do hospital quando Estamos curados, e da prisão quando cumprimos a pena, o homem; sai da Terra para mundos mais felizes, quando se acha curado de suas enfermidades morais.

*

02

**SEARA DOS MÉDIUNS – EMMANUEL
Em serviço mediúnico – O ORGULHO**

Reunião pública de 15/2/60 Questão nº 228

Se abraçaste a mediunidade, previne-te contra o orgulho como quem se acautela contra um parasita destruidor.

Agente sutil, assume formas diversas na constituição espiritual.

A princípio, tem o caráter avassalante de uma infestação, como a sarna.

É a requisição pruriginosa do personalismo insensato.

As vítimas identificam apenas a si mesmas.

Não veem o mérito dos outros.

Não reconhecem o direito dos outros.

Não observam a aspiração dos outros.

Não admitem a necessidade dos outros.

Fascinadas pelos adjetivos pomposos, caminham enceguecidas da razão, como alienados mentais.

*

A fase aguda, porém, cede lugar a profundo abatimento.

Sem qualquer recurso para receberem o remédio moral da ponderação e muito menos o ataque da crítica, os doentes dessa espécie caem na armadilha da dúvida ou na sombra da queixa.

Descrendo sistematicamente da utilidade daqueles que os cercam, acabam descrendo da utilidade que lhes é própria.

Dizem-se, então, perseguidos e desanimados.

Proclamam-se vacilantes e infelizes.

E fogem do serviço, como quem corre de perigo iminente, descansando, por fim, no museu das promessas frustradas.

*

No exercício mediúnico, aceitemos o ato de servir por lição das mais altas na escola do mundo.

E lembremo-nos de que assim como a vida possui trabalhadores para todos os misteres, há médiuns, na obra do bem, para a execução de tarefas de todos os feitos.

Nenhum existe maior que o outro.

Nenhum está livre do erro.

Todos, no entanto, guardam consigo a bendita possibilidade de auxiliar.

Esse tem a palavra que educa, aquele a mão que alivia e aquele outro a pena que consola.

Esse traz a oração que enleva, aquele transporta a mensagem que reanima e aquele outro mostra a força de restaurar.

Usa, pois, tuas faculdades medianímicas como empréstimo da Bondade Infinita, para que o orgulho te não assalte.

E recorda que Jesus, o Medianeiro Divino, em circunstância alguma requestou a admiração dos maiores de seu tempo, e sim passou entre os homens, amparando e compreendendo, ajudando e servindo...

E se houve um dom de Deus em que se empenhou de preferência aos demais, foi aquele de praticar o culto vivo do Evangelho no coração do povo, visitando em pessoa os casebres da angústia e alimentando a turba faminta, ofertando amor puro aos enfermos sem-nome e estendendo esperança aos que viviam sem lar.

*

03

A CAMINHO DA LUZ – EMMANUEL OS ENSAIOS ASSOMBROSOS

Nessa altura, os artistas da criação inauguram novos períodos evolutivos, no plano das formas.

A Natureza torna-se uma grande oficina de ensaios monstruosos. Após os répteis, surgem os animais horrendos das eras primitivas.

Os trabalhadores do Cristo, como os alquimistas que estudam a combinação das substâncias, na retorta de acuradas observações, analisavam, igualmente, a combinação prodigiosa dos complexos celulares, cuja formação eles próprios haviam delineado, executando, com as suas experiências, uma justa aferição de valores, prevendo todas as possibilidades e necessidades do porvir.

Todas as arestas foram eliminadas. Aplainaram-se dificuldades e realizaram-se novas conquistas. A máquina celular foi aperfeiçoada, no limite do possível, em face das leis físicas do globo. Os tipos adequados à Terra foram consumados em todos os reinos da Natureza, eliminando-se os frutos teratológicos e estranhos, do laboratório de suas perseverantes experiências. A prova da intervenção das forças espirituais, nesse vasto campo de operações, é que, enquanto o escorpião, gêmeo dos crustáceos

marinhos, conserva até hoje, de modo geral, a forma primitiva, os animais monstruosos das épocas remotas, que lhe foram posteriores, desapareceram para sempre da fauna terrestre, guardando os museus do mundo as interessantes reminiscências de suas formas atormentadas.

*

04

PENSAMENTO E VIDA – EMMANUEL

Fé

Para encontrar o bem e assimilar-lhe a luz, não basta admitir-lhe a existência. É indispensável buscá-lo com perseverança e fervor.

Ninguém pode duvidar da eletricidade, mas para que a lâmpada nos ilumine o aposento recorremos a fios Condutores que lhe transportem a força, desde a aparelhagem da usina distante até o recesso de nossa casa.

A fotografia é hoje fenômeno corriqueiro; contudo, para que a imagem se fixe, na execução do retrato, é preciso que a emulsão gelatinosa sensibilize a placa que a recebe.

A voz humana, através da radiofonia, é transmitida de um continente a outro, com absoluta fidelidade; todavia, não prescinde do remoinho eletrônico que, devidamente disciplinado, lhe transporta as ondulações.

Não podemos, desse modo, plasmar realização alguma sem atitude positiva de confiança.

Entretanto, como exprimir a fé? – indaga-se muitas vezes.

A fé não encontra definição no vocabulário vulgar.

É força que nasce com a própria alma, certeza instintiva na Sabedoria de Deus que é a sabedoria da própria vida. Palpita em todos os seres, vibra em todas as coisas. Mostra-se no cristal fraturado que se recompõe, humilde, e revela-se na árvore decepada que se refaz, gradativamente, entregando-se às leis de renovação que abarcam a Natureza.

Todas as operações da existência se desenvolvem, de algum modo, sob a energia da fé.

Confia o campo no vigor da primavera e cobre-se de flores.

Fia-se o rio na realidade da fonte, e dela não prescinde para a sua caudal larga e profunda.

A simples refeição é, para o homem, espontâneo ato de fé. Alimentando-se, confia ele nas vísceras abdominais que não vê.

Todo o êxito da experiência social resulta da fé que a comunidade empenhe no respeito às determinações de ordem legal que lhe regem a vida.

Utilizando-nos conscientemente de semelhante energia, é-nos possível suprimir longas curvas em nosso caminho de evolução.

Para isso, seja qual for a nossa interpretação religiosa da idéia de Deus, é imprescindível acentuar em nós a confiança no bem para refletir-lhe a grandeza.

Recordemos a lente e o Sol. O astro do dia distribui equitativamente os recursos de que dispõe. Convergindo-lhe porém, os raios com a lente comum, dele auferimos poder mais amplo.

O Bem Eterno é a mesma luz para todos, mas concentrando-lhe a força em nós, por intermédio de positiva segurança íntima, decerto com mais eficiência lhe retrataremos a glória.

Busquemo-lo, pois, infatigavelmente, sem nos determos no mal.

O tronco podado oferece frutos iguais àqueles que produzia antes do golpe que o mutilou.

A fonte alcança o rio, desfazendo no próprio seio a lama que lhe atiram.

Sustentemos o coração nas águas vivas do bem inexaurível.

Procuramos a boa parte das criaturas, das coisas e dos sucessos que nos cruzem a lide cotidiana. Teremos, assim, o espelho de nossa mente voltado para o bem, incorporando-lhe os tesouros eternos, e a felicidade que nasce da fé, generosa e operante, libertar-nos-á dos grilhões de todo o mal, de vez que o bem, constante e puro, terá encontrado em nós seguro refletor.

*

05

O ESPÍRITO E O TEMPO – J. HERCULANO PIRES

CAPÍTULO III - HORIZONTE CIVILIZADO: MEDIUNISMO ORACULAR

1. OS ESTADOS TEOLÓGICOS. — Os grandes impérios da antiguidade, as chamadas civilizações orientais, passaram lentamente do horizonte agrícola para o horizonte civilizado. O mesmo aconteceu com os impérios ocidentais, que constituiriam mais tarde a civilização clássica greco-romana. Os gregos, e posteriormente os romanos, tiveram bem marcado o seu horizonte agrícola. Roma nunca se livrou das marcas profundas da sua origem camponesa. Mas antes que a Grécia e Roma superassem a fase agrária, já as civilizações orientais haviam desenvolvido todo um ciclo evolutivo, atingindo o horizonte civilizado, com as gigantescas estruturas de seus Estados Teológicos.

Realmente, os grandes impérios do Egito, da Assíria, da Babilônia, da China, os reinos da Índia, o pequeno reino de Israel, o fabuloso império da Pérsia, constituem verdadeiros Estados Teológicos, em que o humano e o divino se fundem e se confundem, numa estrutura única. A Pérsia vai assinalar o apogeu das civilizações orientais, que encontrarão na sua grandeza e no seu esplendor, ao mesmo tempo, a síntese e o arremate desse espantoso ciclo evolutivo. O império persa será o último elo da grande cadeia, e com ele começará uma fase nova, cujo desenvolvimento, entretanto, caberá aos gregos e aos romanos: a fase de libertação do Estado do domínio teológico.

Essa libertação não se processará com rapidez, mas de maneira lenta. Assim, a própria civilização grega, e sua herdeira direta, a romana, apresentarão ainda, no horizonte civilizado, acentuado aspecto teológico. Mas com os persas já se inicia a separação dos dois poderes, o político e o religioso. Curioso notar-se que essa separação, iniciada pelos persas no terreno da educação, vai projetar-se na Grécia em duas formas diferentes de estrutura estatal: Esparta será o Estado Político por excelência, com a religião submetida aos interesses temporais, e Atenas o Estado Teológico, dominado pelos deuses, mas já impulsionado, graças ao desenvolvimento econômico e cultural, nos rumos da emancipação política. Esparta recebe, por assim dizer, a herança persa como um impacto, que a modela de maneira rígida. Atenas, pelo contrário, absorve lentamente a contribuição persa e a reelabora através da crítica. A separação dos dois poderes, o civil e o religioso, se acentuará em Atenas com o desenvolvimento da democracia. Esparta oporá ao domínio teológico a supremacia estatal. Atenas, pelo contrário, oporá a reflexão crítica e o individualismo, ou seja, os direitos do homem, como indivíduo.

Os Estados Teológicos das civilizações orientais nos oferecem, portanto, o primeiro panorama desse novo ciclo da evolução humana, que chamamos horizonte civilizado. Analisando esses Estados, verificaremos que sua estrutura é herdada do horizonte tribal. O monarca egípcio, babilônico, hindu ou chinês, é um cacique tribal, cujas dimensões foram aumentadas quase ao infinito. Suas prerrogativas são as mesmas da vida tribal: domínio absoluto sobre o povo, que o deve respeitar e adorar, como a um deus. A evolução econômica e técnica do horizonte agrícola, que determinaram acentuado desenvolvimento do animismo, dão estrutura racional, mais sutil e complexa, a essas prerrogativas. Mas as civilizações orientais, dominadas pelo absolutismo tribal, serão

estruturas teológicas asfixiantes, em que não haverá lugar para o indivíduo. O homem civilizado, à maneira do homem-tribal, será apenas uma peça da gigantesca engrenagem do Estado Teológico, que lhe determinará, de maneira irrevogável, as formas de pensar e de sentir. O estatismo espartano será uma espécie de reação política a esse absolutismo teológico, mas servindo-se do mesmo processo de absorção. Somente a democracia ateniense abrirá possibilidades a um individualismo, tão novo e tão fascinante, que acabará por embriagá-la, fazendo-a perder-se nos excessos do liberalismo.

*

06

MEDIUNIDADE (VIDA E COMUNICAÇÃO) – J. HERCULANO PIRES CAPÍTULO VI - O MEDIUNISMO

As formas primitivas de mediunidade provêm das selvas e das regiões geladas ou áridas em que a vida humana permaneceu em condições rudimentares. O homem é um ser mediúnic e todo o seu desenvolvimento seguiu as linhas da evolução da sua potencialidade mediúnica. A idéia da Divindade, de um poder superior que criou o mundo é inata no homem, como o demonstram as pesquisas antropológicas. Dessa idéia básica em sintonia com o assombro do mundo, misterioso e cheio de seres estranhos, nasceu a Magia. O sentimento mágico do mundo estabeleceu as relações entre os homens e as coisas e os outros seres. A idéia do poder das coisas e dos seres brotou naturalmente das experiências na luta para a sobrevivência.

A lei de adoração, estudada no Livro dos Espíritos, levou a imaginação primitiva aos ritos do culto solar e lunar, das montanhas coroadas de nuvens, dos grandes rios misteriosos e assim por diante. A reverência aos chefes poderosos desenvolveu os ritos de submissão, que se estenderam aos pagés e xanãs, sacerdotes mágicos das tribos e das hordas, dotados de poderes mediúnicos. Os processos mágicos desenvolveram-se através das manifestações mediúnicas. Abria-se o caminho para o desenvolvimento das religiões mitológicas e das religiões reveladas, estas apoiadas na crença dos homens-deuses, conhecedores dos mistérios da vida e da morte. A evolução espiritual do homem abria a fase das grandes religiões nas regiões em que a civilização avançara. Os dons mediúnicos reafirmavam a crença nos poderes divinos, através dos fenômenos produzidos por indivíduos que os possuíam.

A expressão mediunismo, criada por Emmanuel designa as formas primitivas de Mediunidade, que fundamentam as crenças e religiões primitivas. Todas as formas de religiões primitivas, sem desenvolvimento cultural e intelectual, caracterizam-se por práticas mágicas ligadas ao mediunismo. As religiões africanas, transplantadas ao Brasil e outros países americanos pelo tráfico negreiro, e misturadas às religiões indígenas e primitivas desses países, desenvolveram largamente no Continente diversas formas de mediunismo. O processo natural de sincretismo religioso, já iniciado na própria África com a mistura das religiões tribais com o Islamismo e o Catolicismo, deram a essas formas um impulso em direção à institucionalização religiosa.

*

07

OBSESSÃO. O PASSE. A DOUTRINAÇÃO – J. HERCULANO PIRES VIII - Roteiro da desobsessão.

1 - Ao acordar, diga a si mesmo: Deus me concede mais um dia de experiências e aprendizado. É fazendo que se aprende. Vou aproveitá-lo. Deus me ajuda. (Repita isso várias vezes, procurando manter essas palavras na memória. Repita-as durante o dia).

2 - Compreenda que a obsessão é um estado de sintonia da sua mente com mentes desequilibradas. Corte essa sintonia ligando-se a pensamentos bons e alegres.

Repila as idéias más. Compreenda que você nasceu para ser bom e normal. As más idéias e os maus pendores existem para você vencê-los, nunca para se entregar.

3 - Mude sua maneira de encarar os semelhantes. Na essência, somos todos iguais. Se ele está irritado, não entre na irritação dele. Ajude-o a se reequilibrar, tratando-o com bondade. A irritação é sintonia de obsessão. Não se deixe envolver pela obsessão do outro. Não o considere agressivo. Certamente ele está sendo agredido e reage erradamente contra os outros. Ajude-o que será também ajudado.

4 - Vigie os seus sentimentos, pensamentos e palavras nas relações com os outros. O que damos, recebemos de volta.

5 - Não se considere vítima. Você pode estar sendo algoz sem perceber. Pense nisso constantemente, para melhorar as relações com os outros. Viver é permutar. Examine o que você troca com os outros.

6 - Ao sentir-se abatido, não entre na fossa. É difícil sair dela. Lembre-se de que você está vivo, forte, com saúde e dê graças a Deus por isso. Seus males são passageiros, mas se você os alimentar eles durarão. É você que sustenta os seus males. Cuidado com isso.

7 - Frequente a instituição espírita com que se sintonize. Não fique pulando de uma para outra. Quem não tem constância nada consegue.

8 - Se você ouve vozes, não lhes dê atenção. Responda simplesmente: Não tenho tempo a perder. Tratem de se melhorar enquanto é tempo. Vocês estão a caminho do abismo. Cuidem-se. E peça aos Espíritos Bons, em pensamento, por esses obsessores.

9- Se você sente toques de dedos ou descargas elétricas, repila esses espíritos brincalhões da mesma maneira e ore mentalmente por eles. Não lhes dê atenção nem se assuste com esses efeitos físicos. Leia diariamente, de manhã ou à noite, ao deitar-se, um trecho de O Evangelho Segundo o Espiritismo e medite sobre o que leu. Abra o livro ao acaso e não pense que a lição é só para você. Geralmente é só para os obsessores, mas você também deve aproveitá-la. No caso de visões a técnica é a mesma. Nunca se amedronte. É isso que eles querem, pois com isso se divertem. Esses pobres espíritos nada podem fazer, além disso, a menos que você queira brincar com eles, o que lhe custará seu aumento da obsessão. Corte as ligações que eles querem estabelecer com você, usando o poder da sua vontade. Se fingirem ser um seu parente ou amigo falecido, não se deixe levar por isso. Os amigos e parentes se comunicam em sessões regulares, não querem perturbar.

10 - Leia o livro de Allan Kardec INICIAÇÃO ESPÍRITA, mas de Kardec não outros de autores diversos, que fazem confusões. Trate de estudar a Doutrina nas demais obras de Kardec.

11 - Não se deixe atrair por macumbas e as diversas formas de mistura de religiões africanas com as nossas credices nacionais. Não pense que alguém lhe pode tirar a obsessão com as mãos. Os passes têm por finalidade a transmissão de fluidos, de energias vitais e espirituais para fortificar a sua resistência. Não confie em passes de gesticulação excessiva e outras fantasias. O passe é simplesmente a imposição das mãos, ensinada por Jesus e praticada por Ele. É uma doação humilde e não uma encenação, dança ou ginástica. Não carregue amuletos nem patuás ou colares milagrosos. Tudo isso não passa de superstições provindas de religiões das selvas. Você não é selvagem, é uma criatura civilizada capaz de raciocinar e só admitir a fé racional. Estude o Espiritismo e não se deixe levar por tolices. Dedique-se ao estudo, mas não queira saltar de aprendiz a mestre, pois o mestrado em espiritismo só se realiza no plano espiritual. Na Terra somos todos aprendizes, com maior ou menor grau de conhecimento e experiência.

*

O espírita perante o Evangelho

Para alcançar o grau de moralidade de que necessita, a fim de bem cumprir a sua missão, ter paz na Terra e conseguir alguma felicidade no espaço, o espírita deve cumprir a lei divina. E onde está essa lei? No Evangelho do Senhor. Portanto, o espírita deve saber de memória a sua parte moral, tanto quanto possível, pois como aplicará a lei, se não a souber? Como usá-la, se não a recorda?

O espírita deve gravar na sua alma a grande figura do Senhor. Deve ter-lhe respeito e gratidão. E não deve esquecer-se de que somente por Ele se vai ao Pai. Assim, para o espírita, o Evangelho não pode ser letra morta, mas a lei moral vigente em todos os tempos, em todas as idades. Porque a lei proclamada pelo grande Mestre não sofrerá modificações em sua parte moral. E do seu cumprimento depende o nosso progresso espiritual, a nossa paz e a nossa felicidade na Terra e no espaço.

Temos o costume, bastante generalizado, de relegar ao esquecimento o que mais nos interessa. O mundo quase sabe de memória as palavras do Senhor, mas constantemente as olvida. Sabe-se que o Senhor disse que devemos amar-nos como irmãos. O homem menos instruído sabe que o Senhor acrescentou que devemos amar os nossos inimigos, bendizer os que nos maldizem, orar pelos que nos perseguem e caluniam, pagar o mal com o bem. A Humanidade, que sabe todas essas coisas, por acaso as tem cumprido? Não. E qual tem sido a conseqüência dessa falta de cumprimento? As guerras, as discórdias, as infâmias, e tantos outros males que seria difícil enumerar.

*

09

PARAPSIKOLOGIA HOJE E AMANHÃ – J. HERCULANO PIRES

III - Cv - A visão sem olhos (Clarividência)

Podemos ver sem os olhos? Eis uma questão que, se proposta a uma reunião de sábios, há alguns anos, poderia mandar-nos para um hospício. Hoje, porém, podemos não só formulá-la, mas também respondê-la afirmativamente, dentro de qualquer instituição científica das mais respeitáveis. Porque a *função psi*, pertencente ao campo de *psigama*, geralmente designada por Cv — e que é a clarividência — está cientificamente provada desde 1940. Há mais de um terço de século, portanto, o mundo científico sabe da existência dessa possibilidade da visão sem olhos.

Mas isso não impediu que ainda há alguns anos ilustre professor de medicina publicasse entre nós verdadeiro calhamaço em que negava a existência dessa função e de qualquer outra da mesma natureza. Nem impedirá que, neste mesmo momento, outros livros semelhantes, por autoridades científicas do mesmo gabarito, sejam publicados no Brasil e no Exterior. Porque o preconceito científico é tão cego e surdo como o preconceito religioso, de cujas entranhas nasceu, como já vimos no exemplo do capítulo anterior.

Por sinal que o preconceito religioso continua a criar grandes obstáculos ao desenvolvimento das pesquisas e particularmente à verdadeira interpretação dos seus resultados. O caso da clarividência é típico. Esta função não foi apenas a primeira a ser comprovada cientificamente, mas também a única que ofereceu condições de verificação experimental, sem muita possibilidade de confusão com outras funções. A única, enfim, que pôde ser comprovada como pura, sem mistura com as demais. Mas, apesar disso, foi justamente a telepatia, a mais sujeita a confusões, que serviu para a criação de uma escola parapsicológica que pretende reduzir a clarividência e todas as demais *funções psi* exclusivamente a ela. O expoente mundial dessa posição é Robert Amadou, na França, cujo facciosismo se desmascarou no seu pequenino livro *Os Grandes Médiuns*.

As pesquisas de clarividência foram relativamente fáceis, pois era fácil excluir a

possibilidade telepática. Para tanto, bastava colocar o *sujet* em relação com objetos materiais desconhecidos de qualquer pessoa. Por exemplo: um maço de cartas de baralho especial, embaralhado mecanicamente. Ninguém sabia em que ordem as cartas se encontravam. Se o *sujet* era capaz de revelar essa ordem nas séries de experiências realizadas, de maneira a excluir qualquer possibilidade de acerto por acaso, ficava demonstrado que a telepatia não participara do fenômeno. Excluir a telepatia não era difícil. Mas já o mesmo não se passa com a experiência de telepatia pura, quando se quer excluir a possibilidade de interferência clarividente.

Essa posição cômoda da clarividência foi completamente transtornada quando os fenômenos de precognição se infiltraram nas experiências. Para grande número de parapsicólogos os termos do problema se inverteram. Amadou chega a declarar peremptoriamente: "A telepatia está perfeitamente comprovada; a clarividência, não". E é com base nessa afirmação que ele reduz todas as *funções psi* a uma só, a telepática, servindo-se do princípio de economia de hipóteses. Para negar, por exemplo, a clarividência na experiência do maço de cartas, a que acima nos referimos, Amadou apela à telepatia precognitiva. Quer dizer: o sensitivo devia *perceber* a ordem das cartas na mente do experimentador por meio da precognição, ou seja, vindo no futuro *o momento em que o experimentador tomaria conhecimento dessa ordem*.

Mas o problema não é tão simples como parece. A hipótese de telepatia precognitiva, para explicar o teste de clarividência com o maço de cartas, choca-se com a dificuldade para explicar a precognição. Rhine considera essas explicações como fantásticas e sustenta a realidade da clarividência. Aliás, o número de experiências e a variedade de condições das mesmas, provando a existência da clarividência, acabou favorecendo a posição de Rhine. Por outro lado, a explicação das *funções psi* como um todo — e particularmente de *psigama* como forma sincrônica de funções subjetivas da mente — permite-nos compreender a existência dessas contradições no campo das explicações. A *percepção extra-sensorial*, como adverte Rhine, é um complexo de *funções psi* que em geral se entrelaçam da mesma maneira que se entrelaçam os nossos sentidos físicos, apesar de sua especificidade orgânica, para obtermos todas as sensações de um objeto.

*

10

INSTRUÇÕES PRÁTICAS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS - ALLAN KARDEC II - Manifestações espíritas Ação oculta

Os Espíritos atuam frequentes vezes, à nossa revelia, sobre o nosso pensamento. Solicitam-nos a fazermos tal ou tal coisa. Cremos agir espontaneamente e não fazemos mais do que ceder a uma sugestão estranha.

Disto não se deve inferir que não somos dotados de iniciativa; longe disto: o Espírito encarnado tem sempre o seu livre arbítrio. Ele não faz, em definitivo, senão o que quer e, as mais das vezes, segue seu impulso pessoal. Para que se tenha uma idéia da maneira como se passam as coisas, é preciso representarmos nossa alma despreendida dos seus laços pela emancipação, o que sempre se dá durante o sono, haja ou não sonho, e todas as vezes que há entorpecimento dos sentidos, ocasionalmente durante a vigília. Ela entra então em comunicação com os outros Espíritos, como uma pessoa que sai de sua casa para a de um vizinho (permitam-nos a comparação familiar). Estabelece-se então entre eles uma espécie de conversação, ou, para falar mais exatamente, uma troca de pensamentos. A influência do Espírito estranho não é um constrangimento, mas uma espécie de conselho que ele dá a nossa alma, conselho que pode ser mais ou menos

sensato, segundo a natureza do Espírito, e que a alma tem a liberdade de seguir ou rejeitar, mas que ela pode melhor apreciar quando não está mais sob o império das idéias que a vida de relação suscita. É por isso que se diz que a noite é boa conselheira.

Não é sempre fácil distinguir o pensamento sugerido do pensamento pessoal, pois que, habitualmente, eles se confundem. Entretanto presume-se que ele nos vem de uma fonte estranha quando é espontâneo, quando surge em nós como uma inspiração e está em oposição com a nossa maneira de ver. Nosso julgamento e nossa consciência nos fazem conhecer se ele é bom ou mau.

Manifestações ostensivas

As manifestações ostensivas diferem das manifestações ocultas por serem apreciáveis pelos nossos sentidos. Elas constituem, propriamente falando, todos os fenômenos espíritas que se nos apresentam sob as mais variadas formas.

Manifestações físicas

Assim se denominam as manifestações que se limitam a fenômenos materiais, tais como ruídos, movimento e deslocamento de objetos. Elas não comportam, as mais das vezes, nenhuma intenção direta: seu objetivo é chamar nossa atenção para alguma coisa e convencer-nos da presença de uma força superior ao homem. Para muitas pessoas estas espécies de manifestações são apenas um objeto de curiosidade. Para o observador cuidadoso são, quando menos, a revelação de um poder desconhecido, digno, em todo caso, de um estudo sério.

Os mais simples efeitos desse gênero são as pancadas vibradas sem causa ostensiva conhecida, e o movimento circular de uma mesa ou de um objeto qualquer, com ou sem imposição das mãos. Entretanto podem adquirir proporções muito mais estranhas: as pancadas se dão, eventualmente, por todos os lados e com uma intensidade que degenera em verdadeiro alvoroço; os móveis são movimentados, virados de pernas para o ar, elevados do solo; os objetos transportados de um lugar para o outro à vista de todos; as cortinas puxadas; as cobertas dos leitos arrancadas; as campainhas postas em funcionamento. Compreende-se que, quando se produzem tais fenômenos, certas pessoas lhes tenham atribuído uma origem diabólica. Um estudo atento deu cabo dessa crença supersticiosa. Voltaremos a ela mais tarde.

Manifestações inteligentes

*

11

O LIVRO DOS MÉDIUNS – ALLAN KARDEC CAPÍTULO IV SISTEMAS

36. Quando os estranhos fenômenos do Espiritismo começaram a se produzir, ou melhor, quando se renovaram nestes últimos tempos, suscitaram antes de mais nada a dúvida sobre a sua realidade e mais ainda sobre a sua causa. (1) As mesmas dúvidas suscitadas pelo Espiritismo repetiram-se, um século após o seu advento, e portanto em nosso tempo, com o reinício das pesquisas científicas dos fenômenos paranormais (na verdade fenômenos espíritas) pela Parapsicologia. E o desenvolvimento desta nova ciência renova aos nossos olhos as mesmas disparidades de opinião que caracterizaram o aparecimento do Espiritismo. (N. do T.) Quando foram averiguados por testemunhos irrecusáveis e através de experiências que todos puderam fazer, aconteceu que cada qual os interpretou a seu modo, de acordo com suas idéias pessoais,

suas crenças e seus preconceitos. Daí o aparecimento dos numerosos sistemas que uma observação mais atenta deveria reduzir ao seu justo valor.

Os adversários do Espiritismo logo viram, nessas divergências de opinião, um argumento contrário, dizendo que os próprios espíritas não concordavam entre si. Era uma razão bem precária, pois os primeiros passos de todas as ciências em desenvolvimento são necessariamente incertos, até que o tempo permita a reunião e coordenação dos fatos que possam fixar-lhes a orientação. À medida que os fatos se completam e são melhor observados, as idéias prematuras se desfazem e a unidade de opinião se estabelece, quando não sobre os detalhes, pelo menos sobre os pontos fundamentais. Foi o que aconteceu com o Espiritismo, que não podia escapar a essa lei comum, e que devia mesmo, por sua natureza, prestar-se ainda mais à diversidade de opiniões. Podemos dizer, aliás, que nesse sentido o seu avanço foi mais rápido que o de ciências mais antigas, como a Medicina, por exemplo, que ainda continua a dividir os maiores sábios.

37. Para seguir a ordem progressiva das idéias, de maneira metódica, convém colocar em primeiro lugar os chamados *sistemas negativos* dos adversários do Espiritismo. Refutamos essas objeções na introdução e na conclusão de *O Livro dos Espíritos*, bem como na pequena obra intitulada *O Que é o Espiritismo*. Seria inútil voltar ao assunto e nos limitaremos a lembrar, em duas palavras, os motivos em que eles se apoiam. Os fenômenos espíritas são de duas espécies: os de efeitos físicos e os de efeitos inteligentes. Não admitindo a existência dos Espíritos, por não admitirem nada além da matéria, compreende-se que eles neguem os efeitos inteligentes. Quanto aos efeitos físicos, eles os comentam à sua maneira e seus argumentos podem ser resumidos nos quatro sistemas seguintes.

38. SISTEMA DO CHARLATANISMO: muitos dos antagonistas atribuem esses efeitos à esperteza, pela razão de alguns terem sido imitados. Essa suposição transformaria todos os espíritas em mistificados e todos os médiuns em mistificadores, sem consideração pela posição, ou caráter, o saber e a honorabilidade das pessoas. Se ela merecesse resposta, diríamos que alguns fenômenos da Física são também imitados pelos prestidigitadores, o que nada prova contra a verdadeira ciência. Há pessoas, aliás, cujo caráter afasta toda suspeita de fraude, e seria preciso não se ter educação nem urbanidade para atrever-se a dizer-lhes que são cúmplices de charlatanice. Num salão bastante respeitável, um senhor que se dizia muito educado permitiu-se fazer uma observação dessa e a dona da casa lhe disse: "Senhor, desde que não está satisfeito, o dinheiro lhe será devolvido na porta", e com um gesto lhe indicou o melhor que tinha a fazer.

Devemos concluir disso que nunca houve abusos? Seria necessário admitir que os homens são perfeitos. Abusa-se de tudo, mesmo das coisas mais santas. Por que não se abusaria do Espiritismo? Mas o mau emprego que se pode fazer de uma coisa não deve levar-nos a prejudicá-la. Podemos considerar a boa-fé dos outros pelos motivos de suas ações. Onde não há especulação não há razão para o charlatanismo.

39. SISTEMA DA LOUCURA:

*

12

ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE - FEB (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA) - PROGRAMA I.pdf

2 - MATÉRIA

Para que o Espírito possa atuar ou agir necessita da matéria, entendida como: "[...] o instrumento de que este se serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce

sua ação.” Com base neste esclarecimento, Allan Kardec conclui: “Deste ponto de vista, pode dizer-se que a matéria é o agente, o intermediário com o auxílio do qual e sobre o qual atua o espírito.”

Toda matéria existente no universo, visível e invisível, tem origem no fluido cósmico ou matéria cósmica primitiva. Dissertando sobre a criação universal, Allan Kardec, no livro *A gênese*, informa: A matéria cósmica primitiva continha os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que desdobram suas magnificências diante da eternidade. Ela é a mãe fecunda de todas as coisas, a primeira avó e, sobretudo, a eterna geratriz. O Espírito André Luiz, no livro *Evolução em dois mundos*, denomina o fluido cósmico universal de “plasma divino, hausto do Criador ou força nervosa do Todo-Sábio”, e completa: “Nesse elemento primordial, vibram e vivem constelações e sóis, mundos e seres, como peixes no oceano.”

A concepção usual que se tem de matéria está fortemente relacionada com aquilo que os sentidos corporais captam. No entanto, os Espíritos desencarnados, embora sobre ela, porque o mundo espiritual, ainda que invisível, possui matéria que, para nós encarnados, seria classificada como energia, um tipo de matéria cujas moléculas vibram em outra dimensão. André Luiz, na obra referida anteriormente, pondera que, “[...] na essência toda matéria é energia tornada visível e que toda energia, originariamente, é força divina de que nos apropriamos para interpor os nossos propósitos aos propósitos da Criação [...]”

Em *A gênese*, Allan Kardec, analisando a constituição intrínseca da matéria, afirma: Entretanto, podemos estabelecer como princípio absoluto que todas as substâncias, conhecidas e desconhecidas, por mais desiguais que pareçam, quer do ponto de vista da sua constituição íntima, quer sob o aspecto de suas ações recíprocas, não são, de fato, senão modos diversos sob os quais a matéria se apresenta; variedades em que ela se transforma sob a direção das forças inumeráveis que a governam.

3 FLUIDOS

Fluido é a designação genérica dos líquidos e gases porque, em oposição aos elementos sólidos, propriamente ditos, possuem a capacidade de escoar com grande facilidade. Classificados como matéria, os fluidos originam-se, obviamente, do fluido universal. Allan Kardec anota: Há um fluido etéreo que enche o espaço e penetra os corpos. Esse fluido é o *éter*, ou *matéria cósmica primitiva*, geradora do mundo e dos seres. São inerentes ao éter as forças que presidiram às metamorfoses da matéria, as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo. Essas forças múltiplas, indefinidamente variadas segundo as combinações da matéria, localizadas segundo as massas, diversificadas em seus modos de ação, de acordo com as circunstâncias e os meios, são conhecidas na Terra sob os nomes de *gravidade*, *coesão*, *afinidade*, *atração*, *magnetismo*, *eletricidade ativa* (grifo no original).

Os elementos fluídicos, do plano físico ou do espiritual, produzem movimentos vibratórios e ondulantes que, como energia se expressam de diferentes formas: sonora, luminosa, calorífera, eletromagnética, mental, etc. Importa assinalar que o fluido cósmico universal apresenta-se no universo sob dois estados distintos:

a) o de eterização ou de imponderabilidade (qualidade do que não se pode pesar), considerado o estado normal primitivo. Comum no plano espiritual, não é uniforme, sofrendo infinitas variações, muito além das que ocorrem no plano material.

b) o de materialização ou de ponderabilidade (que pode ser pesado), que é, de certo modo, consecutivo ao primeiro. Estes predominam no plano físico. Tais estados não são absolutos e têm um ponto intermediário, que é, segundo os

Espíritos superiores, o da transformação do fluido em matéria tangível. A ação dos Espíritos no mundo corpóreo tem como base a utilização de tais fluidos, o que permite a produção de fenômenos mediúnicos ostensivos.

*

13

ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE – FEB (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA) - PROGRAMA II.pdf O RECINTO DAS REUNIÕES MEDIÚNICAS

É ideal que a reunião mediúnica seja realizada num espaço especificamente reservado para esta finalidade. O local da reunião deve ser preservado de movimentação constante, ou de ruídos, de forma a favorecer a *calma, o recolhimento, a concentração, o transe, e o intercâmbio mediúnico*, elementos favoráveis à manifestação e atendimento de Espíritos necessitados de auxílio. Durante a reunião, os telefones, *BIPs* e *pages* devem ser desligados, evitando perturbar a concentração ou sintonia mediúnicas. Deve ser preservada, sempre que possível, de ruídos de tráfego ou gritos vindos da rua, sons de televisão ou rádios ligados nas redondezas.

É preferível que as reuniões mediúnicas sejam realizadas no Centro Espírita. Não se aconselha prática mediúnica no lar, visto que nem sempre o ambiente familiar se mantém favorável às manifestações dos Espíritos. As reuniões de desobsessão, em especial, devem ocorrer na Casa Espírita.

À medida que se nos aclara o entendimento, nas realizações de caráter mediúnico, percebemos que as lides da desobsessão pedem o ambiente do templo espírita para se efetivarem com segurança. Para compreender isso, recordemos que, se muitos doentes conseguem recuperar a saúde no clima doméstico, muitos outros reclamam o hospital.

Se no lar dispomos de agentes empíricos a benefício dos enfermos, numa casa de saúde encontramos toda uma coleção de instrumentos selecionados para a assistência pronta. No templo espírita, os instrutores desencarnados conseguem localizar recursos avançados do plano espiritual para o socorro a obsidiados e obsessores, razão por que, tanto quanto nos seja possível, é aí, entre as paredes respeitáveis da nossa escola de fé viva, que nos cabe situar o ministério da desobsessão. O mobiliário do local destinado à reunião mediúnica deve ser constituído, basicamente, de mesa e cadeiras. Tais cadeiras não devem ser incômodas, ao ponto de causarem desconfortos físicos àqueles que ali permanecerão por período de tempo superior a uma hora. Não é conveniente que sejam excessivamente confortáveis porque podem favorecer o sono. De uma maneira geral, o «[...]recinto das reuniões pede limpeza e simplicidade. »

Qualquer tentativa de realizar uma decoração mais sofisticada, como a colocação de tapetes, quadros, espelhos, e outras peças semelhantes, deve ser evitada. A disposição dos móveis deve favorecer o deslocamento da equipe de apoio, de forma silenciosa e sem riscos de se esbarrar em objetos ou pessoas. Em seguida à fila dos assentos, colocar-se-á pequena acomodação, seja um simples banco ou algumas cadeiras para visitas eventuais. Um relógio será colocado à vista ou à mão, seja numa parede, no bolso ou no pulso do dirigente, para que o horário e a disciplina estabelecida não sofram distorções, e o aparelho para gravação de vozes, na hipótese de existir no aposento, não deverá perturbar o bom andamento das tarefas e será colocado em lugar designado pelo orientador dos trabalhos.

É recomendável a existência de dispositivo elétrico que permita a gradação da luminosidade na sala, que deve ser obscurecida durante as comunicações mediúnicas. Evitar, no entanto, a obscuridade total. O vasilhame com água a ser fluidificada será mantido afastado da mesa dos trabalhos mediúnicos a fim de se evitar qualquer incidente durante as manifestações dos Espíritos. Colocados sobre a mesa da reunião, ou em local apropriado, estarão papéis, lápis, cadernos de frequência, livros para consulta ou estudo, de preferência *O Livro dos Espíritos*, *O Evangelho segundo o Espiritismo* e um volume que desenvolva o pensamento kardequiano, conjugados aos ensinamentos do Cristo.

A reunião mediúnica séria não comporta, a rigor, improvisações por parte dos dirigentes e colaboradores, nem descontinuidade da tarefa. Trata-se de uma atividade espírita de grande responsabilidade, direcionada ao amparo espiritual dos que sofrem, encarnados e desencarnados. Na prática mediúnica espírita há «[...] necessidade do Cristo no coração e na consciência, para que não estejamos desorientados ao toque dos fenômenos. Sem noção de responsabilidade, sem devoção à prática do bem, sem amor ao estudo e sem esforço perseverante em nosso próprio burilamento moral, é impraticável a peregrinação libertadora para os Cimos da Vida. »

Sendo a mediunidade um instrumento de progresso moral e intelectual, não deve ser relegado ao abandono, a mercê dos acontecimentos fortuitos. A prática mediúnica requer, ao contrário, cuidados permanentes, caracterizados pelo estudo e pela dedicação, a fim de que se possa colaborar, ainda que de forma simples e humilde, com a tarefa de regeneração da humanidade. «Assim como qualquer trabalho terrestre pede a sincera aplicação dos aprendizes que a ele se dedicam, o serviço de aprimoramento mental exige constância de esforço no bem e no conhecimento. »

Todos nós que estamos envolvidos com essa atividade espírita devemos, na verdade, ser praticantes da palavra e não simples ouvintes, enganando a nós mesmos, consoante o alerta existente na epístola de Tiago, capítulo 1, versículo 22.

*

14

VISÃO ESPÍRITA DA BÍBLIA – J. HERCULANO PIRES ENSINOU O APOSTOLO PAULO: A BÍBLIA É UM LIVRO MEDIÚNICO

A origem mediúnica das religiões é hoje uma tese provada pelas pesquisas antropológicas e etnológicas. Só os materialistas a rejeitam. Os interessados podem estudar o assunto no livro do Prof. Ernesto Bozzano, *Fenomini Supranormali e Popoli Primitivi* (Edizione Europa, Verona), ou em nosso livro *O Espírito e o Tempo*, lançado pela Editora Pensamento, nesta capital. A origem da Bíblia é um capítulo natural desse processo geral que originou as religiões. Os leitores podem encontrar material a respeito no livro do prof. Romeu do Amaral Camargo, *De Cá e de Lá*, no meu livro já citado e em *Os 3 caminhos de Hécate*, editado pela Edicel.

Mas não pense o leitor que são os espíritas que afirmam a origem mediúnica da Bíblia. Quem afirmou foi o apóstolo Paulo, quando declarou peremptoriamente: "Vós recebestes a lei por mistérios dos anjos", isto em Atos, 7:53, explicando ainda em Hebreus 2:2: "Porque a lei foi anunciada pelos anjos", e confirmando na mesma epístola, 1: 14: 7 "Espíritos são administradores, enviados para exercer o ministério". Antes, em Hebreus,

1 :7, Paulo, depois de advertir que Deus havia falado de muitas maneiras aos profetas, acrescenta: "Sobre os anjos, diz: o que faz os seus anjos espíritos e os seus ministros chamados de fogo".

Está claro que os anjos são espíritos, reveladores das leis de Deus aos homens, como afirma o Espiritismo. Paulo vai mais longe, afirmando em Atos 7:30-31, que Deus falou a Moisés através de um anjo na sarça-ardente. Veja-se o que ficou dito acima: os anjos são espíritos, ministros de Deus, que o faz chama do fogo, nas aparições mediúnicas. O reverendo Haraldur Nielson, em seu livro *O Espiritismo e a Igreja*, ele que foi o tradutor da Bíblia para o islandês, a serviço da Sociedade Bíblica Inglesa, afirma que o Cristo é muitas vezes chamado no Evangelho, no original grego, de "pneuma", depois da ressurreição. E "pneuma" quer dizer espírito. Da mesma maneira, lembra que Paulo, em Hebreus, 12:9, refere-se a Deus como "Deus dos Espíritos". Lembra ainda que as manifestações dos Espíritos, nas sessões que realizou com o bispo Hallgrimur Svenson em Reikjavik, eram na forma de línguas de fogo. Essas manifestações confirmavam que o anjo da sarça-ardente e os fenômenos do Pentecostes foram mediúnicos.

O que falta aos acusadores do Espiritismo é estudo. Se pusessem o seu dogmatismo de lado e estudassem um pouco, haveriam de compreender essas coisas. A Bíblia foi inspirada pelos Espíritos, como mensageiros de Deus, no tocante aos seus livros proféticos, que chamamos de mediúnicos. Os livros históricos e de legislação civil receberam também a colaboração dos Espíritos. A Bíblia, pois, é um livro mediúnico que não pode condenar o Espiritismo, pois estaria se condenando a si mesma.

COMUNICAÇÕES DE ESPÍRITOS E MATERIALIZAÇÃO NA BÍBLIA

*

15

PRÁTICA MEDIÚNICA

*

FINAL DA AULA

*

8ª AULA – 24 DE AGOSTO DE 2.016

01

**O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – ALLAN KARDEC
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS
MUNDOS SUPERIORES E INFERIORES**

(Resumo do ensinamento de todos os Espíritos superiores)

8. A classificação de mundos inferiores e mundos superiores é antes relativa do que absoluta, pois um mundo é inferior ou superior em relação aos que se acham abaixo ou acima dele, na escala progressiva.

Tomando a Terra como ponto de comparação, pode fazer-se uma idéia do estado de um mundo inferior, supondo os seus habitantes no grau evolutivo dos povos selvagens e das nações bárbaras que ainda se encontram em nosso planeta, como restos do seu estado primitivo. Nos mundos mais atrasados, os homens são de certo modo rudimentares. Possuem a forma humana, mas sem nenhuma beleza; seus instintos não são temperados por nenhum sentimento de delicadeza ou benevolência, nem pelas noções do justo e do injusto; a força bruta é sua única lei. Sem indústrias, sem invenções, dedicam sua vida à conquista de alimentos. Não obstante, Deus não abandona nenhuma de suas criaturas. No fundo tenebroso dessas inteligências encontra-se, latente, a vaga intuição de um Ser Supremo, mais ou menos desenvolvida. Esse instinto é suficiente para que uns se tornem superiores aos outros, preparando-se para a eclosão de uma vida mais plena. Porque eles não são criaturas degradadas, mas crianças que crescem.

Entre esses graus inferiores e mais elevados, há inumeráveis degraus, e entre os Espíritos puros, desmaterializados e resplandecentes de glória, é difícil reconhecer os que animaram os seres primitivos, da mesma maneira que, no homem adulto, é difícil reconhecer o antigo embrião.

*

02

SEARA DOS MÉDIUNS – EMMANUEL

Oração e cura

Reunião pública de 19/2/60 - Questão nº 176 - Parágrafo 8º

Recorres à oração, junto desse ou daquele enfermo, e sofres, quando a restauração parece tardia.

Entretanto, reflete na Lei Divina a que todos, obrigatoriamente, nos entrosamos.

Isso não quer dizer devemos ignorar o martírio silencioso dos companheiros em calamidade do campo físico.

Para tanto, seria preciso não haver sentimento.

Sabemos, sim, quanto dói seguir, noite a noite, a provação dos familiares, em moléstias Irreversíveis; conhecemos, de perto, a angústia dos pais que recolhem no coração o suplício dos filhinhos torturados no berço; partilhamos a dor dos que gemem nos hospitais como sentenciados à pena última, e assinalamos o tormento recôndito dos que fitam, inquietos, em doentes amados, os olhos que se embaciam...

*

Observa, porém, o quadro escuro das transgressões humanas que nos rodeiam.

Pensa nos crimes perfeitos que injuriam a Terra; na insubmissão dos que se rendem às sugestões do suicídio, prejudicando os planos da Eterna Sabedoria e criando aflitivas expiações para si mesmos; nos processos inconfessáveis dos que usam a inteligência para agravar as necessidades dos semelhantes e na ingratidão dos que convertem o próprio lar em reduto do desespero e da morte...

Medita nos torvos compromissos dos que se acumpliciam agora com os domínios do mal, e perceberás que a enfermidade é quase sempre o bem exprimindo reajuste, sustando-nos a queda em delitos maiores.

*

Organizemos, assim, o socorro da oração, junto de todos os que padecem no corpo dilacerado, mas, se a cura demora, jamais nos aflijamos.

Seja o leito de linho, de seda, palha ou pedra, a dor é sempre a mesma e a prece, em toda parte, é bênção, reconforto, amparo, luz e vida.

Lembre-mos, no entanto, de que lesões e chagas, frustrações e defeitos, em nossa forma externa, são remédios da alma que nós mesmos pedimos à farmácia de Deus.

*

03

A CAMINHO DA LUZ – EMMANUEL OS ANTEPASSADOS DO HOMEM

O reino animal experimenta as mais estranhas transições no período terciário, sob as influências do meio e em face dos imperativos da lei de seleção.

Mas, o nosso raciocínio ansioso procura os legítimos antepassados das criaturas humanas, nessa imensa vastidão do proscênio da evolução anímica.

Onde está Adão com a sua queda do paraíso? Debalde nossos olhos procuram, aflitos, essas figuras legendárias, com o propósito de localizá-las no Espaço e no Tempo. Compreendemos, afinal, que Adão e Eva constituem uma lembrança dos Espíritos degredados na paisagem obscura da Terra, como Caim e Abel são dois símbolos para a personalidade das criaturas.

Examinada, porém, a questão nos seus prismas reais, vamos encontrar os primeiros antepassados do homem sofrendo os processos de aperfeiçoamento da Natureza. No período terciário a que nos reportamos, sob a orientação das esferas espirituais notavam-se algumas raças de antropoides, no Plioceno inferior. Esses antropoides, antepassados do homem terrestre, e os ascendentes dos símios que ainda existem no mundo, tiveram a sua evolução em pontos convergentes, e daí os parentescos sorológicos entre o organismo do homem moderno e o do chimpanzé da atualidade.

Reportando-nos, todavia, aos eminentes naturalistas dos últimos tempos, que examinaram meticulosamente os transcendentos assuntos do evolucionismo, somos compelidos a esclarecer que não houve propriamente uma "descida da árvore", no início da evolução humana.

As forças espirituais que dirigem os fenômenos terrestres, sob a orientação do Cristo, estabeleceram, na época da grande maleabilidade dos elementos materiais, uma linhagem definitiva para todas as espécies, dentro das quais o princípio espiritual encontraria o processo de seu acrisolamento, em marcha para a racionalidade.

Os peixes, os répteis, os mamíferos, tiveram suas linhagens fixas de desenvolvimento e o homem não escaparia a essa regra geral.

*

04

PENSAMENTO E VIDA – EMMANUEL

Trabalho

Se nos propomos retratar mentalmente a luz dos Planos Superiores, é indispensável que a nossa vontade abrace espontaneamente o trabalho por alimento de cada dia.

No pretérito, apreciávamo-lo por atitude servil de quantos caíssem sob o ferrete da injúria.

A escola, as artes, as virtudes domésticas, a indústria e o amanho do solo eram relegados a mãos escravas, reservando-se os braços supostos livres para a inércia dourada.

Hoje, porém, sabemos que a lei do trabalho é roteiro da justa emancipação. Sem ela, o mundo mental dorme estanque. Fugir-lhe aos impositivos é situar-se à margem do caminho, onde o carro da evolução marcha, inflexível, deixando à retaguarda quantos se amolgam à ilusão da preguiça.

O usurário não padece apenas a infelicidade de sequestrar os bens devidos ao Bem de Todos, mas igualmente o infortúnio de erguer para si mesmo a cova adornada em que se lhe estiolarão as mais nobres faculdades do espírito.

Não vale, contudo, agir por agir.

As regiões infernais vibram repletas de movimento.

Além do *trabalho-obrigação* que nos remunera de pronto, é necessário nos atenhmos ao prazer de servir.

Nas contingências naturais do desenvolvimento terrestre, o espírito encarnado é compelido a esforço incessante, para o sustento do corpo físico. Recolhe, de graça, a água pura, os princípios solares e os recursos nutrientes da atmosfera; entretanto, é preciso suar e sofrer em busca da proteína e do carboidrato que lhe assegurem a euforia orgânica.

Cativo, embora, às injunções do plano de obscura matéria em que transitoriamente respira, pode, porém, desde a Terra, fruir a ventura do serviço voluntário aos semelhantes todo aquele que descerre o espelho da própria alma aos reflexos da Esfera Divina.

O *trabalho-ação* transforma o ambiente.

O *trabalho-serviço*, transforma o homem.

As tarefas remuneradas conquistam o agradecimento de quem lhes recebe o concurso, mas permanecem adstritas ao mundo, nas linhas da troca vulgar.

A prestação de concurso espontâneo, sem qualquer base de recompensa, desdobra a influência da Bondade Celestial que a todos nos ampara sem pagamento.

À maneira que se nos alonga a ascensão, entendemos com mais clareza a necessidade de trabalhar por amor de servir.

Quando começamos a ajudar o próximo, sem agulhões, matriculamo-nos no acrisolamento da própria alma, entrando em sintonia com a Vida Abundante.

Nos círculos mais elevados do espírito, o trabalho não é imposto. A criatura consciente da verdade compreende que a ação no bem é ajustamento às Leis de Deus e a ela se rende por livre vontade.

Por isso, nos domínios superiores, quem serve avança para os cimos da imortalidade radiosa, reproduzindo dentro de si mesmo as maravilhas do Céu que nos rodeia a espelhar-se por toda parte.

*

05

O ESPÍRITO E O TEMPO – J. HERCULANO PIRES

2. O ESPÍRITO DE CIVILIZAÇÃO — O homem supera a Natureza desde o momento em que se torna capaz de organizar-se em sociedade. Nesse momento, ele deixa de ser o animal gregário das cavernas, para adquirir uma nova natureza, tornando-se o animal político de Aristóteles, ou seja: um ser social. Dessa maneira, o ser biológico é superado por uma forma nova de ser. O desenvolvimento humano é um processo de transcendência. Cada fase do processo representa uma superação da anterior. Superar a Natureza, portanto, não quer dizer apenas dominá-la, adquirir poder sobre as coisas exteriores, mas superar-se a si mesmo.

Quando falamos da Natureza, referimo-nos, em geral, ao binômio Homem-Natureza,

que é um contraste dialético. De um lado colocamos o Homem, como um poder oposto ao que se encontra do outro lado, representando o mundo exterior. Essa, entretanto, é uma concepção simplista, pois a verdade é bem mais complexa. O Homem não se opõe à Natureza como uma potência contrária, mas como parte dela mesma. A oposição não é externa, mas interna. Pelo seu corpo, o Homem pertence à "rés extensa" cartesiana, é uma espécie animal. Pelo seu espírito, pertence à "rés cogitans", é uma substância pensante. Podemos dizer, com Espinosa, que o Homem é uma simples afecção do Todo, em que se conjugam as modalidades extensa e pensante da Substância, o que equivale a dizer, com o apóstolo Paulo, que "em Deus estamos e em Deus nos movemos".

*

06

MEDIUNIDADE (VIDA E COMUNICAÇÃO) – J. HERCULANO PIRES CAPÍTULO VII - A MESA E O PÃO

Kardec explicou o problema da mesa nas sessões espíritas com a sua habitual naturalidade: é o móvel mais cômodo para sentarmos ao seu redor. Afastava assim qualquer resquício de misticismo e magia, de rito e sacramento no ato mediúnicos. Não obstante, há quem considere esse ato puramente místico e mágico, lembrando a evocação e a prece. Não nos sentamos em torno da mesa apenas para conversar ou escrever, mas também para nos alimentarmos. A alimentação que tomamos na mesa espírita não é material, mas espiritual. A evocação não é um rito, mas um convite. Antes de sentar à mesa os convites já foram feitos, pois basta pensarmos num espírito para o evocarmos. Ele atende ou não ao nosso convite, pois é livre e não está submetido a nenhum poder humano. Mas o pão que pomos sobre a mesa é o pão espiritual da prece, que será partido e servido na hora da doutrinação.

Conta-nos o Evangelho de Lucas o episódio comovente dos discípulos na estrada de Emaús. Após a ressurreição de Jesus, Cleófas e um companheiro seguiam, ao entardecer, para essa aldeia, afastando-se do cenário angustiante de Jerusalém. Um estranho os alcançou e acompanhou, conversando sobre a morte e a ressurreição de Jesus. Pararam numa estalagem para alimentar-se. Sentaram-se à mesa com aquele estranho. Mas, no momento em que ele partiu o pão, os discípulos o reconheceram: era o Mestre ressuscitado. Mas logo a seguir o Senhor desapareceu e a mesa só tinha os dois ao seu redor. É fácil imaginar-se o assombro dos discípulos. O vazio da mesa e o silêncio do anoitecer, que já começava, devem ter-lhes parecido muito mais cheio de rumores e alegrias que as mesas dos banquetes festivos do mundo.

*

07

OBSESSÃO. O PASSE. A DOUTRINAÇÃO – J. HERCULANO PIRES IX - Psiquiatria e Espiritismo.

O conflito entre Psiquiatria e Espiritismo tomou vulto entre nós, em virtude do crescimento do movimento espírita. O preconceito religioso influi muito na questão, estimulando o preconceito científico. Mas as últimas conquistas das Ciências abriram uma perspectiva de trégua. Na proporção em que o conceito de matéria se pulverizou nas mãos dos físicos e atingiu o plano da antimatéria, verificou-se uma nova revolução copérnica no tocante à concepção do homem. Coube a um famoso psiquiatra norte americano, Ian Stevenson, dar novo impulso às pesquisas sobre a reencarnação. Na URSS o psiquiatra Wladimir Raikov, da Universidade de Moscou, reconheceu o fenômeno de lembranças de vidas anteriores e iniciou pesquisas a respeito, partindo do pressuposto de sugestões telepáticas. Hoje há grande número de psiquiatras espíritas, o que estabelece o diálogo entre os campos opostos.

As pesquisas parapsicológicas com débeis mentais deram razão à tese espírita da

distinção entre cérebro e mente. Os débeis mentais agem no plano de *psi* (fenômenos paranormais) em igualdade de condições com as pessoas normais. Isso parecia mostrar que a debilidade era apenas cerebral e não mental. Quando Rhine sustentou a natureza extrafísica da mente, que Vassiliev tentou refutar sem consegui-lo, o problema se tornou mais claro. Muitos enigmas da Psiquiatria se tornaram mais facilmente equacionáveis para uma solução. Entre eles, talvez o mais complexo, que é o da Esquizofrenia. Certos casos de amnésia, em que os pacientes substituem a memória atual por outra referente a uma possível vida anterior, lançaram nova luz sobre o intrincado problema.

A divisão da mente, a diluição da memória, o afastamento da realidade parecem denunciar uma espécie de nostalgia psíquica que determina a inadaptação do espírito à realidade atual. Teríamos dessa forma um caso típico de auto-obsessão nas modalidades variáveis da Esquizofrenia. Os casos se agravam com a participação de entidades obsessoras geralmente atraídas pelo estado dos pacientes. Eles se encontravam em estado de ambivalência e são forçados a optar pelo passado ante a pressão obsessiva. Este é mais um fato favorável à prática da desobsessão.

Psiquiatria e Espiritismo podem ajudar-se mutuamente, ao que parece em futuro bem próximo. Não há razão para condenações psiquiátricas atuais dos processos espíritas de cura dos casos de obsessão.

*

08

O TESOURO DOS ESPÍRITAS – MIGUEL VIVES

IV - O espírita e a humanidade

Disse o Senhor: “Vós sois o sal da terra; se o sal perder o seu sabor, com o que se há de salgar?” E foi como se dissesse que sois a luz do mundo; se a luz perder a sua claridade, com o que se iluminará? Todo espírita que fez profissão pública de sua crença não deve jamais esquecer-se de que, por onde passa, aonde vai, e onde frequenta, está sendo observado e estudado.

Porque nos observam e estudam, para ver como agimos nós, os espíritas, pois sabem que a nossa maneira de pensar é bem diferente da maneira dos que não seguem as nossas idéias. De forma que devemos ter bem presentes aquelas palavras de um grande espírito: “Prudência no pensar, prudência no falar, prudência no agir”. Porque, se nos esquecermos das regras que o Espiritismo nos prescreve, algumas das quais estão anotadas nos capítulos anteriores, podemos cair no ridículo, por não estarem os nossos atos de acordo com a moral que o mundo espera de nós.

Essa moral, quando bem praticada, é o melhor meio de propagar e exaltar os nossos princípios; de maneira que uma atitude correta e cheia de doçura tem grande poder de atração, e podemos conquistar com ela a simpatia de muitos, fazendo-nos agradáveis pelo nosso trato. Nossas maneiras e costumes são o primeiro instrumento que todo espírita deve usar na propaganda doutrinária: primeiro agir, depois falar; a não ser que a necessidade e as circunstâncias nos obriguem a falar primeiro. Quando assim tivermos de fazer, devemos ser muito prudentes e humildes, dando provas de uma excelente educação. Porém, sempre que possível, devemos agir primeiro. Vale mais que nos conheçam primeiro por nossas obras, do que por nossas palavras. Assim, quando chegar a hora de falarmos, nos escutarão com mais respeito e seremos atendidos.

*

09

PARAPSIKOLOGIA HOJE E AMANHÃ – J. HERCULANO PIRES

IV - *Tp* - A linguagem da mente

Há uma tendência parapsicológica para o mentalismo que decorre das

dificuldades da aceitação científica dos fenômenos e do perigo das implicações psicológicas. Quanto às dificuldades, resultam, como já vimos, dos preconceitos científicos que impedem os parapsicólogos de usarem uma terminologia de ordem mais ampla. No tocante à Psicologia, as referências ao psiquismo integral poderiam estabelecer confusões. Viram-se assim os parapsicólogos limitados a uma estreita faixa do continente psíquico e fizeram o seu acampamento na zona mental.

A impressão que se tem, aos primeiros contatos com os estudos parapsicológicos, é a de que o homem está sendo reduzido às suas faculdades mentais. Esse exagero deverá ser contido se não quisermos ver o triunfo, mais hoje, mais amanhã, daquelas correntes menos expressivas da Parapsicologia que cortam as próprias asas com medo de se perderem no infinito e acabam por se perder na poeira da estrada. O homem não é apenas uma estrutura mental. É um ser espiritual, um organismo psíquico. A mente é a sua cabina de comando. Por isso mesmo recebe ordens e expede comunicações do psiquismo em que a afetividade e a volição, ou seja, as regiões profundas do sentimento e da vontade se fazem traduzir em signos dinâmicos, que são os pensamentos.

Quando tratamos a telepatia como a linguagem da mente não queremos cair no mentalismo, mas apenas dar a essa *função psi* o seu devido lugar nas relações psíquicas em que se resolve toda a vivência humana. Assim como temos a *linguagem do cérebro* na palavra, temos a *linguagem da mente* no conceito. E assim como a palavra não tem apenas o sentido convencional do signo, mas também a sua carga emotiva e o seu impulso volitivo, o conceito está sempre carregado pelo poder do espírito. Um pensamento é um vetor poderoso que deflagra um acúmulo de energias psíquicas.

*

10

INSTRUÇÕES PRÁTICAS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS - ALLAN KARDEC

Manifestações inteligentes

Se os fenômenos de que acabamos de falar se tivessem limitado a efeitos materiais, não há dúvida que se poderia tê-los atribuído a uma causa puramente física, à ação de algum fluido cujas propriedades nos são ainda desconhecidas. O mesmo não se pode dizer quando eles oferecem sinais incontestáveis de inteligência. Ora, se todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. É fácil distinguir-se em um objeto que se agita o movimento simplesmente mecânico do movimento intencional. Se este objeto, pelo ruído ou pelo movimento, faz um sinal, é evidente que há intervenção de uma inteligência. Como a razão nos diz que o próprio objeto material não é inteligente, concluímos que ele é *movido* por uma causa inteligente estranha. Tal é o caso dos fenômenos de que nos ocupamos.

Se as manifestações puramente físicas, de que acabamos de falar, são de natureza a nos captar o interesse, com maior razão tal se daria quando elas nos revelam a presença de uma inteligência oculta, pois que, então, não é mais simplesmente um corpo inerte que temos diante de nós, porém um ser capaz de nos compreender e com o qual podemos estabelecer uma troca de pensamentos. Concebe-se então que o método de experimentação deve ser completamente diverso do que seria se se tratasse de um fenômeno essencialmente material, e que nossos processos de laboratório são impotentes para explicar fatos que pertencem à ordem intelectual. Não se pode cogitar aqui de análises nem de cálculos matemáticos de forças. Ora, é precisamente esse o erro em que caiu a maior parte dos cientistas. Julgaram-se em presença de um desses fenômenos que a ciência reproduz à vontade e sobre o qual pode-se operar como sobre um sal ou um gás. Não que isso lhes diminua o saber e a capacidade. Mencionamos

apenas que se enganaram crendo poder colocar os Espíritos em uma retorta, como o espírito do vinho. Os fenômenos espíritas, tanto quanto as questões da teologia e da metafísica, não são da alçada das ciências exatas.

*

11 - O LIVRO DOS MÉDIUNS – ALLAN KARDEC
SEGUNDA PARTE
Das Manifestações Espíritas
CAPÍTULO I
AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A MATÉRIA

52. Excluída a interpretação materialista, ao mesmo tempo rejeitada pela razão e pelos fatos, resta apenas saber se a alma, após a morte, pode manifestar-se aos vivos. Assim reduzida à sua mais simples expressão, torna-se a questão bastante fácil. Poderíamos perguntar, primeiro, por que motivo os seres inteligentes, que de alguma maneira vivem entre nós, embora naturalmente invisíveis, não poderiam demonstrar-nos a sua presença por algum meio? O simples raciocínio mostra que isto nada tem de impossível, o que já é alguma coisa. Essa crença, aliás, tem a seu favor a aceitação de todos os povos, pois a encontramos em toda parte e em todas as épocas. Ora, uma intuição não poderia ser tão generalizada, nem sobreviver através dos tempos, sem ter alguma razão. Ela é ainda sancionada pelo testemunho dos livros sagrados e dos Pais da Igreja, e foi necessário o ceticismo e o materialismo do nosso século para relegá-la ao campo das superstições. Se estamos, pois, em erro, essas autoridades também estão.

Mas estas são apenas considerações lógicas. Uma causa, acima de tudo, contribui para fortalecer a dúvida, numa época tão positiva como a nossa, em que tudo se quer conhecer, onde se quer saber o porquê e o como de todas as coisas: a ignorância da natureza dos Espíritos e dos meios pelos quais podem manifestar-se. Conquistado esse conhecimento, o fato das manifestações nada apresenta de surpreendente e entra na ordem dos fatos naturais.

*

12

**ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE - FEB (FEDERAÇÃO ESPÍRITA
BRASILEIRA) - PROGRAMA I.pdf**
ATIVIDADE PRÁTICA 4: O DOM DE CURAR PELA PRECE

Objetivo do exercício

> Aprender a utilizar a prece como instrumento de auxílio aos enfermos.

Sugestões ao monitor

1. Interpretar, rapidamente, a orientação de Jesus, a seguir inserida, esclarecendo que a prece pode auxiliar, e muito, aos enfermos do corpo e da alma.
2. Orar em benefício de alguém que se encontra enfermo, pedindo aos participantes que acompanhem as ideias sugeridas na oração e envolvam o doente em vibrações mentais de cura.

Curai enfermos, erguei mortos, purificai leprosos, expulsai daimones [espíritos maus]; de graça recebestes, de graça dai. O novo testamento. p. 71, 2013.

PERISPÍRITO E PRINCÍPIO VITAL

Como após a morte do corpo físico os Espíritos vivem invisíveis entre nós, porque se encontram em outra dimensão da matéria, é natural que queiram se comunicar

com os encarnados. Mas como é feita esta comunicação? A resposta a esta pergunta encontra-se na compreensão do perispírito, sua natureza.

Numerosas observações e fatos irrecusáveis [...] levaram-nos à conclusão de que há no homem [encarnado] três componentes:

- 1º, a alma, ou Espírito, princípio inteligente no qual reside o senso moral;
- 2º, o corpo, envoltório material e grosseiro que reveste temporariamente a alma para o cumprimento de certos desígnios providenciais;
- 3º, o perispírito, envoltório fluídico, semi-material, que serve de ligação entre a alma e o corpo.

Em *O livro dos espíritos* consta que a natureza vaporosa (semi-material) do perispírito permite ao Espírito “[...] poder [de] elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira.” Mas, sendo o perispírito o elo de ligação entre o Espírito e o corpo material, “[...] ele é tirado do meio ambiente, do fluido universal. [...] Poder-se-ia dizer que é a quintessência da matéria. É o princípio da vida orgânica, mas não o da vida intelectual, pois esta reside no Espírito. É, além disso, o agente das sensações exteriores. [...]

*

13

ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE – FEB (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA) - PROGRAMA II.pdf

Etapas da reunião mediúnica

Objetivo específico

- Esclarecer a respeito das etapas da reunião mediúnica.

Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. Paulo (1 Coríntios, 12: 4-6)

As etapas da reunião mediúnica podem ser resumidas no seguinte: leitura preparatória breve, prece inicial objetiva, estudo (se necessário), comunicação dos Espíritos e esclarecimento evangélico-doutrinário, irradiações, prece final e breve avaliação das atividades desenvolvidas. Para compreender corretamente o funcionamento dessas etapas é importante saber quais são as finalidades de uma reunião mediúnica séria.

1. FINALIDADES DA REUNIÃO MEDIÚNICA

Em qualquer estudo da mediunidade, não podemos esquecer que o pensamento vige na base de todos os fenômenos de sintonia na esfera da alma. [...] Verificamos no símile, que a energia mental, inelutavelmente ligada à consciência que a produz, obedece à vontade. E, compreendendo-se no pensamento a primeira estação de abordagem magnética, em nossas relações uns com os outros, seja qual for a mediunidade de alguém, é na vida íntima que palpita a condução de todo o recurso psíquico. [...] O pensamento é, portanto, nosso cartão de visita. Com ele representamos ao pé dos outros, conforme nossos próprios desejos, a harmonia ou a perturbação, a saúde ou a doença, a intolerância ou o entendimento, a luz dos construtores do bem ou a sombra dos carregadores do mal.

A par desses esclarecimentos é importante que os componentes do grupo mediúnico estejam conscientes das seguintes finalidades da reunião mediúnica:

- Exercitar a faculdade mediúnica de forma saudável e segura, em perfeita harmonia com os princípios da Doutrina Espírita e do Evangelho de Jesus.
- Manter intercâmbio mediúnico com Espíritos desencarnados, participando do trabalho espiritual de auxílio aos que sofrem e aos que fazem sofrer, assim como refletir a respeito das orientações e esclarecimentos transmitidos pelos benfeitores da Vida

Maior.

- Auxiliar encarnados e desencarnados envolvidos em processo de reajuste espiritual.
- Cooperar com os benfeitores espirituais no trabalho de defesa do Centro Espírita, ante as investidas de Espíritos descompromissados com o Bem.
- Exercitar a humildade, a fraternidade e a solidariedade no trato com encarnados e desencarnados em sofrimento, exemplificando, assim, o esforço de transformação moral.

*

14

VISÃO ESPÍRITA DA BÍBLIA – J. HERCULANO PIRES COMUNICAÇÕES DE ESPÍRITOS E MATERIALIZAÇÃO NA BÍBLIA

O ministério dos anjos, esse ministério divino, a que o apóstolo Paulo se referiu tantas vezes, é exercido através da mediunidade. A própria Bíblia nos relata uma infinidade de comunicações mediúnicas. Veja-se, por exemplo, as palavras do rei Samuel, em Provérbios, 31:1-9, que, segundo o texto bíblico, são "a profecia com que lhe ensinou sua mãe". Temos ali uma comunicação espírita integralmente reproduzida na Bíblia. A mãe do rei Samuel) não em forma de anjo, mas na sua própria forma humana) aparece ao Rei e lhe dita a mensagem.

A Bíblia condenou essa comunicação? Não. Pelo contrário, aprovou-a e transcreveu-a. Em Números 1 1:23-25, temos a descrição de dois fatos mediúnicos valiosos. Primeiro, o Senhor fala a Moisés. Depois, Moisés reúne os setenta anciãos, formando uma roda, e o Senhor se manifesta materialmente, descendo numa nuvem. Temos a comunicação pessoal de Jeová a Moisés, e a seguir o fenômeno evidente de materialização de Jeová, através da mediunidade dos anciãos, reunidos para isso na tenda. A nuvem é a formação de ectoplasma na qual o espírito se corporifica.

Só os que não conhecem os fenômenos espíritos podem aceitar que ali se deu um milagre, um fato sobrenatural. E podem aceitar, também, a manifestação do próprio Deus. Longe disso. Jeová era o espírito protetor de Israel, que se apresentava como Deus, porque a mentalidade dos povos do tempo era mitológica, e os espíritos eram considerados deuses. O filósofo Tales de Mileto já dizia, na Grécia, cinco séculos antes de Cristo: "O mundo é cheio de deuses". Os espíritos elevados eram considerados deuses benéficos, e os espíritos inferiores eram deuses maléficos. Daí a invenção do Diabo, como concorrente de Deus no domínio do mundo e das almas.

Deuses, anjos e demônios, da Bíblia, dos Vedas, do Alcorão, de todos os livros sagrados, nada mais são do que espíritos. Como podem essas criaturas condenar o Espiritismo? Elas são a prova tradicional da verdade espírita, ao longo da História, como ensina Kardec. O que Moisés condenou foi apenas o abuso da mediunidade. Isso, o Espiritismo também condena.

*

15

PRÁTICA MEDIÚNICA

*

FINAL DA AULA

*

9ª AULA – 31 DE AGOSTO DE 2.016

01

**O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – ALLAN KARDEC
MUNDOS DE EXPIAÇÕES E DE PROVAS**

• Santo Agostinho • Paris, 1862

13. Que vos direi, que já não conheceis, dos mundos de expiações, pois que basta considerar a Terra que habitais? A superioridade da inteligência, num grande número de seus habitantes, indica que ela não é um mundo primitivo, destinado à encarnação de Espíritos ainda mal saídos das mãos do Criador. Suas qualidades inatas são a prova de que já viveram e realizaram um certo progresso, mas também os numerosos vícios a que se inclinam são o indício de uma grande imperfeição moral. Eis porque Deus os colocou num mundo ingrato, para expiarem suas faltas através de um trabalho penoso e das misérias da vida, até que se façam merecedores de passar para um mundo mais feliz.

14. Não obstante, não são todos os Espíritos encarnados na Terra que se encontram em expiação. As raças que chamais selvagens constituem-se de Espíritos apenas saídos da infância, e que estão, por assim dizer, educando-se e desenvolvendo-se ao contato de Espíritos mais avançados. Vêm a seguir as raças semicivilizadas, formadas por esses mesmos Espíritos em progresso. Essas são, de algum modo, as raças indígenas da Terra, que se desenvolveram pouco a pouco, através de longos períodos seculares, conseguindo algumas atingir a perfeição intelectual dos povos mais esclarecidos.

Os Espíritos em expiação aí estão, se assim nos podemos exprimir, como estrangeiros. Já viveram em outros mundos, dos quais foram excluídos por sua obstinação no mal, que os tornava causa de perturbação para os bons. Foram relegados, por algum tempo, entre os Espíritos mais atrasados, tendo por missão fazê-los avançar, porque trazem uma inteligência desenvolvida e os germes dos conhecimentos adquiridos. É por isso que os Espíritos punidos se encontram entre as raças mais inteligentes, pois são estas também as que sofrem mais amargamente as misérias da vida, por possuírem maior sensibilidade e serem mais atingidas pelos atritos do que as raças primitivas, cujo senso moral é mais obtuso.

15. A Terra nos oferece, pois, um dos tipos de mundos expiatórios, em que as variedades são infinitas, mas têm por caráter comum servirem de lugar de exílio para os Espíritos rebeldes à lei de Deus. Nesses mundos, os Espíritos exilados têm de lutar, ao mesmo tempo, contra a perversidade dos homens e a inclemência da natureza, trabalho duplamente penoso, que desenvolve a uma só vez as qualidades do coração e as da inteligência. É assim que Deus, na sua bondade, torna o próprio castigo proveitoso para o progresso do Espírito.

*

02 - SEARA DOS MÉDIUNS – EMMANUEL

Três atitudes

Reunião pública de 22/2/60 Questão nº 226 - Parágrafo 11º

Entendendo-se que o egoísmo e o orgulho são qualidades negativas na personalidade mediúnica, obscurecendo a palavra da Esfera Superior, e compreendendo-se que o bem é a condição inalienável para que a mensagem edificante seja transmitida sem mescla, examinemos essas três atitudes, em alguns dos quadros e circunstâncias da vida.

Na sociedade:

O egoísmo faz o que quer.

O orgulho faz como quer.

O bem faz quanto pode, acima das próprias obrigações.

No trabalho:

O egoísmo explora o que acha.

O orgulho oprime o que vê.

O bem produz incessantemente.

Na equipe:

O egoísmo atrai para si.

O orgulho pensa em si.

O bem serve a todos.

Na amizade:

O egoísmo utiliza as situações.

O orgulho clama por privilégios.

O bem renuncia ao bem próprio.

Na fé:

O egoísmo aparenta.

O orgulho reclama.

O bem ouve.

Na responsabilidade:

O egoísmo foge.

O orgulho tiraniza.

O bem colabora.

Na dor alheia:

O egoísmo esquece.

O orgulho condena.

O bem ampara.

No estudo:

O egoísmo finge que sabe.

O orgulho não busca saber.

O bem aprende sempre, para realizar o melhor.

*

Médiuns, a orientação da Doutrina Espírita é sempre clara.

O egoísmo e o orgulho são dois corredores sombrios, inclinando-nos, em toda parte, ao vício e à delinquência, em angustiantes processos obsessivos, e só o bem é capaz de filtrar com lealdade a Inspiração Divina, mas, para isso, é indispensável não apenas admirá-lo e divulgá-lo; acima de tudo, é preciso querê-lo e praticá-lo com todas as forças do coração.

*

03

A CAMINHO DA LUZ – EMMANUEL A GRANDE TRANSIÇÃO

Os antropoides das cavernas espalharam-se, então, aos grupos, pela superfície do globo, no curso vagaroso dos séculos, sofrendo as influências do meio e formando os

pródromos das raças futuras em seus tipos diversificados; a realidade, porém, é que as entidades espirituais auxiliaram o homem do sílex, imprimindo-lhe novas expressões biológicas. Extraordinárias experiências foram realizadas pelos mensageiros do invisível. As pesquisas recentes da Ciência sobre o tipo de Neanderthal, reconhecendo nele uma espécie de homem bestializado, e outras descobertas interessantes da Paleontologia, quanto ao homem fóssil, são um atestado dos experimentos biológicos a que procederam os prepostos de Jesus, até fixarem no "primata" os característicos aproximados do homem futuro.

Os séculos correram o seu velário de experiências penosas sobre a frente dessas criaturas de braços alongados e de pelos densos, até que um dia as hostes do invisível operaram uma definitiva transição no corpo perispiritual preexistente, dos homens primitivos, nas regiões siderais e em certos intervalos de suas reencarnações.

Surgem os primeiros selvagens de compleição melhorada, tendendo à elegância dos tempos do porvir.

Uma transformação visceral verificara-se na estrutura dos antepassados das raças humanas.

Como poderia operar-se semelhante transição? Perguntará o vosso critério científico.

Muito naturalmente.

Também as crianças têm os defeitos da infância corrigidos pelos pais, que as preparam em face da vida, sem que, na maioridade, elas se lembrem disso.

*

04

PENSAMENTO E VIDA – EMMANUEL

Associação

Se o homem pudesse contemplar com os próprios olhos as correntes de pensamento, reconheceria, de pronto, que todos vivemos em regime de comunhão, segundo os princípios da afinidade.

A associação mora em todas as coisas, preside a todos os acontecimentos e comanda a existência de todos os seres.

Demócrito, o sábio grego que viveu na Terra muito antes do Cristo, assevera que “os átomos, invisíveis ao olhar humano, agrupam-se à feição dos pombos, à cata de comida, formando assim os corpos que conhecemos”.

Começamos agora a penetrar a essência do microcosmo e, de alguma sorte, podemos simbolizar, por enquanto, no átomo entregue à nossa perquirição, um sistema solar em miniatura, no qual o núcleo desempenha a função de centro vital e os elétrons a de planetas em movimento gravitativo.

No plano da Vida Maior, vemos os sóis carregando os mundos na imensidade, em virtude da interação eletromagnética das forças universais.

Assim também na vida comum, a alma entra em ressonância com as correntes mentais em que respiram as almas que se lhe assemelham.

Assimilamos os pensamentos daqueles que pensam como pensamos.

É que sentindo, mentalizando, falando ou agindo, sintonizamo-nos com as emoções e idéias de todas as pessoas, encarnadas ou desencarnadas, da nossa faixa de simpatia.

Estamos invariavelmente atraindo ou repelindo recursos mentais que se agregam aos nossos, fortificando-nos para o bem ou para o mal, segundo a direção que escolhemos.

Em qualquer providência e em qualquer opinião, somos sempre a soma de muitos.

Expressamos milhares de criaturas e milhares de criaturas nos expressam.

O desejo é a alavanca de nosso sentimento, gerando a energia que consumimos,

segundo a nossa vontade.

Quando nos detemos nos defeitos e faltas dos outros, o espelho de nossa mente reflete-os, de imediato, como que absorvendo as imagens deprimentes de que se constituem, pondo-se nossa imaginação a digerir essa espécie de alimento, que mais tarde se incorpora aos tecidos sutis de nossa alma. Com o decurso do tempo, nossa alma, não raro, passa a exprimir, pelo seu veículo de manifestação, o que assimilara, fazendo-o seja pelo corpo carnal, entre os homens, seja pelo corpo espiritual de que nos servimos, depois da morte.

É por esta razão que geralmente os censores do procedimento alheio acabam praticando as mesmas ações que condenam no próximo, porquanto, interessados em descer às minúcias do mal, absorvem-lhe inconscientemente as emanações, surpreendendo-se, um dia, dominados pelas forças que o representam.

Toda a brecha de sombra em nossa personalidade retrata a sombra maior.

Qual o pequenino foco infeccioso que, abandonado a si mesmo, pode converter-se dentro de algumas horas no bolo pestífero de imensas proporções, a maledicência pode precipitar-nos no vício, tanto quanto a cólera sistemática nos arrasta, muita vez, aos labirintos da loucura ou às trevas do crime.

Pensando, conversando ou trabalhando, a força de nossas idéias, palavras e atos alcança, de momento, um potencial tantas vezes maior quantas sejam as pessoas encarnadas ou não que concordem conosco, potencial esse que tende a aumentar indefinidamente, impondo-nos, de retorno, as conseqüências de nossas próprias iniciativas.

Estejamos, assim, procurando incessantemente o bem, ajudando, aprendendo, servindo, desculpando e amando, porque, nessa atitude, refletiremos os cultivadores da luz, resolvendo, com segurança o nosso problema de companhia.

*

05

O ESPÍRITO E O TEMPO – J. HERCULANO PIRES OS ARQUÉTIPOS COLETIVOS

A transição do mediunismo coletivo — claramente representado nos oráculos e nos antigos mistérios egípcios, babilônicos ou gregos — para o mediunismo individual, mostra-nos a existência de grandes idealizações coletivas, que são uma espécie de sonhos da humanidade. Esses sonhos apresentam-se em todas as épocas, desde a fase tribal, e aprimoram-se com o desenvolvimento da civilização. Jung chamou-os, na sua teoria do inconsciente coletivo, de "arquétipos coletivos". Os cétricos e os materialistas servem-se desses arquétipos para negarem as grandes profecias religiosas e a própria existência da realidade espiritual. Vejamos como o Espiritismo encara esse problema.

Os arquétipos são, para Jung, os "complexos" da humanidade, produzidos por grandes traumas coletivos. Assim como os traumas infantis produzem os chamados complexos psicanalíticos, as condições coletivas por que passou a humanidade, em suas fases de desenvolvimento primitivo, teriam produzido os arquétipos. Como se vê, as analogias do organicismo spenceriano, tantas vezes ridicularizadas, encontram novas aplicações em nossos dias. Um desses arquétipos de Jung é a lenda do dilúvio universal encontrada nas mais diversas regiões do globo. O dilúvio bíblico de Noé tem o seu correspondente, por exemplo, no dilúvio assírio de Gilgamesch ou no dilúvio grego de Deucalião. E este último nos oferece a origem lendária dos oráculos gregos, que descendem, entretanto, dos oráculos de civilizações mais antigas.

Para o materialista, essas coincidências históricas desvalorizam por completo a tese

espiritualista, que se reduz a um rosário de lendas e de superstições mais ou menos racionalizadas pelos grupos sacerdotais, através dos tempos. Para o espírita, pelo contrário, essas coincidências revelam a autenticidade dos arquétipos, como grandes visões coletivas de realidades espirituais, que não puderam ser compreendidas na infância da humanidade. Assim como a criança, nas fases de descontrole emocional e insegurança da razão, elabora interpretações fantásticas de ocorrências reais, assim também procedeu a humanidade em suas fases primitivas. O fantástico das interpretações não nega a realidade dos fatos, a coincidência histórica serve para confirmar essa realidade.

Deucalião, o Noé grego, salvou-se numa barca, levando consigo sua esposa Pirra. Quando Zeus deliberou acabar com a espécie humana, em consequência da impiedade que avassalava a terra, Deucalião foi avisado e conseguiu escapar. Da mesma maneira que Noé, navegou sobre o dilúvio depois de nove dias aportou nas encostas do Parnaso, como aquele no monte Ararat. Deucalião e Pirra desceram da montanha para consultar um oráculo, que os aconselhou a cobrirem a cabeça e atirarem pedras para trás. A terra estava despovoada pelo dilúvio. As pedras que Deucalião atirou converteram-se em homens, e as de Pirra em mulheres. Assim, o mundo pôde ser novamente povoado. Depois, o casal teve um filho, Heleno, que deu origem à raça helênica, tão privilegiada quanto o seria a raça hebraica.

*

06

MEDIUNIDADE (VIDA E COMUNICAÇÃO) – J. HERCULANO PIRES
CAPÍTULO VIII
O VAMPIRISMO

A obsessão é uma infestação da alma, semelhante à infecção do corpo carnal, produzida por vírus e bactérias. A alma é o espírito enquanto encarnado. Morto o corpo, a alma se liberta e reassume a sua condição livre de espírito. Dessa maneira, no Espiritismo não existe a chamada *alma do outro mundo*. O espírito encarnado torna-se alma de um corpo. Dizia o Padre Vieira, nos seus sermões: "Quereis ver o que é a alma? Olhai um corpo sem alma". Tinha razão o grande pregador. Sai a alma do corpo e só temos o cadáver. Mas enquanto se acha no corpo, encarnada, a alma está sujeita à infestação produzida por espíritos inferiores. O Dr. Karl Wikland abriu em Nova York, há mais de trinta anos, uma clínica especial para obsessões. Sua esposa era médium e lhe servia ao mesmo tempo de enfermeira e pneumoscópio. Observava os clientes pela vidência e dava o diagnóstico ao marido. O Dr. Wikland publicou um livro curioso, intitulado *30 Anos entre os Mortos*, no qual relatou os casos surpreendentes da sua clínica. Todos sofriam de infestação, ou seja, de vários tipos de obsessão por espíritos.

Kardec classificou a obsessão em três categorias: obsessão simples, subjugação e fascinação. O primeiro tipo se caracteriza por perturbações mentais e alterações de comportamento, sem muita gravidade. O segundo, pelo domínio do corpo, produzindo-lhe os chamados tiques nervosos e sujeitando-o a atitudes ridículas em público. O terceiro consiste no domínio hipnótico de corpo e alma, através de um processo de fascinação que deforma a personalidade. É uma escala simples, como Kardec gostava de fazer para não complicar as coisas. O importante, para Kardec, não era dar nome aos fatos, mas encontrar o meio de resolvê-los.

Nos relatos publicados na *Revista Espírita* Kardec nos oferece uma visão assustadora dos processos obsessivos no seu tempo, há mais de um século. O Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, médico e senador do Império, e posteriormente o Dr. Inácio Ferreira, diretor clínico do Hospital Espírita de Uberaba publicaram importantes trabalhos sobre os processos obsessivos no Brasil. Essas obras, *A Loucura sob Novo Prisma*, de Bezerra, e

Novos Rumos à Medicina, de Inácio Ferreira. Infelizmente, o nosso meio médico-espírita não foi muito além disso. O crescimento assustador dos casos de obsessão fez surgir, só no Estado de São Paulo, mais de trinta Hospitais Psiquiátricos Espíritas, hoje reunidos numa Federação, e mais de vinte nos demais Estados. Mas ainda não temos uma Psiquiatria Espírita cientificamente estruturada. A massa das ocorrências obsessivas continua sobrecarregando os Centros e Grupos Espíritas, nos quais colaboram alguns médicos abnegados. A Medicina oficial se mostra hostil e aproveita-se dos organismos estatais para fazer pressão contra as práticas mediúnicas, chegando ao cúmulo de proibir trabalhos de desobsessão nos próprios hospitais espíritas. O desenvolvimento da Parapsicologia, que poderia contribuir para dar um pouco de clareza a esse quadro sombrio, foi tumultuado entre nós pela baderna sectária de padres gananciosos e ignorantes, que conseguiram desinteressar as áreas universitárias, temerosas de tratar do assunto. Um médico e intelectual paulista de renome chegou a publicar artigos contra a criação de hospitais espíritas, batendo na velha tecla reacionária da sua pianola de superstições. Afirmou, com toda a sua sapiência, que os espíritas fabricam loucos e depois, levados pela dor de consciência, fundam hospitais para loucos. Não podia compreender que os hospitais espíritas são frutos do abandono em que se encontra a imensa massa de obsedados, entregues à violenta terapêutica de tóxicos e choques elétricos. Na maioria absoluta estão entregues a si mesmos, no delírio ambulatório dos Centros Espíritas, sem recursos e perseguidos, e dos consultórios psiquiátricos materialistas.

*

07

OBSESSÃO. O PASSE. A DOCTRINAÇÃO – J. HERCULANO PIRES X - Tratamento médico

Deve também haver uma orientação médica, tendo ou não o profissional conhecimento da Doutrina. (De qualquer modo ele não poderá utilizar profissionalmente as armas que o Espiritismo pode lhe colocar nas mãos, pois o Código de Ética Médica o impede, com justa razão, no atual estado dos conhecimentos e dos determinantes culturais atuantes na maioria dos países. Os médicos que sejam espíritas não podem instituir um "tratamento espírita", mas obviamente podem, quando solicitados, calcados em suas convicções filosóficas, opinarem sobre a situação vivencial de amigos e pacientes).

Os que se propõem a orientar os obsediados no processo de sua libertação devem ter conhecimento da Doutrina solidamente estabelecido, em vivência e em conhecimento teórico, a fim de que os processos doutrinários não se percam em práticas que a pesquisa espírita demonstrou serem inúteis e, portanto desnecessárias, servindo apenas para dar ao tratamento racional, aspectos supersticiosos. Todo tratamento mediúnico deve ser gratuito, segundo a recomendação de Kardec, pois depende estritamente do auxílio espiritual. Os espíritos não cobram seus serviços e não gostam que cobrem por eles. Por isso deve ser realizado em instituições doutrinárias, a nosso ver com duas características:

Orientação externa: os que necessitam vêm periodicamente à instituição, recebem a orientação preconizada e participam das práticas que a Doutrina estabelece, até o seu reequilíbrio. (E obviamente a instruções);

Orientação interna: em instituições psiquiátricas mantidas por ou com participação de espíritas. Nestas, o tratamento médico cabível seria instituído como em qualquer hospital, e a orientação e as práticas que a Doutrina estabelece seriam iniciadas com o consentimento das famílias ou dos pacientes como uma praxe filosófico-religiosa independente da orientação médica (Note-se nem associada, nem paralela, INDEPENDENTE, para não ferir o Código de Ética Médica, como foi exposto acima), o

que não pode ser criticado, desde que assim seja feito, pois é questão de foro íntimo, onde ninguém deve interferir.

A pureza das intenções dos médiuns e coordenadores das reuniões desobsessivas é a única possível garantia da eficácia da orientação mediúnica. Como assinalava Kardec, o desprendimento dos interesses terrenos é a primeira condição do interesse dos Espíritos Superiores, pelo nosso esforço em favor do próximo.

*

08

O TESOURO DOS ESPÍRITAS – MIGUEL VIVES

O espírita na família

Se o Espírita deve ser prudente, virtuoso, tolerante, humilde, abnegado e caridoso, entre os seus irmãos de ideal e no seio da Humanidade, quanto mais o deve ser na família! Se são sagrados os deveres que temos de cumprir entre nossos irmãos e na Humanidade, muito mais o são os que temos de cumprir na família. Porque devemos considerar que, além dos vínculos que nesta existência nos unem com laços indissolúveis, temos sempre histórias passadas, que se enlaçam com a história presente.

Os que não são espíritas atribuem tudo à casualidade. Nós sabemos, porém, que não há efeito sem causa e que as contrariedades ou alegrias de hoje são a continuação de nossas vidas passadas. Por isso, o espírita deve ver na sua família um grupo que lhe foi dado em custódia, e para o qual tem muitos deveres a cumprir e muitos sacrifícios a fazer. Por isso, o esposo deve ser o apoio e o sustentáculo da esposa; deve amá-la, respeitá-la, protegê-la, aconselhá-la, orientá-la, e proporcionar-lhe, em todas as circunstâncias da vida, o que for necessário. Também a esposa deve obediência, amor, respeito e sinceridade para com o esposo, sendo este, para ela, sempre a primeira pessoa a quem deve confiar os seus segredos e todas as suas tendências, sem faltar jamais ao respeito e à obediência, que deve ao que Deus lhe deu como guia neste mundo de dor.

*

09

PARAPSIKOLOGIA HOJE E AMANHÃ – J. HERCULANO PIRES

V - Pcg - O domínio do tempo (Precognição)

Os hipnotizadores conhecem a técnica de regressão da memória, pela qual podem fazer um *sujet* voltar no tempo até a vida intrauterina. O fato de dizer-se regressão da memória provoca algumas confusões. Há pessoas que perguntam: Como lembrar a vida intrauterina? Mas a regressão produzida pela hipnose não é apenas da memória: é também vivencial. O *sujet* regressa às condições de sua vida nos anos anteriores apresentando sintomas físicos dos males que sofria. A memória não está apenas no consciente. Temos um porão da memória, do qual podemos tirar mais segredos do que pensava o sagaz Dr. Freud.

Prova disso foi o que fez o Cel. Albert De Rochas, diretor do Instituto Politécnico de Paris, dedicado experimentador do hipnotismo. Certa vez, depois de haver levado um paciente até a vivência intrauterina, resolveu mandá-lo para mais fundo no tempo. E o que aconteceu foi espantoso: o paciente se transformou numa personalidade diferente, que vivia na encarnação anterior! De Rochas não se atemorizou e fez centenas de experiências, conseguindo levar alguns *sujets* a três vidas passadas. Fez a comprovação de alguns casos possíveis e publicou um livro a respeito: *Les Vies Successives*.

(...)

Pcg ou precognição é o que se pode chamar um fenômeno atrevido que se infiltrou no trabalho dos experimentadores e obrigou-os a examiná-lo. Daí por diante muita coisa se modificou na Parapsicologia. Para começar, os conceitos vigentes sobre telepatia foram abalados. Mas, por outro lado, houve coisas agradáveis. O Prof. Soal, por exemplo,

que sempre teve de lutar muito para conseguir um pouco no terreno das pesquisas, havia concluído de maneira negativa o rigoroso exame de seus experimentos com 160 sujeitos, em que obtivera 128.350 respostas sem que pudesse ultrapassar a barreira do acaso. Um fracasso. Mas Carington o adverte quanto aos desvios e Soal resolve cuidar do problema, verificando que dois sensitivos, Mrs. Stewart e Mr. Shackleton, eram precognitivos.

*

10

INSTRUÇÕES PRÁTICAS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS - ALLAN KARDEC Manifestações aparentes

As manifestações aparentes mais comuns ocorrem durante o sono, através dos sonhos: são as visões. Os sonhos nunca foram explicados pela ciência. Ela supõe ter dito tudo atribuindo-os a um efeito da imaginação. Mas não nos diz o que é a imaginação, nem como ela produz essas imagens tão claras e tão nítidas, que nos aparecem às vezes. Isso, parece-nos, é querer explicar uma coisa que não é conhecida por outra que não o é mais. A questão persiste, pois, inteiramente.

O sonho é, diz-se, uma lembrança das preocupações da véspera. Entretanto, mesmo admitindo esta explicação, que não é uma explicação, restaria ainda saber no que consiste esse espelho mágico que conserva assim a impressão das coisas. Como explicar, sobretudo, essas visões de elementos reais, que nunca vimos no estado de vigília e nos quais nunca pensamos? Só o Espiritismo podia fornecer-nos a chave desse fenômeno extravagante, que passa desapercibido pela causa mesma de sua vulgaridade, como todas as maravilhas da natureza que calcamos aos pés. Não pode entrar em nosso programa examinar todas as particularidades que os sonhos apresentam. Resumimos dizendo que eles podem ser: uma visão atual, de coisas presentes ou ausentes; uma visão retrospectiva do passado; e, em alguns casos excepcionais, um pressentimento do futuro. São também, outras vezes, quadros alegóricos que os Espíritos fazem passar diante de nossos olhos para nos dar advertências úteis e conselhos salutares, se são bons Espíritos, ou para nos induzir ao erro e nos lisonjarem as paixões, se são Espíritos imperfeitos.

As pessoas que vemos em sonho são, pois, verdadeiras visões. Se sonhamos mais frequentemente com as que preocupam o nosso pensamento, é que este último é um veículo de evocação, e por ele chamamos a nós Espíritos dessas pessoas, quer estejam elas mortas, quer estejam vivas.

Pensamos que seria uma descortesia ao bom senso de nossos leitores refutar tudo quanto há de absurdo e de ridículo no que se denomina vulgarmente interpretação dos sonhos.

As aparições propriamente ditas se dão no estado de vigília e quando estamos desfrutando da plenitude e da inteira liberdade de nossas faculdades. É sem contradição o gênero de manifestação mais próprio para excitar a curiosidade, mas é também o menos fácil de ser obtido. Os Espíritos podem manifestar-se ostensivamente de diversas maneiras. Algumas vezes sob a forma de chamas ligeiras ou de clarões mais ou menos brilhantes, que nenhuma analogia têm, quer pelo aspecto, quer pelas circunstâncias em que se produzem, com os fogos fátuos e outros fenômenos físicos, cuja causa está perfeitamente demonstrada. Outras vezes tomam os traços de uma pessoa conhecida, ou desconhecida, sobre cuja individualidade podemos nos iludir, conforme as idéias de que estivermos imbuídos. Constituem-se então em imagens vaporosas, etéreas, que não encontram obstáculo algum nos corpos sólidos. Os fatos desse gênero são numerosos. Antes, porém, de atribuí-los à imaginação ou à superstição, é preciso levar em conta as

circunstâncias em que se produziram, a posição e, sobretudo, o caráter do narrador.

Em certos casos a aparição se torna tangível, isto é, adquire momentaneamente, sob o império de certas circunstâncias, as propriedades da matéria sólida. Não é mais então pelos olhos que se verifica a realidade delas, mas pelo tato. Se se podia atribuir à ilusão ou a uma espécie de fascinação a aparição simplesmente visual, a dúvida não é permitida quando se pode tocá-la, pegá-la, apalpá-la, quando ela mesma vos pega e vos aperta.

*

11 - O LIVRO DOS MÉDIUNS – ALLAN KARDEC AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A MATÉRIA

54. Numerosas observações e fatos irrecusáveis, de que trataremos mais tarde, demonstraram a existência no homem de três componentes: 1º) a alma ou Espírito, princípio inteligente em que se encontra o senso moral; 2º) o corpo, invólucro material e grosseiro de que é revestido temporariamente para o cumprimento de alguns desígnios providenciais; 3º) o perispírito, invólucro fluídico, semi-material, que serve de liame entre a alma e o corpo.

A morte é a destruição, ou melhor, a desagregação do envoltório grosseiro que a alma abandona. O outro envoltório desprende-se e vai com a alma, que dessa maneira tem sempre um instrumento. Este último, embora fluídico, etéreo, vaporoso, invisível, para nós em seu estado normal, é também material, apesar de não termos, até o presente, podido captá-lo e submetê-lo à análise.

Este segundo envoltório da alma ou *perispírito* existe, portanto, na própria vida corpórea. É o intermediário de todas as sensações que o Espírito percebe, e através do qual o Espírito transmite a sua vontade ao exterior, agindo sobre os órgãos do corpo. Para nos servirmos de uma comparação material, é o fio elétrico condutor que serve para a recepção e a transmissão do pensamento. É, enfim, esse agente misterioso, inapreensível, chamado fluido nervoso, que desempenha tão importante papel na economia orgânica e que ainda não se considera suficientemente nos fenômenos fisiológicos e patológicos. A Medicina, considerando apenas o elemento material ponderável, priva-se do conhecimento de uma causa permanente de ação, na apreciação dos fatos. Mas não é aqui o lugar de examinar essa questão; lembraremos somente que o conhecimento do *perispírito* é a chave de uma infinidade de problemas até agora inexplicáveis. (O desenvolvimento da Psicoterapêutica, e mais recentemente da Medicina psicossomática, confirmam o acerto de Kardec nesta observação. Nota de J. Herculano Pires, o tradutor)

*

12

ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE - FEB (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA) - PROGRAMA I.pdf PERISPÍRITO

Entre as diferentes propriedades do perispírito, destacamos aquelas mais diretamente envolvidas na manifestação mediúnica dos Espíritos. As aparições e materializações, por exemplo, inclusive as que revelam detalhes (vestimenta, expressões fisionômicas, acessórios, etc.) revelam a capacidade *plástica* ou de *maleabilidade* do perispírito, visto que “[...] a matéria sutil do perispírito não possui a tenacidade, nem a rigidez da matéria compacta do corpo; ela é, se assim nos podemos exprimir, flexível e expansível [...]; modela-se à vontade do Espírito, que pode lhe dar a aparência que bem entender [...].” Livre desse obstáculo que o comprimia, o perispírito se dilata ou contrai, se transforma; numa palavra, presta-se a todas as metamorfoses, de acordo com a vontade que atua sobre ele. É graças a essa propriedade

do seu envoltório fluídico que o Espírito pode fazer-se reconhecer, quando necessário, tomando a aparência exata que tinha quando vivo [encarnado], até mesmo com os defeitos corpóreos que possam servir de sinais para o reconhecerem. A *densidade* é propriedade que revela não só o peso específico do Espírito como a sua luminosidade espiritual. Os Espíritos mais adiantados se elevam facilmente na atmosfera, pelo processo de volitação e se apresentam envolvidos em uma aura de luminosidade natural, decorrente do hábito de pensar e agir de forma superior. O oposto ocorre com os Espíritos pouco evoluídos. A *penetrabilidade* é a propriedade que permite aos Espíritos atravessar barreiras materiais. A *sensibilidade* confere aos Espíritos sensações e emoções, que são muito mais profundas entre os desencarnados porque, nestes, são percebidas por todo o corpo perispiritual. Esta propriedade é facilmente percebida durante as manifestações mediúnicas pela psicofonia e pela psicografia. Em síntese: O fluido perispirítico constitui, pois, o traço de união entre o Espírito e a matéria. Durante sua união com o corpo, serve de veículo ao pensamento do Espírito, para transmitir o movimento às diversas partes do organismo, as quais atuam sob a impulsão da sua vontade e para fazer que repercutam no Espírito as sensações produzidas pelos agentes exteriores. Tem por fios condutores os nervos, como no telégrafo o fluido elétrico tem por condutor o fio metálico. Nas comunicações mediúnicas percebe-se perfeitamente essa ação intermediária exercida pelo perispírito entre o Espírito e o corpo, que atua como “[...] órgão de transmissão de todas as sensações”. [...] Em relação às que vêm do exterior, pode-se dizer que o corpo recebe a impressão; o perispírito a transmite, e o Espírito, que é o ser sensível e inteligente, a recebe. Quando o ato é de iniciativa do Espírito, pode-se dizer que o Espírito quer, o perispírito transmite e o corpo executa. A propriedade de *irradiação* ou *expansibilidade* do perispírito favorece a comunicação entre os desencarnados e encarnados, uma vez que o [...] perispírito não se acha encerrado nos limites do corpo, como numa caixa. Pela sua natureza fluídica ele é expansível, irradia para o exterior e forma, em torno do corpo, uma espécie de atmosfera que o pensamento e a força de vontade podem dilatar mais ou menos. Daí se segue que pessoas que não estejam corporalmente em contato podem achar-se em contato pelos seus perispíritos e permutar, à revelia delas, certas impressões e, algumas vezes, pensamentos, por meio da intuição. Um ponto de fundamental importância diz respeito à vitalidade presente no corpo físico e no perispírito dos seres vivos, que é fornecida e alimentada por um elemento abundante na natureza: *Fluido ou Princípio Vital*. Há “[...] na matéria orgânica um princípio especial, inapreensível, e que ainda não pode ser definido: o *princípio vital*. Ativo no ser vivo, esse princípio se acha *extinto* no ser morto [...]”⁷⁷ (grifo no original). A atividade do princípio vital mantém o funcionamento dos órgãos, tecidos, células e demais estruturas orgânicas “[...] do mesmo modo que o calor, pelo movimento de rotação de uma roda”. Cessada aquela ação, por motivo da morte, o princípio vital se *extingue*, como o calor, quando a roda deixa de girar.

*

13 - ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE – FEB (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA) - PROGRAMA II.pdf

Fase da manifestação dos Espíritos

É o momento da manifestação dos Espíritos e o diálogo que com eles se realiza. Por ser a fase mais importante da reunião, são canalizados todos os esforços da equipe espiritual e a do plano físico para o seu êxito. O tempo destinado a todas as comunicações deve ficar em torno de sessenta minutos, repetimos. É importante observar também:

a) Os médiuns psicofônicos devem alternar as comunicações mediúnicas entre si, evitando monopolizações. De uma maneira geral, devem limitar em duas o número de comunicações psicofônicas de Espíritos sofredores.

b) Controlar o tom da voz nas comunicações psicofônicas, não falando excessivamente alto ou baixo.

c) Os médiuns esclarecedores devem evitar diálogos longos ou muito rápidos.

d) Evitar evocações diretas dos Espíritos, optando pela sua manifestação espontânea. «Frequentemente, as evocações oferecem mais dificuldades aos médiuns do que os ditados espontâneos [...]» 1 Sendo assim, a prática mediúnica deve primar pela espontaneidade, evitando-se a evocação de entidades espirituais. Cabe à direção espiritual a seleção de desencarnados que deverão manifestar-se na reunião.

e) Essa fase pode ser iniciada e encerrada pela manifestação espontânea de um benfeitor espiritual. Percebemos, entretanto, que nas reuniões de desobsessão, sobretudo nas em que o trabalho se reveste de certa complexidade, é comum a transmissão de mensagem psicofônica de um orientador espiritual, logo no início da prática mediúnica, que esclarece a respeito do trabalho em questão.

Essa medida é necessária, porquanto existem situações e problemas, estritamente relacionados com a ordem doutrinária do serviço, apenas visíveis a ele, e o amigo espiritual, na condição de condutor do agrupamento, perante a Vida Maior, precisará dirigir-se ao conjunto, lembrando minudências e respondendo a alguma consulta ocasional que o dirigente lhe queira fazer, transmitindo algum aviso ou propondo determinadas medidas.

(...)

A prece final é semelhante à que foi realizada no início, «[...] proferida pelo dirigente da reunião, obedecerá à concisão e à simplicidade. » É, porém, oportunidade para agradecer o aprendizado e o convívio fraterno. «Terminada a prece final, o diretor, com uma frase breve, dará a reunião por encerrada e fará no recinto a luz plena. Vale esclarecer que a reunião pode terminar, antes do prazo de duas horas, a contar da prece inicial, evitando-se exceder esse limite de tempo. »

*

14

VISÃO ESPÍRITA DA BÍBLIA – J. HERCULANO PIRES 10-MOISÉS PROIBIU PRECISAMENTE O QUE O ESPIRITISMO PROÍBE

A condenação do Espiritismo pela Bíblia, que é a mais citada e repetida, figura no Cap. 19 do Deuteronômio. É a condenação de Moisés, que vai do versículo 9 ao 14. A tradução, como sempre, varia de um tradutor para outro, e às vezes nas diversas edições da mesma tradução. Moisés proíbe os judeus, quando se estabeleceram em Canaã, de praticar estas abominações: fazer os filhos passarem pelo fogo; entregar-se à adivinhação, prognosticar, agourar ou fazer feitiçaria; fazer encantamento, necromancia, magia, ou consultar os mortos. E Moisés acrescenta, no versículo 14: "Porque essas nações, que há de possuir, ouvem os prognosticadores e os adivinhadores, porém a ti o Senhor teu Deus não permitiu tal coisa". Assim está na tradução de Almeida, mas variando de forma, por exemplo, na edição das Sociedades Bíblicas Unidas e na edição mais recente da Sociedade Bíblica do Brasil.

Na primeira dessas edições (ambas da mesma tradução de João Ferreira de Almeida) lê-se, por exemplo: "quem pergunte a um espírito adivinhante", e na segunda: "quem consulte os mortos". Na tradução de António Pereira de Figueiredo, lê-se: "nem

quem indague dos mortos a verdade". Qual delas estará mais de acordo com o texto? Seja qual for, pouco importa, pois a verdade dita pelos mortos ou pelos vivos (estes, mortos na carne) é que tudo isso que Moisés condena, também o Espiritismo condena. Não esqueçamos, porém, de que a condenação de Moisés era circunstancial, pois os povos de Canaã, que os judeus iam conquistar a fio de espada, eram os que praticavam essas coisas. Mas a condenação do Espiritismo é permanente e geral, pois o Espiritismo, sendo essencialmente cristão, não se interessa por conquistas guerreiras e não faz divisão entre os povos.

Kardec adverte em O Evangelho Segundo o Espiritismo, livro de estudo das partes morais do Evangelho: "Não soliciteis milagres nem prodígios ao Espiritismo, porque ele declara formalmente que não os produz". (Cap. XXI: 7). Em O Livro dos Médiuns, Kardec adverte: "Julgar o Espiritismo pelo que ele não admite, é dar prova de ignorância e desvalorizar a própria opinião". (Cap. 11:14). Em A Gênese e em O Livro dos Espíritos, como nos já citados, Kardec esclarece que a finalidade da prática espírita é moralizar os homens e os povos. Quem conhece o Espiritismo sabe que todo interesse pessoal, particular, é rigorosamente condenado. Adivinhações, agouros, feitiçaria, encantamentos, consultar interesseiras, são práticas de magia antiga, que Moisés condenou, como o Espiritismo condena hoje. Mas o próprio Moisés aprovou a mediunidade moralizadora, a prática espiritual da relação com o mundo invisível, como veremos.

*

15**PRÁTICA MEDIÚNICA**

*

FINAL DA AULA

*

10ª AULA – 07 DE SETEMBRO DE 2.016

01

**O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – ALLAN KARDEC
MUNDOS REGENERADORES**

• Santo Agostinho • Paris, 1862

16. Entre essas estrelas que cintilam na abóbada azulada, quantas delas são mundos, como o vosso, designados pelo Senhor para expiação e provas! Mas há também entre elas mundos mais infelizes e melhores, como há mundos transitórios, que podemos chamar de regeneradores. Cada turbilhão planetário, girando no espaço em torno de um centro comum, arrasta consigo mundos primitivos, de provas, de regeneração e de felicidade. Já ouvistes falar desses mundos em que a alma nascente é colocada, ainda ignorante do bem e do mal, para que possa marchar em direção a Deus, senhora de si mesma, na posse do seu livre-arbítrio. Já ouvistes falar das amplas faculdades de que a alma foi dotada, para praticar o bem. Mas ai! Existem as que sucumbem! Então Deus, que não quer aniquilá-las, permite-lhes ir a esses mundos em que, de encarnações em encarnações, podem fazer-se novamente dignas da glória a que foram destinadas.

*

02

SEARA DOS MÉDIUNS – EMMANUEL

Força mediúnica

*Reunião pública de 26/2/60
Questão nº 226 - Parágrafo 2º*

Considerando-se a força mediúnica como recurso inerente à personalidade humana, de vez que, dentro de grau menor ou maior, transparece de todas as criaturas, comparemo-la à visão comum.

Efetuada o confronto, reconheceremos que, em essência, os olhos de um analfabeto, de um preguiçoso, de um malfeitor e de um missionário do bem não exibem qualquer diferença na histologia da retina.

Em todos eles, a mesma estrutura e a mesma destinação.

Imaginemos fosse concedida, aos quatro, determinada máquina com vistas à produção de certos benefícios, acompanhada da respectiva carta de Instruções para o necessário aproveitamento.

O analfabeto teria, de balde, o aparelho, por desconhecer como deletrear o processo de utilização.

O preguiçoso conheceria o engenho, mas deixá-lo-ia na poeira da inércia.

O malfeitor aproveitá-lo-ia para explorar os semelhantes ou perpetrar algum crime.

O missionário do bem, contudo, guardá-lo-ia sob a sua responsabilidade, orientando-lhe o funcionamento na utilidade geral.

*

Força medianímica, desse modo, quanto acontece à capacidade visual, é dom que a vida outorga a todos.

O que difere, em cada pessoa, é o problema de rumo.

Nisso reside a razão pela qual os Mensageiros Divinos Insistirão, ainda por muito tempo, pela sublimação das energias psíquicas, a fim de que os frutos do bem se multipliquem por toda a Terra.

Não valem médiuns que apenas produzam fenômenos.

Não valem fenômenos que apenas estabeleçam convicções.

Não valem convicções que criem apenas palavras.

Não valem palavras que apenas articulem pensamentos vazios.

A vida e o tempo exigem trabalho e melhoria, progresso e aprimoramento.

Mediunidade, assim, tanto quanto a visão física, representa, do ponto de vista moral, força neutra em si própria.

A importância e a significação que possa adquirir dependem da orientação que se lhe dê.

Por isso mesmo, os amigos desencarnados, sempre que responsáveis e conscientes dos próprios deveres diante das Leis Divinas, estarão entre os homens exortando-os à bondade e ao serviço, ao estudo e ao discernimento, porquanto a força mediúmica, em verdade, não ajuda e nem edifica quando esteja distante da caridade e ausente da educação.

*

03

A CAMINHO DA LUZ – EMMANUEL

III

As raças adâmicas

O SISTEMA DE CAPELA

Nos mapas zodiacais, que os astrônomos terrestres compulsam em seus estudos, observa-se desenhada uma grande estrela na Constelação do Cocheiro, que recebeu, na Terra, o nome de Cabra ou Capela. Magnífico sol entre os astros que nos são mais vizinhos, ela, na sua trajetória pelo Infinito, faz-se acompanhar, igualmente, da sua família de mundos, cantando as glórias divinas do Ilimitado. A sua luz gasta cerca de 42 anos para chegar à face da Terra, considerando-se, desse modo, a regular distância existente entre a Capela e o nosso planeta, já que a luz percorre o espaço com a velocidade aproximada de 300.000 quilômetros por segundo.

Quase todos os mundos que lhe são dependentes já se purificaram física e moralmente, examinadas as condições de atraso moral da Terra, onde o homem se reconforta com as vísceras dos seus irmãos inferiores, como nas eras pré-históricas de sua existência, marcham uns contra os outros ao som de hinos guerreiros, desconhecendo os mais comezinhos princípios de fraternidade e pouco realizando em favor da extinção do egoísmo, da vaidade, do seu infeliz orgulho.

UM MUNDO EM TRANSIÇÕES

Há muitos milênios, um dos orbes da Capela, que guarda muitas afinidades com o globo terrestre, atingira a culminância de um dos seus extraordinários ciclos evolutivos.

As lutas finais de um longo aperfeiçoamento estavam delineadas, como ora acontece convosco, relativamente às transições esperadas no século XX, neste crepúsculo de civilização.

Alguns milhões de Espíritos rebeldes lá existiam, no caminho da evolução geral, dificultando a consolidação das penosas conquistas daqueles povos cheios de piedade e virtudes, mas uma ação de saneamento geral os alijaria daquela humanidade, que fizera jus à concórdia perpétua, para a edificação dos seus elevados trabalhos

As grandes comunidades espirituais, diretoras do Cosmos, deliberam, então, localizar aquelas entidades, que se tornaram pertinazes no crime, aqui na Terra longínqua, onde aprenderiam a realizar, na dor e nos trabalhos penosos do seu ambiente, as grandes conquistas do coração e impulsionando, simultaneamente, o progresso dos seus irmãos inferiores.

*

04

PENSAMENTO E VIDA – EMMANUEL**Sugestão**

Comenta-se o fenômeno da sugestão mental, qual se fora privativo de gabinetes magnéticos específicos, mobilizando-se hipnotizadores e hipnotizados, à conta de taumaturgos.

Grasset, o eminente neurologista da escola de Montpellier, chega a classificar as sugestões em duas categorias: – as intra-hipnóticas, que se efetuam no curso do sono provocado, e as pós-hipnóticas, que se realizam além do despertar.

Entretanto, a sugestão é acontecimento de toda hora, na vida de todos os seres, com base na reflexão mental permanente.

Dela se apropriou com mais empenho a magia, que, significando o governo das forças ocultas, tem sido, antes de tudo, o clima de todas as cerimônias religiosas na Terra, cerimônias essas em que se conjugam as forças de poderosas mentes encarnadas e desencarnadas, gerando sucessos que impressionam a mente popular, disciplinando lhe os impulsos.

Força mental pura e simples, carreando a idéia por imagem viva, a sugestão, como a eletricidade, o explosivo, o vapor e a desintegração atômica, não é boa nem má, dependendo os seus efeitos da aplicação que se lhe confere. Temo-la, assim, não apenas no altar da oração e nos símbolos sagrados do serviço religioso, aconselhando a virtude e o progresso ao coração do povo, mas também nos espetáculos deprimentes dos ritos bárbaros e na demagogia de arrastamento, ressumando o psiquismo inferior que inspira a licenciosidade e a rebelião. Nossas emoções, pensamentos e atos são elementos dinâmicos de indução.

Todos exteriorizamos a energia mental, configurando as formas sutis com que influenciemos o próximo, e todos somos afetados por essas mesmas formas, nascidas nos cérebros alheios.

Cada atitude de nossa existência polariza forças naqueles que se nos afinam com o modo de ser, impelindo-os à imitação consciente ou inconsciente.

É que o princípio de repercussão nos comanda a atividade em todos os passos da vida.

A escola é um lar de iniciação para as almas que começam as lides do burilamento intelectual, constituindo, simultaneamente, um centro de reflexos condicionados para milhões de espíritos que reencarnam para readquirir pelo alfabeto o trabalho das próprias conquistas na esfera da inteligência.

Com o auxílio dos múltiplos instrutores que nos guiam da cátedra e da tribuna, pelo livro e pela imprensa, retomamos no mundo a nossa realidade psíquica, determinada pela soma de nossas aquisições emocionais e culturais no passado, com a possibilidade de mais ampla educação da vontade para o devido ajustamento à Vida Superior.

Somos hoje, deste modo, herdeiros positivos dos reflexos de nossas experiências de ontem, com recursos de alterar-lhes a direção para a verdadeira felicidade.

Auxiliando a outrem, sugerimos o auxílio em nosso favor. Suportando com humildade as vicissitudes da senda regenerativa, instilamos paciência e solidariedade, para conosco, em todos aqueles que nos rodeiam.

Ajudando, ajudamo-nos.

Desservindo, desservimo-nos.

Por intermédio da sugestão espontânea, plantamos os reflexos de nossa individualidade, colhendo-lhes os efeitos nas individualidades alheias, como semeamos e obtemos no mundo o cânhamo e o trigo, a cenoura e a batata.

Somos, assim, responsáveis pela nossa ligação com as forças construtivas do bem ou com as forças perturbadoras do mal.

*

05

O ESPÍRITO E O TEMPO – J. HERCULANO PIRES**CAPÍTULO IV - HORIZONTE PROFÉTICO: MEDIUNISMO BÍBLICO**

1. SUPERAÇÃO DO GREGARISMO — O gregarismo primitivo permanece, como vimos, até o horizonte agrícola, passando ao horizonte civilizado, ainda bastante vigoroso. Mas neste último já se verifica a ruptura da homogeneidade gregária, com o aparecimento do individualismo. Os homens tomam consciência de si mesmos, de sua potencialidade individual, e vão aos poucos rompendo as malhas do rebanho. O exemplo e o ensino dos mais adiantados estimulam os que vêm na retaguarda, e a fascinação do domínio próprio, o prazer e a novidade do controle autônomo, encorajam os que se iniciam na individualização.

O horizonte profético, que assinala o avanço da humanidade além do horizonte civilizado, é o mundo da individualização. Assim como a criança, ao tomar consciência de si mesma, após a primeira infância, mostra-se encantada com a possibilidade de se dirigir sozinha e fazer o que quer, assim também o homem-gregário, resultante natural da evolução do homem-tribal, encanta-se com as possibilidades da individualização. Nada mais justo, portanto, que os excessos e abusos que caracterizam o indivíduo greco-romano e o profeta hebraico. Eles manejam um instrumento novo, uma nova máquina, e se embriagam na liberdade recém-adquirida.

Liberdade é bem o termo, pois a individualização representa a libertação do rebanho. O homem que se individualiza aprende a pensar por si mesmo, a escolher, a julgar, não se submetendo mais aos moldes coletivos. Ao mesmo tempo, liberta-se dos instintos, da força absorvente das necessidades da espécie, que o escravizaram no gregarismo. A capacidade de abstração mental libertou-o do concreto, da sujeição à matéria. A capacidade de formulação de juízos éticos, jurídicos e religiosos, transformou-o em juiz da tradição, do meio social e de si mesmo. O poder de racionalização o erigiu em senhor da sociedade e da natureza. Nada mais justo que ele agora se imponha ao mundo, em vez de submeter-se às contingências e às circunstâncias. Descobrimo o seu próprio poder, e conquistando a habilidade de manobrá-lo a seu talante, o homem civilizado eleva-se ao plano do profetismo. Já não é apenas uma ovelha do rebanho humano. É alguém que ergueu a sua cabeça sobre a turba e viu-se capaz de julgá-la.

Essa nova condição explica o aparecimento, no mundo que se estende, mais ou menos, do século nono ao terceiro, antes de Cristo, das grandes individualidades de sábios, místicos, poetas e profetas, numa vasta área de grande desenvolvimento da civilização. Murphy entende que essa área abrange o chamado Fértil Crescente, que vai da Grécia e o Egito, passando pela Palestina e a Mesopotâmia, até a Índia e a China. Nos limites de tempo e espaço assim configurados, vemos brilharem a filosofia grega, o profetismo hebraico, o misticismo hindu e o moralismo chinês. Atrás deles, como pano de fundo, estão o patriarcalismo mesopotâmico, o sacerdotismo egípcio e o magismo persa.

*

06

MEDIUNIDADE (VIDA E COMUNICAÇÃO) – J. HERCULANO PIRES**CAPÍTULO VIII - O VAMPIRISMO**

Nesse panorama desolador proliferam os terreiros do sincretismo com suas defumações à pólvora, seus exorcismos leigos e sua terapêutica de herbanários, apoiada nos ritos selvagens do sangue de galinhas pretas e gatos pretos. Pelo menos em defesa desses animais inocentes, é necessário que o nosso meio espírita reaja, pondo um pouco de lado os inócuos processos de uma *reforma íntima* artificial e ilusória, para lutar contra

a falta absoluta de assistência terapêutica adequada aos casos de obsessão. O que vai por aí de clínicas parapsicológicas papa notas ameaça-nos de um dilúvio de charlatanice. São os espíritos, que conhecem de perto essa situação e as suas ameaças, os que devem esquecer um pouco os seus piedosos anseios de santificação individual, para lutar corajosamente em favor dos obsessados diariamente lançados às feras.

No capítulo trágico da obsessão em massa temos o tópico especial do vampirismo. Desde a mais alta Antiguidade os casos de obsessão e loucura foram conhecidos e tratados a pancadas para expulsão dos demônios causadores. Na Idade Média, como disse Conan Doyle, houve uma invasão de bárbaros, que os clérigos combatiam com afogamento das vítimas nos rios e lagos e a queima dos hereges vivos em praça pública, sobre montes de lenha a que se ateava o fogo da purificação. Nos conventos e mosteiros houve a infestação dos súcubos e incubos, demônios libertinos que se apossavam das vítimas, homens e mulheres, para relações sexuais delirantes. A eclosão da Renascença, após o milênio de torturas e matanças, aliviou o planeta com a renovação da cultura mítico-erótica, em que as flores roxas da mandrágora atraíam os vampiros do sexo condenado. Em nossos dias assistimos a um explodir de recalques e frustrações nas águas sujas da pornografia e da criminalidade erótica. Voltam os vampiros, em bandos famintos, ansiosos pelo sangue das novas vítimas. No meio espírita surgem livros mediúnicos de advertência, como *Sexo e Destino*, na psicografia de Chico Xavier, e livros de elaboração humana, mas baseados em experiências mediúnicas, como *Sexo Depois da Morte*, do Dr. Ranieri. São revelações chocantes, mas necessárias, de um aspecto aterrador do problema mediúnico. Não atestam contra a Mediunidade, mas tentam despertar os incautos quanto aos perigos do mediunismo selvagem. São muitos os casos de sexualidade mórbida, exasperada pela atividade dos vampiros. Esta denominação é dada aos espíritos inferiores que se deixaram arrastar nos delírios da sensualidade e continuam nessa situação após a morte. A Psiquiatria materialista, impotente diante da enxurrada, incapaz de perceber a ação parasitária dos vampiros, desiste da cura dos desequilíbrios sexuais e cai vergonhosamente na aceitação desses casos como normais, estimulando as vítimas no desgaste desesperado de suas energias vitais, em favor do vampirismo. Não obstante, mesmo ignorando as causas profundas do fenômeno ameaçador, poderia ela contribuir para o socorro a essas criaturas, através de teorias equilibradas sobre os desvios sexuais. Ao invés de dar-lhes a falsa cidadania da normalidade, podiam os psiquiatras da libertinagem recorrer às teorias da dignidade humana, que se não são espirituais, pelo menos defendem os direitos do espírito. Mas preferem deixar-se envolver, que é mais fácil e mais rendoso, tornando-se os camelôs ilustres da homossexualidade, os protetores e incentivadores pseudocientíficos da depravação.

*

07

OBSESSÃO. O PASSE. A DOUTRINAÇÃO – J. HERCULANO PIRES

I - O Passe

Suas origens, aplicações e efeitos.

O passe espírita é simplesmente a imposição das mãos, usada e ensinada por Jesus como se vê nos Evangelhos. Origina-se das práticas de cura do Cristianismo Primitivo. Sua fonte humana e divina são as mãos de Jesus. Mas há um passado histórico que não podemos esquecer. Desde as origens da vida humana na terra encontramos os ritos de aplicação dos passes, não raro acompanhados de rituais, como sopro, a fricção das mãos, a aplicação de saliva e até mesmo (resíduo do rito do barro), a mistura de saliva e terra para aplicação no doente. No próprio Evangelho vemos a descrição da cura de um cego por Jesus usando essa mistura. Mas Jesus agiu sempre, em seus atos e em suas práticas, de maneira que essas descrições, feitas entre quarenta e oitenta anos após a sua morte,

podem ser apenas influência de costumes religiosos da época. Todo o seu ensino visava afastar os homens das superstições vigentes no tempo. Essas incoerências históricas, como advertiu Kardec, não podem provir dele, mas dos evangelistas. Caso, contrário, Jesus teria procedido de maneira incoerente no tocante aos seus ensinamentos e seus exemplos, o que seria absurdo.

O passe espírita não comporta as encenações e gesticulações em que hoje envolveram alguns teóricos improvisados, geralmente ligados a antigas correntes espiritualistas de origem mágica ou feiticista. Todo o poder e toda a eficácia do passe espírita dependem do espírito e não da matéria, da assistência espiritual do médium passista e não dele mesmo. Os passes padronizados e classificados derivam de teorias e práticas mesméricas, magnéticas e realmente elevados não aprovam nem ensinam essas coisas, mas à prece e a imposição das mãos. Toda a beleza espiritual do passe espírita, que provém da fé racional no poder espiritual, desaparece ante as ginásticas pretensivas e ridículas gesticulações.

As encenações preparatórias: mãos erguidas ao alto e abertas, para suposta captação de fluidos pelo passista, mãos abertas sobre os joelhos, pelo paciente, para melhor assimilação fluídica, braços e pernas descruzados para não impedir a livre passagem dos fluidos, e assim por diante, só serve para ridicularizar o passe, o passista e o paciente. A formação das chamadas pilhas mediúnicas, com o ajuntamento de médiuns em torno do paciente, as correntes de mãos dadas ou de dedos se tocando sobre a mesa condenadas por Kardec nada mais são do que resíduos do mesmerismo do século passado, inúteis, supersticiosos e ridicularizantes.

Todas essas tolices decorrem essencialmente do apego humano às formas de atividades materiais. Julgamo-nos capazes de fazer o que não nos cabe fazer. Queremos dirigir, orientar os fluidos espirituais como se fossem correntes elétricas e manipulá-los como se a sua aplicação dependesse de nós. O passista espírita consciente, conhecedor da doutrina e suficientemente humilde para compreender que ele pouco sabe a respeito dos fluidos espirituais - e o que pensa saber é simples pretensão orgulhosa limita-se à função mediúnica de intermediário. Se pede a assistência dos Espíritos, com que direito se coloca depois no lugar deles? Muitas vezes os Espíritos recomendam que não se façam movimentos com as mãos e os braços para não atrapalhar os passes. Ou confiamos na ação dos Espíritos ou não confiamos e neste caso é melhor não os incomodarmos com os nossos pedidos.

O passe espírita é prece, concentração e doação. Quem reconhece que não pode dar de si mesmo, suplica a doação dos Espíritos. São eles que socorrem aqueles por quem pedimos, não nós, que em tudo dependemos da assistência espiritual.

*

08

O TESOURO DOS ESPÍRITAS – MIGUEL VIVES

VI - O espírita perante si mesmo

Todo homem é demasiado indulgente para consigo mesmo. Sempre encontra meios para justificar a sua conduta, ainda que esta não seja suficientemente correta. Procura sempre desculpar os seus defeitos e atenuar as suas faltas. Tanto assim é, que ouvimos amiúde, daqueles a quem falamos de Espiritismo: “Eu não creio em nada, apenas acompanho a maioria; mas, no tocante à outra vida, acho que o melhor é fazer todo o bem possível. Assim, se houver alguma coisa depois desta vida, nada de mal poderá acontecer-me.” Esses homens entendem que praticam o bem sendo bons pais, não fazendo nenhum mal, nem em sua casa nem fora dela, pagando todas as suas dívidas, cumprindo seus compromissos e dando algumas esmolas quando lhes apraz. Acreditam que assim cumprem o seu dever e estão preparados para quando forem chamados a juízo. Mas como

estão enganados! A sociedade procede mal, e o que às vezes para ela é comum constitui falta grave perante a lei divina. Não basta evitar o mal. É necessário fazer o bem, muito bem. E como o homem sabe se está fazendo o mal ou o bem, se não segue a lei divina, mas observa apenas a lei humana?

Ainda que cumpra os seus deveres sociais, onde estará a prática do *amarás ao próximo como a ti mesmo*? E do *pagarás o mal com o bem; se te ferem numa face voltarás a outra; bendirás aos que te caluniam*? As leis humanas não abrangem as faltas que não figuram no código penal, mas as leis divinas alcançam a todas as faltas que se relacionam com a consciência. Por isso, os que pensam como acima estão equivocados. Pois se vivem em paz, segundo a lei humana, estão em falta com a lei divina, e quando chegar a sua hora sofrerão as conseqüências desse erro. Por outro lado, enquanto continuarem pensando e agindo dessa maneira, a sociedade não se reformará, e todos continuarão sendo vítimas do próprio egoísmo e da falsa interpretação da lei, que inevitavelmente dará a cada um segundo as suas obras.

Nós, os espíritas, não devemos proceder assim. Todo espírita deverá ser muito severo consigo mesmo. Nunca, em seu íntimo, deve desculpar-se uma falta, nunca deve procurar atenuantes para justificar a sua conduta, quando esta deixa o que desejar. Deve ser sempre o primeiro e o mais severo juiz de si mesmo. Não pode olvidar que está neste mundo e tem de sofrer e lutar por causa do seu atraso, das suas imperfeições e das suas deficiências, e que urge libertar-se de tudo o que seja contrário ao amor, à virtude, à caridade, à justiça. Pois, do contrário, em vão procurará a paz e nunca poderá honrar a doutrina que professa, nem será digno de chamar-se espírita.

*

09

PARAPSIKOLOGIA HOJE E AMANHÃ – J. HERCULANO PIRES

V - Pcg - O domínio do tempo (*precognição e retrocognição*)

(...)

O primeiro não pôde trabalhar com Soal, mas o segundo se colocou à sua disposição. As experiências se realizaram durante a guerra de 39-45. Um bom período para se cuidar do futuro, principalmente em Londres. Per sinal que Shackleton não era apenas precognitivo mas também retrocognitivo. Nos desvios examinados por Soal ele havia adivinhado ora a carta anterior, ora a posterior. Não acertava nunca no alvo, mas acertava muito mais do que isso. Atirando no que via, matava o que não via: o passado e o futuro. Um sensitivo deslocado no tempo e que por isso mesmo era mais valioso.

O ditado popular que usamos acima aplica-se bem a este caso, pois as experiências de Soal não eram feitas com as cartas Zener, mas com as suas próprias. Uma série zoológica. Soal havia se cansado de lidar com as figuras geométricas de Zener e criara as suas próprias figuras, utilizando animais. Os leitores por certo já conhecem este problema das cartas e dos dados, a menos que nunca se tenham interessado por Parapsicologia. Por isso, não tratamos deles até aqui. Mas agora somos obrigados a repetir o que se encontra em todos os livros de informação parapsicológica. E começaremos pelas cartas Zener, que foram as primeiras, hoje mais conhecidas por cartas ESP. Foram inventadas pelo Dr. Zener, colaborador de Rhine, para substituir as cartas de baralho comum usadas nas experiências. Apenas cinco figuras em maços de 25 cartas, para facilitar o cálculo de probabilidades. Em cada maço o sensitivo tem a probabilidade de acertar cinco por acaso. As figuras são estas:

E foram exatamente estas figuras que o Prof. Marchesi captou em Zagreb quando os experimentadores as distribuíram na mesa de Laboratório de Duke. Projetadas através do oceano, essas figuras impressas em cartas de baralho agiram como projéteis mentais.

No caso de Shackleton as cartas eram estas outras, de que não damos as figuras por dificuldades gráficas:

E	—	ELEFANTE	—	N.º	de	cartas:	5
G	—	GIRAFÁ	—			Idem	5
P	—	PELICANO	—			Idem	5
Z	—	ZEBRA	—			Idem	5
L	—	LEÃO	—			Idem	5

Total do maço 25 cartas.

Essas cartas são coloridas, pois Soal se enfasiara das figuras negras e geométricas de Zener, atirando ao mar os seus maços. Curioso: tudo é dramático nesse episódio, com um experimentador pouco feliz nos experimentos, mas rigoroso na elaboração das provas, na sua realização e na avaliação dos resultados. Dir-se-ia que a fleugma britânica de Soal chocou-se com aqueles cartões severos que lhe vinham precisamente da América turbulenta. Sua reação foi completa: jogar as cartas ao mar, escolher figuras de animais para as novas cartas e mandá-las fazer coloridas (reação à frieza geométrica e à severidade da cor negra). Talvez um fundo de fetichismo nessa substituição dos signos de Zener por animais dramáticos, tanto em si mesmos quanto na expressão dos desenhos (que deviam ser bem individualizados) e nas cores vivas.

O maior rigor possível com esse carnaval zoológico nas experiências realizadas. O Agente e Mrs. Goldney, que auxiliava no experimento, sentavam-se frente a frente numa sala e Shackleton e Soai noutra sala. Mrs. Goldney usava cartas numeradas e o Agente tinha diante de si, de costas sobre a mesa, cinco cartas dispostas por Soal e cuja ordem era desconhecida. Mrs. Goldney mostrava um número ao Agente, através de uma abertura especial, feita num velador que os isolava um do outro. O Agente pegava a carta correspondente, na ordem de disposição, ao número mostrado, olhava a carta e emitia a figura, colocando de novo a carta na mesa. Mrs. Goldney só falava para dar sinal ao percipiente na outra sala e pedir-lhe que anotasse a resposta. Ela ignorava completamente qual era a carta indicada pelo número que exhibira ao Agente. O percipiente anotava com a simples inicial do animal a sua percepção. As iniciais diferenciadas têm a finalidade de facilitar a experiência e dar-lhe maior segurança.

*

10

INSTRUÇÕES PRÁTICAS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS - ALLAN KARDEC Manifestações espontâneas

A maior parte dos fenômenos de que acabamos de falar, principalmente os que pertencem ao gênero das manifestações físicas e aparentes, podem produzir-se espontaneamente, isto é, sem que a vontade tenha alguma parte nisso. Em outras circunstâncias eles podem ser provocados pela vontade de pessoas chamadas médiuns, dotadas, para esse fim, de um poder especial.

As manifestações espontâneas não são raras, nem novas. Poucas são as crônicas locais que não encerram alguma história desse gênero. O medo, sem dúvida, exagerou muitas vezes os fatos, que assumiram proporções gigantescamente ridículas, passando de boca em boca. Com o auxílio da superstição, as casas onde eles se passaram ganharam a reputação de assombradas pelo diabo. E, daí, todos os contos maravilhosos ou terríveis de almas do outro mundo. De seu lado a velhacaria não deixou escapar tão bela ocasião de explorar a credulidade, e isso muitas vezes em proveito de interesses pessoais. Pode-se imaginar, de resto, a forte impressão que fatos desse gênero, mesmo

reduzidos à realidade, podem produzir em caracteres fracos e predispostos, pela educação, às idéias supersticiosas. O meio mais seguro de evitar os inconvenientes que eles poderiam ter, visto que não os podemos impedir, é fazer conhecer a verdade. As coisas mais simples tornam-se terrificantes quando sua causa é desconhecida. Quando nos tivermos familiarizado com os Espíritos e aquelas a quem eles se manifestam não acreditarem mais ter uma legião de demônios engarupados em suas costas, o medo estará definitivamente banido.

As manifestações espontâneas se produzem muito raramente em locais isolados. É quase sempre em casas habitadas que elas se dão e motivadas pela presença de certas pessoas que exercem uma especial influência sem o perceberem. Essas pessoas são verdadeiros médiuns, embora não o saibam, e por essa razão denominá-las-emos *médiuns naturels*. Elas são, em relação aos outros médiuns, o que os sonâmbulos naturais são para os sonâmbulos magnéticos e igualmente dignas de observar-se. Por essa razão concitamos as pessoas que se ocupam com os fenômenos espíritas a recolherem todos os fatos que lhes vierem ao conhecimento, mas, sobretudo, a lhes verificarem, cuidadosamente, a realidade, para evitar tornarem-se vítimas da ilusão ou do embuste, o que só se pode alcançar por uma observação consciente.

Devemo-nos precaver não somente contra narrações que podem estar eivadas mesmo de mínimos exageros, mas também contra nossas próprias impressões, e não atribuímos a uma origem oculta tudo quanto não compreendemos. Uma infinidade de causas muito simples e muito naturais podem produzir efeitos estranhos à primeira vista, e seria uma verdadeira superstição ver por toda parte Espíritos ocupados em derrubar móveis, quebrar louças, suscitar, enfim, mil e uma perturbações domésticas que, mais racionalmente, devem ser levadas à conta do desmazelo.

O que se deve fazer em tal caso é procurar a causa, e pode-se apostar cem contra um, que se descobrirá uma bem simples onde se julgava estar às voltas com um Espírito perturbador. Quando se produz um fenômeno inexplicado, o primeiro pensamento que devemos ter é que ele é devido a uma causa material, pois que é a mais provável, e não admitir a intervenção dos Espíritos senão com perfeito conhecimento. Aquele que, por exemplo, sem que ninguém se lhe aproxime, recebe uma bofetada ou bengalada nas costas, como é evidente, não pode duvidar da presença de um ser invisível.

De todas as manifestações espíritas, as mais frequentes e mais simples são os ruídos e as pancadas. É aqui, sobretudo, que se deve temer a ilusão, pois que uma multidão de causas naturais podem produzi-las: o vento que assobia ou agita um objeto, um corpo que nós mesmos movemos sem o perceber, um efeito acústico, um animal oculto, um inseto, etc., até mesmo as artimanhas de um caçador inoportuno. Os ruídos espíritas têm, aliás, um caráter particular, tomando embora um timbre e uma intensidade muito variadas, que os tornam facilmente reconhecíveis e não permite confundi-los com o estalo da madeira que se movimenta, o crepitar do fogo ou o tique-taque monótono de um relógio de parede. São pancadas deliberadamente desferidas, ora surdas, fracas e ligeiras, ora claras, distintas, algumas vezes ruidosas, que mudam de lugar e se repetem sem ter uma regularidade mecânica. De todos os meios de controle, o mais eficaz, o que não pode deixar dúvida sobre a origem das manifestações, é a sua obediência ao comando do experimentador. Se as pancadas se fazem ouvir no local designado; se elas respondem ao pensamento através de sequências estabelecidas ou por sua intensidade, não se pode negar-lhes uma causa inteligente. Entretanto, a não obediência não é sempre uma prova em contrário.

Admitamos agora que, por uma investigação minuciosa, se adquira a certeza de que os ruídos ou quaisquer efeitos são manifestações reais! É racional atemorizar-se? Não, certamente, pois que não pode haver neles, em caso algum, o menor perigo e tão-

somente as pessoas adrede impressionadas com a idéia de que é o diabo que os motiva podem impressionar-se de um modo pernicioso, como as crianças às quais se faz medo com o lobisomem ou o bicho papão.

*

11
O LIVRO DOS MÉDIUNS – ALLAN KARDEC
CAPÍTULO II
MANIFESTAÇÕES FÍSICAS E MESAS GIRANTES

60. Chamam-se manifestações físicas as que se traduzem por efeitos sensíveis, como os ruídos, o movimento e a deslocação de corpos sólidos. Umas são espontâneas, independentes da vontade humana, e outras podem ser provocadas. Trataremos inicialmente apenas das últimas.

O efeito mais simples, e um dos primeiros a serem observados, foi o do movimento circular numa mesa. Esse efeito se produz igualmente em qualquer outro objeto. Mas sendo a mesa o mais empregado, por ser o mais cômodo, o nome de *mesas girantes* prevaleceu na designação desta espécie de fenômenos.

Quando dizemos que este efeito foi um dos primeiros a serem observados, referimo-nos aos últimos tempos, pois é certo que todos os gêneros de manifestações são conhecidos desde os tempos mais distantes, e nem podia ser de outra maneira. Desde que são efeitos naturais, teriam de produzir-se. (1) (Tertuliano, famoso doutor da Igreja, nascido em Cartago, considerado grande apologista mas que acabou caindo em heresia, depois de havê-las condenado ardentemente. Viveu entre 160 a 240 da nossa época. (N. do T.)

Este fenômeno entreteve durante algum tempo a curiosidade dos salões, que depois se cansaram e passaram a outras distrações, porque servia apenas nesse sentido. Dois foram os motivos do abandono das mesas girantes: para os frívolos, a moda, que raramente lhes permite o mesmo divertimento em dois invernos, e que prodigiosamente lhe dedicaram três ou quatro! Para as pessoas sérias e observadoras foi um motivo sério: abandonaram as mesas girantes para ocupar-se das conseqüências muito mais importantes que delas resultavam. Deixaram o aprendizado do alfabeto pela Ciência, eis todo o segredo desse aparente abandono, de que fazem tanto barulho os zombadores.

Seja como for, as mesas girantes não deixam de ser o ponto de partida da Doutrina Espírita e por isso devemos tratá-las com maior desenvolvimento. E tanto mais quanto apresentando esses fenômenos na sua simplicidade, o estudo das causas será mais fácil e a teoria, uma vez estabelecida, nos dará a chave dos efeitos mais complicados.

61. Para a produção do fenômeno é necessária a participação de uma ou muitas pessoas dotadas de aptidão especial e designadas pelo nome de médiuns. O número dos participantes é indiferente, a menos que entre eles se encontrem alguns médiuns ainda ignorados. Quanto às pessoas cuja mediunidade é nula, sua presença não dá qualquer resultado, podendo mesmo ser mais prejudicial do que útil, pela disposição de espírito com que frequentemente se apresentam. (2) (A observação de Kardec sobre as pessoas "cuja mediunidade é nula" se explica pela referência final à "disposição de Espírito" com que participam. Mesmo pessoas sem essa mediunidade específica, mas sinceras e convictas, podem participar de experiências, como adiante se verá. O que torna as pessoas *negativas* são as vibrações negativas do seu pensamento, que afeiam prejudicialmente a reunião. (N. do T.)

Os médiuns gozam de maior ou menor poder na produção dos fenômenos, produzindo efeitos mais ou menos pronunciados. Um médium possante quase sempre produz muito mais do que vinte outros reunidos, bastando pôr as mãos na mesa para que ela no mesmo instante se movimente, se eleve, revire, salte ou gire com violência.

62. Não há nenhum indício da faculdade mediúnica e somente a experiência pode revelá-la. Quando se quer fazer uma experiência, numa reunião, basta simplesmente

sentar-se em torno de uma mesa e colocar as mãos espalmadas sobre ela, sem pressão nem contenção muscular. No princípio, como as causas do fenômeno eram ignoradas, indicavam-se numerosas precauções, depois reconhecidas como inúteis. Por exemplo: a alternância de sexos, o contato dos dedos mínimos das pessoas para formar uma cadeia ininterrupta. Esta última precaução parecia necessária porque se acreditava na ação de uma espécie de corrente elétrica, mas a experiência mostrou a sua inutilidade. A única prescrição realmente obrigatória é a do recolhimento, do silêncio absoluto, e sobretudo a paciência, quando o efeito demora. Pode acontecer que ele se produza em alguns minutos, como pode tardar meia hora ou uma hora. Isso depende da capacidade mediúnica dos participantes.

*

12

ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE - FEB (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA) - PROGRAMA I.pdf A PRECE SEGUNDO O ESPIRITISMO. A PRECE NA REUNIÃO MEDIÚNICA

A pessoa que ora transforma-se em um foco irradiador de energias salutares que beneficia a si mesma e a quem se encontra no seu campo de ação. Daí os Espíritos orientadores recomendarem, insistentemente, a oração como um bom hábito que deva ser incorporado ao cotidiano da existência.

A prece, à luz do entendimento espírita, não se restringe a mera repetição de palavras, algumas até sem sentido, que representam mais uma fórmula sacramental ou ritualística do que a união da criatura humana com o seu Criador. Importa, pois, exercitar a fé raciocinada, considerando este esclarecimento de *O livro dos médiuns*:

“Somente a superstição pode atribuir virtudes a certas palavras e somente Espíritos ignorantes ou mentirosos podem alimentar semelhantes ideias, prescrevendo fórmulas. Entretanto, em se tratando de pessoas pouco esclarecidas e incapazes de compreender as coisas puramente espirituais, pode acontecer que o uso de determinada fórmula contribua para lhes infundir confiança. Neste caso, a eficácia não está na fórmula, mas na fé, que aumenta por conta da ideia associada ao uso da fórmula”.

1 CONCEITO DE PRECE

A prece é um tipo de apelo que permite à pessoa entrar em comunhão com Deus, Jesus e com os Espíritos superiores a fim de receber proteção e auxílio: “[...] Sua ação será tanto maior quanto mais fervorosa e sincera for.[...] A prece é uma evocação. Através dela o homem entra em comunicação, pelo pensamento, com o ser a quem se dirige. [...] Podemos orar por nós mesmos ou por outros, pelos vivos [encarnados] ou pelos mortos. As preces feitas a Deus são ouvidas pelos Espíritos encarregados da execução de suas vontades; as que se dirigem aos Espíritos bons são reportadas a Deus. Quando alguém ora a outros seres que não a Deus, está recorrendo a intermediários, a intercessores, visto que nada se faz sem a vontade de Deus.

2 BENEFÍCIOS DA PRECE

O hábito de orar é de valor inestimável e deve ser exercido diariamente, pois tem o poder de criar um campo de forças positivas ao redor de quem ora, concedendo-lhe “[...] a força moral necessária para vencer as dificuldades e voltar ao caminho reto, se deste se afastou. Por esse meio, pode também desviar de si os males que atrairia pelas suas próprias faltas.” Um homem, por exemplo, vê sua saúde arruinada pelos excessos que cometeu, e arrasta, até o fim de seus dias, uma vida de sofrimento; terá o direito de queixar-se, se não obtiver a cura que deseja? Não, porque poderia ter encontrado na prece a força de resistir às tentações.

Outro grande benefício proporcionado pela prece é atrair o auxílio dos Espíritos benfeitores que, pelos canais da intuição ou da inspiração, vêm sustentar o indivíduo “[...] em suas boas resoluções e inspirar-lhe bons pensamentos”. Estes Espíritos assemelham-se, segundo André Luiz, aos “[...] transformadores da bênção, do socorro, do esclarecimento...”

Da luz suprema à treva total, e vice-versa, temos o fluxo e o refluxo do sopro do Criador, através de seres incontáveis, escalonados em todos os tons do instinto, da inteligência, da razão, da humanidade e da angelitude, que modificam a energia divina, de acordo com a graduação do trabalho evolutivo, no meio em que se encontram. Cada degrau da vida está superlotado por milhões de criaturas. [...] A prece, qualquer que ela seja, é ação provocando a reação que lhe corresponde.

3 AÇÃO DA PRECE

Quando a pessoa ora emite vibrações mentais que se espalham no fluido cósmico por intermédio das correntes do pensamento, cujos mecanismos são assim explicados pelo Codificador:

“Quando, pois, o pensamento é dirigido a um ser qualquer, na Terra ou no espaço, de encarnado para desencarnado, ou de desencarnado para encarnado, estabelece-se uma corrente fluídica entre um e outro, transmitindo o pensamento, como o ar transmite o som. A energia da corrente guarda proporção com a do pensamento e da vontade. É assim que os Espíritos ouvem a prece que lhes é dirigida, qualquer que seja o lugar onde se encontrem” [...]

*

13

ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE – FEB (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA) - PROGRAMA II.pdf **AVALIAÇÃO DA PRÁTICA MEDIÚNICA**

4.1 – Quando deve ser realizada a avaliação no grupo mediúnico?

A avaliação da prática mediúnica deve ser realizada em dois momentos específicos: a) após a prece final de cada reunião; b) em dias, horas e locais específicos, previamente estipulados. É importante que os participantes, dirigente, assessores, médiuns psicofônicos e demais integrantes da equipe, «[...] finda a reunião, analisem, sempre que possível, as comunicações havidas, indicando-se para exame proveitoso os pontos vulneráveis dessa ou daquela transmissão. »

Esta avaliação deve ser breve, cerca de 15 minutos, não se prendendo a detalhes. A outra avaliação, ao contrário, abrange um período maior de tempo, necessário à análise das mensagens, da troca de idéias a respeito do trabalho desenvolvido, das dificuldades surgidas e das propostas de melhoria do trabalho.

Segue um calendário previamente definido pelo grupo, ou se reúne sempre que se fizer necessário. Há situações específicas que não necessitam a presença de todos os participantes nessas reuniões. André Luiz destaca, nesse sentido, a reunião de médiuns esclarecedores (dialogadores), os quais, reunidos periodicamente, analisam tópicos do trabalho ou apresentam «[...] planos entre si com o objetivo de melhoria e aperfeiçoamento do grupo. Semelhantes reuniões são absolutamente necessárias para que se aparem determinadas arestas da máquina em ação e se ajustem providências a benefício das obras em andamento. Esses ajustes, à maneira de sodalícios doutrinários, constituem, ainda, meios de atuação segura e direta dos mentores espirituais do grupo para assumirem medidas ou plasmarem advertências, aconselháveis ao equilíbrio e ao rendimento do conjunto.»

4.2 – O que avaliar?

- Conteúdos e significância das comunicações mediúnicas.
- Habilidades, atitudes e comportamentos dos participantes, em relação ao atendimento dos Espíritos comunicantes.
- Métodos e critérios utilizados pelo dirigente da reunião, pelos médiuns, pelos dialogadores e pela equipe de apoio.
- Relações interpessoais.
- Nível de comprometimento do participante com o trabalho mediúnico.

«De semelhante providência, efetuada com apreço recíproco que necessitamos sustentar uns para com os outros, resultará que todos os componentes da reunião se investirão, por si mesmos, na responsabilidade que nos cabe manter no estudo constante para a eficiência do grupo.»

4.3 – Quem deve avaliar?

Os integrantes da reunião: dirigente, assessores, dialogadores, médiuns e equipe de apoio.

4.4 – Como avaliar?

O processo avaliativo comporta, em síntese, três etapas: avaliação de si mesmo (auto avaliação), avaliação da conduta ou ações do outro (não se avalia a pessoa) e a avaliação que o outro faz, da nossa conduta ou das nossas ações.

Assim:

Legenda: 1. Auto avaliação 2. Avaliar o outro 3. Ser pelo outro avaliado.

A avaliação realizada no grupo mediúnico deve, necessariamente, ter um caráter fraterno.

*

14

VISÃO ESPÍRITA DA BÍBLIA – J. HERCULANO PIRES MOISÉS PRATICAVA E DESEJAVA A MEDIUNIDADE BEM ORIENTADA

As pretensas condenações da Bíblia ao Espiritismo, são condenações das práticas de magia, que os judeus haviam aprendido na Babilônia e no Egito, e que iriam encontrar também em Canaã, pois os cananitas (habitantes da Palestina) como todos os povos antigos, davam-se a essas práticas. Mas nos mesmos livros da Bíblia, em que aparecem essas condenações, há numerosas ordenações que os mais aferrados seguidores da Bíblia não obedecem. Um pastor nos respondeu, em programa de televisão, que a sua igreja cumpria a "palavra de Deus" pela metade. O que vale dizer que a palavra de Deus é por ela desrespeitada. Preferimos cumprir a palavra de Deus integralmente, e por isso evitamos confundi-la com as palavras humanas e com a legislação envelhecida de povos antigos.

Conforme prometemos, vamos hoje demonstrar que Moisés, o grande legislador judeu, médium de excepcionais faculdades, não condenou, mas praticou a mediunidade e desejava vê-la praticada pelo seu povo. Quanto à prática da mediunidade por Moisés, não precisamos fazer novas citações. Ele recebia espíritos, conversava com espíritos, evocava espíritos, e além disso fazia-se acompanhar no deserto por uma equipe de médiuns, provocando até mesmo fenômenos de materialização. Isso tudo já demonstramos. Mas vamos agora a um episódio que pastores e padres não citam, mas que está na Bíblia, em todas as traduções.

O prof. Romeu do Amaral Camargo, que foi diácono da I Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, comenta esse episódio em seu livro espírita "De cá e de Lá". É o constante do livro de Números, Cap. 11, versículos 26 a 29. Foi logo após a reunião dos setenta médiuns na tenda, para a manifestação de Jeová.

Dois médiuns haviam ficado no campo: Eldad e Medad. E lá mesmo foram tomados e profetizavam, ou seja, davam comunicações de espíritos. Um jovem correu e denunciou o fato a Josué. Este pediu a Moisés que proibisse as comunicações.

A resposta de Moisés é um golpe de morte em todas as pretensas condenações do Espiritismo pela Bíblia. Eis o que diz o grande condutor do povo hebreu: "Que zelos são esses, que mostras por mim? Quem dera que todo o povo profetizasse, e que o Senhor lhe desse o seu espírito"! Comenta o prof. Camargo: "Médium de extraordinárias faculdades, Moisés sabia que Eldad e Medad não eram mercenários nem mistificadores, não procuravam comunicar-se com o mundo invisível, mas eram procurados pelos espíritos". Como acabamos de ver, Moisés aprovava a mediunidade pura que o Espiritismo aprova e defende. Mas o pior cego é o que não quer ver, principalmente quando fechar os olhos é conveniente e proveitoso.

*

15**PRÁTICA MEDIÚNICA**

*

FINAL DA AULA

*

11ª AULA – 14 DE SETEMBRO DE 2.016

01

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – ALLAN KARDEC**CAPITULO IV****NINGUÉM PODE VER O REINO DE DEUS, SE NÃO NASCER DE NOVO**

1. "E veio Jesus para os lados de Cesaréia de Felipe, e interrogou seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens que é o Filho do Homem? E eles responderam: Uns dizem que é João Batista, mas outros que é Elias, e outros que Jeremias ou alguns dos Profetas. Disse-lhes Jesus: E vós, quem dizeis que sou eu? Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, filho do Deus vivo. E respondendo Jesus, lhe disse: Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne e o sangue que te revelaram isso, mas sim meu Pai, que está nos céus". (MATEUS, XVI: 13-17).

2. "E chegou a Herodes, o Tetrarca, notícia de tudo o que Jesus obrava, e ficou como suspenso, porque diziam uns: É João que ressurgiu dos mortos; e outros: É Elias que apareceu; e outros: É um dos antigos profetas que ressuscitou. Então disse Herodes: Eu mandei degolar a João; quem é, pois, este, de quem ouço semelhantes coisas? E buscava ocasião de o ver, (MARCOS, VI: 14-15; LUCAS, IX: 7-9).

3. (Após a transfiguração). E os discípulos lhe perguntaram, dizendo: Pois por que dizem os escribas que importa vir Elias primeiro? Mas ele, respondendo, lhes disse: Elias certamente há de vir, e restabelecerá todas as coisas: digo-vos, porém, que Elias já veio, e eles não o conheceram, antes fizeram dele quanto quiseram. Assim também o Filho do Homem há de padecer às suas mãos. Então compreenderam os discípulos que de João Batista é que ele lhes falara. (MATEUS, XVII: 10-13; MARCOS, XVIII: 10-12).

RESSURREIÇÃO E REENCARNAÇÃO

4. A reencarnação fazia parte dos dogmas judeus, sob o nome de ressurreição. Somente os saduceus, que pensavam que tudo acabava com a morte, não acreditavam nela. As idéias dos judeus sobre essa questão, como sobre muitas outras, não estavam claramente definidas, porque só tinham noções vagas e incompletas sobre a alma e sua ligação com o corpo. Eles acreditavam que um homem podia reviver, sem terem uma idéia precisa da maneira porque isso se daria, e designavam pela palavra ressurreição o que o Espiritismo chama, mais justamente, de reencarnação. Com efeito, a ressurreição supõe o retorno à vida do próprio cadáver, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já estão há muito dispersos e consumidos. A reencarnação é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas num outro corpo, novamente constituído, e que nada tem a ver com o antigo. A palavra ressurreição podia, assim, aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos demais profetas. Se, portanto, segundo sua crença, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João tinha sido visto criança e seus pais eram conhecidos. João podia ser, pois, Elias reencarnado, mas não ressuscitado.

*

02

SEARA DOS MÉDIUNS – EMMANUEL**Na glória do Cristo****Reunião pública de 29/2/60****Questão nº 46 - Parágrafo 7º**

Se entre as vidas magnificentes da Terra uma existe, na qual a mediunidade comparece com todas as características, essa foi a vida gloriosa do Cristo.

Surge o Evangelho do contato entre dois mundos.

Zacarias, o sacerdote, faz-se clarividente de um instante para outro e vê um mensageiro espiritual que se identifica pelo nome de Gabriel, anunciando-lhe o nascimento de João Batista.

O mesmo Gabriel, na condição de embaixador celestial, visita Maria de Nazaré e saúda lhe o coração lírial, notificando-lhe a maternidade sublime.

Nasce, então, Jesus sob luzes e vozes dos Espíritos Superiores.

Usando o magnetismo divino que lhe é próprio, o Excelso Benfeitor transforma a água em vinho, nas bodas de Caná.

Intervém nos fenômenos obsessivos de variada espécie, nos quais as entidades inferiores provocam desajustes diversos, seja na alienação mental do obsidiado de Gadara ou na exaltação febril da sogra de Pedro.

Levanta corpos cadaverizados e regenera as forças vitais dos enfermos de todas as procedências.

Apazigua elementos desordenados da Natureza e multiplica alimentos para as necessidades do povo.

Sonda os ideais mais íntimos da filha de Magdala, quanto lê na samaritana os pensamentos ocultos.

Conversa, ele mesmo, com desencarnados ilustres, no cimo do Tabor, ante os discípulos espantados.

Avisa a Pedro que Espíritos infelizes procurarão Induzi-lo à queda moral, e faz sentir a Judas que não desconhece a trama de sombras de que o apóstolo desditoso está sendo vítima.

Ora no horto, antes da crucificação, assinalando a presença de enviados divinos.

E, depois da morte, volta a confabular com os amigos, fornecendo-lhes instruções quanto ao destino da Boa-Nova.

Reaparece, plenamente materializado, diante dos aprendizes, no caminho de Emaús, e, mais tarde, em Espírito, procura Saulo de Tarso, nas vizinhanças de Damasco, para confiar-lhe elevada missão entre os homens.

E porque o jovem perseguidor do Evangelho nascente se mostre traumatizado, ante o encontro imprevisto, busca ele próprio a cooperação de Ananias para socorrer o novo companheiro dominado de assombro.

É Inútil, assim, que cristãos distintos, nesse ou naquele setor da fé, se reúnam para confundir respeitadamente a mediunidade em nome da metapsíquica ou da parapsicologia — que mais se assemelham a requintados processos de dúvida e negação —, porque ninguém consegue empanar os fatos mediúnicos da vida de Jesus, que, diante de todas as religiões da Terra, permanece por Sol indiscutível, a brilhar para sempre.

*

03

A CAMINHO DA LUZ – EMMANUEL ESPÍRITOS EXILADOS NA TERRA

Foi assim que Jesus recebeu, à luz do seu reino de amor e de justiça, aquela turba de seres sofredores e infelizes.

Com a sua palavra sábia e compassiva, exortou essas almas desventuradas à edificação da consciência pelo cumprimento dos deveres de solidariedade e de amor, no esforço regenerador de si mesmas. Mostrou-lhes os campos imensos de luta que se desdobravam na Terra, envolvendo-as no halo bendito da sua misericórdia e da sua caridade sem limites. Abençoou-lhes as lágrimas santificadoras, fazendo-lhes sentir os sagrados triunfos do futuro e prometendo-lhes a sua colaboração cotidiana e a sua vinda no porvir.

Aqueles seres angustiados e aflitos, que deixavam atrás de si todo um mundo de afetos, não obstante os seus corações empedernidos na prática do mal, seriam degredados na face obscura do planeta terrestre; andariam desprezados na noite dos milênios da saudade e da amargura; reencarnariam no seio das raças ignorantes e primitivas, a lembrarem o paraíso perdido nos firmamentos distantes. Por muitos séculos não veriam a suave luz da Capela, mas trabalhariam na Terra acariciados por Jesus e confortados na sua imensa misericórdia.

FIXAÇÃO DOS CARACTERES RACIAIS

Com o auxílio desses Espíritos degredados, naquelas eras remotíssimas, as falanges do Cristo operavam ainda as últimas experiências sobre os fluidos renovadores da vida, aperfeiçoando os caracteres biológicos das raças humanas. A Natureza ainda era, para os trabalhadores da espiritualidade, um campo vasto de experiências infinitas; tanto assim que, se as observações do mendelismo fossem transferidas àqueles milênios distantes, não se encontraria nenhuma equação definitiva nos seus estudos de biologia. A moderna genética não poderia fixar, como hoje, as expressões dos "genes", porquanto, no laboratório das forças invisíveis, as células ainda sofriam longos processos de acrisolamento, imprimindo-se lhes elementos de astralidade, consolidando-se lhes as expressões definitivas, com vistas às organizações do porvir.

Se a gênese do planeta se processara com a cooperação dos milênios, a gênese das raças humanas requeria a contribuição do tempo, até que se abandonasse a penosa e longa tarefa da sua fixação.

*

04

PENSAMENTO E VIDA – EMMANUEL

Entendimento

O cultivador do campo não prescinde do arado com que sulcará o corpo da gleba.

O estatuário recorrerá ao buril para afeiçoar o mármore à idéia criadora que lhe inflama a cabeça.

A criatura interessada na produção de reflexos mentais protetores de sua senda não dispensará o entendimento por alicerce do trabalho renovador.

Entendimento que simbolize fraternidade operante.

Simpatia que se converta em fulcro de força atrativa, exteriorizando-nos a melhor parte, para que a melhor parte dos outros se exteriorize ao nosso encontro.

Todos somos compulsoriamente envolvidos na onda mental que emitimos de nós, em regime de circuito natural.

Categorizamo-nos bons ou maus, conforme o uso de nossos sentimentos e pensamentos, que, no fundo, constituem cargas de energia eletromagnética, com as quais ferimos ou acalentamos, ajudamos ou prejudicamos, vitalizamos ou destruímos, e que voltam, invariavelmente, a nós mesmos, impregnadas dos recursos felizes ou infelizes com que lhes marcamos a rota.

Quando coléricos e irritadiços, agressivos e ásperos para com os outros, criamos, por atividade reflexa, o desalento e a intemperança, a crueldade e a segura para nós mesmos e, quando generosos e compreensivos, prestimosos e úteis para com aqueles que nos cercam, criamos, conseqüentemente, a alegria e a tranquilidade, a segurança e o bom ânimo para nós próprios.

Responde-nos a vida em todas as coisas e em todas as criaturas, segundo a natureza de nosso chamamento.

Até o ingresso na Consciência Cósmica, todos os seres se distinguem pela face de luz

com que se alteiam para os cimos da evolução e pela face de sombra pela qual ainda sofrem a influência da retaguarda.

A própria posição vulgar do homem na Terra vale por símbolo dessa condição específica. Por cima o fulgor pleno do Sol, por baixo a escuridade do abismo.

Todos recolhemos do Pai Celeste os estímulos ao futuro e todos padecemos os reflexos do passado a se nos projetarem sobre a existência.

Desatando, assim, as algemas do mal que nós mesmos forjamos em detrimento de nossas almas, há que buscar o bem, senti-lo, mentalizá-lo e plasmá-lo com todos os potenciais de realização ao nosso alcance.

Para começar, precisaremos separar o criminoso da criminalidade, como o lavrador que estabelece diferença entre o verme e a plantação, para abolir o domínio do primeiro e enriquecer a utilidade da segunda. E assim como o trabalhador rural extingue a praga, salvando a lavoura, é necessário que o nosso entendimento improvise meios de auxiliar o companheiro que caiu sob o guante da delinquência, sem alentá-la.

Apequenar-se para ajudar, sem perder altura, é assegurar a melhoria de todos, acentuando a própria sublimação.

Entretanto, só o culto infatigável do entendimento pode garantir-nos o equilíbrio indispensável no serviço de autoburilamento em que devemos empenhar os nossos melhores sonhos, de vez que apenas o amor puro é capaz de criar em nossa mente a energia da luz divina, a expandir-se de nós em reflexos de protetora renovação.

*

05

O ESPÍRITO E O TEMPO – J. HERCULANO PIRES

CAPÍTULO IV - HORIZONTE PROFÉTICO: MEDIUNISMO BÍBLICO

AS DIMENSÕES DO PROFETA

(...)

A aceitação do monoteísmo por todo um povo, acorrida pela primeira vez na história, quando os hebreus, após a relutância inevitável, admitiram que o deus familiar de Abrão, Isaac e Jacó, era o Ser Supremo, assinala o advento do horizonte profético. Desse momento em diante, os médiuns antigos adquiriram uma nova dimensão, e por isso mesmo uma nova qualidade. Não eram mais os instrumentos submissos de espíritos dominadores, como o de Píton, a serpente délfica, possível representação alegórica de um antigo tirano, e não caíam mais nos transes inconscientes. Pelo contrário, instrumentos conscientes de um Deus universal, supremo, racional, passaram a falar como intérpretes e não como simples aparelhos de transmissão de mensagens vocais. A nova qualidade que adquiriram foi a dignidade individual.

Fácil perceber-se a diferença existente entre a pitonisa, que caía em transe e proferia palavras desconexas, e o profeta hebreu, cheio de dignidade pessoal, de consciência da sua missão divina, que não temia apostrofar os poderosos do tempo. Vemos que a individualização social, produzida pelo horizonte civilizado, atinge sua culminância no horizonte profético, para redundar numa forma nova: a individualização mediúnica. O profeta é um médium que rompeu o gregarismo psíquico, arvorou-se em senhor de si mesmo, passou a responder pessoalmente pelos seus pronunciamentos mediúnicos. Acima dele, paira a razão suprema, o Deus único e universal, com o qual ele pode confabular através da mediunidade. E nele mesmo brilha a razão humana, a inteligência individualizada, senhora de si, capaz de julgar-se a si própria e julgar o mundo e os homens.

A individualização da idéia de Deus, o conceito de um Ser Supremo, decorre da própria individualização humana. O homem, despreendendo-se do rebanho, destacando-se da massa gregária, torna-se "egrégio", importante, e não pode mais admitir a sua

submissão a deuses gregários. Tem de eleger um deus "egrégio", um deus que, como ele, supere o rebanho olímpico. Este é o fato que justifica o engano materialista, que inspirou um belo soneto a Antero de Quental, segundo o qual não foi Deus quem fez o homem à sua imagem e semelhança, mas este quem fez Aquele. Realmente, o monoteísmo é uma projeção do homem ao infinito, como queria o poeta. Daí o antropomorfismo bíblico da concepção de Deus. Mas esse antropomorfismo não nega a existência do Ser Supremo. Antes, como afirmava Descartes, é a prova mais profunda e universal dessa existência, a marca indelével do Criador na criatura.

O Deus Único, feito à imagem e semelhança do Homem Único, do indivíduo que se desprende da turba, deve possuir os atributos que caracterizam esse novo homem. Assim como os deuses múltiplos do politeísmo, formando o rebanho olímpico, reproduzem os vícios e as paixões do homem múltiplo do gregarismo, assim também o Deus Único reproduz a dignidade pessoal do homem "egrégio", que se destacou da grei. Acentuam-se então os atributos éticos de Deus. A dignidade humana do indivíduo social projeta-se no infinito, expandindo-se na Suprema Dignidade. Nada mais justo, portanto, que a relação inversa também se verifique. O Deus Único se projeta no homem individual, estabelecendo-se a relação direta da Pessoa Divina com a pessoa humana. O profeta é o elo entre a terra e o céu.

A individualização social produziu a individualização mediúnica, e esta, por sua vez, produz a individualização espiritual, através do aprimoramento dos atributos éticos do profeta. A simbiose metafísica resulta em benefícios recíprocos. O pensamento materialista, mesmo o dialético, não alcança a grandeza dessa relação dialética, semelhante a do homem que, pelo trabalho, modifica a natureza e é por esta modificado. O pensamento espírita consegue abranger as dimensões do fato, mostrando que, por traz da aparência, há uma realidade profunda. Na verdade, a projeção do homem ao infinito não é mais do que uma aproximação humana da realidade divina. A projeção psíquica do monoteísmo é simplesmente uma resposta do indivíduo humano ao apelo do Indivíduo Divino, que através dos séculos e dos milênios esperou a compreensão do indivíduo gregário. Podemos aplicar ao caso os versos de Rainer Maria Rilke: "Mesmo que não o queiramos, Deus nos faz amadurecer." O amadurecimento social nos torna capazes de abranger maiores dimensões da idéia de Deus, pela maior amplitude mental que nos proporciona.

O profeta se apresenta, assim, como um indivíduo em três dimensões. Na primeira, temos o indivíduo social; na segunda, o indivíduo mediúnico; na terceira, o indivíduo espiritual. Por esta terceira dimensão, o profeta revela uma individualização mais poderosa que a do indivíduo grego, que apesar de libertar-se do gregarismo terreno, continuou politeísta, e que a do indivíduo romano, que se fechou no casulo social da cidadania. O profeta hebreu, que tem a sua réplica nos sábios, artistas e místicos dos demais povos da época, rompe a estreiteza das relações terrenas e estabelece aquela forma transcendente de relação que, segundo uma feliz expressão de Denis de Rougemont, o toma "mais livre que o indivíduo grego, mais entrosado que o cidadão romano, mais liberto pela própria fé que o entrosa.

*

06

MEDIUNIDADE (VIDA E COMUNICAÇÃO) – J. HERCULANO PIRES
CAPÍTULO VIII
O VAMPIRISMO

(...)

A existência de certas formas de vampirismo, como a sexual, que viola princípios morais e religiosos, foi pouco tratada no Espiritismo em virtude do escândalo que

provocava, podendo até mesmo causar perturbações a criaturas simples ou excessivamente sensíveis. Não obstante, foi sempre conhecida dos estudiosos e pesquisadores e incluída no rol das obsessões. Trata-se realmente de um tipo de obsessão no campo das viciações sensoriais. A denominação de vampirismo decorre de sua principal característica, que é a sucção de energias vitais da vítima pelos obsessores. É uma modalidade grave de obsessão que pode reduzir o obsedado à inutilidade, afetando-lhe o cérebro e o sistema nervoso, tirando-lhe toda disposição para atividades sérias. Nos Centros e Grupos espíritas bem orientados, esses casos são tratados maneira especial, em pequenas reuniões privativas, com médiuns que disponham de condições para enfrentar o problema. Como no caso das obsessões alcoólicas, toxicômanas, e outras do mesmo gênero, é necessário o máximo cuidado na seleção das pessoas que vão tratar do assunto e o maior sigilo a respeito, a fim de evitar-se o prejuízo dos comentários negativos, que influem fatalmente sobre o caso, provocando agravamentos inesperados da situação das vítimas. A maioria dos casos do chamado *homossexualismo adquirido*, senão todos, provêm de atuação obsessiva de entidades animais, entregues a instintos inferiores. Mas a responsabilidade não é só dessas entidades, é também das vítimas que, de uma forma ou de outra, se deixaram dominar pelos primeiros impulsos obsessivos ou até mesmo provocaram a aproximação das entidades. A experiência de vários casos dessa natureza revela-nos ainda os motivos de provação, decorrentes de atrocidades praticadas no passado pelas vítimas atuais, que são agora colocadas na mesma posição em que colocaram criaturas inocentes em encarnações anteriores. A lei de causa e efeito, determinando o *karma* da terminologia indiana, colhe suas vítimas geralmente no período da adolescência, quando essas ocorrências são mais favorecidas pela crise de transição da idade. Mas também há casos ocorridos na idade madura e na velhice, dependentes, ao que parece, de crises típicas desses períodos. Nos casos chamados de perversão constitucional a presença dos obsessores não está excluída, pois eles são fatalmente atraídos e ligam-se às vítimas excitando-lhes as sensações e agravando-lhes a perturbação. Em todos esses casos o auxílio de práticas espíritas específicas dá sempre resultados. E se houver boa-vontade da parte das vítimas os casos serão resolvidos, por mais prolongado que se torne o tratamento. Em casos difíceis e complexos, como esses, é necessária uma boa dose de compreensão e paciência da parte dos que os tratam e uma estimulação constante das vítimas na busca da normalidade.

Os desvios sexuais têm procedências diversas. Suas raízes genésicas podem vir de profundidades insondáveis. A própria filogênese do sexo, que começa aparentemente rio reino mineral, passando ao vegetal e ao animal, para depois chegar no homem, apresentando enorme variação de formas, inclusive a autogênese dos vírus e das células e a bissexualidade dos hermafroditas, justifica o aparecimento de desvios sexuais congênitos. Mais próximos de nós nas linhas de hereditariedade germinal estão os ritos da virilidade de antigas civilizações, entre as quais a Grécia e a Roma arcaicas, onde em várias épocas esses ritos vigoraram de maneira obrigatória, como em Esparta, onde os efebos, adolescentes, deviam receber a virilidade transmitida por homens adultos e viris através da prática homossexual, fornecem elementos possíveis de explicação para o fenômeno. Além da hereditariedade filogenética, há o problema das sensações que se gravam, de maneira mais ou menos intensa, nas estruturas supersensíveis do perispírito, projetando-se em formas dinâmicas na memória profunda ou inconsciente. Essas formas sensoriais podem aflorar na afetividade atual, atraídas por sensações afins, no processo do associacionismo sensorial. Tudo isso, entretanto, não elimina a tendência à normalidade da espécie, principalmente num sistema básico como a da reprodução.

OBSESSÃO. O PASSE. A DOCTRINAÇÃO – J. HERCULANO PIRES

II - Magia e religião.

O passe nasceu nas civilizações da selva como um elemento de magia selvagem, um rito das crenças primitivas. A agilidade das mãos em fazer e desfazer as coisas, sugeria a existência, nelas, de poderes misteriosos, praticamente comprovados pelas ações cotidianas da fricção que acalmava a dor, da pressão dos dedos estancando o sangue ou expulsando um espinho ou o ferrão de uma vespa ou o veneno de uma cobra. Os poderes mágicos das mãos se confirmavam também nas imprecações aos deuses, que eram simplesmente os espíritos. As bênçãos e as maldições foram as primeiras manifestações típicas dos passes. O selvagem primitivo não teorizava, mas experimentava instintivamente e aprendia a fazer e desfazer com o poder das mãos. Os deuses o auxiliavam, socorriam, instruíam em suas manifestações mediúnicas naturais. A sensibilidade mediúnica aprimorava-se nas criaturas mais sensíveis e assim surgiram os pajés, os feiticeiros, os xamãs, os mágicos terapeutas, curadores.

A descoberta do passe acompanhava e auxiliava o desenvolvimento do rito, da linguagem e da descoberta de instrumentos que aumentavam o poder das mãos. Podemos imaginar, como o fez André Lang, um homem primitivo olhando intrigado o emaranhado de riscos da palma de sua mão, sem a mínima idéia do que aquilo poderia significar. Seus descendentes iriam admitir, mais tarde, que ali estavam traçados os destinos de cada criatura. O mistério da mão humana foi um elemento essencial do desenvolvimento da inteligência e especialmente da descoberta lenta e progressiva, pelo homem, do seus poderes internos. Dos tempos primitivos até aos nossos dias, a mão é o símbolo do fazer que nos leva ao saber. Enquanto a Lua, o Sol, as Estrelas atraíam os homens para o mistério do cosmos a mão os levava a mergulhar nas profundezas da natureza humana.

Dessa dialética do interior e do exterior nasceram a Magia e a Religião. A Magia é prática, nasceu das mãos e funcionava através delas. A Religião é teórica, nasceu dos olhos, da visão abstrata do mundo e funciona no plano das idéias. Na Magia, os homens submetem os deuses ao poder humano, obrigam a Divindade a obedecê-los, a fazer por eles. Na Religião, os homens se submetem aos deuses, suplicam a proteção da Divindade. Mas, apesar dessa distinção, as religiões não se livraram dos resíduos primitivos das fórmulas mágicas. Todas as Igrejas da atualidade, mesmo após as reformas recentes, apegam-se ao fazer dos mágicos, através de seus sacramentos. O exemplo mais claro disso é o sacramento da Eucaristia, na Igreja Católica, pelo qual o sacerdote obriga Deus a materializar-se nas espécies sagradas da hóstia, para que o crente possa absorvê-lo e purificar-se com a sua ingestão.

No Espiritismo os resíduos mágicos não podiam existir, pois trata-se de uma doutrina racionalista, mas o grande número de adeptos provindos dos meios religiosos, sem a formação filosófica e científica da Doutrina, carregavam esses resíduos para o nosso meio, numa tentativa de padronização de práticas espíritas e de transformação dos passes num fazer dos médiuns e não dos espíritos. É tipicamente mágica a atitude do médium que pretende, com sua ginástica, limpar a aura de uma pessoa ou limpar uma casa. As tentativas de cura através desses bailados mediúnicos revela confiança mágica do médium no rito que pratica. Por isso Jesus ensinou simplesmente a imposição das mãos acompanhada da oração silenciosa. As orações em voz alta e em conjunto é também um resíduo mágico, pelo qual se tenta obrigar a Deus ou aos Espíritos a atenderem os clamores humanos. A religião racional e portanto consciente baseia-se na fé esclarecida pela razão, que não comporta de maneira alguma essas e outras práticas formais e carregadas de misticismo igrejeiro.

08
O TESOURO DOS ESPÍRITAS – MIGUEL VIVES
VI

O espírita perante si mesmo

Falta por palavras – Se cometeu falta por palavras, sendo indiscreto por imprevidência, intolerante ou brutal, o espírita não deve tomar-se de amor-próprio, mas, reconhecendo o seu erro, há de, sem mais tardar, procurar o ofendido ou os ofendidos e dar-lhes plena satisfação, com absoluta sinceridade, demonstrando verdadeiro arrependimento, até conseguir que a falta lhe seja perdoada. Então, ao fazer o seu exame de conduta, o espírita tem mais o que pedir ao Pai e rogar ao Senhor, que tão amável foi para com todos. Deve chamar com veemência o seu Guia Espiritual, procurando tomar as boas resoluções que sejam necessárias para corrigir-se desse defeito, fazendo tudo para cumprir os bons propósitos que tomar.

Se não consegue vencer tão depressa como desejaria, não deve tampouco se acovardar, mas resistir e perseverar, pedindo, arrependendo-se e dando tantas satisfações aos outros, quantas forem necessárias, cada vez que incorrer nessa falta. Tudo isso sem esquecer-se de que essa conduta lhe garantirá a proteção do Alto e o porá em condições de ser reconhecido, pelas pessoas de suas relações, como uma criatura de boa vontade, apesar de seus defeitos. Essa atitude fará que, sem muita demora, veja corrigidos os impulsos que o levavam à falta por palavras.

Falta por ação – Se a falta é por ação, é mais grave, e o espírita deve procurar, por todos os meios possíveis, evitar nela incorrer de novo. Há ações que podem constituir faltas leves, como outras que podem ser graves. As primeiras, o espírita pode corrigi-las com a ajuda de Deus, dos bons Espíritos e dos seus irmãos encarnados. Digo com a ajuda destes também, porque o espírita, quando incorre numa falta dessa natureza, não deve fiar-se em si mesmo, mas, além dos seus propósitos e da ajuda dos bons Espíritos, deve ainda procurar o conselho dos irmãos mais experientes, que tenham já adquirido outro temperamento e outras virtudes. Sendo humilde e estando realmente arrependido de suas faltas, os irmãos podem ajudá-lo com seus conselhos. Assim, com o auxílio do Alto, dos irmãos na Terra, e firmando-se nos seus propósitos, pode chegar a corrigir-se e tornar-se um espírita correto.

Se a falta é grave, acarreta conseqüências que não se apagam apenas com bons propósitos, pois exigem também a expiação. Por isso aconselhamos a todo espírita, que tenha infelizmente incorrido numa falta grave, a prática de uma grande penitência, como único meio de apagá-la. Entendemos por penitência o esquecimento absoluto de tudo o que possa desviá-lo da correção necessária; uma vida de recato, de abnegação, sofrendo tudo por amor a Deus e como meio de reparação; dedicar-se à caridade para com os pobres, os doentes, os aflitos, sem pensar senão em agradar a Deus e ser útil ao próximo, na medida de suas forças. Somente assim conseguimos apagar as faltas graves.

Assim, pois, o espírita que, nos exames de consciência, encontrar-se desgraçadamente neste caso, terá de fazer grandes esforços de arrependimento e muitos propósitos decisivos, não recuando até conseguir a sua reabilitação. Muito podem o arrependimento, a oração e a prática da caridade.

Os espíritos que seguirem os nossos conselhos e as práticas que indicamos nos capítulos anteriores muito poderão adiantar-se e muito poderão encontrar na vida futura. Do contrário, muito difícil lhes será sair desta existência e ter uma vida tranquila e feliz no Espaço.

Há espíritos – e não são poucos – que vivem seguindo os impulsos do seu coração, sem preocupar-se com as faltas de pensamento e de palavras. Embora atentem para as ações, não dão suficiente importância ao problema da justiça na conduta. Esses, ainda que

não pratiquem faltas graves, vivem sem uma regra segura e não avançam, e em muitas coisas se diferenciam pouco dos que não são espíritas. Esses irmãos vão mal, e estão expostos a cair em más condições quando deixarem a Terra. O procedimento de hoje pode custar-lhes no futuro muitas lágrimas e muitos sofrimentos. Por isso, muitos espíritas desencarnados, segundo temos visto em nossos estudos, caíram em má situação, sendo poucos os que adquirem uma posição brilhante no Espaço.

É a falta de estudo de si mesmos, de cuidado na maneira de pensar, de falar e de agir, que acarreta essas conseqüências. Há, pois, que viver apercebidos, não se distrair na vida terrena e aproveitar-se dela para o progresso, para a conquista do verdadeiro bem-estar. É necessário orar, pedir, suplicar, e também se aconselhar com os que têm mais experiência da vida de purificação. Há que consultar livros de moral espírita, sobretudo *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, no qual estão previstos muitos dos perigos com que nos podemos defrontar na vida terrena.

É preciso não esquecer – e isto todos os espíritas devem ter em mente – que o tempo de nossa vida na Terra é sumamente curto, e que o tempo que teremos de passar, e que sem remissão nos espera no Espaço, será sumamente longo, sendo felizes ou infelizes, segundo tenhamos cumprido ou deixado de cumprir os nossos deveres espirituais. Procuremos, pois, progredir em virtudes, em amor, em adoração ao Pai, em respeito e veneração para com os nossos semelhantes, e não duvidemos de que a nossa felicidade será grande. Terão chegado ao fim os sofrimentos e os males, que por tantos anos nos afligem e nos mantêm retidos em planetas de expiação.

*

09

PARAPSIKOLOGIA HOJE E AMANHÃ – J. HERCULANO PIRES

V - Pcg - O domínio do tempo

(...)

Mais tarde, Soal conseguiu realizar algumas experiências com Mrs. Stewart, sendo bem sucedido. Depois da guerra, Mrs. Stewart realizou novas experiências com Soal, que verificou esta coisa curiosa: ela havia perdido o dom de profecia. Não adivinhava mais a carta seguinte, mas a chamada carta 0, que corresponde ao presente, a carta objetivo. Com essas experiências Soal doutorou-se pela Universidade de Londres.

Shackleton era um homem de 36 anos quando procurou Soal para oferecer-se como sujet. Já conhecia as suas faculdades precognitivas desde os vinte e poucos anos, mas jamais fizera qualquer tipo de experiência científica. Usara algumas vezes as suas faculdades para objetivos práticos, sendo bem sucedido. Por exemplo: ganhar nas corridas de cavalos. Embora a faculdade não seja infalível, um sensitivo como Shackleton pode constituir verdadeira ameaça nesses casos. Outra particularidade desse sensitivo era captar de um golpe o caráter das pessoas que lhe eram apresentadas. Soal teve oportunidade de verificar a realidade dessa percepção.

O leitor há de estranhar, se não estiver habituado ao assunto, a desproporção entre a grandeza dos fatos de precognição relatados no início deste capítulo e a aparente insignificância desse jogo de adivinhação de cartas. Mas essa desproporção é a diferença de garantia. Por ela é que se pode aferir a existência ou não da faculdade. Milhares e milhares de experiências desse tipo, com métodos diversificados pelos vários experimentadores, levam à comprovação científica ou não da realidade dos fenômenos. No jogo de cartas de Shackleton estavam sendo julgados, perante a Ciência, todos os profetas do passado. A heresia científica não poupa sequer os profetas bíblicos.

*

10
**INSTRUÇÕES PRÁTICAS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS -
 ALLAN KARDEC
 Manifestações espontâneas**

(...)

Essas manifestações adquirem, em certas circunstâncias, é preciso convir, proporções e persistência desagradáveis, despertando o desejo, muito natural, de nos livrarmos delas. Torna-se necessária uma explicação a esse respeito. Dissemos que as manifestações físicas têm por fim despertar nossa atenção e convencer-nos da presença de um poder superior ao do homem. Dissemos também que os Espíritos elevados não se ocupam com esta espécie de manifestações. Eles se servem dos Espíritos inferiores para produzi-las, como nós nos servimos de nossos serviçais para os trabalhos mais pesados, e isto com a finalidade que acabamos de mencionar. Uma vez atingido esse fim, cessa a manifestação material, já que não é mais necessária. Um ou dois exemplos farão melhor compreender o processo. No princípio de meus estudos sobre o Espiritismo, estando ocupado, certa noite, com um trabalho relacionado a esta matéria, fizeram-se ouvir pancadas em redor de mim no decorrer de quatro horas consecutivas. Era a primeira vez que tal coisa me acontecia. Verifiquei que elas não tinham nenhuma causa accidental, mas, no momento, não pude saber mais nada. Nessa época eu tinha a oportunidade de encontrar, constantemente, um excelente médium psicógrafo. Logo no dia seguinte, interroguei o Espírito que se comunicava por seu intermédio a respeito da causa das pancadas.

– Era – foi-me respondido – teu Espírito familiar que queria falar-te.

– E que desejava ele dizer-me?

– Tu mesmo podes perguntar-lhe, pois ele se encontra aqui.

Tendo eu interrogado esse Espírito, ele se deu a conhecer sob um nome alegórico (eu soube depois, por outros Espíritos, que fora o de um ilustre filósofo da antiguidade). Ele assinalou-me erros em meu trabalho, indicando as *linhas* onde se encontravam. Deu-me úteis e sábios conselhos e acrescentou que estaria sempre comigo e atenderia ao meu apelo todas as vezes que eu necessitasse interrogá-lo. Desde então, com efeito, esse Espírito nunca mais me abandonou. Deu-me inúmeras provas de uma grande superioridade e sua intervenção *benfazeja e eficaz* se manifestou em meu favor tanto no tocante aos negócios da vida material quanto relativamente às questões espirituais. Mas, desde a nossa primeira conversa, cessaram as pancadas. Que desejava ele com efeito? Entrar em comunicação regular comigo? Para isso era necessário avisar-me. Sem dúvida, não foi ele quem veio, em pessoa, bater em minha casa. Provavelmente disso teria encarregado um emissário às suas ordens. Dado o aviso, oferecida sua explicação, estabelecidas as relações regulares, tornavam-se inúteis as pancadas, motivo pelo qual cessaram. Não se rufa mais o tambor para despertar os soldados uma vez que eles estão de pé.

Aconteceu a um dos nossos amigos um fato mais ou menos semelhante. Havia algum tempo seu quarto ressoava com ruídos diversos que se tornavam muito fatigantes. Tendo-se apresentado ocasião para interrogar o Espírito de seu pai, através de um médium escrevente, ele soube o que se desejava dele, fez o que lhe foi recomendado e desde então nada mais ouviu. Deve-se notar que as pessoas que não têm com os Espíritos um meio regular e fácil de comunicação assistem muito mais raramente a manifestações desse gênero, e isto por motivos óbvios.

Os Espíritos que assim se manifestam podem, igualmente, atuar por sua própria conta. São, muitas vezes, Espíritos sofredores que pedem assistência moral (v. *Prece*, no

Vocabulário Espírita). Quando podem traduzir seu pensamento de um modo mais inteligível, pedem essa assistência da maneira que lhes era familiar em vida, ou que está nas idéias e nos hábitos daqueles a quem eles se dirigem, pois pouco importa essa forma, contanto que a intenção parta do coração.

Em resumo, o meio de fazer cessar manifestações importunas é procurar entrar em comunicação inteligente com o Espírito que vem nos perturbar, a fim de saber quem é ele e o que quer. Satisfeito o seu desejo, ele nos deixa em sossego. É como alguém que bate em uma porta até que lha tenham aberto. Mas que fazer, dirão, se não se dispõe de um médium?

Que faz um doente que não dispõe de um médico? Passa sem ele!

Neste caso, entretanto, dispomos de outro recurso. O doente não pode fazer-se médico, mas entre dez pessoas nove há que podem ser médiuns escreventes. Na impossibilidade de dispor do concurso de um médium, a solução é o interessado tornar-se um deles. Na falta de um médium escrevente pode-se interrogar diretamente o Espírito que bate e que pode responder fazendo uso do mesmo meio, isto é, por pancadas convencionadas. Voltaremos a este assunto nos capítulos seguintes.

*

11

O LIVRO DOS MÉDIUNS – ALLAN KARDEC

CAPÍTULO II

MANIFESTAÇÕES FÍSICAS E MESAS GIRANTES

(...)

63. Acrescentamos que a forma da mesa, o material de que é feita, a presença de metais, da seda nas vestes dos assistentes, os dias, as horas, a obscuridade, a luz, etc., são tão indiferentes como a chuva e o bom tempo. Só o peso da mesa pode ter alguma importância, mas apenas nos casos em que a potência mediúmica não seja suficiente para movê-la. Noutros casos, basta uma pessoa, até mesmo uma criança, para erguer uma mesa de cem quilos, enquanto em condições menos favoráveis doze pessoas não fariam mover-se uma mesinha de centro. (3) (A expressão francesa é *guéridon*, que corresponde a uma mesinha antiga de centro, com um perna central única e três pés na ponta. (N. do T.)

Assim preparada a experiência, quando o efeito começa a produzir-se é muito frequente ouvir-se um pequeno estalo na mesa, sente-se um estremecimento como prelúdio do movimento, a mesa parece lutar para se desamarrar, depois o movimento de rotação se inicia e se acelera a tal ponto que os assistentes se veem em apuros para segui-lo. Desencadeado assim o movimento, pode-se mesmo deixar a mesa livre que ela continua a mover-se sem contato em várias direções.

De outras vezes a mesa se ergue e se firma, ora num pé, ora noutro, e depois retoma suavemente sua posição natural. De outras, ainda, ela se balança para a frente e para trás e de um lado para outro, imitando o balanço de um navio. E de outras, por fim, mas sendo necessária para isso considerável potência mediúmica, ela se levanta inteiramente do soalho e se mantém em equilíbrio no espaço, sem qualquer apoio, chegando mesmo em certas ocasiões até o forro, de maneira que se pode passar por baixo; a seguir desce lentamente, balançando-se no ar como uma folha de papel, ou cai violentamente e se quebra. Isso prova, de maneira evidente, que não houve uma ilusão de ótica.

64. Outro fenômeno que se produz com muita frequência, conforme a natureza do médium, é o das pancadas no cerne da madeira, no seu interior, sem provocar qualquer movimento da mesa. Esses golpes, que às vezes são bem fracos e outros muito fortes, estendem-se a outros móveis do aposento, às portas, às paredes e ao forro. Voltaremos logo a este caso. Quando se produzem na mesa, provocam uma vibração que se percebe muito bem pelos dedos e que se torna sobre-tudo muito

distinta se aplicarmos o ouvido contra a mesa.

*

12

ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE - FEB (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA) - PROGRAMA I.pdf A PRECE SEGUNDO O ESPIRITISMO A PRECE NA REUNIÃO MEDIÚNICA A MANEIRA CORRETA DE ORAR

(...)

A oração apresenta, em geral, três características fundamentais, anunciadas no *Pai-nosso*, modelo de prece ensinada por Jesus (Mateus, 6:9 a 13): louvor, pedido e agradecimento. Allan Kardec analisa a importância desta oração: [...] É o mais perfeito modelo de concisão, verdadeira obra-prima de sublimidade na simplicidade. Com efeito, sob a forma mais singela, ela resume todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo. Encerra uma profissão de fé, um ato de adoração e de submissão; o pedido das coisas necessárias à vida e o princípio da caridade. Dizê-la na intenção de uma pessoa é pedir para ela o que se pediria para si mesmo.

À medida que o ser humano evolui reconhece a misericórdia e bondade divinas que o cumulam de bênçãos. Com esta compreensão, as suas orações perdem o caráter de petições, sendo caracterizadas por louvores e agradecimentos dirigidos ao Criador.

Nestas condições, o Espiritismo nos ensina qual é a maneira correta de orar, que pode ser resumida nos itens que se seguem.

- *Orar em secreto*

Na seguinte passagem do Evangelho Jesus ensina que durante a oração a pessoa deve estabelecer um momento de sintonia ou de intimidade com o Criador, no qual não cabe qualquer tipo de exibicionismo. E, quando orardes, não sereis como os hipócritas, que gostam de orar pondo-se de pé nas sinagogas e nas esquinas das ruas largas, para se mostrarem aos homens [...]. Tu, porém, quando orardes, entra para o teu quarto interno e, tendo fechado a porta, ora ao teu Pai em segredo e teu Pai, que vê no segredo, te recompensará [...]

É importante compreender que a expressão “orar em segredo”, não indica posicionamento físico ou postura especial, física ou mística. Representa, apenas, o estado de comunhão com Deus, mesmo que aquele que ora esteja a sós ou rodeado de uma multidão de pessoas:

A prece outra coisa não é senão uma conversa que entretemos com Deus, nosso Pai; com Jesus, nosso Mestre e Senhor; com nossos amigos espirituais. É diálogo silencioso, humilde, contrito, revestido de unção e fervor, em que o filho, pequenino e imperfeito, fala com o Pai, poderoso e bom, perfeição das perfeições.

- *A Oração deve ser simples, sem excessivo palavreado* Jesus orienta: “Orando, porém, não useis de vãs repetições como os gentios, pois pensam que com palavreado excessivo serão atendidos. Assim, não vos assemelheis a eles, pois vosso Pai sabe do que tendes necessidade, antes de pedirdes a ele.”

O significado desta lição do Mestre está clara, conforme explica Kardec: “[...] não é pela multiplicidade de palavras que sereis escutados, mas pela sinceridade delas”. O poder da prece está no pensamento. Não depende de palavras, nem de lugar, nem do momento em que seja feita. Pode-se, portanto, orar em toda parte e a qualquer hora, a sós ou em comum. A influência do lugar e do tempo só se faz sentir nas circunstâncias que favoreçam o recolhimento. *A prece em comum tem ação mais poderosa, quando*

todos os que oram se associam de coração a um mesmo pensamento e têm o mesmo objetivo: é como se muitos clamassem juntos e em uníssono (grifo no original).

• **A oração deve falar ao coração** - Martins Peralva, citando Emmanuel, assinala a importância dos sentimentos quando em oração: “A verdadeira prece não deve ser recitada, mas sentida. Não deve ser cômodo processo de movimentação de lábios, emoldurado, muita vez, por belas palavras, mas uma expressão de sentimento vivo, real, a fim de que realizemos legítima comunhão com a Espiritualidade maior.”⁹⁵

• **A oração coletiva deve ser inteligível.** A prece em conjunto possui força poderosa, conforme foi anteriormente anunciado, mas, para isto, é preciso ser realizada corretamente. O primeiro ponto a ser lembrado é que deve ser inteligível, como alerta o apóstolo Paulo, em sua *Primeira epístola aos coríntios*: [...] se vossa linguagem não se exprime em palavras inteligíveis, como se há de compreender o que dizeis? Estareis falando ao vento. Existem no mundo não sei quantas espécies de linguagem, e nada carece de linguagem. Ora, se não conheço a força da linguagem, serei como um bárbaro para aquele que fala e aquele que fala será como um bárbaro para mim. [...] Se oro em línguas, meu espírito está em oração, mas a minha inteligência nenhum fruto colhe. Que fazer, pois? Orarei com o meu Espírito, mas hei de orar também com a minha inteligência.

*

13

ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE – FEB (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA) - PROGRAMA II.pdf **ORIENTAÇÕES PARA A PRÁTICA MEDIÚNICA**

(...)

A parte prática do Curso de Mediunidade é realizada imediatamente após os 30 - 40 minutos do estudo teórico. Trata-se de uma reunião mediúnica que apresenta características específicas, onde os participantes, inscritos no Programa II do Curso Estudo e Prática da Mediunidade, irão constatar se possuem algum tipo de mediunidade, aprender como educá-la e saber utilizá-la como recurso de melhoria espiritual.

O estudo teórico, realizado na forma de uma explanação, com ou sem apoio de recursos visuais, favorece a livre participação dos inscritos. Por ser um trabalho que antecede uma prática mediúnica, deve ser conduzido num clima harmônico, favorecedor de reflexões, jamais de debates ou discussões acaloradas.

Devido à seriedade do empreendimento, o trabalho deve contar com a assistência direta de monitores e de colaboradores espíritas, mais experientes, integrados a um grupo mediúnico da Casa Espírita. É desejável que a equipe conte também com o apoio de um médium psicofônico e um esclarecedor (dialogador) que fazem parte de grupos mediúnicos da Instituição.

A direção deste grupo deve ser cuidadosamente selecionada. É conduzida por alguém que tenha intimidade com o trabalho mediúnico, podendo, inclusive, ser o mesmo monitor do estudo teórico. Este cooperador deve possuir condições morais, psicológicas e doutrinárias básicas para saber dirigir a reunião com proveito: liderança, disciplina, tato, bondade, paciência e conhecimento evangélico-espírita.

O diretor da tarefa prática estará atento quanto à divisão do tempo destinado à reunião: *início, meio e fim*. No início da prática mediúnica faz-se breve prece, com ou sem música suave de fundo. Segue-se o momento da manifestação dos Espíritos e o diálogo com eles. No encerramento faz-se breve irradiação (não mais que três minutos), seguida da prece final, objetiva e concisa. Terminada a prece, faz-se a avaliação da reunião (cerca de 10-15 minutos).

Nada impede de que a reunião seja realizada no mesmo local onde ocorreu o estudo teórico, desde que existam condições mínimas de funcionamento: silêncio favorável à introspecção e à concentração mental dos participantes; baixa luminosidade; uma mesa (para possíveis psicógrafos) e cadeiras. (Veja os roteiros 2 e 3, Módulo I).

Enfatiza-se observância rigorosa do horário de início e término da reunião, que não deve ultrapassar o total de duas horas. Se a teoria e a prática ocorrerem no mesmo local, é importante que o responsável pela parte teórica limite a sua explanação em quarenta minutos. Caso a parte prática seja realizada em outro cômodo, deverá reduzir-se o tempo da teoria para 30 minutos, a fim de que os participantes possam se deslocar sem correrias ou atropelos.

No que diz respeito à eclosão da mediunidade, os participantes são convenientemente alertados de que o processo pode provocar-lhes alterações orgânicas e psicológicas: «Reações emocionais insólitas. Sensação de enfermidade, só aparente. Calafrios e mal-estar. Irritações estranhas. » É comum a pessoa ter vontade de chorar, num momento. Noutro é tomada por uma sensação de angústia ou de tristeza. Aborrece-se com facilidade, alternando a impaciência com a calma e a serenidade. Há médiuns iniciantes que sentem dores de cabeça ou pressão na nuca. Outros, sobretudo os propícios a doar energias radiantes, sentem mal-estar gástrico ou dores estomacais.

É necessário conferir se, efetivamente, há eclosão da mediunidade, pois a problemática pode ser de outra natureza: doenças orgânicas, influências espirituais, situação provocacional, estresse existencial etc.

A prece, o passe, o serviço em benefício do próximo são, em quaisquer situações, recursos de auxílio valoroso. Neste sentido, os participantes do Programa II da Mediunidade são orientados a:

- Desenvolver o hábito diário da oração.
- Frequentar assiduamente uma das reuniões de explanação evangélico-doutrinária (palestras públicas) da Casa Espírita.
- Receber passe sempre que sentir necessidade (em geral, após as palestras públicas há serviço de passe).
- Realizar reunião do Evangelho no lar, sistematicamente, ainda que sozinho.
- Integrar-se a uma reunião de assistência e promoção social e ou espiritual, quais sejam: confecção de vestimentas; preparo ou entrega de alimentos; apoio a doentes, idosos e crianças; aulas para a infância, juventude ou adultos etc.
- Fazer leituras edificantes, usualmente.

A equipe deve estar convencida da assistência espiritual vigilante, orientadora e esclarecida, proporcionada pelos benfeitores desencarnados que, previamente, assumiram compromissos com o grupo e com a tarefa. Esta convicção, deverá ser continuamente lembrada durante as reuniões, proporcionando um ambiente de paz e serenidade, propício à manifestação dos Espíritos necessitados e ao desenvolvimento ou educação da mediunidade.

*

14

VISÃO ESPÍRITA DA BÍBLIA – J. HERCULANO PIRES JEOVÁ DÁ LIÇÕES SOBRE FORMAS DE MEDIUNIDADE

Jeová ou Iave, o Deus de Israel, como já vimos anteriormente, era o Espírito Guia do Povo Hebreu. Para os povos antigos, os Espíritos eram Deuses, e o Deus de cada povo era a Divindade Suprema. Esse o motivo por que Jeová se apresentava ao seu povo como se fosse o próprio Deus único. E como se apresentava ele? Através da mediunidade, ensinando aos homens rudes do tempo as verdades espirituais que deveriam frutificar no futuro. É por isso que encontramos, nas páginas da Bíblia, não só o relato de fenômenos

espíritas ocorridos com o povo hebreu, mas também ensinamentos precisos e claros sobre a mediunidade.

Logo após os episódios que comentamos, com fenômenos de materialização e de comunicações, o Livro dos Médiuns fornece-nos outros, em que vemos Jeová ensinar que a mediunidade tem várias formas, como o ensina hoje o Espiritismo. A Bíblia está cheia desses ensinamentos, que só não veem os cegos ou os que não querem ver. Basta o leitor ler a Bíblia, de qualquer tradução, católica ou protestante, no Livro de Números, capítulo XII. Pode ler todo o capítulo, ou apenas os versículos 5 a 8. Nestes versículos, Jeová dá aos hebreus uma das lições que só muito mais tarde apareceria de novo, mas então no *Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec. Vejamo-la. Miriam e Aarão falavam mal de Moisés, por haver ele tomado uma nova mulher, de origem cusita (era a mulher negra de Moisés). Ora, Jeová não gostou disso e subitamente "desceu da nuvem", para repreende-los. Descer da nuvem é materializar-se, pois a nuvem é simplesmente a formação de ectoplasma, como a Bíblia deixa bem claro nos seus relatos. Imagina-se o Senhor do Universo, o Deus-Pai do Evangelho, fazendo esse papel de alcoviteiro! Seria absurdo tomarmos esse Jeová, sempre imiscuído nos assuntos domésticos, pelo próprio Deus! Como espírito-guia, podemos compreendê-lo. E é como espírito-guia que ele repreende os maldizentes, castiga Miriam, mas antes ensina:

Primeiro, diz ele que pode manifestar-se aos profetas (-médiuns) por meio de visão (da vidência) ou de sonhos. Depois, lembrando que Moisés é o seu instrumento para direção do povo, esclareceu: "Não é assim com o meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa", acrescenta: "Boca a boca fale com ele, claramente, e não por enigmas". Cinco formas da mediunidade figuram no ensino bíblico: 1) a de vidência; 2) a de desprendimento, ou sonambúlica; 3) a de materialização; 4) a de voz-direta; e 5) a de audiência. O próprio Jeová ensinava a mediunidade, como o apóstolo Paulo, em I Coríntios, ensinaria mais tarde a fazer uma sessão mediúnica.

*

15

PRÁTICA MEDIÚNICA

*

FINAL DA AULA

*

12ª AULA – 21 DE SETEMBRO DE 2.016

01

**O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – ALLAN KARDEC
INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS**

LIMITES DA ENCARNAÇÃO • São Luís • Paris, 1859

24. Quais são os limites da encarnação?

- A encarnação não tem, propriamente falando, limites nitidamente traçados, se por isto se entende o envoltório que constitui o corpo do Espírito, pois a materialidade desse envoltório diminui à medida que o Espírito se purifica. Em certos mundos, mais avançados que a Terra, ele já se apresenta menos compacto, menos pesado e menos grosseiro, e conseqüentemente menos sujeito a vicissitudes. Num grau mais elevado, desmaterializa-se e acaba por se confundir com o perispírito. De acordo com o mundo a que o Espírito é chamado a viver, ele se reveste do envoltório apropriado à natureza desse mundo.

O perispírito mesmo sofre transformações sucessivas. Eteriza-se mais e mais, até a purificação completa, que constitui a natureza dos Espíritos puros. Se mundos especiais estão destinados, como estações, aos Espíritos mais avançados, estes não ficam sujeitos a eles, como nos mundos inferiores; o estado de libertação que já atingiram permite-lhes viajar para toda parte, onde quer que sejam chamados pelas missões que lhes foram confiadas.

Se considerarmos a encarnação do ponto de vista material, tal como a vemos na Terra, podemos dizer que ela se limita aos mundos inferiores. Depende do Espírito, portanto, libertar-se mais ou menos rapidamente da encarnação, trabalhando pela sua purificação.

Temos ainda a considerar que, no estado de erraticidade, ou seja, no intervalo das existências corporais, a situação do Espírito está em relação com a natureza do mundo a que o liga o seu grau de adiantamento. Assim, na erraticidade, ele é mais ou menos feliz, livre e esclarecido, segundo for mais ou menos desmaterializado.

*

02

SEARA DOS MÉDIUNS – EMMANUEL

Obsessão e Jesus

Reunião pública de 4/3/60 Questão n° 237

Cristãos eminentes, em variadas escolas do Evangelho, asseveram na atualidade que o problema da obsessão teria nascido no culto da mediunidade, à luz da Doutrina Espírita, quando a Doutrina Espírita é o recurso para a supressão do flagelo.

Malham médiuns, fazem sarcasmo, condenam a psicoterapia em favor dos desencarnados sofredores e, por vezes, atingem o disparate de afirmar que a prática medianímica estabelece a loucura.

Esquecem-se, no entanto, de que a vida de Jesus, na Terra, foi uma batalha constante e silenciosa contra obsessões, obsidiados e obsessores.

O combate começa no alvorecer do apostolado divino.

Depois da resplendente consagração na manjedoura, o Mestre encontra o primeiro grande obsidiado na pessoa de Herodes, que decreta a matança de pequeninos, com o objetivo de aniquilá-lo.

Mais tarde, João Batista, o companheiro de eleição que vem ao mundo secundar lhe a obra sublime, sucumbe degolado, em plena conspiração de agentes da sombra.

Obsessores cruéis não vacilam em procurá-lo, nas orações do deserto, verificando lhe os valores do sentimento.

A cada passo, surpreende Espíritos infelizes senhoreando médiuns desnorteados.

O testemunho dos apóstolos é sobejamente inequívoco.

Relata Mateus que os obsidiados gerasenos chegavam a ser ferozes; refere-se Marcos ao obsidiado de Cafarnaum, de quem desventurado obsessivo se retira clamando contra o Senhor em grandes vozes; narra Lucas o episódio em que Jesus realiza a cura de um jovem lunático, do qual se afasta o perseguidor invisível, logo após arrojá-lo ao chão, em convulsões epileptoides; e reporta-se João a israelitas positivamente obsidiados, que apedrejam o Cristo, sem motivo, na chamada Festa da Dedicção.

Entre os que lhe comungam a estrada, surgem obsessões e psicoses diversas.

Maria de Magdala, que se fazia a mensageira da ressurreição, fora vítima de entidades perversas.

Pedro sofria de obsessão periódica.

Judas era enceguecido em obsessão fulminante.

Caifás mostrava-se paranoico.

Pilatos tinha crises de medo.

No dia da crucificação, vemos o Senhor rodeado por obsessões de todos os tipos, a ponto de ser considerado, pela multidão, inferior a Barrabás, malfeitor e obsessivo vulgar.

E, por último, como se quisesse deliberadamente legar-nos preciosa lição de caridade para com os alienados mentais, declarados ou não, que enxameiam no mundo, o Divino Amigo prefere partir da Terra na intimidade de dois ladrões, que a Ciência de hoje classificaria por cleptomaníacos pertinazes.

A vista disso, ante os escarnecedores de todos os tempos, eduquemos a mediunidade na Doutrina Espírita, porque só a Doutrina Espírita é luz bastante forte, em nome do Senhor, para clarear a razão, quando a mente se transvia, desgovernada, sob o fascínio das trevas.

*

03

A CAMINHO DA LUZ – EMMANUEL ORIGEM DAS RAÇAS BRANCAS

Aquelas almas aflitas e atormentadas reencarnaram, proporcionalmente, nas regiões mais importantes, onde se haviam localizado as tribos e famílias primitivas, descendentes dos "primatas", a que nos referimos ainda há pouco. Com a sua reencarnação no mundo terreno, estabeleciam-se fatores definitivos na história etnológica dos seres.

Um grande acontecimento se verificara no planeta

É que, com essas entidades, nasceram no orbe os ascendentes das raças brancas.

Em sua maioria, estabeleceram-se na Ásia, de onde atravessaram o istmo de Suez para a África, na região do Egito, encaminhando-se igualmente para a longínqua Atlântida, de que várias regiões da América guardam assinalados vestígios.

Não obstante as lições recebidas da palavra sábia e mansa do Cristo, os homens brancos olvidaram os seus sagrados compromissos.

Grande percentagem daqueles Espíritos rebeldes, com muitas exceções, só puderam voltar ao país da luz e da verdade depois de muitos séculos de sofrimentos expiatórios; outros, porém, infelizes e retrógrados, permanecem ainda na Terra, nos dias que correm, contrariando a regra geral, em virtude do seu elevado passivo de débitos clamorosos.

*

04

PENSAMENTO E VIDA – EMMANUEL**Berço**

Excetuando-se os planos organizados para as obras especiais, em que Espíritos missionários senhoreiam as reservas fisiológicas para a criação de reflexos da Vida Superior entre os homens, impelindo-os a maior ascensão, todo berço de agora retrata o ontem que passou.

O caminho que iniciamos em determinada existência é o prolongamento dos caminhos que percorremos naquelas que a precederam.

Esfalfo-se a investigação científica na Terra, estudando o continuísmo biológico.

Núcleos de cromossomos e veículos citoplásmicos, fatores de ambiente e genealogias familiares são chamados pelos geneticistas à equação dos problemas da origem e é natural que de suas indagações surjam resultados notáveis, quais sejam aqueles que tangem aos caracteres morfológicos e às surpresas da adaptação.

O escalpelo da observação humana, porém, não consegue, por agora, ultrapassar o recinto externo da constituição orgânica, detendo-se no exame da conformação e da estatura, da pigmentação e do grupo sanguíneo, alusivos à filiação corpórea, já que os meandros da hereditariedade psíquica são, por enquanto, quase que integralmente inacessíveis à sondagem da inteligência terrestre.

É que as células germinais, por sementes vivas, reproduzem os nossos clichês da consciência no trabalho impalpável da formação de um corpo novo.

Na câmara uterina, o reflexo dominante de nossa individualidade impressiona a chapa fetal ou o conjunto de princípios germinativos que nos forjam os alicerces do novo instrumento físico, selando-nos a destinação para as tarefas que somos chamados a executar no mundo, em certa quota de tempo.

Nisso não vai qualquer exaltação ao determinismo absoluto, porque ninguém pode suprimir o livre-arbítrio, com o qual articulamos as causas de sofrimento ou reparação em nossos destinos, dentro do determinismo relativo em que marchamos para mais altas formas de emoção e pensamento, na conquista da liberdade suprema.

Pelo transe da morte física, regressamos à Vida Maior com a soma de realizações que nem sempre são aquelas que devêramos efetuar. Em muitas circunstâncias, as imagens trazidas da permanência na carne são fantasmas temíveis, nascidos de nossas próprias culpas, exigindo reajuste e pagamento, a modelarem para os nossos sentidos o inferno torturante em que se nos revolvem as queixas e aflições.

Eis, porém, que a Justiça Fiel, por misericórdia, nos concede o retorno para a bênção do reinício. Retomamos, assim, através do berço, o contato direto com os nossos credores e devedores para a liquidação dos débitos que contraímos, cujo balanço efetivo jaz devidamente contabilizado nas Leis Divinas.

É desta maneira que comumente renascemos na Terra, segundo as nossas dívidas ou conforme as nossas necessidades, assimilando para esse fim a essência genética daqueles que se nos afinam com o modo de proceder e de ser.

Os problemas da hereditariedade, em razão disso, descendem, de forma geral, dos reflexos mentais que nos sejam próprios.

Em verdade, por vezes, abnegados corações, cultivando a leira do amor pelo sacrifício, trazem a si corações desditosos, guardando transitoriamente, nos braços, monstruosas aberrações que destoam do elevado nível em que já se instalaram; contudo, devemos semelhantes exceções ao espírito de renúncia com que fazem emergir das regiões infernais velhos laços afetivos, distanciados no tempo, usando o divino atributo da caridade. De conformidade com a regra, porém, nosso berço no mundo é o reflexo de nossas necessidades, cabendo a cada um de nós, quando na reencarnação, honrá-lo com

trabalho digno de restauração, melhoria ou engrandecimento, na certeza de que a ele fomos trazidos ou atraídos, segundo os problemas da regeneração ou da mordomia de que carecemos na recomposição de nosso destino, perante o futuro.

*

05

O ESPÍRITO E O TEMPO – J. HERCULANO PIRES **CAPÍTULO IV - HORIZONTE PROFÉTICO: MEDIUNISMO BÍBLICO**

(...)

3. INDIVIDUALIZAÇÃO MEDIÚNICA — A concomitância dos horizontes agrícola, civilizado e profético, no mundo hebraico, proporciona as condições necessárias ao aparecimento do horizonte espiritual. Essa a razão histórica, mesológica e psicológica do imenso poder do Cristianismo, transformador e renovador do mundo. Nenhuma das religiões orientais que invadiram o mundo greco-romano, como nenhuma das correntes filosóficas do helenismo, trazia consigo essa perspectiva nova, que oferecia ao homem a ampliação do seu poder conceptual, permitindo-lhe enxergar além dos horizontes que circundavam o mundo agrário, o mundo civilizado e o próprio mundo profético.

Todas as explicações materialistas sobre a vitória do Cristianismo, a partir da derrocada do mundo antigo, sofrem da mesma estreiteza visual que caracterizava os povos da época, em face da espiritualidade hebraica. Assim como os "goyn" não compreendiam Israel, e assim como os próprios israelitas não compreenderam o Cristo, assim também o pensamento pragmatista, positivista ou materialista, de hoje, não pode compreender o sentido e a natureza do Cristianismo, que atinge no Espiritismo a sua mais perfeita expressão, e os cristãos formalistas não compreendem a natureza e o sentido libertários do movimento espírita. Da mesma maneira por que o grego e o romano consideravam supersticiosas as práticas religiosas judeu-cristãs, e o judeu, por sua vez, considerava heréticas as idéias libertárias do Cristianismo, os homens "cultos" e os "religiosos" de hoje formulam acusações semelhantes aos espíritas.

Tudo se explica pela teoria dos horizontes culturais. O homem que se mantém fechado no círculo do horizonte civilizado, apegando-se aos "bens de civilização", segundo a expressão de Kerchensteiner, não abre os seus olhos e a sua mente para as perspectivas mais amplas do horizonte espiritual. O esquematismo cultural e o dogmatismo religioso, com seus respectivos sistemas rituais, oferecendo-lhe uma riqueza concreta e imediata, muito superior à do passado, absorvem-lhe a atenção. A individualização social, longa e dolorosamente conquistada, defende-se de qualquer ameaça de desequilíbrio ou dispersão. O instinto de conservação do indivíduo-social ajuda-o a concentrar-se nos bens de cultura da civilização, mas ao mesmo tempo impede-lhe o avanço na espiritualização.

Nada melhor, para nos esclarecer esse fenômeno, que a teoria dialética da cultura, formulada por Kerchensteiner, com as teses da cultura objetiva e subjetiva. O indivíduo-social é um produto da cultura objetiva, cercado dos bens de cultura que constituem objetivamente a civilização. Mas acima da civilização pairam os ideais e as aspirações do espírito humano, sôfrego por evoluir e se libertar dos esquemas por ele mesmo construídos. À ideologia dominante opõe-se a utopia desejada, no contraste histórico de Mannheim. E somente os indivíduos capazes de romper o círculo dos bens de cultura podem conceber a utopia como alguma coisa transcendente e não imanente a esses bens. Essa capacidade de transcendência é comum a todos os homens, mas só atinge a sua plenitude na proporção em que o indivíduo-social rompe o casulo das convenções, em que gostosamente se fechou, para abrir as asas de borboleta da individualização mediúnica. Depois disso, poderá tornar-se, e forçosamente se tornará, um indivíduo espiritual. Foi o que aconteceu com os profetas hebraicos.

O horizonte agrícola da Palestina, com a vida agrária dos cananitas, não foi abafado

pela invasão judaica. O próprio Abrão, ao partir de Ur, na companhia de seu pai Terá, já conjugava em sua mente os dois horizontes. Segundo acentua Woolley, no século XII antes de Cristo, os hebreus que residiam nas proximidades de Ur constituíam uma pequena colônia de pastores e agricultores. Viviam no horizonte agrícola, mas ao lado de uma grande cidade, cujos bens de cultura naturalmente absorveram. Assim, os hebreus não tiveram dificuldade em construir na Palestina, sobre o mundo agrícola ali encontrado, o mundo civilizado que haviam herdado lá fora. Mas a cultura subjetiva dos hebreus, desenvolvida através de um processo religioso mais profundo que o mesopotâmico, propiciou-lhes o avanço imediato para o horizonte profético. A tônica da tendência religiosa hebraica responde pela característica espiritual do profetismo, que atinge a sua maior amplitude graças ao fato histórico da vulgarização do monoteísmo. Aquilo que não pôde ocorrer na Pérsia, na Índia, na Grécia ou na China, — em virtude da dispersão das forças espirituais no politeísmo — ocorreu na Palestina, em virtude da concentração dessas forças no monoteísmo. Os bens de cultura das civilizações orientais, concretizados nas suas fórmulas, nos seus ritos e nos seus deuses, consolidavam a individualização social e davam ao indivíduo uma rigidez mental que não lhe permitia a visão espiritual. A cultura subjetiva dos hebreus, ou seja, o seu refinamento espiritual, que os conduzia à concepção universal do Deus Único, favorecia-lhes, ao contrário, a transição do indivíduo-social para o indivíduo-mediúnico. Foi por isso que Isaías conseguiu enxergar além da utopia "concreta", que os hebreus puderam sonhar com a Jerusalém Celeste, enquanto os outros povos sonhavam com o paraíso persa, cheio de 'prazeres e delícias terrenas, e o próprio Platão idealizava uma República terrena, concreta.

A individualização mediúnica abriu as portas da espiritualidade para os hebreus, permitindo a criação, na Palestina, do clima necessário ao advento do Messias, d'Aquele que devia trazer, não mais as "messes" da terra, mas as do céu. O Evangelho representou a grande ceifa desses bens celestes, bens subjetivos, na seara mediúnica da cultura subjetiva. Isso explica por que o povo hebreu podia considerar-se eleito e por que o seu domínio devia estender-se a todos os povos. Deus multiplicaria, graças à individualização mediúnica, os filhos de Abrão por toda a terra. A simbologia bíblica encontra a sua interpretação histórica nos estudos espíritas da evolução humana. Os estudos materialistas, não atingindo a dimensão espiritual do homem, encravam no concreto, na cultura Objetiva, e não encontram outra saída senão a superstição, para explicarem os sonhos judaicos de expansão universal.

*

06

MEDIUNIDADE (VIDA E COMUNICAÇÃO) – J. HERCULANO PIRES

CAPÍTULO VIII

O VAMPIRISMO

(...)

Dessa maneira, os indivíduos afetados por essas deformações sensoriais encontram no seu próprio organismo atual e na sua consciência os fatores de resistência necessários ao restabelecimento do seu equilíbrio genésico. A ação paralela do vampirismo, que agrava as manifestações de desequilíbrio, recebe das práticas de desobsessão o reforço de que necessitam para correção de seu desequilíbrio. A Psiquiatria materialista, que desconhece os processos dinâmicos do espírito, pode considerar esses casos como irremediáveis e recorrer ao processo escuso de normalizar o anormal. Mas o Espiritismo nos fornece os recursos do esclarecimento científico e racional do problema.

Enganam-se as entidades espirituais e os estudiosos humanos de Espiritismo quando atribuem a responsabilidade dos desvios sexuais à reencarnação, aludindo ao problema

das mudanças de posição sexual de uma encarnação para outra. Sabemos hoje com segurança que a sexualidade é um sistema de polaridade não adstrito à forma específica do aparelho sexual. Na verdade, a sexualidade é a fonte única dos dois sexos, o masculino e o feminino. Para a mudança de sexo na reencarnação, em face da necessidade de experiências novas no plano evolutivo, basta a inversão da polaridade na adaptação do espírito ao novo corpo material. Essas inversões se processam no perispírito, como ensina Kardec, pois é este e não o corpo o controlador de todo o funcionamento orgânico e fisiológico do corpo material. Seria estranho que, num caso de importância básica para a evolução humana na Terra, essas mudanças não estivessem sujeitas a rigoroso controle das inteligências responsáveis. O que parece evidente nesses casos é a predominância de elementos da sensibilidade feminina na reencarnação masculina e vice-versa, como nova aquisição do espírito que deve consolidar-se em nova vida. A concepção de Balzac em *Spirite*, uma das mais belas obras da sua série de romances filosóficos e mais aceitável, embora ainda não verdadeira: *Spirite* é um ser superior que reúne em sua personalidade, na fusão das *almas gêmeas*, as duas personalidades da dupla polaridade- a masculina e a feminina. Mas essa fusão, essa reunião da parêntese humana num indivíduo único, aparece como a síntese dialética das duas metades opostas e complementares, para a integração da unidade biológica da espécie. A unificação biológica, no esquema evolutivo, não pode implicar desajustes e desequilíbrios que perturbem as conquistas superiores da evolução psico-afetiva. Por outro lado, é muito mais lógico e de acordo com a lógica de toda a estrutura legal do Universo, montada num equilíbrio perfeito de minúcias teleológicas. Não se pode esquecer o princípio da finalidade lógica do Todo Universal, para explicar de maneira ilógica um fato específico do processo lógico universal. O que às vezes nos parece um erro da Natureza nada mais é que um momento de ajustamento de conquistas da evolução para o aprimoramento da espécie. Nesse sentido, as tendências anormais aparecem como conseqüências de faltas ou crimes dos indivíduos que as sofrem, sempre com a finalidade de as superar na encarnação presente, jamais de entregar-se a elas. A objeção psiquiátrica e psicológica de que a repressão produz recalques, frustrações, traumas e outras conseqüências desastrosas para o indivíduo provém da visão parcial do problema no campo materialista. Todas as vitórias do homem no sentido de seu ajustamento às condições normais da espécie são recompensadas com a tranquilidade proporcionada pelo ajuste, eliminando a inquietação do desajuste. Um ser bem integrado em sua espécie corresponde à ordem natural da realidade e às exigências de transcendência de sua própria existência.

O vampirismo cessa no momento em que o obsedado se dispõe a reintegrar-se em si mesmo, na posse de sua personalidade, não aceitando sugestões e infiltrações de vontade estranha em sua vontade pessoal e soberana. Sim, porque em nosso foro íntimo todos os direitos são nossos. A supremacia da nossa jurisdição pessoal sobre nós mesmos é garantida pelos poderes superiores do espírito desde o instante em que tomamos consciência do nosso valor espiritual e do nosso destino humano. O ajustamento aos planos inferiores, proposto como solução do caso, é ilógico e atenta contra os objetivos superiores da vida. Não vivemos para refocilar nas esterqueiras da espécie, mas para libertar-nos dela. Cabe aos espíritas, que conhecem a outra face da existência, medir a distância qualitativa entre o entregar-se às forças negativas do passado, como escravos de uma situação miserável entre os homens, e o ato de empossar-se nos seus direitos de criatura humana em evolução, avançando na direção dos anseios superiores da sua consciência humana. E cabe aos médiuns auxiliar os que estão ameaçados de ser devorados pela esfinge por não terem decifrado os seus enigmas.

No tratado mediúnico dos problemas humanos os médiuns são instrumentos vivos e conscientes da batalha contra o vampirismo de todas as tendências. A idéia simbólica da

Mitologia, de que os deuses aspiravam as emanções das coisas que não mais podiam comer ou beber é a imagem exata da vampirização das criaturas encarnadas pelas entidades desencarnadas inferiores, espíritos ainda em estágio evolutivo primário, que buscam suprir a ausência do seu corpo carnal com a exploração impiedosa e vil dos corpos alheios. Quem repele essa exploração aviltante não age apenas em causa própria, mas na defesa do futuro dos espíritos vampirescos e na sustentação da dignidade humana.

*

07

OBSESSÃO. O PASSE. A DOUTRINAÇÃO – J. HERCULANO PIRES

III - A técnica do passe.

Os elaboradores e divulgadores de técnicas do passe não sabem o que fazem. A técnica do passe não pertence a nós, mas exclusivamente aos Espíritos Superiores. Só eles conhecem a situação real do paciente, as possibilidades de ajudá-lo em face de seus compromissos nas provas, a natureza dos fluidos de que o paciente necessita e assim por diante. Os médiuns vivem a vida terrena e estão condicionados na encarnação que merecem e de que necessitam. Nada sabem da natureza dos fluidos, da maneira apropriada e eficaz de aplicá-los, dos efeitos diversos que eles podem causar. Na verdade o médium só tem uma percepção vaga, geralmente epidérmica dos fluidos. É simples atrevimento - e, portanto charlatanismo - querer manipulá-los e distribuí-los a seu modo e a seu critério. As pessoas que acham que os passes ginásticos ou dados em grupos mediúnicos formados ao redor do paciente são passes fortes, assemelham-se às que acreditam mais na força da macumba, com seus apetrechos selvagens, do que no poder espiritual. As experiências espíritas sensatas e lógicas, em todo o mundo, desde os dias de Kardec até hoje mostraram que mais vale uma prece silenciosa, às vezes na ausência e sem o conhecimento do paciente, do que todas as encenações e alardes de força dos ingênuos ou farofeiros que ignoram os princípios doutrinários.

*

08

TESOURO DOS ESPÍRITAS – MIGUEL VIVES

VII - O espírita perante o sofrimento

Sabemos que a Terra é lugar de expiação e dor, como sabemos que a dor purifica e eleva. A dor é um dos meios pelos quais progredimos mais rapidamente. Como, pois, devemos encarar as dores e os sofrimentos físicos da vida? Com calma, resignação, e até com alegria, lembrando sempre que a dor é o caminho mais rápido para a nossa ascensão às mais altas regiões, e o meio mais seguro de afastar-nos das veleidades humanas.

Temos visto espíritas que souberam sofrer com resignação e alegria. Embora nos momentos de paroxismo da dor estivessem quietos e sérios, e às vezes cansados, o que é muito natural, uma vez passados esses momentos estavam relativamente tranquilos e alegres. E quando a doença lhes dava tréguas, mostravam-se expansivos e dispostos a exaltar a Justiça de Deus. Foram poucos os que vimos. Mas os que desencarnaram, e dos quais pudemos saber posteriormente, mostravam-se sempre num estado muito feliz no mundo espiritual, satisfeitos por haverem sabido sofrer com serenidade as dores da existência material.

Vimos outros espíritas que, embora aparentassem resignação, também choravam e lamentavam seus muitos sofrimentos. Entendo que esses espíritas não andavam bem, e não estavam livres de cair. Porque a tristeza engendra o mau humor, que pode dar lugar à murmuração contra o destino. E quando chegamos à murmuração, estamos a um passo da revolta. Um espírita nesse estado revela atraso moral e desconhecimento da lei divina. Que diríamos de um comerciante que reclamasse de ter muitos negócios a realizar,

ganhando muito dinheiro? Diríamos que era um mau comerciante, incapaz de aproveitar as boas oportunidades. Assim são os espíritas que, diante das dores da vida, se entristecem ou se atribulam, e às vezes se revoltam.

*

09

PARAPSIKOLOGIA HOJE E AMANHÃ – J. HERCULANO PIRES

VI - Pk - A mecânica da vida

Os Profs. Thouless e Tischner, respectivamente inglês e alemão, consideram, como o faz Rhine e toda a sua escola, absolutamente comprovada a existência de Pk ou psíquica, na sua modalidade de psicocinesia ou psicoquinesia. E vão além, pois procuram explicar através dela a mecânica da vida. Pk é a ação da mente sobre a matéria, sem qualquer forma de intermediário. Ação direta. Rhine explica assim o fenômeno: "*A mente, que não é física, servindo-se de vias não-físicas, age sobre o mundo físico*". E isso tem dado muito pano para manga. Podemos trocar toda essa questão em miúdo, dizendo simplesmente o seguinte: o pensamento age sobre a matéria.

As experiências de laboratório, para verificação da existência ou não desses fenômenos, começaram na *Duke University* em 1934. Somente nove anos depois, em 1943, os pesquisadores resolveram dar a público os resultados obtidos. Os dados dessas experiências, como afirma Rhine, estão até hoje à disposição dos estudiosos que pretenderem examiná-los, naquela Universidade. Além disso, as pesquisas a respeito se multiplicaram por todo o mundo. A conclusão de Rhine é decisiva: "*A mente possui uma força capaz de agir sobre a matéria. Produz sobre o meio físico efeitos inexplicáveis por qualquer fator ou energia conhecidos pela Física*".

Mas Robert Amadou põe em dúvida a existência do fenômeno. Não se satisfaz com as experiências de laboratório realizadas até agora. Pretende que novas e mais intensas pesquisas sejam efetuadas. A ciência teórica do campo parapsicológico aumenta com o problema da psicocinesia. Mas, ao mesmo tempo, a variedade de experiências realizadas no mundo oferece resultados positivos a favor da existência do fenômeno, aliás já investigado em maior profundidade na fase metapsíquica. E Rhine propõe a observação dos fenômenos que podemos chamar de comuns ou naturais e que comprovam a ação da mente sobre a matéria. Esses fenômenos, conhecidos em todo o mundo — como os de cura de verrugas, bicheiras, hérnias etc. por simples benzedura — aparecem como formas de comprovação natural ou espontânea das experiências de laboratório.

*

10

INSTRUÇÕES PRÁTICAS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS -

ALLAN KARDEC

III - Comunicações espíritas

Toda manifestação que revela uma intenção ou uma vontade é, por isso mesmo, como dissemos, inteligente em maior ou menor grau. É esta, pois, uma qualificação genérica que distingue estas espécies de comunicações das que são puramente materiais. Quando o aperfeiçoamento dessa inteligência permite uma troca recíproca e contínua de pensamentos, obtêm-se *comunicações* regulares, cujo caráter permite julgar o Espírito que se manifesta. Elas serão, conforme a forma como são vazadas e seu conteúdo: *frívolas, grosseiras, sérias* ou *instrutivas* (v. *Comunicações*, no Vocabulário Espírita). Esta distinção é, aqui, de uma grande importância, pois que nos permite avaliar a superioridade ou a inferioridade que os Espíritos sempre revelam. Conhecem-se os homens pela linguagem. O mesmo se dá relativamente aos Espíritos. Ora, quem quer que esteja bem inteirado das qualidades distintivas de cada uma das classes da Escala

Espírita, poderá, sem dificuldade, classificar todo e qualquer Espírito que se apresente na ordem que lhe cabe, assim como o grau de estima e confiança que deve merecer. Se a experiência não viesse apoiar este princípio, bastaria o bom senso para demonstrá-lo. Estabelecemos, pois, como regra invariável e sem exceção, que *a linguagem dos Espíritos está sempre na razão do grau de sua elevação*. A dos Espíritos realmente superiores é constantemente grave, digna, nobre. Faz-se sublime quando o assunto o exige. Essas entidades não apenas exprimem pensamentos da mais alta elevação, mas, igualmente, empregam uma linguagem que exclui, da maneira mais absoluta, toda trivialidade. Por mais expressiva que seja a mensagem, se estiver comprometida por uma única expressão que indique baixaza, é isto um sinal indubitável de inferioridade; com maior razão assim se julgará se o conjunto da manifestação ofender às conveniências por sua grosseria. A linguagem revela sempre aquele que a expressa, quer pelo pensamento que traduz, quer pela forma, e mesmo que um Espírito queira nos enganar quanto à sua pretensa superioridade, basta conversar com ele por algum tempo para surpreender-lhe a ponta da orelha.

O fato seguinte reproduziu-se muitas vezes no decorrer dos nossos longos e numerosos estudos. Conversávamos com um Espírito cujo caráter e linguagem nos são bem conhecidos. Outro Espírito, mais ou menos elevado, se achava presente e, inesperadamente, *sem que se lhe dirigíssemos*, tomou parte na conversação. Ora, antes que tivesse enunciado o seu nome, a diferença de estilo era tão patente que cada um dos presentes disse de imediato: “Não é mais fulano que fala”. Entre os homens não se julgaria de outro modo. Basta, para isto, ouvi-los, mesmo sem os ver. Supõe que em um cômodo contíguo àquele em que estais encontram-se indivíduos que não conheceis e que não podeis ver. Pela sua conversação julgareis imediatamente se são rústicos ou pessoas de boa sociedade, ignorantes ou sábios, malfeitores ou pessoas honestas.

A bondade e a benevolência são ainda atributos essenciais dos Espíritos purificados. Eles não têm ódio nem aos homens nem aos outros Espíritos. Lastimam lhes as fraquezas, criticam lhes os erros, mas sempre com moderação, sem fel e sem animosidade; isto quanto ao moral. Podemos julgá-los igualmente pela natureza de sua inteligência. Um Espírito pode ser bom, benevolente, só ensinar o bem e possuir conhecimentos limitados, pois que, nele, a evolução ainda é incompleta. Não falamos de espíritos notoriamente inferiores. A esses seria perder tempo pedir explicações sobre certas coisas. Isto equivaleria a perguntar a um menino de escola o que pensa de Aristóteles ou do cosmos. Mas há Espíritos que em certos assuntos parecem esclarecidos, ao passo que em outros acusam a mais absoluta ignorância, não hesitando em defender as heresias científicas mais absurdas. Um Espírito desse tipo raciocinará muito sensatamente sobre uma questão e com desassiso sobre outra. Dá-se ainda como entre nós: um astrônomo é sábio no que concerne aos astros e pode ser muito ignorante em arquitetura, em música, em pintura, em agricultura, etc.. Tudo isso denota, evidentemente, uma evolução imperfeita, o que não quer significar que a entidade em apreço possa ser qualificada de má.

Para julgar os Espíritos, como para julgar os homens, é preciso, em primeiro lugar, sabermos julgar a nós mesmos. Há, infelizmente, muitas pessoas que tomam sua opinião pessoal como medida exclusiva do bom e do mau, do falso e do verdadeiro. Tudo quanto lhes contradiz a maneira de ver, as idéias, as teorias que conceberam ou adotaram, é mau a seus olhos. A tais pessoas falta, evidentemente, a primeira qualidade para uma sã apreciação: a retidão de julgamento. Elas, entretanto, não o percebem. É o defeito a respeito do qual mais nos iludimos.

Acredita-se geralmente que interrogando o Espírito de um homem que foi sábio em uma certa especialização, quando na Terra, mais seguramente se obterá a verdade. Isto é

lógico e, todavia, nem sempre é verdadeiro. A experiência demonstra que os sábios, tanto quanto os homens, sobretudo aqueles que deixaram a Terra há pouco tempo, estão ainda sob o império dos preconceitos da vida corporal. Eles não se libertaram imediatamente da sistematização. Pode, pois, acontecer que, sob a influência das idéias que acariciaram em vida e das quais fizeram um título de glória, vejam menos claro do que nós. Não temos este princípio como regra, absolutamente. Dizemos apenas que isto se observa e que, por conseguinte, a ciência humana de que estão dotados não é sempre uma garantia de sua infalibilidade como Espíritos.

Aqueles que, como acontece muitas vezes, condenam no estado de Espírito as doutrinas que haviam sustentado como homens, dão sempre, com isto, uma prova de elevação. Regra geral: *O Espírito é tanto menos perfeito quanto menos desprendido da matéria*. Todas as vezes, pois, que se reconhece nele a persistência das idéias falsas que o preocuparam durante a vida, pertençam elas à ordem física ou à ordem moral, é isto um sinal infalível de que não está completamente desmaterializado.

A obstinação nas idéias terrestres é tanto maior quanto mais recente é a morte. No momento da morte a alma está *sempre* em um estado de perturbação durante o qual mal se reconhece: *é um despertar que não é completo*. “Não sei onde estou, tudo é confuso para mim!”, tal é a resposta constante. Alguns Espíritos se queixam por ter sido perturbados tão cedo, outros cruamente pedem que os deixem em paz; e, conforme o seu caráter, exprimem este pensamento em termos por vezes pouco corteses. Muitos não acreditam estar mortos, principalmente os supliciados, os suicidas e, em geral, os que morreram de morte violenta. Eles veem o próprio corpo, sabem que esse corpo lhes pertence e não compreendem por que estão separados dele. Isso deixa-os cheios de espanto; é-lhes preciso algum tempo para se capacitarem de sua nova situação. A invocação não pode ser feita nesse momento senão com o objetivo de estudos psicológicos, mas não adianta pedir-lhes informações.

*

11

O LIVRO DOS MÉDIUNS – ALLAN KARDEC CAPÍTULO III MANIFESTAÇÕES INTELIGENTES

65. Nada certamente nos revela, nesses fatos que acabamos de examinar, a intervenção de uma potência oculta. Esses efeitos poderiam ser perfeitamente explicados pela possível ação de uma corrente elétrica ou magnética ou pela de um fluido qualquer. Foi essa, com efeito, a primeira solução proposta para esses fenômenos, e que realmente podia passar por muito lógica. E ela teria sem dúvida prevalecido, se outros fatos não viessem demonstrar a sua insuficiência. Esses novos fatos consistem na prova de inteligência dada pelos fenômenos. Ora, como todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente, tornou-se evidente que, mesmo admitindo-se a ação da eletricidade ou de qualquer outro fluido, havia a presença de outra causa. Qual seria? Qual era essa inteligência? Foi o que o prosseguimento das observações revelou.

66. Para que uma manifestação seja inteligente, não precisa ser convincente, espiritual ou sábia. Basta ser um ato livre e voluntário, revelando uma intenção ou correspondendo a um pensamento. Quando vemos um papagaio de papel agitar-se, sabemos que apenas obedece a um impulso do vento; mas se reconhecêssemos nos seus movimentos sinais intencionais, se girasse para a direita ou a esquerda, rápida ou lentamente, obedecendo às nossas ordens, teríamos de admitir, não que o papagaio tenha inteligência, mas que obedece a uma inteligência. Foi o que aconteceu com a mesa.

67. Vimos a mesa mover-se, elevar-se, dar pancadas sob a influência de um ou de vários médiuns. O primeiro efeito inteligente que se observou foi precisamente o de obediência às ordens dadas. Sem mudar de lugar, a mesa se erguia sobre os pés que lhes eram indicados. Depois, ao abaixar-se, dava um determinado número de pancadas para responder a uma pergunta. De outras vezes, sem o contato de ninguém, a mesa passeava sozinha pelo aposento, avançando para a direita ou a esquerda, para a frente ou para trás e executando diversos movimentos que os assistentes ordenavam. É claro que afastamos qualquer suspeita de fraude, aceitando a perfeita lealdade dos assistentes, atestada por sua honorabilidade e absoluto desinteresse. Trataremos logo mais das fraudes contra as quais é prudente prevenir-se (1). (O problema das fraudes, que tanta celeuma provoca ainda hoje, decorre apenas da falta de observação criteriosa do processo de desenvolvimento dos fenômenos. Numa sessão preparada segundo as indicações de Kardec e realizada por pessoas sérias, os próprios resultados demonstram a impossibilidade de fraudes e ilusões. (N. do T.)

68. Por meio de pancada, e principalmente dos estalidos no interior da madeira, de que já tratamos, obtém-se efeitos ainda mais inteligentes, como a imitação do rufar dos tambores, da fuzilaria de descarga por fila ou de pelotão, de canhoneios, e também a do ruído de uma serra, das batidas de um martelo, dos ritmos de diversas músicas, etc. Todo um vasto campo, portanto, aberto à investigação. Observou-se que, se havia uma inteligência oculta, ela podia responder a perguntas. E realmente ela respondeu, por sim ou por *não*, segundo o número de pancadas convencionado. Sendo essas respostas de pouca significação, lembrou-se de estabelecer um sistema de pancadas correspondentes às letras do alfabeto, para a formação de palavras e de frases.

69. Repetidos à vontade por milhares de pessoas, em todos os países, esses fatos não podiam deixar dúvidas sobre a natureza inteligente das manifestações. Foi então que surgiu um novo sistema de interpretação, atribuindo a inteligência manifestante ao próprio médium, ao interrogante e mesmo aos assistentes. A dificuldade estava em explicar de que maneira essa inteligência podia refletir-se na mesa e traduzir-se por meio de pancadas. Verificando-se que os golpes não eram dados pelo médium, deviam ser dados pelo pensamento. Mas o pensamento dando pancadas seria um fenômeno ainda mais prodigioso do que todos os que se haviam observado.

A experiência não tardou a demonstrar que essa opinião era inadmissível. Com efeito, as respostas se mostravam muito frequentemente em completa oposição ao pensamento dos assistentes fora do alcance intelectual do médium e até mesmo em idiomas ignorados por ele ou relatando fatos desconhecidos de todos. São tão numerosos esses exemplos, que é quase impossível alguém se haver ocupado de comunicações espíritas sem os ter muitas vezes testemunhado. Citaremos apenas um, que nos foi relatado por uma testemunha ocular.

*

12

ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE - FEB (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA) - PROGRAMA I.pdf CLASSIFICAÇÃO DA MEDIUNIDADE: EFEITOS FÍSICOS

É importante ter entendimento claro e abrangente relacionado a dois conceitos usuais à prática espírita: o que é *médium* — instrumento humano de que se servem os Espíritos desencarnados para se comunicarem —, e o que é *mediunidade*, a faculdade psíquica inerente ao ser humano, manifestada em diferentes graus e tipos.

Médium é toda pessoa que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos. Essa faculdade é inerente ao homem e, por conseguinte, não constitui um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que não possuam alguns rudimentos

dessa faculdade. Pode-se, pois, dizer que todos são mais ou menos médiuns. Usualmente, porém, essa qualificação só se aplica àqueles em quem a faculdade se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade [...]. Enquanto faculdade psíquica, a mediunidade acompanha a evolução intelectual e moral do Espírito, e se manifesta em qualquer plano de vida, físico ou espiritual. Como instrumento de melhoria do ser humano, entre tantos disponibilizados pelo Criador, a mediunidade pode desenvolver-se gradualmente, ao longo das reencarnações sucessivas, ou adquirir a feição de compromisso ou de missão, previstos no planejamento reencarnatório.

Neste aspecto, a proposta do Espiritismo é a de esclarecer e educar o médium, à luz do conhecimento espírita presente nas obras codificadas por Allan Kardec, assim como a vivência do Evangelho de Jesus. Jesus e Kardec representam os fundamentos da prática mediúnica, em particular, e do Espiritismo em geral, conforme a feliz expressão de Emmanuel: “Em suma, diante do acesso aos mais altos valores da vida, Jesus e Kardec estão perfeitamente conjugados pela Sabedoria divina. Jesus, a porta. Kardec, a chave.” Outro ponto, não menos importante, é o fato de não existir um tipo de mediunidade mais importante que outro. Todos são úteis e necessários por serem concessões divinas voltadas para a edificação do ser humano, como ensina o apóstolo Paulo:

A propósito dos dons do Espírito, irmãos, não quero que estejais na ignorância. [...] Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; diversidade de modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos. A um, o Espírito dá a mensagem de sabedoria, a outro, a palavra de ciência segundo o mesmo Espírito; a outro o mesmo Espírito dá a fé; a outro ainda, o único e mesmo Espírito concede o dom das curas; a outro, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, o dom de falar em línguas; a outro ainda, o dom de as interpretar. Mas é o único e mesmo Espírito que isso tudo realiza, distribuindo cada um os seus dons, conforme lhe apraz.

Segundo a Codificação Espírita, a mediunidade é classificada de acordo com a natureza dos *efeitos* que a manifestação dos Espíritos produzem: *físicos* e *inteligentes* (ou intelectuais). Mediunidade de efeitos físicos Dá-se o nome de manifestações físicas às que se traduzem por efeitos sensíveis, tais como ruídos, movimentos e deslocamento de corpos sólidos[...] O efeito mais simples, e um dos primeiros que foram observados, consiste no movimento circular impresso a uma mesa. Esse efeito igualmente se produz com qualquer outro objeto, mas sendo a mesa, por sua comodidade, o móvel mais utilizado, a designação de *mesas girantes* prevaleceu, para indicar essa espécie de fenômenos.¹¹⁵ (grifo no original).

A mediunidade de efeitos físicos, muito comum à época de Kardec, abrange uma vasta categoria de fenômenos que podem ser produzidos espontaneamente, à revelia do médium, ou com a colaboração consciente deste. Os médiuns de efeitos físicos são fornecedores naturais de *ectoplasma*, também chamada de força nervosa por Allan Kardec, é um fluido vital, substância considerada um subproduto do fluido cósmico universal. O Espírito André Luiz presta algumas informações a respeito do ectoplasma, substância imprescindível às materializações e transportes de objetos e de Espíritos. O veículo físico [...] começou a expelir o ectoplasma, qual pasta flexível, à maneira de uma geleia viscosa e semilíquida, [expelida] através de todos os poros e, com mais abundância, pelos orifícios naturais, particularmente da boca, das narinas e dos ouvidos, com elevada percentagem a exteriorizar-se igualmente do tórax e das extremidades dos dedos. A substância, caracterizada por um cheiro especialíssimo, que não conseguimos

descrever, escorria em movimentos reptilianos, acumulando-se na parte inferior do organismo medianímico, onde apresentava o aspecto de grande massa protoplásmica, viva e tremulante.

As manifestações físicas mais simples são os *ruídos* (*noises* em inglês), mas há muitos outros: pancadas em móveis, portas ou ecoadas no ar; surgimento, deslocamento e desaparecimento de objetos; escrita direta em papel, parede, pedras, etc.; sons e vozes audíveis em determinado recinto ou na atmosfera; materialização de Espíritos e de objetos.

Ruídos, pancadas e pequenos deslocamentos de objetos são manifestações simples, mas que devem ser averiguados com cuidado: “É principalmente neste caso que se deve temer a ilusão, já que uma porção de causas naturais pode produzi-los.”

A partir desses efeitos físicos simples surgiram, no passado, dois tipos de linguagem utilizados na comunicação regular dos Espíritos com os encarnados: *tiptologia* — ou linguagem das pancadas — e a *sematologia* — ou linguagem dos sinais. A *tiptologia*, por sua vez, é classificada em *tiptologia basculante* e *tiptologia alfabética*. A *primeira* [...] consiste no movimento da mesa, que se levanta de um só lado e cai batendo com um dos pés. Basta para isto que o médium ponha a mão na sua borda. [...] Tendo convencionado, por exemplo, que uma pancada significará *sim*, e duas *não* — ou vice-versa, o que é indiferente — o experimentador dirigirá ao Espírito as perguntas que quiser (grifo no original).

A *tiptologia alfabética* é um aperfeiçoamento da anterior. Trata-se de uma técnica em que as letras do alfabeto são indicadas mediante um número convencional de pancadas, sendo então possível obter-se palavras, frases e até discursos inteiros. De acordo com o método adotado, a mesa dará tantas pancadas quantas forem necessárias para indicar cada letra, isto é, uma pancada para o *a*, duas pancadas para o *b*, e assim por diante.

Ambas as modalidades estão totalmente em desuso no meio espírita atual por serem lentas e fastidiosas. Foram substituídas pela psicografia, que é a prática mediúnica de efeito inteligente. Quanto às demais manifestações de efeitos físicos temos:

- *Pneumatografia* ou *escrita direta*: “é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem nenhum intermediário. Difere da *psicografia* por ser esta a transmissão do pensamento do Espírito, mediante a escrita feita com a mão do médium”.
- *Pneumatofonia* ou *voz direta*: “Já que os Espíritos podem produzir ruídos e pancadas, podem igualmente fazer que se ouçam gritos de toda espécie e sons vocais que imitam a voz humana, tanto ao nosso lado, como no ar”.
- *Materialização de Espíritos e transporte de objetos*: são fenômenos que surgiram com mais intensidade logo após a desencarnação de Kardec (1869) e que foram investigados, exaustivamente, por cientistas do passado. O cientista britânico William Crookes sistematizou tais fenômenos, sobretudo pela análise das materializações do Espírito Katie King (ou Anne Morgan, em reencarnação anterior), ocorridas pela mediunidade de Florence Cook. Veja, a propósito, o livro *Fatos espíritas*, de William Crookes, FEB. Estes temas serão objeto de estudo mais aprofundado no Programa II do Curso.

*

As orientações doutrinárias que se seguem, existentes em *O Livro dos Médiuns*, são referenciais para todos os participantes do grupo mediúnico, independentemente do tipo ou grau de mediunidade que possuam.

- «O desenvolvimento da mediunidade guarda relação com o desenvolvimento moral dos médiuns?

Não; a faculdade propriamente dita se radica no organismo; independe do moral. O mesmo, porém, não se dá com o seu uso, que pode ser bom, ou mau, conforme as qualidades do médium. »

- «Os médiuns, que fazem mau uso das suas faculdades, que não se servem delas para o bem, ou que não as aproveitam para se instruírem, [...] serão punidos duplamente, porque têm um meio a mais de se esclarecerem e o não aproveitam. Aquele que vê claro e tropeça é mais censurável do que o cego que cai no fosso. »

- «Os Espíritos, que considerais como personificações do bem, não atendem de boa vontade ao apelo dos que trazem o coração manchado pelo orgulho, pela cupidez e pela falta de caridade. »

- «Falsíssima idéia formaria do Espiritismo quem julgasse que a sua força lhe vem da prática das manifestações materiais e que, portanto, obstando-se a tais manifestações, se lhe terá minado a base. Sua força está na sua filosofia, no apelo que dirige à razão, ao bom-senso. »

É importante, pois, que os participantes que, no futuro, desejam fazer parte de um grupo mediúnico entendam que, antes «[...] de se entrar em comunicação com o mundo invisível, são indispensáveis estudo prévio, preparo moral e método que habilite o pesquisador [participante ou membro da equipe mediúnica] a um trabalho dedicado exclusivamente ao bem geral dos Espíritos sofredores, quer encarnados, quer desencarnados, a fim de ficar isento do perigo das *obsessões*, tão frequentes na atualidade. »

É sempre oportuno lembrar que não existe meio confiável de saber, previamente, que tipo de mediunidade a pessoa possui. Kardec esclarece:

Infelizmente, até hoje, por nenhum diagnóstico se pode inferir, ainda que aproximadamente, que alguém possua essa faculdade. Os sinais físicos, em os quais algumas pessoas julgam ver indícios, nada têm de infalíveis. Ela se manifesta nas crianças e nos velhos, em homens e mulheres, quaisquer que sejam o temperamento, o estado de saúde, o grau de desenvolvimento intelectual e moral. Só existe um meio de se lhe comprovar a existência. É experimentar.

Também não existe regra ou “receita” que especifique como desenvolver a mediunidade. Afirmo, o Codificador, a respeito:

Têm-se procurado processos para a formação dos médiuns, como se têm procurado diagnósticos; mas, até hoje nenhum conhecemos mais eficaz do que os que indicamos. Na persuasão de ser uma resistência de ordem toda material o obstáculo que encontra o desenvolvimento da faculdade, algumas pessoas pretendem vencê-la por meio de uma espécie de ginástica quase deslocadora do braço e da cabeça. [...] Se não existirem rudimentos da faculdade, nada poderá produzi-los, nem mesmo a eletrização, que já foi empregada, sem êxito, com o mesmo objetivo.

O dirigente da reunião deve ficar atento aos possíveis sinais físicos de manifestação mediúnica, comuns aos médiuns principiantes. Nos psicofônicos observa-se respiração ofegante, movimentação ou torção das mãos e ou do corpo, bocejos, gemidos etc. Estes sinais desaparecem no médium educado. Para os psicógrafos, Kardec sugere:

O primeiro indício de disposição para escrever é uma espécie de frêmito no braço e na mão. Pouco a pouco a mão é arrastada por uma impulsão que ela não logra dominar. [...] Alguns médiuns escrevem desde o princípio correntemente com facilidade, às vezes mesmo desde a primeira sessão, o que é muito raro. Outros, durante muito tempo, traçam riscos e fazem verdadeiros exercícios caligráficos. Dizem os Espíritos que é para lhes soltar a mão. [...] Se, apesar de tudo, nenhuma alteração houver, deve o médium parar, uma vez reconheça que nada de sério obtém. [...] A estas observações, acrescenta um Espírito: “Há médiuns cuja faculdade não pode produzir senão esses sinais. Quando, ao cabo de alguns meses, nada mais obtém do que coisas insignificantes, ora um *sim*, ora um *não* ou letras sem conexão, é inútil continuarem, será gastar papel em pura perda. São médiuns, mas *médiuns improdutivos*” [...].

Kardec destaca a grande dificuldade que os médiuns principiantes enfrentam:

«[...] é o de terem de haver-se com Espíritos inferiores e devem dar-se por felizes quando são apenas Espíritos levianos. Toda atenção precisam pôr em que tais Espíritos não assumam predomínio, porquanto, em acontecendo isso, nem sempre lhes será fácil desembaraçar-se deles. É ponto este de tal modo capital, sobretudo em começo, que, não sendo tomadas as precauções necessárias, podem perder-se os frutos das mais belas faculdades. »

A ação desses Espíritos pode ser neutralizada se o participante se cercar dos cuidados básicos, relacionados no penúltimo parágrafo do item 2 deste Roteiro (Orientações para a prática mediúnica).

O dialogador principiante deve ter consciência que a intuição é o tipo de mediunidade utilizada pelos benfeitores espirituais no aprimoramento da capacidade de esclarecer os Espíritos que sofrem, frequentadores comuns das reuniões mediúnicas.

«Falar aos comunicantes perturbados e infelizes, com dignidade e carinho, entre a energia e a doçura, detendo-se exclusivamente no caso em pauta. Sabedoria no falar, ciência de ensinar. »

Os doadores de energias magnéticas, pelo passe, e irradiantes (irradiação mental e prece) desenvolverão, com apoio seguro e inestimável dos orientadores da Vida Maior, a capacidade de expandir o seu fluido vital em benefício dos necessitados, encarnados e desencarnados, ao longo do tempo. Reconhecer que os «[...] resultados da oração, quanto os resultados do amor, são ilimitados. »

Por outro lado, o principiante da prática mediúnica deve saber que quando «[...] aplicar passes e demais métodos da terapêutica espiritual, fugir à indagação sobre resultados e jamais temer a exaustão das forças magnéticas. O bem ajuda sem perguntar.»

Por outro lado, esses benfeitores atuarão, também, nos canais da intuição desses médiuns, permitindo que percepções lhes atinjam o mundo íntimo, as quais serão utilizadas em benefício dos Espíritos que sofrem e na manutenção vibratória da reunião.

*

14

VISÃO ESPÍRITA DA BÍBLIA – J. HERCULANO PIRES DEUTERONÔMIO CONFIRMA MEDIUNIDADE DE MOISÉS

Quem conhece o Deuteronômio, livro Bíblico sempre citado contra o Espiritismo, sabe que os seus melhores episódios são de ordem declaradamente mediúnica. O próprio Moisés é constantemente citado como "mediador entre Deus e o povo". A palavra "médium" é moderna, mas quer dizer o mesmo que "mediador". A modernização dos textos bíblicos, feita por várias igrejas, chegou a incluir a palavra "médium" numa tradução clássica da nossa língua, mas somente quando aplicada para combater o Espiritismo. Nenhum revisor sagrado das nossas traduções clássicas foi capaz da

necessária coerência, substituindo a palavra "mediador", que se refere a Moisés, pela "perigosa" palavrinha espírita. Mas o leitor perspicaz, mesmo que não seja espírita, logo percebe a manobra.

O capítulo V do Deuteronômio é inteiramente mediúnico. Mas convém lembrar que os sucessos desse capítulo são melhor compreendidos quando lemos o Êxodo, caps. 18 a 20. Nos versículos 13a 16, do Cap. 18, vemos Moisés diante do povo, para ser o mediador, o intérprete, - mas na verdade o médium, -entre Deus e o povo. Nos versículos 22 a 31, Cap. X do Deuteronômio, temos uma bonita descrição de conhecidos fenômenos mediúnicos: o monte Horebe envolto em chamas, a nuvem de fluidos ectoplásmicos (materializantes), e a voz-direta de Jeová, que falava do meio do fogo, sem se apresentar ao povo. E Moisés, como sempre, servindo de intermediário, na sua função mediúnica. Por fim, Jeová recomenda a Moisés que mande o povo embora, mas permaneça com ele, para receber as demais instruções. (Vers. 31, Cap. 5 de Deut.).

No famoso Cap. 18 de Deuteronômio, tão citado contra o Espiritismo, logo após os versículos das proibições, temos a promessa de Jeová, de que suscitará um grande profeta para auxiliar e orientar o povo. Como fazia com Moisés, o próprio Jeová promete que porá as suas palavras na boca desse novo médium. Não obstante, sabendo que todo médium está sujeito a envaidecer-se e dar entrada a espíritos perturbadores, Jeová determina que o profeta seja morto: "se falar em nome de outros deuses".

Esta passagem (vers. 20 do Cap. XVIII) é uma confirmação bíblica do ensino espírita de que, naquele tempo, os espíritos eram chamados "deuses". Jeová era espírito guia do povo hebreu, e por isso considerado como o seu deus, o único verdadeiro. Mas os profetas de Jeová podiam receber outros deuses, como Baal, Apoio ou Zeus, pelo que a proibição bíblica nesse sentido é terrível e desumana, como podemos ver nos textos. A evolução espiritual do povo hebreu permitiria a Jesus vir corrigir esses abusos e substituir a concepção bárbara de Deus dos Exércitos pela concepção evangélica do Deus-Pai, cheio de amor com todas as criaturas.

*

15

PRÁTICA MEDIÚNICA

*

FINAL DA AULA

*

13ª AULA – 28 DE SETEMBRO DE 2.016

01

**O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – ALLAN KARDEC
NECESSIDADE DA ENCARNAÇÃO**

• São Luís • Paris, 1859

25. A encarnação é uma punição, e somente os Espíritos culpados é que lhe estão sujeitos?

A passagem dos Espíritos pela vida corpórea é necessária, para que eles possam realizar, com a ajuda do elemento material, os propósitos cuja execução Deus lhes confiou. É ainda necessária por eles mesmos, pois a atividade que então se veem obrigados a desempenhar ajuda-os a desenvolver a inteligência. Deus, sendo soberanamente justo, deve aquinhoar equitativamente a todos os seus filhos. É por isso que Ele concede a todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, **as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de ação**. Todo privilégio seria uma preferência, e toda preferência uma injustiça. Mas a encarnação, para todos os Espíritos, é apenas um estado transitório. É uma tarefa que Deus lhes impõe, no princípio da existência, como primeira prova do uso que farão do seu livre-arbítrio. Os que executam essa tarefa com zelo, sobem rapidamente, e de maneira menos penosa, os primeiros degraus da iniciação, e gozam mais cedo o resultado do seu trabalho. Os que, ao contrário, fazem mau uso da liberdade que Deus lhes concede, retardam o seu progresso. E é assim que por sua obstinação, podem prolongar indefinidamente a necessidade de se reencarnarem. E é então que a encarnação se torna um castigo.

*

02 - SEARA DOS MÉDIUNS – EMMANUEL

Espíritos da Luz

Reunião pública de 7/3/60

Questão nº 267 - Parágrafo 10º

Parafrazeando a luminosa definição do apóstolo Paulo, em torno da caridade, no capítulo treze da primeira epístola aos coríntios, ousaremos aplicar os mesmos conceitos aos Espíritos benevolentes e sábios que nos tutelam a evolução.

Ainda que falássemos a linguagem das trevas e não possuíssemos leve raio de entendimento, — não passaríamos para eles de pobres irmãos necessitados de luz.

Ainda que nos demorássemos na vocação do crime, caindo em todas as faltas e retendo todos os vícios, a ponto de arrojarmos, por tempo indeterminado, nos últimos despenhadeiros do mal, para nosso próprio infortúnio, — não seríamos para eles senão criaturas Infelizes, carecentes de amor.

Ainda que dissipássemos todas as nossas forças no terreno da culpa e dedicássemos a vida ao exercício da crueldade, sem a mínima noção do próprio dever, — Isso seria para eles tão-somente motivo a maior compaixão.

Os Espíritos da Luz são pacientes.

Em todas as manifestações são benignos.

Não invejam.

Não se orgulham.

Não mostram leviandade.

Não se ensoberbecem.

Não se portam de maneira inconveniente.

Não se irritam.

Não são interesseiros.

Não guardam desconfiança.

Não folgam com a injustiça, mas rejubilam-se com a verdade.

Tudo suportam.
 Tudo creem.
 Tudo esperam.
 Tudo sofrem.

A caridade deles nunca falha, enquanto que para nós, um dia, as revelações gradativas terão fim, os fenômenos cessarão e as provas terminarão, por desnecessárias.

Por agora, de nós mesmos, conhecemos em parte e em parte imaginamos; entretanto, eles, os emissários do Eterno Bem, acompanham-nos com devotamento perfeito, sabendo que, em matéria de espiritualidade superior, quase sempre ainda somos crianças, falamos como crianças, pensamos quais crianças e ajuizamos infantilmente.

Estão certos, porém, de que mais tarde, quando nos despojarmos das deficiências humanas, abandonaremos, então, tudo o que vem a ser pueril.

Verificaremos, assim, a grandeza deles, como a víssemos retratada em 30 espelho, confrontando a estreiteza de nosso egoísmo com a imensurabilidade do amor com que nos assistem.

Conforte-nos, pois, reconhecer que, se ainda demonstramos fé vacilante, esperança imperfeita e caridade caprichosa, temos, junto de nós, a caridade dos mensageiros do Senhor, que é sempre maior, por não esmorecer em tempo algum.

*

03

A CAMINHO DA LUZ – EMMANUEL QUATRO GRANDES POVOS

As raças adâmicas guardavam vaga lembrança da sua situação pregressa, tecendo o hino sagrado das reminiscências.

As tradições do paraíso perdido passaram de gerações a gerações, até que ficassem arquivadas nas páginas da Bíblia.

Aqueles seres decaídos e degradados, a maneira de suas vidas passadas no mundo distante da Capela, com o transcurso dos anos reuniram-se em quatro grandes grupos que se fixaram depois nos povos mais antigos, obedecendo às afinidades sentimentais e linguísticas que os associavam na constelação do Cocheiro. Unidos, novamente, na esteira do Tempo, formaram desse modo o grupo dos árias, a civilização do Egito, o povo de Israel e as castas da Índia.

Dos árias descende a maioria dos povos brancos da família indo-europeia nessa descendência, porém, é necessário incluir os latinos, os celtas e os gregos, além dos germanos e dos eslavos.

As quatro grandes massas de degradados formaram os pródromos de toda a organização das civilizações futuras, introduzindo os mais largos benefícios no seio da raça amarela e da raça negra, que já existiam.

É de grande interesse o estudo de sua movimentação no curso da História. Através dessa análise, é possível examinarem-se os defeitos e virtudes que trouxeram do seu paraíso longínquo, bem como os antagonismos e idiosincrasias peculiares a cada qual.

*

04

PENSAMENTO E VIDA – EMMANUEL Família

A família consanguínea, entre os homens, pode ser apreciada como o centro essencial de nossos reflexos. Reflexos agradáveis ou desagradáveis que o pretérito nos devolve.

Certo, não incluímos aqui os Espíritos pioneiros da evolução que, trazidos ao ambiente comum, superam-no, de imediato, criando o clima mental que lhes é peculiar,

atendendo à renovação de que se fazem intérpretes.

Comentamos a nossa posição no campo vulgar da luta.

Cada criatura está provisoriamente ajustada ao raio de ação que é capaz de desenvolver ou, mais claramente, cada um de nós apenas, pouco a pouco, ultrapassará o horizonte a que já estenda os reflexos que lhe digam respeito.

O homem primitivo não se afasta, de improviso, da própria taba, mas aí renasce múltiplas vezes, e o homem relativamente civilizado demora-se longo tempo no plano racial em que assimila as experiências de que carece, até que a soma de suas aquisições o recomende a diferentes realizações.

É assim que na esfera do grupo consanguíneo o Espírito reencarnado segue ao encontro dos laços que entreteceu para si próprio, na linha mental em que se lhe caracterizam as tendências.

A chamada hereditariedade psicológica é, por isso, de algum modo, a natural aglutinação dos espíritos que se afinam nas mesmas atividades e inclinações.

Um grande artista ou um herói preeminente podem nascer em esfera estranha aos sentimentos nos quais se avultam. É a manifestação do gênio pacientemente elaborado no bojo dos milênios, impondo os reflexos da sua individualidade em gigantesco trabalho criativo.

Todavia, na senda habitual, o templo doméstico reúne aqueles que se retratam uns nos outros.

Uma família de músicos terá mais facilidade para recolher companheiros da arte divina em sua descendência, porque, muita vez, os Espíritos que assumem a posição de filhos na reencarnação, junto deles, são os mesmos amigos que lhes incentivavam a formação musical, desde o reino do Espírito, refletindo-se reciprocamente na continuidade da ação em que se empenham através de séculos numerosos.

É ainda assim que escultores e poetas, políticos e médicos, comerciantes e agricultores quase sempre se dão as mãos, no culto dos melhores valores afetivos, continuando-se, mutuamente, nos genes familiares, preservando para si mesmos, mediante o trabalho em comum e segundo a lei do renascimento, o patrimônio evolutivo em que se exprimem no espaço e no tempo. Também é assim, de conformidade com o mesmo princípio de sintonia, que vemos diplomamos e cleptomaníacos, tanto quanto delinquentes e enfermos de ordem moral, nascendo daqueles que lhes comungam espiritualmente as deficiências e as provas, porquanto muitas inteligências transviadas se ajustam ao campo genético daqueles que lhes atraem a companhia, por força dos sentimentos menos dignos ou das ações deploráveis com que se oneram perante a Lei.

A tara familiar, por esse motivo, é a resultante da conjunção de débitos, situando-nos no plano genético enfermigo que merecemos, à face dos nossos compromissos com o mundo e com a vida. Dessa forma, somos impelidos a padecer o retorno dos nossos reflexos tóxicos através de pessoas de nossa parentela, que no-los devolvem por aflitivos processos de sofrimento.

Temos assim, no grupo doméstico, os laços de elevação e alegria que já conseguimos tecer, por intermédio do amor louvavelmente vivido, mas também as algemas de constrangimento e aversão, nas quais recolhemos, de volta, os clichês inquietantes que nós mesmos plasmamos na memória do destino e que necessitamos desfazer, à custa de trabalho e sacrifício, paciência e humildade, recursos novos com que faremos nova produção de reflexos espirituais, suscetíveis de anular os efeitos de nossa conduta anterior, conturbada e infeliz.

05

O ESPÍRITO E O TEMPO – J. HERCULANO PIRES
CAPÍTULO IV - HORIZONTE PROFÉTICO: MEDIUNISMO BÍBLICO

(...)

4. INDIVIDUALIZAÇÃO ESPIRITUAL — Para bem compreendermos o problema da individualização espiritual, analisemos rapidamente as formas anteriores: a biológica e a social. O homem se destaca, individualmente, da massa animal da espécie, no momento em que se reconhece a si mesmo como unidade que se opõe ao múltiplo. Seu corpo é um, em conflito com muitos corpos, que o cercam por todos os lados. O gregarismo biológico é superado pelo narcisismo, e esse narcisismo se repete em cada indivíduo, no processo do desenvolvimento biológico individual, como ensina a psicologia da infância e da adolescência. Não obstante, a individualização biológica é apenas o primeiro passo da individualização social, e por isso mesmo não pode ser tomada como uma dimensão espiritual. No momento em que Narciso se debruça sobre o espelho das águas, e aprende a se contemplar, descobre também que merece a admiração dos outros. O vínculo social se estabelece.

A fórmula de Sartre, sobre as três dimensões ontológicas do corpo, esclarece precisamente o que estamos estudando. Podemos resumi-la assim: "Existo no meu corpo, é esta a sua primeira dimensão; meu corpo é utilizado e conhecido por outro, e esta é a sua segunda dimensão; eu existo por mim como conhecido por outro a título de corpo, e esta é a terceira dimensão ontológica do meu corpo." Ao reconhecer a existência do seu corpo, na massa da espécie, o homem já se projeta fora de si-mesmo, na relação social. Mas, com isso, não se devolve à espécie. Pelo contrário, supera-a, iniciando a facticidade do social, entrando para uma nova forma de gregarismo, de ordem superior, que é o gregarismo psíquico. A terceira dimensão ontológica do corpo é o indivíduo social, que no plano do espírito representa apenas a primeira dimensão. O indivíduo social é uma transcendência imediata do indivíduo biológico, segundo o demonstra o próprio Sartre. E reportando-nos à definição, já citada, de Simone de Beauvoir, sobre a humanidade, podemos dizer que esta deixa de ser uma espécie, para se transformar num devir, no momento exato em que Narciso se olha no espelho das águas.

Pisando no limiar do espírito, com a individualização social, o homem avança na espiritualidade através do lento e vasto processo da individualização mediúnica, que estudamos ao tratar dos horizontes tribal, agrícola e civilizado. Neste último é que surge o conflito entre o social e o mediúnico, porque o espiritual se impõe, a cultura subjetiva se define e se destaca da objetiva. Os deuses materiais do politeísmo se reúnem numa forma única e superior, a do monoteísmo, que é abstrata, espiritual. A utopia leva Platão a sonhar com a República, Francis Bacon com a Nova Atlântida, Karl Marx com a sociedade sem classes. Mas depois de Platão e antes dos outros, Jesus também pregara o Reino de Deus, para confirmar a natureza espiritual do homem, que transcende a material. E Kardec, mais tarde, daria sentido espiritual à lei da evolução, que o século dezoito descobriu, para mostrar que o Reino de Deus é uma conquista progressiva, um avanço da humanidade, através do deserto ilusório dos bens materiais, na direção da Canaã espiritual.

Ao atingir a individualização mediúnica, o profeta se põe em relação direta e pessoal com Deus. Dois indivíduos se defrontam: o divino e o humano. Os intermediários, quer sociais, quer espirituais, são afastados. O profeta não necessita mais dos sacerdotes, nem dos deuses. Abrão, por exemplo, é amigo de Deus e confabula com Ele. Despreza os deuses mesopotâmicos e os de todos os povos idólatras, porque elevou-se acima do gregarismo psíquico e descobriu que a sua individualização não é apenas um processo terreno, pois corresponde a uma realidade espiritual, que é a individualização de Deus.

Ninguém explicou melhor esse fato do que Descartes, ao descobrir, no fundo do "cógito", no mais profundo de si mesmo, a idéia do Ser Supremo.

De onde viria essa idéia, que não encontra apoio na realidade exterior, onde só encontramos os seres frágeis e imperfeitos da individualização social? Só poderia vir de uma realidade interior, e portanto espiritual. O Ser Supremo não corresponde aos produtos objetivos da evolução, mas aos subjetivos. E como é ele o modelo único da espiritualidade, aquele ímã divino de que falava Aristóteles, que atrai o mundo para a sua perfeição absoluta, o indivíduo espiritual não pode dirigir-se senão a ele. Daí a energia e a firmeza, a intransigência com que os profetas hebreus rejeitavam a idolatria. O indivíduo espiritual, que neles se desenvolvia, recusava-se a aceitar a própria diluição nos cultos formais do politeísmo. Esses cultos constituem um perigo para a integridade espiritual do profeta.

A afirmação de John Murphy em seu tratado, "Origens e História das Religiões", ajudanos a compreender todo esse processo: "O homem é o produto da evolução, tanto no seu corpo, quanto no seu espírito." Murphy acrescenta: "O ser humano passou por graus sucessivos de evolução, e foi o seu espírito que o tornou especificamente humano." As formas de individualização a que nos referimos oferecem a linha dessa evolução. Narciso levanta a cabeça do espelho das águas para contemplar o mundo com olhos sonhadores. A descoberta de si mesmo, de sua especificidade, de sua beleza própria, descortina-lhe unia visão diferente das coisas dos seres. O corpo de argila que recebeu o sopro do Criador, segundo o imito bíblico, revelou um conteúdo espiritual, que supera a realidade imanente e leva o homem ao plano do transcendente.

A individualização espiritual é, portanto, o ápice do processo evolutivo que se iniciou com a individualização biológica. Ao atingi-la, o homem se iguala a Deus, e pode falar a Ele como de igual para igual. Não era assim que faziam os profetas? Ouviam a Deus, e Deus os ouvia. A criação do homem à imagem e semelhança de Deus não é, portanto, uma simples alegoria, e não se refere ao plano material. O deus antropológico é apenas uma concepção aproximativa da realidade espiritual, que se converte no deus-sem-forma de Israel ou dos místicos indianos. Deus é amor, diz João, evangelista, e essa afirmação nos leva a um plano conceptual que paira muito acima do antropomorfismo religioso. Não obstante, devemos precaver-nos das ilusões. O deus conceptual é apenas um reflexo da realidade suprema. O indivíduo espiritual confabula com entidades superiores, certo de falar com o próprio Deus, como ocorreu com Moisés no Sinai ou com Elias no Carmelo. A individualização espiritual é ainda uma fase da evolução, que se prolonga nos planos da espiritualidade, muito além das nossas possibilidades de concepção e imaginação.

*

06

MEDIUNIDADE (VIDA E COMUNICAÇÃO) – J. HERCULANO PIRES
CAPÍTULO VIII
O VAMPIRISMO

(...)

Mas a verdade é que o vampirismo é uma parceria sinistra. Daí a necessidade de se doutrinar primeiro o obsedado, despertando-lhe a consciência das suas responsabilidades, para que ele feche a porta da sua vontade às insinuações dos obsessores. Um jovem de pouco mais de vinte anos procurou-nos para expor o seu caso. Começou dizendo em lágrimas, de mãos trêmulas: "Sou um desgraçado que goza mais do que muitos rapazes felizes. Toda noite sou procurado em meu leito por uma deidade loira e belíssima, extremamente amorosa, que se entrega a mim. É uma criatura espiritual, bem sei, e não quero aceitá-la, mas não posso repeli-la. Após, ela desaparece como nos contos de fadas e eu me levanto e grito por ela em tamanho desespero que acordo os vizinhos. Todos

pensam que sou um sonâmbulo ou um louco. Ajude-me, por piedade!". O caso vinha de longe, desde os seus 16 anos. A jovem lhe aparecera pela primeira vez como sua filha de outra encarnação. Essa referência filial era um embuste, destinado a aumentar as sensações com o excitante do pecado. Seis anos depois o reencontro por acaso. Fugira envergonhado pela confissão e com medo de que o libertássemos da obsessão. Mas já parecia um velho, cada vez mais trêmulo e de cabelos precocemente grisalhos. Prometeu ir ao Centro que lhe indicamos, mas não foi. Tornou a desaparecer e nunca mais tivemos notícias dele. O vampirismo o exauria e deve tê-lo levado à morte precoce. Os casos desta espécie são mais freqüentes do que geralmente supomos, mas permanecem em sigilo. A situação de ambivalência da vítima auxilia o vampirismo destruidor. A Idade Média se foi mas esses casos medievais continuam às portas da Era Cósmica. Mais dois casos conseguimos solucionar em trabalhos de desobsessão em que os pacientes compareciam e as entidades se manifestavam. Mas se o obsedado não se quer curar, nada se pode fazer. A cura está em suas mãos, não nas nossas. O livre-arbítrio do obsessor e do obsedado não será violado. Kardec relata um caso em que conseguiu salvar a vítima em sessões em que ele não comparecia, mas o obsessor se manifestava. Eram sessões diárias, realizadas com absoluta pontualidade por um pequeno grupo coeso. Outro caso foi de um bancário, já de trinta anos, que nos procurou e escreveu ao Chico Xavier. Pedia socorro e ameaçava suicidar-se. Não obstante alegava que era um caso de disfunção no campo estritamente biológico e não queria submeter-se a trabalhos espíritas. Tratava-se de homossexualismo masculino. Chico Xavier nos respondeu dizendo que só nos restava orar pelo obsedado e sua vítima. A vítima era o espírito vampiresco . . .

Não podemos nos esquecer, em casos desses, de que o livre-arbítrio é indispensável à evolução do espírito Cabe a ele procurar com afinco a cura, se realmente desejar, e então terá toda a assistência espiritual de que necessita. Basta um dos parceiros querer de verdade para que o caso possa ser superado. Este é um dos momentos cruciais em que a responsabilidade individual no processo evolutivo se mostra soberana. Um homem de 40 anos, pobre e envelhecido, chorava ao dizer-nos que não podia esquecer o parceiro jovem que o abandonara. "Choro de vergonha — dizia — mas se ele voltar eu ficarei feliz." Apesar dessa teimosia, curou-se após dez anos de luta solitária, orando dia e noite, segundo nos explicou mais tarde. Sua mãe o auxiliava com aparições periódicas, sem nada dizer, mas de olhos cheios de lágrimas. Graças a essa ajuda materna conseguiu despertar a sua vontade anestesiada e livrar-se das tentações vampirescas. Tornou-se espírita e casou-se. Hoje freqüenta regularmente um Centro Espírita em São Paulo e se interessa especialmente pelos casos de vampirismo. Quer pagar com o seu auxílio aos outros o benefício imenso que recebeu. Ninguém sabe nada do seu passado infeliz e todos o consideram e estimam. Não foi esse o caso de Madalena, que Jesus socorreu e transformou na primeira testemunha da sua ressurreição?

A Mediunidade — luz divina no campo da Comunicação — tão desprezada, aviltada e caluniada pelos que não a conhecem, segue humilde na Terra as pegadas de Jesus, semeando bênçãos nos caminhos de urzes e espinheiros impiedosos do mundo dos homens. Graças a ela as mães sofredoras, que deixaram filhos no mundo em resgates dolorosos, conseguem socorrê-los e libertá-los de provas esmagadoras, que os homens, em geral, só sabem aumentar e agravar. Os médiuns precisam de conhecer esses episódios emocionantes, para compreenderem o esplendor secreto de sua missão e a utilidade superior e humilde do mediunato que lhes foi concedido. Chegou a hora em que esses fatos secretos devem ser proclamados de cima dos telhados, segundo a previsão de Jesus registrada nos Evangelhos. Mais do que nunca se comprova o adágio: "Ajuda-te e o Céu te ajudará"

07

OBSESSÃO. O PASSE. A DOCTRINAÇÃO – J. HERCULANO PIRES
IV - Passe à distância.

Não há distância para a ação dos passes. Os Espíritos Superiores não conhecem as dificuldades das distâncias terrenas. Podem agir e curar através das maiores lonjuras. Esse fato, constatado e demonstrado pelo espiritismo e ridicularizado pelos cientistas materialistas, está hoje cientificamente comprovado pelas pesquisas em todo o mundo, através de pesquisas e experiências dos principais centros universitários da atualidade. A telepatia, transmissão do pensamento, intenções e desejos, e psicapa, ação da mente sobre a matéria, só podem ser negadas hoje por pessoas (cientistas ou não) que estiverem cientificamente desatualizadas, e, portanto sem autoridade para opinar a respeito.

Não obstante, não se deve desprezar a importância do efeito psicológico da presença do paciente no ambiente mediúnico ou da presença do passista junto a ele. Temos, nesse caso, dois elementos importantes de eficácia no tratamento por passes. O efeito psicológico resulta dos estímulos provocados no paciente por sua presença num ambiente de pessoas interessadas a ajudá-lo, o que lhe desperta sensação de segurança e confiança em si mesmo. Trata-se de uma reação anímica (da própria alma do paciente) por isso mesmo psicológica, conhecida na Psicologia como estímulo de conjunto, em que se quebra o desânimo da solidão. Por outro lado, a visita do passista ao paciente isolado em casa dá-lhe a sensação de valor social, reanimando lhe a esperança de volta a vida normal. Além disso, a presença do paciente numa reunião lhe permite receber a ajuda do calor humano dos outros e da doação fluídica direta, seja do médium ou também de pessoas que o acompanham. Assim, o passe à distância só deve ser empregado quando for de todo impossível o passe de contato pessoal.

São esses também os motivos que justificam a prática dos passes individuais nos Centros, onde todos sabem que ninguém deixa de ser assistido e receber a fluidificação necessária

*

08

O TESOURO DOS ESPÍRITAS – MIGUEL VIVES

O espírita perante o sofrimento

(...)

O espírita deve encarar a existência material como um curso de provas de toda espécie: físicas e morais, que servem para levá-lo a um verdadeiro progresso. Nunca deve confundir essa existência com a verdadeira vida, mas encará-la como um período de estudos e provas, em que se prepara com vistas a esta última, que se encontra na erraticidade. Cada dia que passamos na carne corresponde a milhares de anos que iremos viver no Espaço. Que significam, pois, estes pequenos períodos que chamamos de vida material, diante da vida espiritual que nos aguarda? Se a lei nos obriga a sofrer, porque nada na Criação escapa à Justiça, devemos fazê-lo com a maior serenidade. Pois sabemos que isso constitui para nós um grande bem, e que chegamos à hora de provar se o Espiritismo mergulhou em nosso interior ou se permanece apenas superficial. Se é superficial, não podemos chamar-nos espíritas. Se estiver arraigado no mais fundo de nossa alma, saberemos encarar as provas e dores da existência como necessárias, e honraremos a doutrina que professamos.

Nenhum espírita deve duvidar que no Reino de Deus não se entra de surpresa, nem se atinge a felicidade senão depois da purificação. Assim é que as comodidades, as alegrias mundanas, os gozos da Terra, não são os caminhos indicados para alcançarmos a felicidade no espaço. Também não deve duvidar que, quanto mais próximo se acha da

sua felicidade espiritual, mais submetido será a todas as provas terrenas. Basta recordar a vida dos mártires, dos justos, dos humildes e dos bons, e compará-la com a maneira de viver dos grandes do mundo, dos opulentos, dos potentados, para ver que enquanto o primeiro tem os olhos voltados para o futuro, os segundos não veem mais do que as delícias mundanas. Disso nos dá uma excelente prova o Senhor e Mestre, em seus mandamentos e em seus atos:

Bem-aventurados os que sofrem, porque deles é o Reino dos Céus.

Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados.

Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus.

Estas são as palavras do Senhor. Confiemos n'Ele. Sigamos seu exemplo. Todo espírito submetido a grandes dores mantenha-se forte, cheio de clama, de amor ao Pai, de resignação e de submissão à Justiça Divina. E se às vezes a tentação o envolver, que se defenda com a prece, com o amor pelos que sofreram antes dele, não esquecendo jamais que por trás da dor suportada com alegria e calma virá a felicidade na vida eterna.

*

09

PARAPSIKOLOGIA HOJE E AMANHÃ – J. HERCULANO PIRES

VI - Pk - A mecânica da vida

(...)

Assim como as experiências de psigama foram feitas com cartas de baralho, as de psikapa começaram com o jogo de dados. E isso por motivos circunstanciais, como logo mais se verá, mas também pela maior facilidade que os dados oferecem, à semelhança das cartas, para a boa verificação do fenômeno e a precisa avaliação dos resultados. Muitas críticas foram feitas, e ainda o são, a essa preferência de Rhine pelos dados. Correm por conta da incompreensão e da prevenção, quando não do sectarismo científico ou religioso que atuam invariavelmente em questões desta natureza.

Paralelamente às experiências de Duke outros tipos de investigação foram idealizados e realizados em várias partes do mundo. Na França, Chevalier e Hardy realizaram experiências com gotas d'água, através de engenhosos mecanismos. As gotas caíam sobre uma lâmina, sendo cortadas ao meio, e os *sujets* agiam no sentido de desviá-las da queda natural, atraindo-as para si ou afastando-as. Hardy construiu outros mecanismos, o primeiro para acender lâmpadas elétricas por ação mental num complicado aparelho eletrônico; o segundo para mover uma pequena balança de precisão ou prolongar os seus movimentos pela influência do pensamento.

As experiências mais tocantes foram realizadas pelo casal Paul Vase, na França, e por Nigel Richmond, na Inglaterra. Os primeiros realizaram experiências semelhantes às dos faquires indianos sobre a germinação e crescimento de plantas. Obtiveram resultados favoráveis, pois a ação da mente acelerou a germinação e o desenvolvimento de sementes especiais, enquanto a parte não submetida à influência mental cresceu de maneira normal, lentamente. Richmond dirigiu os movimentos de paramécios ao microscópio, em direções determinadas. E Richard da Silva experimentou com sucesso impedir o desenvolvimento de bactérias em solução de ágar-ágar.

*

10

INSTRUÇÕES PRÁTICAS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS -

ALLAN KARDEC

III

Comunicações espíritas

(...)

Esse estado de confusão, que se pode comparar ao estado transitório do sono à

vigília, persiste por um tempo mais ou menos longo. Vimos Espíritos que se haviam completamente desprendido ao fim de três ou quatro dias; outros não o estavam ainda depois de vários meses. Segue-se lhes com interesse a marcha progressiva, assiste-se de certo modo ao despertar da alma; as perguntas que lhes são dirigidas, se são feitas com medida, prudência, circunspeção e benevolência, os ajudam mesmo a se desvencilharem. Se sofrem e temos a comiseração de sua dor, isto os alivia. Quando a morte é natural, isto é, quando ela se dá pela extinção gradual das forças vitais, a alma está já em parte desligada antes da cessação completa da vida orgânica, e se reconhece mais prontamente. O mesmo se dá com os homens que, durante a vida, se elevaram pelo pensamento acima das coisas materiais. Já neste mundo, eles pertencem, de certo modo, ao mundo dos Espíritos. A passagem de um a outro plano se faz rapidamente e a perturbação é de curta duração.

Uma vez desprendida *dos restos de suas vestes corporais*, a alma se acha em seu estado normal de Espírito. É somente então que se pode julgá-la, porque se revela verdadeiramente como é. Suas qualidades e seus defeitos, suas imperfeições, seus preconceitos, suas prevenções, suas idéias falsas, mesquinhas ou ridículas, persistem sem modificação durante toda a duração de sua vida errante, ainda que esta fosse de mil anos. É-lhe preciso passar de novo pelo crivo da vida corporal, para nele deixar algumas de suas impurezas e elevar-se mais alguns degraus. Temos visto algumas que, depois de 200 anos de vida errante, têm ainda as manias e mesquinhas que as caracterizavam em vida, enquanto outras desenvolvem quase que imediatamente uma grande superioridade.

A propósito do estado de transição que acabamos de descrever, nos referimos apenas aos Espíritos sofredores. Naturalmente perguntar-se-á se esse momento é doloroso. Não entra em nosso escopo tratar do sofrimento dos Espíritos. Esta questão terá seu lugar na *Revista*. Limitar-nos-emos, pois, a dizer que, para o homem de bem, para o que adormece na paz de uma consciência pura e não teme nenhum olhar perscrutador, o despertar é sempre calmo, doce e plácido. Para aquele cuja consciência está carregada de malefícios, para o homem materializado, que pôs todas as suas alegrias na satisfação do corpo, para o que malbaratou os favores que a Providência lhe havia outorgado, ele é terrível. Sim, esses Espíritos sofrem no instante em que deixam a vida. Sofrem muito e tal padecimento pode durar tanto quanto sua vida errante. Essa dor, mesmo sendo apenas moral, é tanto mais pungente, porque não lhes é dado ver-lhe o término; sofrem até que um raio de esperança venha luzir-lhes aos olhos, e esta esperança nós podemos fazer nascer conversando com eles. Boas palavras, testemunhos de simpatia são para eles um alívio para o qual podem concorrer os bons Espíritos, que chamamos em nosso auxílio para secundarem nossas intenções. Um suicida evocado pouco tempo depois da morte nos pintava suas torturas.

– Quanto tempo durará isto? – perguntou-se-lhe.

– Nada sei a esse respeito, e é o que me desespera.

Um Espírito superior que estava presente elucidou então espontaneamente:

– Isto durará até o termo natural da vida que ele voluntariamente interrompeu.

– Muito obrigado! – disse o outro – pelo que *este que aí está* acaba de me informar.

Terminaremos este capítulo com uma observação essencial. O quadro que acabamos de traçar não é o resultado de uma teoria, nem de um sistema filosófico mais ou menos

engenhoso. Tudo o que dissemos foi recebido dos próprios Espíritos; a eles é que interrogamos e eles é que nos responderam, muitas vezes de uma maneira contrária às nossas convicções primitivas.

Fizemos com os Espíritos o que os anatomistas fazem com o corpo humano: levamos o escalpelo da investigação a inúmeros indivíduos; não nos contentamos com fazê-los falar, sondamos lhes todos os refolhos da existência, ao menos tanto quanto nos foi possível fazê-lo; seguimo-los desde o instante em que exalaram o último suspiro da vida corporal até o momento em que tornaram a nela entrar. Estudamos lhes a linguagem, os hábitos, os costumes, os sentimentos, os pensamentos, como o médico escuta as pulsações de um doente, e nesta clínica moral, em que todas as fases da vida espírita passaram sob nossos olhos, observamos e comparamos. Vimos, de um lado, chagas medonhas, mas, do outro, grandes motivos de consolação. Ainda uma vez não fomos nós que imaginamos tudo quanto aqui vai escrito. Foram os Espíritos que a si mesmos se pintaram. Para quem quer que deseje entrar em relação com eles, importa conhecê-los bem, a fim de ficar em condições de apreciar lhes a situação e melhor compreender- lhes a linguagem, que, sem isto, poderia algumas vezes parecer contraditória. Eis por que nos estendemos um tanto longamente sobre este capítulo.

*

11
O LIVRO DOS MÉDIUNS – ALLAN KARDEC
CAPITULO III
MANIFESTAÇÕES INTELIGENTES
(...)

70. Num navio da Marinha Imperial Francesa, nos mares da China, toda a equipagem, dos marinheiros até o comando, ocupava-se das mesas falantes. Resolveram evocar o Espírito de um tenente do mesmo navio, morto há dois anos. Ele atendeu, e após diversas comunicações que espantaram a todos, disse o seguinte por meio de pancadas: “Peço-vos insistentemente que paguem ao capitão a soma de (indicou a quantia) que lhe devo e que lamento não ter podido parar antes de morrer”. Ninguém sabia do fato. O próprio capitão se havia esquecido da dívida, que aliás era mínima. Mas, verificando nas suas contas, encontrou o registro da dívida do tenente, na exata importância indicada. Perguntamos: do pensamento de quem essa indicação podia ter sido refletida? (2) (O problemas do inconsciente deu margem no passado, e continua a dá-la ainda hoje, a numerosas hipóteses fantásticas sobre a possibilidade de serem telepáticas essas transmissões. Mas os fatos são mais complicados do que o citado acima e essas hipóteses não abrangem a todos. As pesquisas parapsicológicas atuais, longe de beneficiarem essas hipóteses fantásticas, como querem os adversários do Espiritismo, vêm confirmando progressivamente a explicação espírita. O estudante deve precaver-se contra os explicadores tendenciosos e prosseguir seriamente o estudo para obter respostas mais positivas. (N. do T.)

71. Aperfeiçoou-se essa arte de comunicação pelo sistema alfabético de pancadas, mas o meio era sempre muito moroso. Não obstante, obtiveram-se algumas de certa extensão, assim como interessantes revelações sobre o Mundo dos Espíritos. Desse meio surgiram outros, e assim se chegou ao de comunicações escritas.

As primeiras comunicações desse gênero foram obtidas por meio de uma pequena e leve mesa a que se adaptava um lápis, colocando-a sobre uma folha de papel. Movimentada sob a influência do médium, essa mesinha começou traçando algumas letras, e depois escreveu palavras e frases. Esse processo foi gradualmente simplificado com a utilização de mesas ainda menores, feitas especialmente, do tamanho da mão, a seguir de cestinhas, de caixas de papelão, e por fim de simples pranchetas. (3) (Esse desenvolvimento gradual do processo de psicografia representa um dos episódios mais significativos da Ciência Espírita, mostrando a naturalidade do fenômeno. A prancheta, como se vê não é mais do que uma miniatura da mesa-girante, conservando-se assim a forma do instrumento primitivo através da evolução

para a escrita manual. O aparecimento da cesta e da caixa de papelão assinala o momento de transição dos meios materiais para o meio psíquico. Aliás, o fenômeno da psicografia é reconhecido pela Psicologia como *escrita automática*, estudado principalmente por Pierre Janet. (N. do T.)

A escrita era tão fluente, rápida e fácil como a manual, mas reconheceu-se mais tarde que todos esses objetos serviam apenas de apêndices da mão, verdadeiros porta-lápis, que podiam ser dispensados. De fato, a própria mão do médium, impulsionada de maneira involuntária, escrevia sob a influência do Espírito, sem o concurso da vontade ou do pensamento daquele. Desde então as comunicações de além-túmulo não têm mais dificuldades do que a correspondência habitual entre os vivos.

Voltaremos a tratar desses diferentes meios, para explicá-los com detalhes. Fizemos um rápido esboço para mostrar a sucessão dos fatos que levaram à constatação da interferência, nesses fenômenos, de inteligências ocultas, ou seja, dos Espíritos.

*

12

ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE - FEB (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA) - PROGRAMA I.pdf

CLASSIFICAÇÃO DA MEDIUNIDADE: EFEITOS INTELIGENTES

A mediunidade de efeitos inteligentes ou intelectuais exige maior elaboração mental por parte do médium que age como um intérprete das ideias transmitidas pelos Espíritos, como consta em *O livro dos médiuns*: “O Espírito do médium é o intérprete, porque está ligado ao corpo que serve para falar e por ser necessária uma cadeia entre vós e os Espíritos que se comunicam, como é preciso um fio elétrico para transmitir uma notícia a grande distância, desde que haja, na extremidade do fio, uma pessoa inteligente que a receba e transmita.” (aspas no original).

Caso o médium não possua boas condições morais nem bom preparo doutrinário espírita poderá interferir na mensagem, invalidando-a: “[...] se não houver afinidade entre eles, o Espírito do médium pode alterar as respostas e assimilá-las às suas próprias ideias e inclinações. Porém, *não exerce influência sobre os Espíritos comunicantes*, autores das respostas. É apenas um mau intérprete.” (grifo no original).

É óbvio que a interpretação do pensamento dos Espíritos, como qualquer outra habilidade humana, desenvolve-se com o tempo, mas está diretamente relacionada ao empenho do médium em querer ampliar o seu conhecimento e de transformar-se em pessoa melhor. Os Espíritos sérios procuram, então, os médiuns mais confiáveis, os que lhes oferecem as condições encontradas no bom intérprete. Esclarecem os orientadores espirituais: “Procuram o intérprete que mais simpatize com eles e que exprima com mais exatidão os seus pensamentos. Não havendo simpatia entre eles, o Espírito do médium é um antagonista que oferece certa resistência, tornando-se um intérprete de má qualidade e muitas vezes infiel. É o que acontece entre vós, quando a opinião de um sábio é transmitida por um homem estouvado ou alguém de má-fé.” (aspas no original).

Faz parte dessa categoria uma variedade de médiuns, mas no âmbito deste Roteiro, serão destacados apenas os tipos que predominam nas reuniões mediúnicas usuais da casa espírita, quais sejam: médiuns de intuição e inspiração; de psicofonia, psicografia, audiência e vidência. O aprofundamento do assunto ocorrerá no Programa II do Curso.

• **Médiuns intuitivos**: trata-se de uma faculdade comum a todos os seres humanos, que neles se revela mais ou menos desenvolvida conforme as experiências passadas e atuais do Espírito. Pode ser definida como uma percepção fora dos sentidos corporais, ou seja, de natureza extra-sensorial, manifestada na forma de uma ideia ou imagem que cruza o cérebro. Em geral, a percepção é muito sutil, de forma que na

maioria das vezes não é valorizada pela própria pessoa. Sendo, contudo, amplamente desenvolvida pelo exercício, a intuição é uma ferramenta inestimável do processo evolutivo do indivíduo, assim como na prática mediúcnica.

A propósito, o Espírito André Luiz assinala que a intuição é a mediunidade inicial da espécie humana, surgida nos primórdios da evolução humana. Essa obra de permuta, no entanto, foi iniciada no mundo sem qualquer direção consciente, porque, pela natural apresentação da própria aura, os homens melhores atraíram para si os Espíritos humanos melhorados, [...] e os homens rebeldes à Lei divina aliciaram a companhia de entidades da mesma classe [...]. Pelas ondas de pensamento a se enovelarem umas sobre as outras, segundo a combinação de frequência e trajeto, natureza e objetivo, encontraram-se mentes semelhantes entre si, formando núcleos de progresso em que homens nobres assimilaram as correntes mentais dos Espíritos Superiores para gerar trabalho edificante e educativo, ou originando processos vários de simbiose em que almas estacionárias se enquistaram mutuamente, desafiando debalde os imperativos da evolução [...]

Em termos práticos, sabe-se que os bons dialogadores (doutrinadores ou esclarecedores), os que na reunião mediúcnica conversam com os Espíritos comunicantes, possuem a mediunidade intuitiva bem desenvolvida. Mas como a intuição é a faculdade básica e primordial, ela sempre estará presente nas demais mediunidades de efeitos inteligentes (psicofonia, psicografia, vidência, etc.).

• **Médiuns audientes:** “São os que ouvem a voz dos Espíritos [...]; trata-se de uma voz interior que se faz ouvir no foro íntimo das pessoas. De outras vezes é uma voz exterior, clara e distinta, qual a de uma pessoa viva [encarnada]”. A “voz interior” da frase caracteriza uma percepção mental (um som ou palavras que cruzaram o cérebro), própria da mediunidade audiente intuitiva. Já a expressão “voz exterior, clara e nítida” indica que além da percepção mental, propriamente dita, ocorreu uma atuação nos órgãos da audição. Nesta situação, ocorreram, simultaneamente, um efeito inteligente (percepção mental) e um efeito físico (ação no órgão da audição).

Os médiuns audientes podem, assim, conversar com os Espíritos. Quando têm o hábito de se comunicar com determinados Espíritos, eles os reconhecem imediatamente pela natureza da voz. [...] Esta faculdade é muito agradável, quando o médium só ouve Espíritos bons, ou somente aqueles por quem chama. Entretanto, o quadro muda por completo quando um Espírito mau se agarra a ele, fazendo-lhe ouvir a cada minuto as coisas mais desagradáveis e não raro as mais inconvenientes.

• **Médiuns falantes ou psicofônicos:** nestes, o Espírito comunicante “[...] atua sobre os órgãos da palavra, como atua sobre a mão dos médiuns escreventes. [...] É uma faculdade muito útil na comunicação de Espíritos necessitados de auxílio, porque, além de viabilizar o atendimento direto por meio do diálogo fraterno e esclarecedor, é possível envolver o sofredor em vibrações harmônicas do passe e da prece. Da mesma forma que os médiuns audientes, os psicógrafos podem captar as ideias do Espírito comunicante intuitivamente. Nesta situação, o transe mediúcnico é leve (superficial), a comunicação é mais direta, pois o médium não se deixa envolver tanto pelas vibrações desarmônicas do sofredor, auxiliando-o como o faria, por exemplo, uma enfermeira junto ao enfermo.

Os médiuns psicofônicos intuitivos são numerosos e predominam nas reuniões mediúnicas espíritas. Quando a manifestação psicofônica é mais intensa (transe menos superficial), o médium sofre junto com o sofredor e, não raro, deixa-se impregnar pelas vibrações desarmônicas que, sendo absorvidas, são somatizadas, mesmo após o encerramento da comunicação e afastamento do Espírito. Contudo, com a educação da

faculdade mediúnica, o estudo contínuo e o esforço de melhoria moral, o médium aprende a neutralizar as vibrações, auxiliando eficazmente o necessitado espiritual.

Se o transe mediúnico é bem mais profundo, o medianeiro entra em um estado de sonambulismo, e, ainda que não esteja dormindo, não se recorda do que transmitiu durante a manifestação do Espírito. Nessas condições, pouco comuns atualmente, o médium falante geralmente se exprime sem ter consciência do que diz e muitas vezes diz coisas completamente estranhas às suas ideias habituais, aos seus conhecimentos e, até mesmo, fora do alcance de sua inteligência. Embora se ache perfeitamente acordado e em estado normal, raramente se lembra do que disse. [...]

Nem sempre, porém, a passividade do médium falante é tão completa assim. Alguns têm intuição do que dizem, no momento exato em que pronunciam as palavras.

• **Médiuns psicógrafos:** são pessoas que transmitem pela escrita mensagens dos Espíritos. Em *O livro dos médiuns*, capítulo XIII, o Codificador classifica a mediunidade de psicografia em dois tipos:

a) *psicografia indireta* — quando o Espírito utiliza um instrumento que não seja a mão do médium. Nesta situação, trata-se de mediunidade de efeito físico;

b) *psicografia direta* ou *manual* — quando o Espírito utiliza a mão do médium.

Allan Kardec pondera, também, que de [...] todos os meios de comunicação, a escrita manual é o mais simples, mais cômodo e, sobretudo, mais completo. [...] Pela facilidade com que podem exprimir-se, eles [os Espíritos] nos revelam seus mais íntimos pensamentos e nos facultam apreciá-los em seu justo valor. Além disso, entre as faculdades mediúnicas, a de escrever é a mais suscetível de ser desenvolvida pelo exercício.

A psicografia pode se manifestar de forma mecânica, intuitiva e semi-mecânica.

1. Médiuns psicógrafos mecânicos. O Espírito atua diretamente sobre a mão do médium, ele lhe dá uma impulsão completamente independente da vontade deste último. Enquanto o Espírito tiver alguma coisa a dizer, a mão se move sem interrupção e à revelia do médium, parando somente quando o ditado termina.

2. Médiuns psicógrafos intuitivos. A transmissão do pensamento também se dá por meio do Espírito do médium, ou melhor, de sua alma, já que designamos por esse nome o Espírito encarnado. O Espírito comunicante não atua sobre a mão para fazê-la escrever; não a toma, nem a guia. Atua sobre a alma, com a qual se identifica. A alma do médium, sob esse impulso, dirige sua mão e a mão dirige o lápis. [...] É ela quem recebe o pensamento do Espírito comunicante e o transmite. Nessa situação, o médium tem consciência do que escreve, embora não exprima o seu próprio pensamento.

3. Médiuns psicógrafos semi-mecânicos. No médium puramente mecânico, o movimento da mão independe da vontade; no médium intuitivo, o movimento é voluntário e facultativo. O médium semi-mecânico participa de ambos esses gêneros. Sente que sua mão é impulsionada contra sua vontade, mas, ao mesmo tempo, tem consciência do que escreve, à medida que as palavras se formam. No primeiro, o pensamento vem depois do ato da escrita; no segundo, antes da escrita; no terceiro, ao mesmo tempo que a escrita. Estes últimos médiuns são os mais numerosos.

Nas reuniões mediúnicas espíritas, os Espíritos orientadores se manifestam mais usualmente pela psicografia e pela psicofonia. Esta última, contudo, é mediunidade prioritária para atendimento aos Espíritos sofredores, como já foi dito.

• **Médiuns videntes:** São dotados da faculdade de ver os Espíritos [...] em estado normal, quando perfeitamente acordados, e conservam a lembrança precisa do que viram. Outros só a possuem em estado sonambúlico, ou próximo do sonambulismo. É raro que esta faculdade seja permanente [...]. Podemos incluir, na categoria dos médiuns videntes, todas as pessoas dotadas de dupla vista. A possibilidade de ver os

Espíritos quando sonhamos não deixa de ser uma espécie de mediunidade, mas não constitui, propriamente falando, mediunidade de vidência. [...] O médium vidente julga ver com os olhos, como os que são dotados de dupla vista; mas, na realidade, é a alma quem vê, razão pela qual eles tanto veem com os olhos fechados, como com os olhos abertos.

• **Médiuns sonambúlicos:** São os que, sob transe profundo, transmitem comunicações dos Espíritos. “O sonâmbulo age sob a influência do seu próprio Espírito; é a sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe. [...]” O indivíduo considerado pura e simplesmente sonâmbulo não é, propriamente, médium no sentido estrito da palavra. O sonâmbulo possui a faculdade anímica de sair do corpo (“desdobrar-se”), presenciar acontecimentos, conversar com Espíritos e transmitir informações que julgar pertinentes. O médium sonambúlico age como intermediário dos Espíritos quando se encontra parcialmente desligado do corpo físico, fornecendo aos circunstantes as informações que lhe foram dadas pelos comunicantes espirituais.

São duas ordens de fenômenos que frequentemente se acham reunidos. O sonâmbulo age sob a influência do seu próprio Espírito; é sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe, fora dos limites dos sentidos. Ele tira de si mesmo o que expressa. Em geral, suas ideias são mais justas do que no estado normal, e mais amplos os seus conhecimentos, porque sua alma está livre. [...] O médium, ao contrário, é instrumento de uma inteligência estranha; é passivo, e o que diz não vem dele. Em resumo, o sonâmbulo exprime o seu próprio pensamento, ao passo que o médium expressa o pensamento de outrem. [...]

Como faculdade psíquica do ser humano, a mediunidade se desenvolve paulatinamente: “[...] se manifesta nas crianças e nos velhos, em homens e mulheres, sejam quais forem o temperamento, o estado de saúde e o grau de desenvolvimento intelectual e moral. Só existe um meio de se comprovar sua existência: é experimentar”, afirma Allan Kardec.

É importante considerar que, se a mediunidade faz parte do programa reencarnatório, é totalmente improdutivo forçar o desenvolvimento de uma mediunidade que não foi incorporada ao psiquismo do Espírito ou que ainda se revela incipiente. É medida de prudência deixar que a faculdade se manifeste espontaneamente.

*

13

ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE – FEB (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA) - PROGRAMA II.pdf **ANÁLISE E DIVULGAÇÃO DAS MENSAGENS MEDIÚNICAS**

Um dos correspondentes da *Revista Espírita* perguntou a Allan Kardec, em certa ocasião: “Devemos publicar tudo quanto os Espíritos dizem?” Antes de prestar-lhes os esclarecimentos relativos à indagação, o Codificador do Espiritismo também perguntou: “Seria bom publicar tudo quanto dizem e pensam os homens?” Em seguida, explicou: Quem quer que possua uma noção do Espiritismo, por mais superficial que seja, sabe que o mundo invisível é composto de todos os que deixaram na Terra o envoltório visível. Entretanto, pelo fato de se haverem despojado do homem carnal, nem por isso os Espíritos revestiram da túnica dos anjos. Encontramo-los de todos os graus de conhecimento e de ignorância, de moralidade e de imoralidade; eis o que não devemos perder de vista.

Não esqueçamos que entre os Espíritos, assim como na Terra, há seres levianos, estouvados e zombeteiros; pseudo-sábios, vãos e orgulhosos, de um saber incompleto; hipócritas, malvados e, o que nos pareceria inexplicável, se de algum modo não conhecêssemos a fisiologia desse mundo, existem os sensuais, os ignóbeis e os

devassos, que se arrastam na lama. Ao lado disto, tal como ocorre na Terra, temos seres bons, humanos, benevolentes, esclarecidos, de sublimes virtudes; como, porém, nosso mundo não se encontra nem na primeira nem na última posição, embora mais vizinho da última que da primeira, disso resulta que o mundo dos Espíritos abrange seres mais avançados intelectual e moralmente que os nossos homens mais esclarecidos, e outros que ainda estão abaixo dos homens mais inferiores. [...] Publicar sem exame, ou sem correção, tudo quanto vem dessa fonte, seria, em nossa opinião, dar prova de pouco discernimento.

Tendo como base esses critérios, os participantes do grupo devem ser informados que as mensagens recebidas ficarão em poder da coordenação do Curso. Serão avaliadas posteriormente, e, se algumas forem consideradas relevantes, poderão ser lidas nas reuniões posteriores.

A divulgação de mensagens cabe à direção da Casa Espírita ou com apoio desta. Em relação a esta questão o Codificador enfatiza que tais comunicações devem ser consideradas, na fase inicial da prática mediúnica, meros exercícios. «Não se lhes deve dar muita importância, visto que procedem de Espíritos empregados, por assim dizer, como mestres de escrita, para desembaraçarem o médium principiante. »

*

14

VISÃO ESPÍRITA DA BÍBLIA – J. HERCULANO PIRES COMO OS HOMENS CONSEGUEM AMOLDAR A PALAVRA DE DEUS

Entre as curiosas contradições dos que aceitam a Bíblia como a palavra de Deus, podemos citar o caso das alterações do texto, com a finalidade de adaptá-lo a interesses sectários. Essas alterações vêm de longe e constituem um dos campos mais interessantes dos estudos bíblicos. Kardec menciona, no capítulo quarto de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, uma referência livre de Jó à reencarnação, que aparece modificada na tradução católica de Sacy (francesa), na tradução protestante de Osterwald e na tradução da Igreja Ortodoxa Grega. Nesta última, que é a mais próxima do texto original, o princípio da reencarnação está evidente.

Outra citação de Kardec, no mesmo capítulo, é de Isaías (Cap. 26, vers. 19) em que a expressão bíblica é bastante clara: "os teus mortos viverão; os meus, a quem deram vida, ressuscitarão". Essa passagem, como outras, é adaptada nas traduções, para esconder a crença dos profetas na reencarnação. O texto de Jó (Cap. 15, vers. 10-14), aparece desta maneira na versão grega ortodoxa: "Quando o homem está morto, vive sempre; findando-se os dias da minha existência terrestre, esperarei, porque a ela voltarei novamente".

Temos aí uma síntese admirável do princípio da reencarnação, de pleno acordo com o Espiritismo: morto o homem, não fica enterrado, mas ressuscita no corpo espiritual, como ensina o apóstolo Paulo. Ressuscitado, espera no mundo espiritual o momento de voltar à vida terrena, a fim de prosseguir no seu desenvolvimento. Todas as alterações, como se vê, caem fragorosamente diante dos estudos críticos da Bíblia, que revelam o verdadeiro sentido dos textos desfigurantes. E cada alteração corrigida mostra que os textos originais confirmam os princípios do Espiritismo.

Mas as alterações não se deram apenas no passado. Dão-se agora mesmo, aos nossos olhos. Examine o leitor a última edição da Bíblia feita pela Sociedade Bíblica do Brasil e impressa em São Paulo, nas oficinas da "Impress". A tradução portuguesa é a clássica, de João Ferreira de Almeida, mas "revista e atualizada no Brasil". A revisão implicou a mudança de palavras, às vezes com a finalidade de enquadrar o Espiritismo nas condenações bíblicas às práticas da antiga magia. É assim que, em I Samuel, como título do Cap. 28, encontramos o seguinte: "Saul consulta a médium de Endor". E também no texto a palavra espírita "médium" foi incluída. Mas no Cap. 18 de Deuteronômio foram

conservadas as expressões antigas: "adivinhos e feiticeiros". Que diria disso o bom padre Almeida? Como se vê, a palavra de Deus é moldada pelos homens, conforme as suas conveniências.

*

15**PRÁTICA MEDIÚNICA**

*

FINAL DA AULA

*

14ª AULA – 05 DE OUTUBRO DE 2.016

*

ARTIGOS POSTADOS NO FACE-BOOK POR JOSÉ FLEURÍ:

A ANTIGUIDADE DO ESPIRITISMO E DAS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS

Tertuliano (Quintus Septimius Florens Tertullianus, conhecido como Tertuliano, 160 - 220 dC, foi um prolífico autor das primeiras fases do Cristianismo, nascido em Cartago na província romana da África. Ele foi um primeiro autor cristão a produzir uma obra literária (corpus) em latim. Ele também foi um notável apologista cristão e um polemista contra a heresia) fala em

termos explícitos das mesas girantes e falantes;

os Chineses conhecem esse fenômeno de tempos imemoriais; que é praticada entre os

Tártaros e os Siberianos;

há médiuns entre os Tibetanos;

havia médiuns entre os Assírios, os Gregos e os Egípcios;

todos os princípios fundamentais do Espiritismo se encontram nos filósofos sânscritos (da Índia antiga).

Essas manifestações não são modernas; os modernos nada inventaram a esse respeito, e os Espíritos se apoiam sobre a antiguidade e a universalidade de sua doutrina.

*

REENCARNAÇÃO NO ESPIRITISMO – I –
O LIVRO DOS ESPÍRITOS
CAPÍTULO V
CONSIDERAÇÕES SOBRE A PLURALIDADE DAS
EXISTÊNCIAS – ALLAN KARDEC

222. O dogma da reencarnação, dizem algumas pessoas, não é novo; foi ressuscitado de Pitágoras. Mas jamais dissemos que a Doutrina Espírita fosse uma invenção moderna. O Espiritismo deve ter existido desde a origem dos tempos, pois decorre da própria Natureza. Temos sempre procurado provar que se encontram os seus traços desde a mais alta Antiguidade. Pitágoras, como se sabe, não é o criador do sistema da metempsicose, que tomou dos filósofos indianos e dos meios egípcios, onde ela existia desde épocas imemoriais. A ideia da transmigração das almas era portanto uma crença comum, admitida pelos homens mais eminentes. Por que maneira chegou até eles? Pela revelação, ou por intuição? Não o sabemos. Mas, seja como for, uma ideia não atravessa as idades e não é aceita pelas inteligências mais adiantadas, se não tiver um aspecto sério. A antiguidade desta doutrina, portanto, em vez de ser uma objeção, devia ser antes uma prova a seu favor. Há, porém, como igualmente se sabe, entre a metempsicose dos antigos e a moderna doutrina da reencarnação, a grande diferença que os Espíritos rejeitam, da maneira mais absoluta, a transmigração do homem nos animais e vice-versa.

Os Espíritos, ensinando o dogma da pluralidade das existências corpóreas, renovam uma doutrina que nasceu nos primeiros tempos do mundo e que se conservou até os nossos dias, no pensamento íntimo de muitas pessoas. Apresentam-na, porém, de um ponto de vista mais racional, mais conforme com as leis progressivas da Natureza e mais em harmonia com a sabedoria do Criador, ao despojá-la de todos os acréscimos da superstição. Uma circunstância digna de nota é que não foi apenas neste livro que eles a ensinaram, nos últimos tempos: desde antes da sua publicação, numerosas comunicações da mesma natureza foram obtidas, em diversas regiões, e multiplicaram-se consideravelmente depois. Seria o caso, talvez, de examinar-se porque todos os Espíritos não parecem de acordo sobre este ponto. É o que faremos logo depois. Examinemos o assunto por outro ângulo, fazendo abstração da intervenção dos

Espíritos. Deixemo-los de lado por um instante. Suponhamos que esta teoria não foi dada por eles; suponhamos mesmo que nunca se tenha cogitado disto com os Espíritos. Coloquemo-nos momentaneamente numa posição neutra, admitindo o mesmo grau de probabilidade para uma hipótese e outra, a saber: a da pluralidade e a da unicidade das existências corpóreas, e vejamos para que lado nos levam a razão e o nosso próprio interesse.

REENCARNAÇÃO NO ESPIRITISMO – II –
O LIVRO DOS ESPÍRITOS
CAPÍTULO V
CONSIDERAÇÕES SOBRE A PLURALIDADE DAS
EXISTÊNCIAS – ALLAN KARDEC
(continuação)

*

REENCARNAÇÃO NO ESPIRITISMO – II –
O LIVRO DOS ESPÍRITOS
CAPÍTULO V
CONSIDERAÇÕES SOBRE A PLURALIDADE DAS
EXISTÊNCIAS – ALLAN KARDEC
(continuação)

Certas pessoas repelem a ideia da reencarnação pelo único motivo de que ela não lhes convém, dizendo que lhes basta uma existência e não desejam iniciar outra semelhante. Conhecemos pessoas que, à simples idéia de voltar à Terra, ficam enfurecidas. Só temos a lhes perguntar se Deus devia pedir-lhes conselho e consultar os seus gostos, para ordenar o Universo? De duas uma: a reencarnação existe ou não existe. Se existe, é inútil opor-se a ela, pois terão de sofrê-la, sem que Deus lhes peça permissão para isso. Parece-nos ouvir um doente dizer: - Já sofri hoje demais e não quero tornar a sofrer amanhã. Qualquer que seja a sua má vontade, isso não o fará sofrer menos amanhã e nos dias seguintes, até que consiga curar-se. Da mesma maneira, se essas pessoas devem reviver corporalmente, reviverão, tornarão a reencarnar-se; perderão o tempo de protestar, como uma criança que não quer ir à escola ou um condenado à prisão, pois terão de passar por ela. Objeções dessa espécie são demasiado pueris para merecerem exame mais sério. Diremos, entretanto, a essas pessoas, para tranquiliza-las, que a doutrina espírita sobre a reencarnação não é tão terrível como pensam, e que se a estudassem a fundo não teriam do que se assustar. Saberiam que a situação dessa nova existência depende delas mesmas: será feliz ou desgraçada, segundo o que tiverem feito neste plano, e podem desde já elevar-se tão alto, que não mais deverão temer nova queda no lodaçal.

Supomos falar a pessoas que acreditam num futuro qualquer após a morte, e não às que só têm o nada como perspectiva, ou que desejam mergulhar a sua alma no Todo Universal, sem conservar a individualidade, como as gotas de chuva no oceano, o que vem a ser mais ou menos a mesma coisa. Se acreditais num futuro qualquer, por certo não admitireis que ele seja o mesmo para todos, pois qual seria a utilidade do bem? Por que reprimir-se, por que não satisfazer a todas as paixões, a todos os desejos, mesmo à custa dos outros, se isso não teria consequência? Acreditai, pelo contrário, que esse futuro será mais ou menos feliz ou desgraçado, segundo o que tivermos feito durante a vida, e tereis o desejo de que seja o mais feliz possível, pois que deverá durar pela eternidade. Tereis, por acaso, a pretensão de ser uma das criaturas mais perfeitas que já passaram pela Terra, tendo assim o direito imediato à felicidade dos eleitos? Não. Admitis, então, que há criaturas que valem mais do que vós e têm

direito a uma situação melhor, sem por isso vos considerardes entre os réprobos. Pois bem: colocai-vos por um instante, pelo pensamento, nessa situação intermediária, que será a vossa, como admitis, e suponde que alguém venha dizer-vos: - “Sofrei, não sois tão felizes como podereis ser, enquanto tendes diante de vós os que gozam de uma felicidade perfeita, quereis trocar a vossa posição com a deles?” – “Sem dúvida!” responderíeis, “mas o que devo fazer?”

– Quase nada: recomeçar o que fizeste mal e tratar de fazê-lo melhor.” – Hesitaríeis em aceitar, mesmo que fosse ao preço de muitas existências de provas?

Façamos uma comparação mais prosaica. Se um homem que, sem estar na miséria extrema, passa pelas privações decorrentes de sua precariedade de recursos, viesse dizer: - “Eis uma imensa fortuna, que podereis gozar, sendo porém necessário trabalhar rudemente durante um minuto”. Fosse ele o maior preguiçoso da Terra, e diria sem hesitar: - “Trabalhem um minuto, dois minutos, uma hora, um dia, se for preciso! O que será isso, para acabar a minha vida na abundância?” Ora, o que é a duração da vida corporal, em relação a eternidade?

Menos que um minuto, menos que um segundo.

REENCARNAÇÃO NO ESPIRITISMO – III –

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PLURALIDADE DAS

EXISTÊNCIAS – ALLAN KARDEC

(continuação)

*

REENCARNAÇÃO NO JUDAÍSMO

No Judaísmo, o historiador Flavius Josephus (37 a 95 d.C.) em sua obra “De Bello Judaico” (Sobre as Guerras Judaicas) faz uma advertência aos soldados judeus que preferiam desertar, suicidando-se frente às forças do Império Romano. Diz: “Não vos recordais de que todos os espíritos puros que se encontram em conformidade com a vontade divina vivem nos mais humildes dos lugares celestiais, e que no decorrer do tempo eles serão novamente enviados de volta para habitar corpos inocentes? Mas que as almas daqueles que cometeram suicídio serão atiradas às regiões trevas do mundo inferior”. Existem ainda inúmeras passagens no Velho Testamento, com alusões à Reencarnação. Ei-las: Velho Testamento, Job, 1-21; Jeremias, 1-5; Malaquias 1,2-3.

REENCARNAÇÃO NO NOVO TESTAMENTO (Amanhã, ou Segunda-feira).

Convites: 1) Amanhã, Sábado, 10 horas da manhã, nossa aula semanal no LICEU

ALLAN KARDEC, Rua Uirapuru, 50 - Conjunto. S. João. 2) Acesse meu site e conheça

meus livros; se gostar poderá baixá-los gratuitamente: www.josefleuri.com.br

Livro: A EDUCAÇÃO COMO DIREITO E DEVER

JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ

www.josefleuri.com.br

4. A EDUCAÇÃO COMO DIREITO E DEVER

QUEM CONHECE NÃO ERRA!

Adentrando ao núcleo de nossos propósitos exporemos, dos mais eminentes filósofos e educadores, as ideias com as quais comungamos e, como repetidamente esclarecido, referem-se à educação do homem dualmente considerado - espírito e corpo -, sendo o

primeiro a sua essência, o ser real e imortal, evoluindo para a perfeição e felicidade possíveis.

4.1. Sócrates, Platão e Aristóteles

Para Sócrates a coisa mais valiosa para o homem é o saber. Utilizou-se do epigrama “Conhece-te a ti mesmo”. A virtude coincide com a Ciência e o vício com a Ignorância; quem conhece não erra e, portanto, ninguém é voluntariamente mau. Assim, a educação e a cultura são os meios de melhorar os homens, dando-lhes as noções de bem.

Platão procurava empregar a educação para a escolha de homens para os vários deveres de um grupo social. Em cada caso, porém, procurava selecioná-los em termos de sua capacidade, segundo era descoberta pelo próprio sistema educacional.

Aristóteles afirmava que o objetivo da educação é fazer as pessoas virtuosas. Entretanto, as teorias de Platão e Aristóteles não exerceram, em sua época, grande influência na vida de Atenas. Ao contrário, dominava a teoria dos sofistas, na qual a educação se destinava a atender aos interesses individuais. O povo ouvia-os, mas seguia seus próprios interesses e exigia um tipo de educação que os tornasse mais felizes e lhes proporcionassem maiores êxitos. Viviam empolgados por visões de vitórias pessoais, de modo algum sentiam disposição para ouvir os filósofos que davam a entender que o êxito e a felicidade dependiam do bem-estar do grupo. (O MESMO CONTINUA ACONTECENDO NOS DIAS DE HOJE – JUNHO DE 2.014 – SÓCRATES, PLATÃO, ARISTÓTELES VIVERAM ENTRE 300 E 400 ANOS ANTES DE CRISTO).

*

CONSULTE O LIVRO NO MEU SITE ACIMA E, SE GOSTAR, FAÇA O DOWNLOAD DO MESMO GRATUITAMENTE.

*

*

MENTALIDADE SADIA E CORPO SÃO

O preceito do “corpo são, mentalidade sadia”, poderá ser observado tão somente pelo hábito dos esportes e labores atléticos?

-No que se refere ao “corpo são”, o atletismo tem papel importante e seria de ação das mais edificantes nos problemas da saúde física, se o homem na sua vaidade e egoísmo não houvesse viciado, também, a fonte da ginástica e do esporte, transformando-a em tablado de entronização da violência, do abastardamento moral da mocidade, iludida com a força bruta e enganada pelos imperativos da chamada eugenia (raça pura) ou pelas competições estranhas dos grupos sectários, desviando de suas nobres finalidades um dos grandes movimentos coletivos em favor da confraternização e da saúde.

Bastará essa observação para compreendermos que a “mentalidade sadia” somente constituirá uma realidade quando houver um perfeito equilíbrio entre os movimentos do mundo e as conquistas interiores da alma.

*

A ANTIGUIDADE DO ESPIRITISMO E DAS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS

Tertuliano (Quintus Septimius Florens Tertullianus, conhecido como Tertuliano, 160 - 220 dC, foi um prolífico autor das primeiras fases do Cristianismo, nascido em Cartago na província romana da África. Ele foi um primeiro autor cristão a produzir uma obra literária (corpus) em latim. Ele também foi um notável apologista cristão e um polemista contra a heresia) fala em

termos explícitos das mesas girantes e falantes;
os Chineses conhecem esse fenômeno de tempos imemoriais; que é praticada entre os
Tártaros e os Siberianos;
há médiuns entre os Tibetanos;
havia médiuns entre os Assírios, os Gregos e os Egípcios;
todos os princípios fundamentais do Espiritismo se encontram nos filósofos sâncritos (da Índia
antiga).
Essas manifestações não são modernas; os modernos nada inventaram a esse respeito, e os
Espíritas se apoiam sobre a antiguidade e a universalidade de sua doutrina.

*

ESPIRITISMO: Ciência, Filosofia e Religião Cristã.

Caro leitor:

Você, por acaso, teme, repele ou odeia o Espiritismo?

Posso afirmar categoricamente e com plena convicção, resultante de muitos a-nos de estudo que, se isso acontece, é porque você está mal informado.

Assim como aconteceu com você, o mesmo ocorreu com quem lhe passou as informações, por via oral ou escrita: absoluta ausência de estudo sério sobre assunto de transcendental importância.

O Espiritismo nasceu na França, na segunda metade do século XIX (1857), após exaustivas experiências realizadas por Allan Kardec, observando as manifestações de inúmeros Espíritos, através de vários médiuns categorizados, resultando, daí, a Ciência Espírita que apenas diferenciava da Ciência tradicional pelo instrumento de observação e análise que era o “médium”, um ser humano, quando a Ciência utiliza-se de telescópios, microscópios, fórmulas químicas e matemáticas, etc.

As informações proporcionadas pelos Espíritos, através do método acima, sendo devidamente estudadas à luz do bom-senso, da lógica e da genialidade de Allan Kardec, resultaram num corpo doutrinário que constituíram a Filosofia Espírita, que dava respostas a todas as questões que a Filosofia tradicional, desde a mais remota Antiguidade, não conseguira apresentar, ou seja: a origem do mundo, dos seres em geral, do homem em particular, suas vicissitudes, dores, sofrimentos, seu destino após a morte, e muitas outras respostas que sequer haviam sido requeridas pela Ciência e Filosofia.

Essa Filosofia, como concluiu Kardec, de pleno acordo com os Espíritos Superiores que o assistiram, resultava em consequências morais, porque restabelecia, em sua pureza original, todos os ensinamentos de Jesus, constantes dos Evangelhos e, que, como Ele próprio afirmara, eram ensinamentos do Pai, ou seja, as Leis Divinas Naturais, que se resumiam na Lei de Justiça, Amor e Caridade que devem ser observadas por todos: “Amar a deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”. Essas leis deixavam de ser simples doutrina ou teoria filosófica para se constituírem em “Verdade”, devidamente comprovada pela Ciência Espírita, ou seja, pelo depoimento dos próprios Espíritos que tinham sido recompensados ou punidos pelo cumprimento ou não dessa Lei Magna. Assim, o Espiritismo, além de Ciência e Filosofia é, também, Religião Cristã, pois tem por objetivo ÚNICO a reforma moral do homem e da humanidade, religando-os ao Criador.

Mas a Religião Espírita difere das demais em vários aspectos:

- a) Não tem dogmas, sacramentos, símbolos, corpo sacerdotal, hierarquia de comando;
- b) Não faz proselitismo, isto é, não arrebanha seguidores; respeita a consciência e a fé religiosa de todos;
- c) Não diz: “Fora do Espiritismo Não Há Salvação”, mas afirma como o Cristo: “Fora

da Caridade Não Há Salvação”;

d) Recomenda aos profíctes de qualquer Religião (católicos, protestantes, budistas, etc.) que estudem os princípios espíritas, pois, com isso, fortalecerão, ainda mais, a crença em Deus e Sua Justiça, sem que precisem se tornar espíritas;

e) Sugere, também, aos céticos, descrentes e materialistas que estudando os princípios espíritas terão uma visão de mundo mais ampliada e mais clara e, no mínimo, enriquecerão sua cultura secular.

Portanto, caro leitor, se for o seu caso, não se assuste, não repila e não odeie o Espiritismo, antes o estude, porque você estaria simplesmente, temendo, repelindo e odiando a Jesus e a Deus. Entretanto, se você já o conhece, simpatiza ou é fervoroso praticante, mais ainda deve continuar estudando-o, pois como foi dito: sendo Ciência, Filosofia e Religião, constitui matéria para eterno aprendizado.

José Fleurí Queiroz

Buri, Maio de 2.014.

*

Artigo publicado na FOLHA AZUL, Jornal de Buri, JUNHO/2014. Acesse meu site www.josefleuri.com.br - conheça meus livros e, se gostar, baixe-os gratuitamente.

Conheça nossa Escola de Espiritismo: à Rua UIRAPURU, 50, Conjunto Habitacional S.João. AULAS AOS SÁBADOS, 10 HORAS DA MANHÃ.

*